

CAPACITAÇÃO PARA A PROTEÇÃO DA CRIANÇA

Guia 3



Introdução	4
Sobre este Guia.....	4
Sobre o <i>kit</i> de capacitação <i>Um Lugar Seguro para as Crianças</i>	5
Iniciando	8
 Guia de Boas Práticas ao Realizar uma Capacitação para a proteção da criança	10
Planejamento.....	10
Preparação	12
Apresentação	13
Avaliação	16
 Capacitação Básica para a proteção da criança	19
 Seção Introdutória: <i>Um Lugar Seguro para as Crianças</i>.....	20
Boas vindas / Apresentações.....	20
Exercícios introdutórios: Esperanças e medos	22
 Módulo Um: Crianças e Infância.....	26
Introdução	26
Exercício 1.1: Imagens de crianças.....	27
Exercício 1.2: Observando sua própria infância.....	28
Exercício 1.3: A experiência da criança	30
Exercício 1.4: Trabalhando com crianças	31
Exercício 1.5: Percepções sobre crianças e infância.....	33
Exercício 1.6: Infância – passado e presente	36
 Módulo Dois: Entendendo o Abuso Infantil	38
Exercício 2.1: Abuso infantil - atitudes e valores	39
Exercício 2.2: O que é abuso infantil?.....	43
Exercício 2.3: Como os sistemas religiosos mantêm as crianças seguras	46
Exercício 2.4: Práticas culturais, tradições, fé e abuso infantil.....	47
Exercício 2.5: <i>Um Lugar Seguro para as Crianças</i> em suas comunidades – práticas culturais, crenças e fé	49
Exercício 2.6: Alternativas para a punição corporal.....	54
Exercício 2.7: Barreiras à mudança.....	57
 Módulo Três: Reconhecendo e Respondendo a Suspeitas de Abuso Infantil	60
Exercício 3.1: A proteção infantil e a lei	61
Exercício 3.2: Esta é uma preocupação com a proteção da criança?.....	63
Exercício 3.3: Respondendo às suspeitas sobre a proteção das crianças em um ambiente religioso	67
Exercício 3.4: Indicadores de abuso	70
Exercício 3.5: Barreiras que impedem crianças e adultos de denunciarem	72
Exercício 3.6: Identificando preocupações internas e externas	74
Exercício 3.7: Onde o abuso infantil acontece?	76
Exercício 3.8: Desenvolvendo uma resposta comunitária	79

Módulo Quatro: Transformando sua Organização num Lugar Seguro para as Crianças ...	82
Apresentação dos Padrões para Proteção da Criança pelo Facilitador	83
Exercício 4.1: Levantamento de dados.....	84
Exercício 4.2: Avaliação de riscos	86
Exercício 4.3: Abusadores sexuais de crianças.....	89
 Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos	92
Exercício 5.1: Participação das crianças	95
Exercício 5.2: As crianças atuando na proteção infantil	103
Exercício 5.3: Rompendo barreiras contra a participação efetiva das crianças.....	114
Exercício 5.4: Trabalhando com grupos de crianças	121
Exercício 5.5: Ouvindo atentamente	125
Exercício 5.6: Fazendo perguntas abertas.....	131
 Capacitação Básica para Workshops	135
 Workshop Básico 1: Um lugar Seguro para as Crianças – Desenvolvendo uma Política e Procedimentos de proteção à criança para sua Organização.	136
Introdução: Por que você precisa de uma política de proteção à criança?	137
Fase 1: Autoavaliação - o que você precisa fazer	141
Folha do <i>workshop</i> 1a e 1b: ferramenta de autoavaliação	141
Fase 2: Desenvolvendo a autonomia organizacional certificando-se de que todos estão envolvidos.....	146
Fase 3: Elaborando um procedimento de denúncia	148
Fase 4: O primeiro esboço da política	153
Fase 5: Estratégia de implementação da política	156
Exercício opcional: Barreiras na implementação da política e dos procedimentos	158
 Workshop Básico 2: Um Lugar Seguro para as Crianças – O Papel dos Coordenadores.	160
Fase 1: Uma introdução a <i>Um Lugar Seguro para as Crianças nas organizações</i>	161
Fase 2: O papel dos coordenadores no seguimento a uma suspeita relacionada à proteção da criança	163
Fase 3: Responsabilidades e funções do coordenador.....	166
 Modelos de workshops.....	169
Modelo de Capacitação para <i>Workshop</i> de Um Dia	170
A quem se destina?.....	170
Qual será o resultado?	170
Modelo para <i>Workshop</i> de Dois Dias.....	171
 Workshop de dois dias para Proteção das Crianças em Situações de Emergência.	174
Introdução	174
Seção Introdutória.....	176
Seção 1: Os variados impactos das situações de emergência nas crianças	177
Seção 2: Integrando a proteção da criança a uma ação humanitária	179
Seção 3: Exploração e abuso em contextos de situações de emergência	180
Seção 3a: Árvore de problemas do abuso e da exploração.....	181
Seção 3b: Orientações para lidar com o abuso e a exploração por parte daqueles responsáveis pela proteção	184

Seção 3c: Estudos de casos de abuso e exploração por parte de trabalhadores humanitários	185
Seção 4: Evitando a separação e cuidando de crianças que foram separadas da família.....	186
Seção 5: Cuidado psicossocial.....	188
Seção 5a: A resiliência da criança	189
Seção 5b: Espaços amigáveis para as crianças.....	191
Notas para o Facilitador	194
<i>Um Lugar Seguro para as Crianças – Padrões para a Proteção da Criança</i>	<i>194</i>
Modelo de Acordo de Aprendizagem	197
Definições de abuso.....	197
Outras formas de abuso.....	201
A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (CDC)	203
A estrutura legal para a proteção da criança	206
A estrutura legal para crianças refugiadas e desabrigadas	209
O que fazer se alguém lhe disser que está sendo vítima de abuso.....	212
Risco e Abuso Institucional	213
Abusadores Sexuais de Crianças	216
<i>Um Lugar Seguro para as Crianças – Desenvolvendo uma Política e Procedimentos</i> <i>de Proteção à Criança para Sua Organização</i>	<i>222</i>
<i>Um Lugar Seguro para as Crianças na Gestão</i>	<i>223</i>
Glossário	224
Recursos da Internet.....	234
Referências	237
Agradecimentos	238
 Workshop de Treinamento Específico – apenas no DVD	
<i>Um Lugar Seguro para as Crianças nos Programas</i>	
<i>Um Lugar Seguro para as Crianças no Apadrinhamento de Criança</i>	

Todas as crianças¹ têm o direito de serem protegidas do perigo e de terem seu bem-estar promovido — independentemente de onde estejam ou de quem sejam. Todos os que trabalham para uma organização que tem contato com crianças têm a responsabilidade de mantê-las seguras e de promover seu bem-estar.

Apenas recentemente as organizações que trabalham com crianças em países em desenvolvimento começaram a assumir mais responsabilidade em manter as crianças seguras por meio do desenvolvimento de políticas e sistemas formais para melhor protegerem as crianças.

Desde 2001, algumas organizações de assistência e desenvolvimento sediadas no Reino Unido e na Suíça, juntamente com a *National Society for the Prevention of Cruelty to Children* (NSPCC) - Sociedade Nacional para a Prevenção da Crueldade contra Crianças, vêm trabalhando nessas questões, a fim de compartilhar experiências e conhecimentos e de identificar uma estratégia comum para a proteção da criança. Essas organizações formaram a *Keeping Children Safe Coalition*² - Aliança Internacional “Um Lugar Seguro para as Crianças”.

Essa iniciativa gerou uma estratégia baseada em **padrões** que oferecem ajuda prática às organizações que lidam com as questões identificadas acima.

Esses padrões exigem que a equipe e outros colaboradores das organizações tenham um nível de capacitação apropriada, informação e apoio para cumprir suas funções e suas responsabilidades para com a proteção das crianças.

SOBRE ESTE KIT

Estrutura

O *Kit de Proteção à Criança: Um Lugar Seguro para as Crianças* é um pacote completo para pessoas que trabalham na proteção da criança no mundo inteiro. Seu objetivo é apoiar agências em âmbito local, nacional e internacional, para que esses padrões sejam colocados em prática. Ele tem cinco componentes:

- *Guia 1 - Um Lugar Seguro para as Crianças: Padrões para Proteção da Criança*, um manual que explica quais devem ser os padrões básicos para todas as organizações que trabalham na proteção da criança em várias partes do mundo. 
- *Guia 2 - Um Lugar Seguro para as Crianças: Como Implementar os Padrões*, um manual de recursos que fornece orientações e atividades para ajudar você e sua organização a alcançar esses padrões. 
- *Guia 3 - Um Lugar Seguro para as Crianças: Capacitação para a Proteção da Criança*, um manual com exercícios flexíveis de capacitação e materiais para ajudar sua organização a capacitar a equipe para alcançar os padrões. 

1. Onde se lê criança, subentende-se criança e adolescente, de acordo com a lei brasileira, Estatuto da Criança e do Adolescente, e de acordo com a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança (CDC), que considera criança todo ser humano com menos de 18 anos.
2. Onde se lê Keeping Children Safe Coalition, traduz-se, Aliança Internacional “Um Lugar Seguro para as Crianças”.

- *Guia 4 – Um Lugar Seguro para as Crianças: Participação das crianças na proteção infantil* - um manual com exercícios e materiais para ser usado com as crianças na proteção infantil.



- *Guia 5 – Um DVD* para auxiliar na capacitação e na implementação dos padrões. O DVD contém todo o material de capacitação, bem como observações, exercícios, atividades, modelos de formulários e tabelas que serão úteis quando você estiver implantando os padrões em sua organização. Também apresenta alguns modelos de programas de capacitação, além de *workshops* sobre capacitações adicionais, que você pode adaptar e aperfeiçoar.



CHAVE



Guia 1 Padrões para Proteção da Criança



Guia 4 Participação das Crianças na Proteção Infantil



Guia 2 Como Implementar os Padrões



Guia 5 DVD em Idiomas Múltiplos



Guia 3 Capacitação para a Proteção da Criança

SOBRE O KIT DE CAPACITAÇÃO UM LUGAR SEGURO PARA AS CRIANÇAS

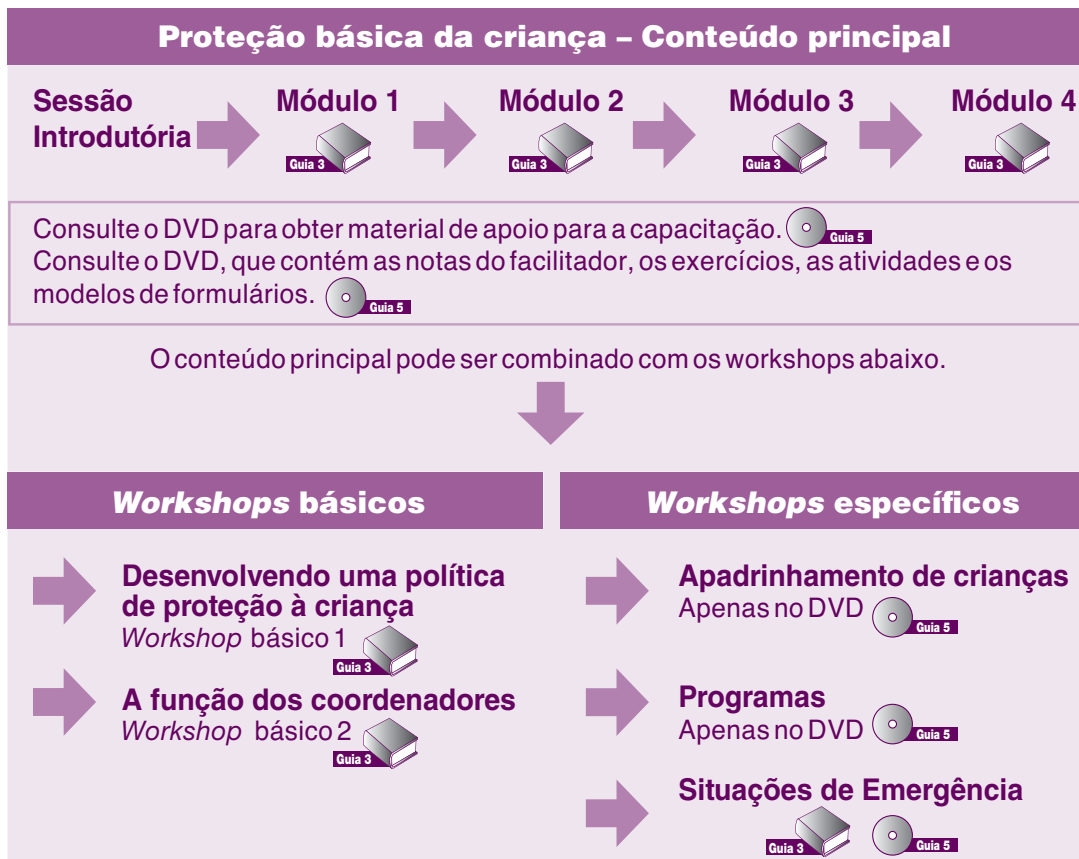
O Kit de capacitação *Um Lugar Seguro para as Crianças* é um conjunto abrangente para ser utilizado de forma individual ou, melhor ainda, acompanhado do DVD (Guia 5). Ele inclui uma variedade de exercícios que podem ser usados como parte da estratégia que ajudará as organizações a suprir suas necessidades de capacitação para a proteção da criança. Também contém programas e material para *workshops* direcionados aos colaboradores que tenham funções específicas dentro da organização. E oferece recursos para as pessoas da organização que sejam responsáveis por facilitar uma capacitação para a proteção da criança, ou para outros colaboradores e grupos.



Como utilizar o Kit de Capacitação

Será útil se você buscar conhecer o conteúdo e atividade das outras partes do Kit de Capacitação.

O Kit de capacitação *Um Lugar Seguro para as Crianças* está centrado em oferecer seu conteúdo principal (aprendizagem essencial) sobre proteção da criança. Quatro módulos oferecem o que é considerado o nível ideal de capacitação para a equipe em organizações que trabalham com crianças em países em desenvolvimento.



Conteúdo central

O conteúdo central é formado por uma seção introdutória e cinco módulos. Recomendamos que você utilize esses módulos em sequência, de 1-5, especialmente se você está capacitando grupos que nunca tiveram capacitação para a proteção da criança.

- **Seção Introdutória: Um Lugar Seguro para as Crianças.** É uma parte essencial da capacitação e estabelece os objetivos, os limites e os relacionamentos dentro do grupo.
- **Módulo 1: Crianças e Infância.** Aborda a forma como vemos a infância, as crianças, suas experiências, e o que você espera aprender sobre como protegê-las.
- **Módulo 2: Entendendo o Abuso Infantil.** O que entendemos por abuso infantil, de forma geral, em nosso país e nossa organização?
- **Módulo 3: Reconhecendo e Respondendo às Suspeitas de Abuso Infantil.** Analisa os sinais de que o abuso infantil aconteceu ou está acontecendo, e como devemos proceder quando suspeitamos, ou quando alguém nos diz que uma criança está sofrendo abuso.
- **Módulo 4: Transformando sua Organização Num Lugar Seguro para as Crianças.** Identifica as principais medidas que as organizações devem tomar para proteger as crianças e mantê-las seguras; explica por que é importante ter os Padrões para a Proteção da Criança; propõe uma análise dos pontos fortes e dos pontos fracos de sua organização; esclarece sobre a natureza do abuso sexual e como as pessoas que talvez representem uma ameaça para as crianças operam nas organizações.
- **Módulo 5: Participação e Proteção da Criança: Um Guia para Capacitação de Adultos.** É uma capacitação que ajuda os facilitadores das organizações a prepararem melhor os educadores adultos para encorajarem a participação das crianças.

Cada módulo oferece exercícios de capacitação, que são formas de alcançar os objetivos de aprendizagem para cada módulo. Os facilitadores podem escolher os exercícios que se adaptam melhor ao grupo, ao contexto da organização ou à preferência pessoal na hora de facilitar a capacitação.

O DVD

O DVD complementa os módulos de capacitação e os *workshops* oferecendo exercícios alternativos e formas de mostrar como manter as crianças seguras. Pode ser usado individualmente ou junto com os módulos de capacitação. Você encontrará orientação sobre como e quando utilizar o DVD em cada módulo. O DVD está dividido em sete Seções, e cada uma inclui uma questão intitulada “Pare e Pense”. O objetivo dessas questões é estimular o grupo que você está treinando e facilitar a discussão.

Seção 1 – Introdução

Seção 2 – O que faz as crianças se sentirem seguras?

Seção 3 – O que faria as crianças se sentirem seguras em sua organização?

Seção 4 – Quais as consequências de não entendermos isso?

Seção 5 – O que precisamos levar em conta para que as crianças se sintam seguras?

Seção 6 – Como reconhecer e lidar com as suspeitas em relação à proteção da criança?

Seção 7 – Quais são os próximos passos?

No DVD e nos Apêndices existem vários programas de capacitação sugeridos que o ajudarão a definir qual exercício utilizar para cada público específico. Por exemplo, você encontrará uma sugestão de um *workshop* de dois dias de capacitação sobre o conteúdo básico de proteção da criança, bem como outros modelos de programa de capacitação simplificado sobre a proteção da criança para o esclarecimento das organizações.



Workshops básicos

Além do conteúdo principal, são fornecidos *workshops* adicionais de capacitação e materiais para suprir necessidades específicas. Existem dois *workshops* básicos neste pacote:

- **WORKSHOP 1: Um Lugar Seguro para as Crianças: Desenvolvendo políticas e procedimentos de proteção à criança para sua organização.** Ele ajudará você e sua organização a elaborar políticas e procedimentos para lidar com o abuso infantil. Tem como base o material sobre políticas e procedimentos do *Guia 2: Um Lugar Seguro para as Crianças - Como Implementar os Padrões*.
- **WORKSHOP 2: Um Lugar Seguro para as Crianças: A Função dos Coordenadores.** É essencial para quem tem a responsabilidade de coordenar uma equipe em nível operacional. Ajuda a identificar as situações ou as circunstâncias em que pode haver riscos para as crianças na organização, bem como as funções e responsabilidades específicas do coordenador. Apresenta ferramentas de avaliação e verificação.

Workshops Adicionais (Guia 3 e DVD)

Exemplo de *Workshop*: *workshop* de dois dias sobre *Um Lugar Seguro para as Crianças* em contextos de emergência.

Essencial para qualquer pessoa trabalhando com crianças num contexto de emergência, irá ajudá-lo a entender uma variedade de impactos que a criança sofre em situações de emergência ou outras situações específicas, e o risco de exploração e abuso sexual que a criança corre em tais situações. Oferece informações práticas sobre como incorporar a proteção da criança em ações humanitárias, buscando evitar a separação das crianças e providenciar cuidado psicossocial para aquelas afetadas.

No DVD você encontrará dois *workshops* adicionais sobre *Um Lugar Seguro para as Crianças*, enfocando:

- Apadrinhamento de crianças;
- Programas.

Esses *workshops* específicos podem ser adicionados aos módulos básicos, a fim de promover uma capacitação relevante, direcionado e específico.

Nota: Esse conteúdo adicional pode ser aplicado independentemente dos módulos básicos, mas é importante que os participantes já tenham passado por uma capacitação básica de proteção à criança.

O pacote, no entanto, é flexível ao oferecer opções diversas para suprir as necessidades amplas de capacitação.

INICIANDO

Para preparar e facilitar uma capacitação para a proteção da criança, sua organização precisa ter ou estar desenvolvendo:

- Políticas e procedimentos de proteção à criança.
- Pelo menos um facilitador com experiência em proteção da criança.
- Uma forma de avaliar se a capacitação e os facilitadores foram efetivos.

Os passos a seguir descrevem o processo para planejar uma capacitação para a proteção da criança, a fim de atender as necessidades de sua organização:

Passo 1

Preferencialmente a organização deverá ter feito um levantamento de suas necessidades de capacitação em proteção da criança. O *Guia 2 - Um Lugar Seguro para as Crianças: Como Implementar os Padrões* tem, no Padrão 8, uma atividade para ajudar a identificar as necessidades de capacitação da organização e determinar qual capacitação é necessária. Essa é uma informação contextual importante para desenvolver os modelos de programas de capacitação apropriadas.

Passo 2

Antes de começar a capacitação, leia o **Guia de Boas Práticas no Planejamento e Realização da Capacitação para a proteção da criança** (páginas 10-17), que mostra como planejar, preparar e facilitar a capacitação. Isso o ajudará a tirar o máximo de proveito dos exercícios de capacitação e é especialmente útil para quem não tem experiência em liderar capacitações de proteção à criança.

Passo 3

Familiarize-se com o *Guia 1 – Um Lugar Seguro para as Crianças - Padrões para Proteção da Criança*; o *Guia 2 - Um Lugar Seguro para as Crianças - Como Implementar os Padrões*; e o *Guia 5 – o DVD*.

Passo 4

Elabore um *workshop* usando os materiais disponíveis neste pacote, procurando elaborar um programa de capacitação que seja relevante e adequado, baseando-se na informação que você obteve por meio do levantamento de necessidades de capacitação, nas ações e planejamento sugeridos pelo guia de boas práticas, e em seu conhecimento do público.

Materiais específicos

Todos os materiais, as notas para o facilitador, os artigos e as apresentações em *Power Point* estão disponíveis eletronicamente no DVD que vem acompanhando este manual.

Notas para o facilitador

Incluimos no final do manual algumas notas para o facilitador, com informações adicionais e contextuais sobre todos os aspectos da capacitação e sobre questões de proteção da criança. Essas notas subsidiam a capacitação e serão úteis quando você estiver se preparando. Você encontrará referências a elas no *kit*.

Duração/Tempo

A duração da capacitação é estipulada apenas como sugestão e pode variar de acordo com vários fatores, como composição do grupo, uso de intérpretes, estilo do facilitador, etc. É importante considerar esses fatores ao planejar seu programa e prolongar o tempo, se necessário.

Glossário

Incluimos um glossário no *Kit* de Capacitação. Se houver alguma palavra ou frase que você não entenda no Guia, pode encontrar o significado no glossário.

Guia de Boas Práticas ao Realizar uma Capacitação para a proteção da criança

Se você for o facilitador, precisará pensar sobre os quatro estágios de uma capacitação efetivo. São eles:

1. Planejamento
2. Preparação
3. Apresentação
4. Avaliação

PLANEJAMENTO

O assunto

O abuso infantil é um assunto que talvez desperte nos participantes sentimentos fortes ou lembranças (tanto de sua vida pessoal quanto profissional). Como facilitador, você precisa reconhecer estas situações no começo do processo. Estipule regras de aprendizagem com seu grupo para certificar-se de que o ambiente de capacitação seja propício para aprendizagem.

Os facilitadores

Recomendamos fortemente que duas pessoas liderem todo o programa de capacitação.

Se você for o único facilitador, alguém com responsabilidades sobre a proteção da criança em sua organização deve lhe apoiar — talvez um coordenador, um secretário de políticas ou alguém da equipe de recursos humanos.

Pelo menos um dos facilitadores deve ter profundo conhecimento prático de proteção à criança e experiência direta e conhecimento sobre como as ONGs (de desenvolvimento ou humanitárias) trabalham no campo. Esse facilitador deve ser sensível aos vários estágios de desenvolvimento pelos quais muitos países menos desenvolvidos passam ao lidar com questões de proteção à criança.

Preferencialmente, o facilitador já deve trabalhar na organização ou ter bastante conhecimento sobre a estratégia da organização em relação à proteção da criança.

Como facilitador, é importante que você seja sensível em relação à linguagem explícita que usará para falar de questões sexuais. Você terá de ser particularmente cuidadoso se estiver trabalhando em áreas onde as questões sexuais não são abertamente discutidas, ou onde até a linguagem referente a questões sexuais e partes do corpo é limitada. Você deve considerar o impacto de ser um facilitador ou uma facilitadora no grupo e discutir com seu cofacilitador como isso será tratado.

Habilidades na apresentação

Você deve apresentar a informação de forma clara e envolver os participantes. A capacitação deve ser participativo, isto é, deve incluir todos e estimular o envolvimento e a participação do grupo. Se seu idioma não for o mesmo dos participantes, talvez você precise adaptar o material de capacitação ao contexto local.

Os exercícios sempre demoram mais se o grupo não fala o mesmo idioma.

Criando um ambiente participativo

Se as pessoas do grupo puderem participar da capacitação, ele será mais efetivo. As pessoas participam mais se sentirem-se confortáveis. Por isso, como facilitador, você precisa pensar sobre os tipos de aprendizagem, as práticas culturais, as necessidades de aprendizagem dos participantes, e adaptar sua capacitação ao grupo, para certificar-se de que ele seja apropriado. Se você não estiver familiarizado, converse com a equipe local e com os intérpretes sobre o que é e o que não é aceitável lá.

É essencial que você conheça as limitações visuais, de audição ou de mobilidade dos participantes antes da capacitação, para que cópias com letras maiores ou outras adaptações sejam feitas.

Habilidades para ouvir e refletir

Incentive os participantes a refletirem sobre o que estão aprendendo. Lembre-se de que não é esperado que você tenha todas as respostas, nem que seja um especialista. Você precisa criar um ambiente de aprendizagem que permita que os participantes discutam as questões e obtenham conhecimento e experiência.

Este Guia contém vários artigos, folhas de exercícios e notas/observações para ajudar o facilitador a se sentir confortável e confiante sobre o assunto.

Participantes e aprendizagem de adultos

Pense sobre o número de pessoas que poderão participar da capacitação. Convém pensar sobre a variedade e a seletividade dos participantes em termos de identidade, experiência e diversidade. Às vezes nossas experiências de aprendizagem quando crianças e a forma como preferíamos aprender afetam e influenciam a forma como aprendemos quando adultos. Talvez seja útil descobrir quais são os métodos comuns de aprendizagem, especialmente se você não pertence ao país.

Uma aprendizagem experimental e a participação do grupo podem ser particularmente efetivas na capacitação para a proteção da criança. Nem todo mundo está familiarizado ou se sente confortável com esse estilo de aprendizagem. Nos lugares onde esses métodos de aprendizagem não forem familiares, dedique algum tempo para explicar o processo de capacitação e por que você escolheu utilizar esse método.

Data e local

Ao decidir o local e a data da capacitação, você deve considerar o que é melhor para você, para os participantes e para o conteúdo que você está ensinando. Tenha em mente possíveis planos de ação para cuidar das crianças e não se esqueça de se informar sobre festivais religiosos e/ou culturais e feriados, e sobre as práticas de trabalho.

É possível que você trabalhe com pessoas provenientes de uma vasta área geográfica, por isso precisa considerar a distância que cada um tem de percorrer até o local da capacitação.

Acesso

Certifique-se de que o local é acessível para todos, inclusive para as pessoas com deficiência.

Guia de Boas Práticas ao Realizar uma Capacitação para a proteção da criança

PREPARAÇÃO

Para que a capacitação aconteça tranquilamente, antes de começar certifique-se de ter tudo o que vai precisar.

Recursos

Para este exercício você vai precisar:

- Do *pacote* de capacitação contido neste guia;
- De uma forma de exibir informações, seja:
 - Um computador para mostrar o DVD, ou
 - Um projetor para apresentar os *slides* em *Power Point*
- Um aparelho de DVD;
- Cópias das folhas de exercícios, artigos, notas para o facilitador e estudos de caso para os participantes;
- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- Papel e canetas.

Nota: Todos os exercícios podem ser adaptados ao ambiente e aos recursos que você possui. Mesmo que você não tenha quase nenhum dos itens listados acima, você deve ser capaz de facilitar e promover discussões e debates.

Metas e objetivos

Considere quais são suas metas e objetivos antes de cada seção e antes de cada exercício de capacitação.

- Uma meta estabelece o que você está tentando alcançar.
- Um objetivo explica como você fará isso.

Ao estabelecer um tempo para as discussões e os questionamentos que surgirem durante a capacitação, certifique-se de não ficar preso a isso - as metas e os objetivos o ajudarão a se manter focado.

Principais pontos de aprendizagem

Você encontrará uma lista de pontos de aprendizagem em cada módulo. Ela ajudará o facilitador e os participantes a enfocar e a entender os objetivos dos exercícios.

Antes de iniciar a capacitação, você vai precisar de tempo para:

- Ler o material de capacitação e assistir ao DVD;
- Elaborar o planejamento com seus colegas de capacitação;
- Certificar-se de que os intérpretes estão à vontade com o material e de que o compreendem o suficiente para traduzir;
- Fazer leituras adicionais para aumentar sua familiaridade com o contexto local, a legislação, as diretrizes e a política de proteção à criança da organização, bem como seus procedimentos e os planos de implementação;

- Preparar-se e decidir como você gostaria de utilizar o material do curso;
- Acostumar-se com o clima local, no caso de viagens longas ou a outras partes do mundo;
- Obter informações sobre participantes para que quaisquer mudanças possam ser feitas no programa e no local a fim de facilitar a participação integral das pessoas com deficiência.

Notas para o facilitador

Incluimos algumas notas ao final do manual. Elas fornecem ao facilitador informações adicionais sobre todos os aspectos da capacitação e as questões de proteção à criança. Essas notas serão úteis na preparação da capacitação. Você encontrará referências a elas no *kit*.

APRESENTAÇÃO

Antes da capacitação, pense sobre o modo como você vai se apresentar e como vai expor a informação. O quadro a seguir traz algumas sugestões.

Apresentando a informação	Apresentando a si mesmo
Organize suas anotações e o material de capacitação na ordem em que irá usá-los.	Fale de maneira clara.
Adicione notas ao material para ajudá-lo a se lembrar dos pontos principais.	Não finja saber tudo; reconheça as limitações em seu conhecimento.
Mantenha a informação simples e clara.	Seja honesto consigo mesmo se estiver ansioso com a capacitação, mas tente superar isso e prosseguir.
Mantenha os comentários relevantes à informação e respeite as diferenças.	Não use uma linguagem opressiva ao lidar com o grupo, principalmente se você vem de uma perspectiva ocidental. Esteja atento para a forma como sua etnia, seu gênero e sua influência podem impactar o grupo, a capacitação e a aplicação.
Tente manter-se dentro do limite de tempo.	Ouçá atentamente
Estimule a participação.	Refleta, reforce os pontos de aprendizagem “Então, vejamos novamente: o que nós aprendemos?”.

Aprendizagem inclusiva que reflete igualdade e diversidade

Agir de forma inclusiva significa portar-se e estimular outros a portarem-se de forma respeitosa e não discriminatória. Ao ouvir e respeitar os outros, você obterá esclarecimento e entendimento.

Somos todos diferentes e temos visões e crenças diferentes. Algumas são tão profundamente arraigadas que não as reconhecemos em nossas ações, nem notamos como elas afetam o

Guia de Boas Práticas ao Realizar uma Capacitação para a proteção da criança

modo como tratamos os outros. Temos que nos esforçar para ser inclusivos.

Ao tentarmos agir dessa forma e reconhecermos nossos erros quando alguém nos desafiar, estaremos desenvolvendo nossa própria aprendizagem e conhecimento. Na prática, isso quer dizer que queremos aprender mais sobre as pessoas que são diferentes de nós em termos de:

- Etnia;
- Língua;
- Deficiência;
- Status;
- Cultura;
- Gênero;
- Orientação sexual;
- Fé;
- Idade;
- Classe social;
- Histórico profissional;
- Poder.

Uma apresentação inclusiva significa considerar a individualidade das pessoas e as circunstâncias específicas quando estamos ensinando, para certificarmos-nos de que todos no grupo sejam capazes de participar e de se sentir confortáveis e iguais.

Trabalhando com pessoas de culturas diversas e gêneros diferentes

Facilitar uma capacitação para a proteção da criança em um contexto transcultural é particularmente desafiador. Parte da sua responsabilidade como facilitador é desafiar as práticas culturais que são nocivas às crianças. Você precisa fazer isso de forma que não generalize o grupo social nem culpabilize o grupo que está sendo treinado. É importante identificar e reconhecer dentro da própria cultura os grupos que estão lutando para combater muitas práticas como o casamento de crianças, circuncisão feminina, exploração do trabalho infantil e outras práticas discutidas durante a capacitação.

Os facilitadores também precisam ser sensíveis ao gênero dos participantes. É possível que trabalhe em áreas onde não é culturalmente aceitável que as mulheres expressem suas opiniões em público ou em debates. Se isso acontecer, certifique-se de dar a elas oportunidades para que contribuam fazendo parte de grupos ou de pares do mesmo gênero durante os exercícios ou até mesmo por meio de eventos exclusivos para homens ou exclusivos para mulheres.

Intérpretes

Bons intérpretes são essenciais para você certificar-se de que os participantes estão aproveitando ao máximo a capacitação. Intérpretes também são parte da sua equipe de capacitação. Como facilitador, é essencial que você se comunique com o intérprete com antecedência, para ter certeza de que ele está devidamente esclarecido e familiarizado com o conteúdo do curso. Isso deve incluir um aconselhamento relacionado à saúde emocional por causa da natureza da capacitação e do conteúdo, que pode ser angustiante para alguns, especialmente para aqueles que não estão acostumados a trabalhar com questões de proteção à criança.

Acordo com colegas de trabalho

Acordos de trabalho mútuo podem ser úteis e devem incluir:

- O que cada pessoa da equipe de capacitação precisa para trabalhar de forma efetiva;
- Que apoio cada um precisa;
- Como você vai lidar com quaisquer dificuldades.

O acordo também deve incluir a questão da confidencialidade, para garantir que as questões e opiniões expressas durante as atividades não sejam comentadas, sem permissão, fora da capacitação. O relacionamento entre o intérprete e o facilitador deve ser construído com base na confiança mútua.

Preparando-se com intérpretes

Como facilitador ou facilitador, você também deve se preparar adequadamente se a capacitação for aplicada por meio de intérpretes. Ele vai precisar de algum tempo, antes da capacitação, para adaptar o material, levando em conta as diferenças de idioma e para assegurar que haja tempo suficiente para um exercício, já que eles sempre tomam mais tempo do que se imagina. Se possível, disponibilize o material para os intérpretes bem antes da data da capacitação.



Guia de Boas Práticas ao Realizar uma Capacitação para a proteção da criança

Dicas mais importantes para se trabalhar com um intérprete

- Aprenda os protocolos adequados e as formas de tratamento, incluindo saudações e frases sociais;
- Apresente-se para o intérprete e certifique-se de que vocês tenham um claro entendimento sobre a relação de trabalho;
- Durante a capacitação, direcione suas observações ao grupo e/ou à pessoa que fez o comentário, e não ao intérprete;
- Fale sempre devagar e use linguagem clara e simples;
- Certifique-se de que o grupo pode ouvir e entender você;
- Tente fazer com que as pessoas do grupo falem uma de cada vez para que você, como facilitador, possa participar e acompanhar a discussão;
- Certifique-se de que você e o intérprete tenham intervalos suficientes, já que esse processo pode ser cansativo e desgastante.

AVALIAÇÃO

Conteúdo

A avaliação é uma forma de obter um retorno sobre a efetividade e o funcionamento do curso. Os tópicos a seguir o ajudarão a elaborar um formulário de avaliação.

Basicamente você quer saber:

- Como os participantes se sentiram com a capacitação;
- O que funcionou bem;
- O que poderia ser feito diferente ou melhor;
- Se a informação foi clara;
- Se a capacitação foi útil;
- Se a capacitação alcançou as metas e os objetivos;
- O quanto a capacitação foi efetiva;
- O que os participantes aprenderam;
- Se o material de capacitação foi relevante para os participantes e seu trabalho;
- Se a necessidade de uma capacitação aprofundado foi identificada;
- Se a capacitação teve sucesso em ser inclusivo;
- Se o ambiente e as acomodações foram satisfatórios (local, alimentação, conforto).

Modelos de formulários de avaliação

Alguns modelos de formulários de avaliação estão disponíveis no DVD para você adaptar ao sua capacitação.

Desenvolvimento

O processo de avaliação requer o seguinte:

- Os formulários de avaliação devem ser preenchidos pelos participantes e facilitadores imediatamente após a capacitação;
- O retorno das opiniões de todos os cursos devem ser confrontados para se obter uma visão organizacional da iniciativa de capacitação;
- Um mecanismo para responder a qualquer questão relacionada ao conteúdo do curso, à aplicação da capacitação e aos procedimentos ou políticas da organização, ou ao plano de implementação deve ser desenvolvido, para que se identifiquem lacunas, mudanças ou discrepâncias;
- Talvez haja um aumento de suspeitas e de encaminhamentos de denúncias depois de um evento, já que uma equipe conscientizada das questões vai querer encaminhá-las, portanto devem existir arranjos para lidar com as suspeitas da equipe;

Agora que você já considerou todas as partes do processo de capacitação, você está pronto para prosseguir e realizar sua própria capacitação para a proteção da criança.



Capacitação Básica para a Proteção da Criança



Seção Introdutória: *Um Lugar Seguro para as Crianças*

BOAS VINDAS / APRESENTAÇÕES

Meta

Destacar o conteúdo do curso e apresentar os integrantes do grupo.

Objetivo

Obter mais informações sobre os participantes e seus próprios objetivos de aprendizagem e expectativas.

Duração

1 hora e 30 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- Anotações de sua fala introdutória sobre os padrões de *Um lugar Seguro para as Crianças* (veja as notas para o facilitador: página 194);
- Notas sobre o *Acordo de Aprendizagem*;
- Fita adesiva ou tachinhas para afixar papéis na parede;
- Uma cópia do *Guia 1 - Um lugar Seguro para as Crianças: Padrões para a Proteção da criança* 
- O DVD e um aparelho de DVD. 

Esta seção durará cerca de uma hora e meia. Estabelecer as metas, os objetivos, os limites e o relacionamento dentro do grupo é parte essencial da capacitação. A seção introdutória:

- Estabelece um início formal para a capacitação;
- Ajuda os participantes a enfocar o motivo de estarem fazendo a capacitação;
- Ajuda os participantes a identificar o que querem e precisam aprender;
- Oferece aos participantes a oportunidade de conhecer você;
- Oferece aos participantes a oportunidade de fazer um acordo de aprendizagem: respeitar, apoiar e ouvir uns aos outros e ao facilitador;
- Ajuda todos no grupo a encontrarem-se, conhecerem-se e sentirem-se mais confortáveis uns com os outros.

Talvez seja a primeira vez que alguns participantes recebem uma capacitação desse tipo. Por isso, é importante certificar-se de que todos sintam que podem contribuir e fazer perguntas.

Antes de conduzir esta seção, você deve:

- Preparar sua fala introdutória;
- Preencher o **Plano do facilitador** (DVD);  Guia 5
- Preparar o Acordo de Aprendizagem e fazer cópias dele em uma folha do *flipchart* e/ou nos arquivos avulsos.

O que é o Plano do facilitador?

O **Plano do facilitador** pode ser encontrado no DVD e pode ajudá-lo a preparar a capacitação. É um formulário em branco que você encontrará entre os materiais reproduzíveis. O formulário solicita que você anote o tempo e os recursos necessários para cada exercício e especifique qual facilitador será responsável pela liderança da capacitação. Isso é particularmente útil se você está trabalhando em conjunto com uma equipe facilitadora.  Guia 5

O que é o Acordo de Aprendizagem?

O **Acordo de Aprendizagem** é um contrato realizado por você e pelos participantes. Ele estabelece princípios sobre o modo como vocês trabalharão juntos. Os participantes precisam concordar com esses princípios para que haja um ambiente efetivo de aprendizagem. Uma capacitação para a proteção da criança pode ser impactante; por isso, o acordo de aprendizagem ajudará a estabelecer limites e regras para o trabalho do grupo, além de garantir que todos no grupo sejam tratados com respeito.

Como facilitador, você precisa pensar quem são os participantes e quais aspectos serão desafiadores ao estabelecer um ambiente de aprendizagem efetivo e positivo. Por exemplo:

- Se houver coordenadores e supervisores, discuta como as questões levantadas durante as atividades vão impactar ou afetar as relações de trabalho depois da capacitação;
- Se as pessoas falarem idiomas diferentes, discuta como lidar com isso;
- Se houver uma mistura de gêneros e grupos étnicos, discuta como lidar com isso.

Lembre-se, o “mundo” da ajuda humanitária é pequeno, e o grupo precisa considerar a confidencialidade.

Você encontrará um exemplar do **Acordo de Aprendizagem** nas Notas do facilitador para a **Seção Introdutória**. Use-o como um ponto de partida e modifique-o para que ele seja adequado ao seu grupo.

O acordo de aprendizagem deve deixar claro que ninguém terá de fazer ou dizer algo que o exponha ou exponha suas experiências. No entanto, você deve reconhecer que, como grupo, deve haver pessoas que sofreram ou cometeram abuso de alguma forma. Permita que essas pessoas se ausentem da sala por algum tempo se quiserem.

Desenvolvimento**Apresentações**

1. Cumprimente os participantes. Agradeça por estarem presentes e reconheça o comprometimento individual de participar do curso. Apresente a equipe da capacitação — você e outros parceiros ou intérpretes. Você talvez queira falar brevemente sobre sua função ou experiência.
2. Peça que cada pessoa diga ao grupo seu nome, sua função e a organização onde trabalha.

Como quebra-gelo (primeiro exercício) você pode pedir que digam uma coisa positiva que tenha acontecido com eles nos últimos anos.

Seção Introdutória:

Um Lugar Seguro para as Crianças

Informações práticas

Forneça informações claras sobre a localização dos banheiros, das saídas de emergência, etc.; sobre o horário e o local do almoço e dos lanches, e assim por diante. Peça aos participantes que desliguem os celulares.

EXERCÍCIO INTRODUTÓRIO: ESPERANÇAS E MEDOS

Meta

Ter expectativas realistas sobre o curso.

Objetivos

Ajudar os participantes a considerarem suas esperanças para a capacitação.

Ajudar os participantes a considerarem qualquer medo ou preocupação que talvez tenham em relação à capacitação.

Duração

30 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- Fita adesiva para afixar os papéis na parede;
- Guia 5: O DVD e um aparelho de DVD.  Guia 5

1. Peça aos participantes que se organizem em duplas.
2. Se o DVD estiver disponível, mostre a **Seção 1: A introdução**. Ela ajudará os participantes a manterem o foco no curso e no assunto.
3. Peça que cada um compartilhe com seu par o que espera aprender ou absorver da capacitação. Eles sentem algum receio quanto à capacitação ou por estarem ali? Explique-lhes que têm alguns minutos para discutir e que depois você dará um retorno para o grupo todo. Os participantes compartilharão o que quiserem.
4. Separe cinco minutos para as pessoas discutirem em duplas. Enquanto isso, divida uma folha de *flipchart* em duas colunas: esperanças e medos.
5. Reúna o grupo todo novamente, e posicione-o de frente para o *flipchart*.
6. Peça que falem e vá listando as esperanças e os medos enquanto são citados.
7. No final fale sobre cada “esperança” listada. Identifique as que são realísticas e podem ser alcançadas na capacitação e as que vocês terão de adiar.
8. Depois considere os medos. Tente oferecer soluções ou encontrar respostas para as preocupações, se possível.
9. Ao final da discussão cole a lista na parede, para que você possa se referir a ela posteriormente.

Direcionando o programa de capacitação

Fala introdutória

O *Exercício introdutório: Esperanças e medos* o ajudará a introduzir seu plano para o programa de capacitação. Você precisa estabelecer o aspecto e o tom da capacitação, além de explicar a meta de cada seção ou atividade e da capacitação em geral.

Acordo de Aprendizagem

1. Comece reconhecendo que os assuntos e as questões que vocês discutirão no programa de capacitação podem ser desafiadores e despertar fortes emoções e lembranças. Por causa disso, é importante que todos concordem com certas regras e certos limites para a capacitação a fim de que todos no grupo se sintam seguros e apoiados e possam aprender efetivamente.
2. Explique aos participantes que você vai pedir que façam um *acordo de aprendizagem* com você e com os outros participantes.
3. Mostre ou distribua o **Acordo de Aprendizagem** que você está propondo. Explique cada um dos pontos do acordo para ter certeza de que os participantes entenderam:
 - Por que existe um acordo de aprendizagem;
 - Como cada ponto se relaciona a eles;
 - Qual linguagem pode ser usada;
 - Que a privacidade de cada um será respeitada;
 - Que podem sair da sala ou tirar um tempo se acharem que devem fazer isso.
4. Faça adaptações no *acordo de aprendizagem* conforme sugerido e acordado pelos participantes. Peça a todos os participantes que assinem o *acordo*.
5. Coloque o *acordo de aprendizagem* na parede e mantenha-o ali durante o curso. Talvez você ache útil dar a todos uma cópia para que guardem e a que possam recorrer, se necessário.

Proteção da criança

Informe o grupo sobre qualquer responsabilidade obrigatória de proteção à criança. Explique que, se durante o curso os participantes compartilharem qualquer informação sobre a possibilidade de crianças estarem em risco ou perigo por causa de suspeitas não reportadas ou práticas incorretas, você tem a responsabilidade de trabalhar com eles e com a organização, para certificarem-se de que essas suspeitas estão sendo encaminhadas adequadamente.





Módulo Um: Crianças e Infância

INTRODUÇÃO

Este módulo foi desenvolvido para levar os participantes a pensar sobre crianças e infância. Os exercícios estão estruturados para ajudar os participantes a enfocarem mais as crianças e a ficarem mais conscientes do abuso infantil e da proteção da criança. Cada exercício enfoca um tema ou assunto diferente relacionado à proteção da criança.

Nota para o facilitador

Todos os exercícios desta seção fazem os participantes refletirem sobre sua própria infância ou sobre a infância e as crianças em geral. Para algumas pessoas, pode ser um processo doloroso. É importante ser sensível a isso e permitir que as pessoas não participem se não quiserem. *Se você estiver trabalhando em um país onde houve conflito ou violência externa, é especialmente importante que você dirija todos os exercícios de maneira cuidadosa e sensível.*

Você precisa fazer a Seção introdutória: Um Lugar Seguro para as Crianças, antes de qualquer exercício.

Meta do módulo

Ajudar os participantes a enfocarem as crianças e a começar a analisar seus próprios valores e atitudes em relação às crianças e à infância.

Objetivos do módulo

- Ajudar o grupo a se conhecer e a se sentir confortável ao compartilhar experiências;
- Reconhecer as atitudes dos participantes em relação à infância e às crianças;
- Perceber a relação entre nossas próprias atitudes e valores para com as crianças e como ambos contribuem para que as crianças sejam protegidas, ou impedem que isso aconteça.

Preparação

Na Seção 2 há seis exercícios, mas não faça todos. Escolha o que será mais útil e mais adequado para seu grupo.

Quando tiver escolhido o exercício, leia os procedimentos atentamente.

Assista à **Seção 2 do DVD: O que faz as crianças se sentirem seguras?** Decida se irá usá-la. Essa parte do DVD pode ser usada como introdução de qualquer um dos exercícios. Ela ajudará a definir o contexto e a lembrar o que as crianças sentem e pensam sobre sentir-se seguras.



Certifique-se de ter todos os recursos de que você precisa, inclusive fotografias, balões, fita adesiva, etc. Na próxima página você encontrará o modelo de uma capacitação para metade de um dia.

Sugestão de programação

Seção Introdutória: Incluindo o DVD Seção 1: A introdução	60 minutos
Intervalo	15 minutos
Seção 2 do DVD: O que faz as crianças se sentirem seguras? Exercício 1.3 A experiência de uma criança	40 minutos
Exercício 1.5 Percepções sobre crianças e infância	30 minutos
Almoço	60 minutos

Para estender a capacitação para um dia inteiro selecione alguns exercícios do Módulo 2.

EXERCÍCIO 1.1: IMAGENS DE CRIANÇAS

Meta

Demonstrar a importância das nossas próprias visões sobre crianças.

Objetivo

Permitir que os participantes compartilhem ideias e sentimentos sobre crianças.

Principais pontos de aprendizagem

- Nossas percepções sobre crianças, infância e perigo são influenciadas por nossas próprias experiências como crianças, como pais e por questões de trabalho, cultura, religião e sociedade;
- É fundamental lembrar que as crianças são indivíduos em seu próprio direito;
- Todas as crianças precisam de abrigo, alimentação e roupas, além de amor e respeito;
- Crianças podem ser vulneráveis, mas têm força e resiliência.

Duração

30 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Postais, figuras, fotos de crianças em várias situações.

Certifique-se de que as fotos:

- Refletem a sociedade e a cultura do seu grupo;
- Refletem a variedade de conceitos que você quer destacar.

Módulo Um: Crianças e Infância

Preparação

Antes de escolher as figuras, leia os principais pontos de aprendizagem no final do exercício. Tente encontrar figuras variadas, que mostrem crianças em diferentes situações e grupos. Antes da chegada dos participantes, espalhe as fotos e os cartões numa mesa ou no chão.

Desenvolvimento

1. Peça aos participantes que escolham uma foto que chame a atenção deles de alguma forma. Diga-lhes que não pensem muito ao escolher, que deixem a foto escolhê-los.
2. Peça que pensem na foto escolhida por alguns momentos e que perguntem a si mesmos:

Quais são meus pensamentos e sentimentos sobre esta figura?
Eu gosto dela? Por quê? Por que não?

3. Peça aos participantes que encontrem um parceiro e falem sobre a foto.
 - O que te fez escolher a figura?
 - O que ela fez você pensar e sentir?
 - O que você gosta ou não gosta nela?
 - Como a figura ilustra as crianças?
 - A figura sugere abuso infantil?
 - Por que você acha isso?
4. Diga aos participantes que podem discutir por 5-10 minutos; depois haverá uma discussão com o grupo todo. Vocês discutirão três temas ao terminar:
 - Crianças;
 - Abuso infantil;
 - Base das crenças.

Os participantes podem fazer anotações sobre a discussão se quiserem.

EXERCÍCIO 1.2: OBSERVANDO SUA PRÓPRIA INFÂNCIA

Meta

Mostrar como as memórias da infância podem ser significativas.

Objetivos

- Ajudar o grupo a se sentir confortável ao compartilhar memórias da infância,
- Estimular os participantes a ouvirem uns aos outros e a se relacionarem entre si.

Principais pontos de aprendizagem

- Esse poema, essa história ou essa canção é importante para nós porque deixou uma memória de infância, independentemente do motivo que nos levou a escolher.
- Nossas memórias e nossas experiências podem influenciar a forma como vemos a infância e as crianças.
- Nossas memórias trazem momentos felizes e momentos tristes. Por exemplo, as histórias podem ser engraçadas e animadas; dolorosas e perigosas.

Duração

30 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- Uma cópia ou transparência do poema ou história favorita de sua infância.

Preparação

Leia os pontos principais de aprendizagem deste exercício, para focar sua capacitação. Pense no poema, na canção ou na música favorita da sua infância. Pense nos sentimentos que tem sobre essa lembrança. O que essa canção ou essa história significa para você e por quê? Isso faz você se lembrar de uma situação relevante? Você relaciona isso com alguma pessoa específica em sua vida? Certifique-se de que se sentirá confortável ao compartilhar e de não escolher algo que é muito doloroso ou difícil para você. Você começará a seção apresentando isso ao grupo.

Desenvolvimento

1. Comece a seção apresentando um poema, uma história, uma canção favorita de sua infância. Explique brevemente por que você gostava dele ou dela e a que se relaciona: traz memórias do passado? São memórias de situações boas, ruins, engraçadas, reconfortantes?
2. Peça aos participantes que pensem em um poema, história ou canção favorita de sua infância. Se necessário, dê a eles um minuto ou dois para pensar. Novamente peça que somente compartilhem com o grupo no caso de se sentirem confortáveis.
3. Organize os participantes em duplas. Peça que compartilhem com seu par:
 - O que fez você pensar nesse poema/história/canção?
 - Por que esse poema/história/canção é importante para você?
 - Que lembranças você tem sobre isso?
 - Você o/a associa a alguma pessoa/época/situação específica?
 - Que pensamentos e sentimentos ele/ela faz você recordar?
 - Por que isso é importante quando você pensa na sua função de proteger as crianças?
4. Reúna todos novamente no grande grupo. Facilite uma discussão convidando cada dupla a compartilhar o que discutiu.

Módulo Um: Crianças e Infância

EXERCÍCIO 1.3: A EXPERIÊNCIA DA CRIANÇA

Meta

Identificar as diferentes formas como a infância é vista.

Objetivo

Estimular os participantes a compartilharem como eles se sentem em relação às crianças em seus países.

Principais pontos de aprendizagem

- As crianças passam por uma ampla variedade de experiências à medida que crescem e se desenvolvem;
- As crianças são muito resilientes, mesmo quando enfrentam as mais difíceis circunstâncias. É importante ressaltar isso, e não apenas a vulnerabilidade delas. Para muitas crianças, certas experiências talvez não causem dano, mas para outras podem ser abusivas e causar um impacto negativo;
- Às vezes, a segurança e a alegria de uma criança são muito frágeis.

Duração

30 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Balões (vazios e de vários tamanhos, se possível);
- Canetas piloto.

Preparação

Talvez você queira encher o balão e desenhar nele para mostrar aos participantes o que devem fazer.

Desenvolvimento

1. Dê a cada participante um balão e peça que eles o encham.
2. Peça que desenhem no balão um rosto, um símbolo ou um sinal que eles acham que transmite algo sobre as experiências das crianças. Por exemplo:
 - um rosto alegre transmite alegria e diversão, algo que cada criança deveria experimentar.
 - um rosto triste talvez represente situações difíceis por que algumas crianças passam e o quanto suas vidas podem ser difíceis.
3. Convide os participantes a compartilharem o que desenharam no balão, dizendo o que significa para eles. Eles podem fazer isso em pares, em grupos pequenos ou no grupo maior, dependendo do número de pessoas.
4. Facilite uma discussão para destacar qualquer tema que surja e relacioná-lo com o tema de *Um Lugar Seguro para as Crianças*.
5. Use os pontos principais de aprendizagem para apresentar seu resumo dos temas para este exercício.

6. Estoure um balão para mostrar o quanto as crianças são vulneráveis e como sua infância pode ser rapidamente destruída pelo abuso.
7. Se for possível, mostre a Seção 2 do DVD sobre o que faz uma criança se sentir segura. Use o tópico **pare e pense** exibido na tela para começar uma discussão sobre o que os participantes acham que faz uma criança se sentir segura.

EXERCÍCIO 1.4: TRABALHANDO COM CRIANÇAS

Nota para o facilitador

Este exercício utiliza arte e material artístico. Ele estimula as pessoas a relaxarem e trabalharem juntas de uma forma criativa e diferente. Funciona bem com participantes que trabalham juntos na mesma organização.

Se estiver em um grupo grande, peça aos participantes que se dividam em grupos de três ou quatro pessoas que trabalhem para organizações iguais ou semelhantes. Cada grupo pode fazer um trabalho separado.

Também pode ser interessante usar este exercício com um grupo de pessoas de diferentes contextos, culturas ou idiomas. Ele encoraja as pessoas a pensarem de forma positiva em seu trabalho/organização e a direcionarem sua mente para as crianças, através de brincadeiras.

Meta

Ajudar o grupo a ter o foco na criança.



Módulo Um: Crianças e Infância

Objetivos

- Destacar as razões pelas quais as pessoas escolhem trabalhar com crianças;
- Estimular os participantes a compartilharem boas práticas;
- Destacar as dificuldades e preocupações que as pessoas têm em relação à proteção das crianças em suas organizações.

Principais pontos de aprendizagem

- Nossas percepções sobre crianças, infância e dano são influenciadas por nossos próprios valores, atitudes e experiências;
- As crianças vivem em diversas culturas e situações e talvez dependam de agências ou ONGs para terem segurança e cuidado;
- As crianças atendidas podem ser vulneráveis ao dano causado pelas pessoas que cuidam delas;
- Muitas organizações fazem um excelente trabalho com crianças.

Duração

50 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Material de arte suficiente para todos os participantes: canetinhas, giz de cera, fita adesiva, papel colorido, tesouras, cola, etc;
- Papéis grandes (cartolinas ou folhas de *flipchart*) para usar como base para as colagens, que serão feitas utilizando-se diversos materiais, desenhos e imagens.

Preparação

Certifique-se de ter material suficiente para todos. Reúna o máximo de revistas, jornais, figuras, canetas e outros materiais que puder, para que as pessoas criem algo satisfatório. Leia as notas do processo antes da capacitação, para se sentir confiante ao liderar o exercício.

Desenvolvimento

1. Introduza este exercício reconhecendo a experiência dos próprios participantes no trabalho com crianças. Diga que este exercício é uma oportunidade de pensar sobre o trabalho que eles fazem com crianças e sobre sua importância.
2. Se seu grupo for grande, talvez seja mais fácil dividir os participantes em grupos de três ou quatro pessoas. Coloque juntas as pessoas que trabalham para a mesma organização.
3. Peça aos participantes que trabalhem em grupo para fazer uma colagem em uma folha grande de papel. Explique que você irá expor as colagens quando terminarem.
4. Peça aos participantes que usem os materiais para criar um desenho ou desenhos que representem:
 - Como eles vêem as crianças com quem trabalham.
 - O que fazem — eles ou a organização — para proteger as crianças.
 - De que forma eles permanecem focados nas crianças.

Explique que o trabalho que eles farão pode ser baseado em acontecimentos reais, numa história, num exemplo ou em mitos.

5. Separe 20 minutos para os participantes completarem a colagem.
6. Depois de 10 minutos, verifique se todos estão cumprindo a tarefa. Se tudo estiver bem, deixe que continuem. Se houver alguém parado ou relutante, estimule e dê ideias. Como último recurso, diga a eles que podem usar palavras.
7. Depois de 20 minutos, dê aos participantes uma opção – continuar ou fazer uma pausa de 15 minutos.
8. Finalmente, exponha as colagens na parede.

Discussão

1. Depois de um pequeno intervalo, reúna o grupo para olhar as colagens.
2. Peça aos participantes que falem sobre como se sentiram ao fazer o exercício. Foi um exercício difícil ou fácil? Foi útil?
3. Peça a uma pessoa de cada grupo que descreva a colagem, o que ela representa. Convide os participantes a fazerem perguntas uns aos outros sobre o que fizeram.
4. Facilite uma breve discussão sobre os temas das colagens. Por exemplo, você pode perguntar aos participantes:
 - O que influencia a forma como você vê as crianças com quem trabalha?
 - Como a comunidade vê as crianças com quem você trabalha?
 - Quais são os pontos fortes das crianças na comunidade? O que faz com que as crianças com quem você trabalha fiquem vulneráveis ao abuso?

Termine o exercício resumindo os principais pontos de aprendizagem. Se houver oportunidade, deixe as colagens na parede, já que elas podem ajudar todos a ficarem focados na criança na sequência da capacitação.

EXERCÍCIO 1.5: PERCEPÇÕES SOBRE CRIANÇAS E INFÂNCIA

(Adaptado de um exercício da Visão Mundial Internacional)

Metas

- Ajudar os participantes a descreverem como sua sociedade vê a infância em seu contexto cultural.
- Descrever as várias celebrações e os vários ritos de passagem para as crianças.

Objetivos

- Pensar sobre como culturas diferentes percebem a infância.
- Reconhecer a diferença e a diversidade de práticas culturais no modo como as crianças são criadas.

Nota para o facilitador

Existem duas variações deste exercício: esta e o Exercício 1.6 — mesmo que não sejam iguais, têm metas e objetivos semelhantes. Escolha o que for mais adequado para seu grupo. A segunda opção talvez não seja apropriada se você está trabalhando em uma região onde houve conflito ou violência. Se você usá-lo, certifique-se de que o exercício seja conduzido de forma cuidadosa e sensível.

Módulo Um: Crianças e Infância

Principais pontos de aprendizagem

- Entender as crianças e a infância é fundamental ao lidar com o abuso infantil.
- As tradições e os rituais de nossas comunidades influenciam na forma como as crianças são valorizadas e cuidadas. Nem todas têm as mesmas experiências.
- Nossos próprios valores, crenças e atitudes para com as crianças vão influenciar nossa habilidade de agir para proteger as crianças.

Duração

30 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- Cartões de 5 cores diferentes;
- Fita adesiva ou tachinhas para afixar os cartões na parede.

Preparação

1. Reserve um tempo para ler os principais pontos de aprendizagem e pense sobre como você vai introduzir e conduzir o exercício.
2. Separe três folhas de *flipchart*. Em cada uma, escreva um destes títulos:
 - Crianças na comunidade hoje;
 - Celebrações da infância e adolescência;
 - Transição da infância para a vida adulta.Coloque cada folha em uma parede diferente.
3. Prepare **Cartões de Perguntas** para cada grupo, de forma que cada grupo tenha o mesmo conjunto de perguntas. Cada cartão deve ter as a seguir perguntas:
 - Na comunidade onde você trabalha ou vive, que palavras os adultos usam para falar sobre crianças?
 - Que fases da infância são celebradas na comunidade em que você trabalha? Como elas são celebradas?
 - Quando as crianças se tornam adultas? Legalmente? Culturalmente? (por exemplo, quando a comunidade espera que uma criança se comporte como um adulto?).
 - Existem cerimônias associadas a essa mudança (ou transição) de criança para adulto? Quais são elas?

Desenvolvimento

1. Introduza este exercício dizendo que a proposta é olhar mais detalhadamente o contexto cultural das vidas das crianças. Explique que todos nós viemos de diferentes culturas; cada cultura é diferente e influencia nossas experiências e como reagimos a essas experiências. Este exercício foi elaborado para destacar questões culturais que vamos considerar em outros módulos.
2. Divida os participantes em pequenos grupos de 3 ou 4 pessoas. Se todos forem do mesmo país, os grupos podem ser misturados. Se estiver trabalhando em uma região de fronteira ou em contextos de diferenças religiosas e culturais talvez seja melhor dividi-los em grupos semelhantes.
3. Dependendo do tempo e da composição do seu grupo, dê a cada grupo os **Cartões de Perguntas** que você fez. Peça-lhes que discutam cada uma das questões e definam cinco respostas para escrever abaixo de cada título escrito no *flipchart*.

Separe 20 minutos para esta parte do exercício.

4. Mostre aos participantes os papéis colados nas paredes. Peça que cada grupo coloque suas respostas abaixo do título mais relevante ou apropriado:
 - Crianças na comunidade hoje;
 - Celebrações da infância e adolescência;
 - Transição da infância para a vida adulta.

Discussão

Facilite uma breve discussão usando estas questões:

- O que você percebe nas palavras abaixo de cada título? Elas refletem imagens positivas ou imagens negativas? O que isso sugere sobre a comunidade ou as crenças culturais sobre crianças?
- Como as palavras enfatizam as várias experiências vivenciadas pelas crianças, talvez por causa de seu gênero ou fé?
- Por que é importante considerar essas diferenças ao pensar na proteção da criança?



Módulo Um: Crianças e Infância

EXERCÍCIO 1.6: INFÂNCIA - PASSADO E PRESENTE

(Adaptado de um exercício da Visão Mundial Internacional)

Meta

Explorar as várias formas como as crianças são vistas pela sociedade.

Objetivo

Observar as práticas, as celebrações e as tradições realizadas no passado e como elas mudaram com o tempo.

Principais pontos de aprendizagem

- As percepções em relação às crianças e à infância mudam de uma geração para outra, mas algumas coisas permanecem iguais.
- A percepção de uma comunidade em relação às crianças e a infância é influenciada por grupos e ideias dominantes em épocas específicas.

Duração

45 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- Uma cópia da **Folha de exercício 1.6: Perspectivas sobre a infância**, para cada grupo pequeno (página 37).

Preparação

Faça cópias da **Folha de exercício 1.6: Perspectivas sobre a infância** – uma para cada grupo, e uma para você.

No *flipchart*, copie o quadro da folha de exercícios, deixando espaço para fazer anotações durante a discussão.

Desenvolvimento

1. Explique que esse exercício ajudará a pensar sobre como a infância está mudando em nossa sociedade e em imagens / paradigmas culturais. O que cada geração pensa sobre a infância? Pense sobre a infância a partir de três perspectivas:
 - A perspectiva de nossos pais/pessoas mais velhas;
 - Nossa própria perspectiva;
 - A perspectiva das crianças hoje.
2. Divida os participantes em grupos de 3 ou 4 pessoas. Dê a cada grupo uma cópia da **Folha de exercício 1.6: Perspectivas sobre a infância**. Peça que completem o quadro.

Que palavras cada um desses grupos usa para descrever a infância? Separe cerca de 20 minutos para isso.

3. Reúna o grupo novamente. Pergunte aos participantes como se sentiram e o que pensaram quando estavam fazendo o exercício.
4. Peça que deem um retorno do que escreveram e anote no *flipchart*.

Discussão

Facilite uma discussão sobre as diferenças que os participantes percebem entre a vida das crianças de hoje em comparação com sua própria infância e com a infância de seus pais/responsáveis. O que influenciou as mudanças?

Módulo Um: Folha de exercício 1.6: Perspectivas sobre a infância

Como você acha que cada grupo descreve a infância?

Que palavras cada geração usa para descrever a infância?

Como cada geração vê a infância? O que esperamos em relação a isso ou o que entendemos com isso?

A infância de nossos pais/pessoas mais velhas	Nossa infância	Ser uma criança hoje
Menina		
Menino		

Módulo Um: Resumo dos pontos de aprendizagem

- Entender a infância e as crianças em um contexto cultural é crucial quando se trabalha com abuso infantil.
- Todos nós temos experiências diferentes.
- Nossos próprios valores, nossas crenças e nossas atitudes em relação à criança influenciam nossa capacidade de agir para protegê-las.

A finalização deste módulo deve permitir que o grupo passe para o **Módulo Dois: Entendendo o Abuso Infantil**. Os próximos módulos oferecem aos participantes o conhecimento básico necessário para começar a implementação dos padrões de proteção à criança.

Modulo Dois: Entendendo o Abuso Infantil

Introdução

Este módulo enfoca o abuso infantil — o que entendemos pela expressão abuso infantil? O que isso significa em nosso país? Como as práticas culturais locais, as tradições e a fé influenciam a forma como as crianças são protegidas?

Neste módulo você vai encontrar uma seleção de exercícios que o ajudarão a alcançar os objetivos (veja a seguir). Você pode usar cada exercício individualmente ou em sequência, dependendo do tempo disponível e do nível de conhecimento e sensibilização do grupo.

Meta do Módulo

Pensar sobre o que entendemos por abuso infantil, particularmente no contexto de nosso país.

Objetivos do Módulo

- Analisar atitudes pessoais, valores e crenças sobre o abuso infantil.
- Definir o abuso infantil regionalmente e internacionalmente.
- Examinar a influência das práticas culturais locais, tradições e fé no bem-estar da criança.
- Identificar as formas como as organizações e comunidades protegem as crianças.
- Identificar as práticas culturais, as tradições e os costumes que colocam as crianças em risco.
- Explicar a diferença na forma como uma organização talvez lide com uma criança que está em risco na comunidade, e não na organização.

Preparação

Os exercícios desta seção podem ser feitos em um dia ou divididos em duas seções de capacitação de meio dia cada.

Observe os exercícios atentamente. Decida quais serão adequados às pessoas que você está capacitando. Você precisará ler as **Notas para o facilitador, Módulo 2** e preparar-se para usar os artigos e outros materiais necessários em alguns exercícios. Para aplicá-los de forma adequada é importante que você esteja familiarizado com eles e com os materiais. Familiarize-se com os pontos de aprendizagem de cada exercício e pense em como você pode usá-los para focar a capacitação.

Além disso, assista à **Seção 5 do DVD: O que precisamos levar em conta para fazer com que as crianças se sintam seguras? e O que significa abuso infantil em seu contexto local?** Você encontrará algumas entrevistas com funcionários de ONGs que falam sobre o que entendem por abuso infantil. Esse recurso também pode ser usado tanto para gerar discussão no grupo quanto como introdução para os exercícios que você escolher.



Um modelo de seleção de exercícios para um dia de capacitação deve incluir o seguinte:

Sugestão de programação

Atividade	Tempo
DVD opcional: Seção introdutória sobre o que faz as crianças se sentirem seguras, seguida do <i>Exercício 2.1: Abuso infantil – valores e atitudes</i> .	55 minutos
Intervalo	15 minutos
DVD opcional: Seção 5 seguida do <i>Exercício 2.2: O que é abuso infantil?</i>	3 horas 10 minutos
Lunch	60 minutos
<i>Exercício 2.3: Como os sistemas religiosos mantêm as crianças seguras</i>	30 minutos
Intervalo	15 minutos
<i>Exercício 2.6: Alternativas para a punição corporal, mais a Seção 6 do DVD</i>	60 minutos

EXERCÍCIO 2.1: ABUSO INFANTIL - ATITUDES E VALORES

Nota para o facilitador

Este exercício pode ser feito de duas formas:

- **Opção A** - Usando o recurso do DVD;
- **Opção B** - Usando o questionário e as declarações.

Metas

- Ajudar os participantes a explorar suas perspectivas, seus valores e suas crenças sobre o abuso infantil.
- Estabelecer alguns pontos de concordância sobre abuso infantil.

Objetivo

Estimular o grupo a compartilhar as várias perspectivas do que é abuso infantil e do que não é abuso infantil.

Principais pontos de aprendizagem

- O abuso infantil é um assunto complexo. Ele desafia algumas de nossas crenças básicas sobre o mundo, por exemplo, a de que um pai, ou alguém que trabalha em uma organização de base religiosa nunca irá machucar uma criança. Talvez até pensemos que quem trabalha com assistência tem valores humanitários: “eles querem ajudar as pessoas; é claro que nunca machucariam uma criança ou um adolescente atendido pela organização”. É muito difícil aceitar que qualquer uma dessas pessoas possa abusar de uma criança, porque seria terrível se fizessem isso.

Modulo Dois: Entendendo o Abuso Infantil

- As opiniões sobre o abuso são subjetivas: o que é abusivo para uma pessoa pode não ser abusivo para outra.
- Todos nós usamos nossas experiências pessoais, nossos valores e nossas atitudes quando julgamos um comportamento abusivo.

Duração

45 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- **Para a opção A:** Guia 5 – o DVD  Guia 5
- Um aparelho de DVD.
- **Para a opção B:** cópias da **Folha de exercício 2.1 – Questionário, uma para cada participante** (página 42)

Preparação

Opção A: Verifique se o DVD está funcionando e se está no ponto certo: na **Seção 3.**  Guia 5

Opção B: Você vai precisar de cópias da **Folha de exercício 2.1: Questionário.**

Desenvolvimento

Opção A

1. Mostre a Seção 3 do DVD, os curtos clips de Liana e Benjamin falando podem ser úteis, ou na Seção 4, a experiência de Mai.  Guia 5
2. Divida os participantes em grupos de três ou quatro pessoas. Peça-lhes que compartilhem suas opiniões sobre as afirmações e discutam em que situações acham que ocorreu abuso.
3. Reúna o grupo novamente e destaque as questões levantadas na discussão.

Opção B

1. Distribua uma cópia da Folha de exercício 2.1: Questionário para cada participante. Peça-lhes que completem rapidamente o questionário, individualmente.

Explique que precisam ler as afirmações e decidir por uma das opções:

- Concordo plenamente;
 - Concordo;
 - Discordo;
 - Discordo plenamente.
2. Divida os participantes em grupos de 3 ou 4 pessoas. Peça que compartilhem suas respostas. Por que eles deram essas respostas?

Discussão

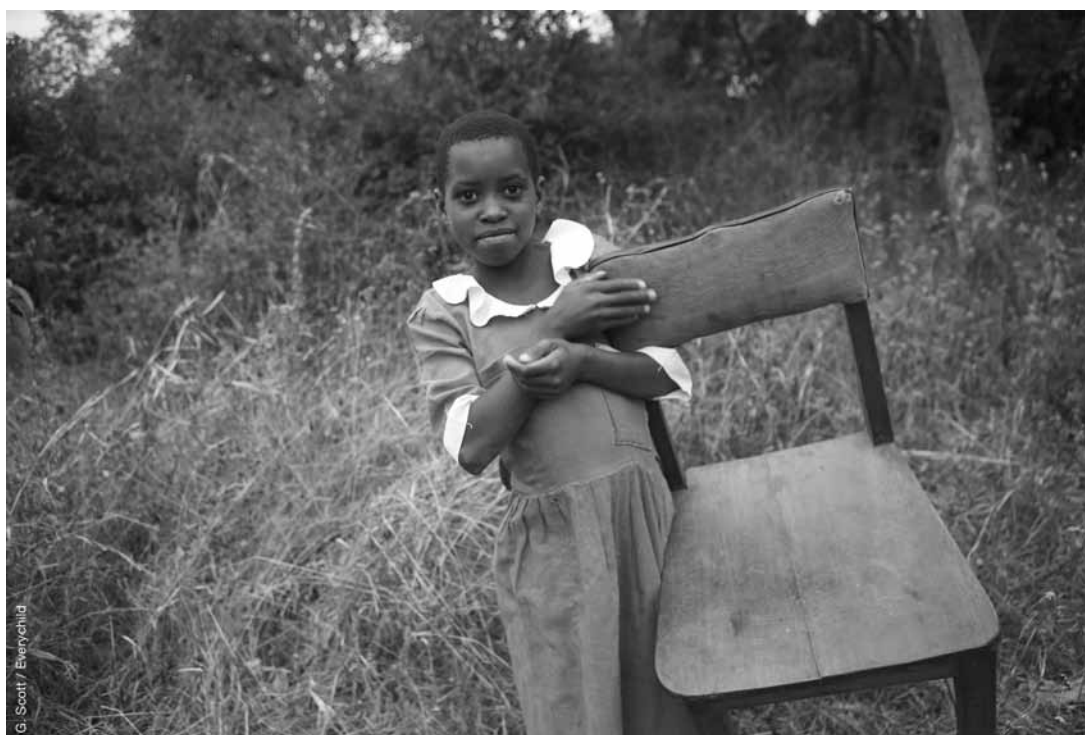
Reúna o grupo novamente. Discuta quais questões causaram mais discussão e por quê.

Nota

Este exercício poderá gerar muita discussão e talvez até haja pessoas que discordem plenamente. Ao facilitar a discussão no final do exercício, peça às pessoas que se foquem em:

- De onde vem sua opinião sobre a afirmação? Por que você pensa dessa forma?
- O que significa para você defender essa opinião?
- Como essa opinião influencia ou afeta sua reação para com uma criança com quem você está preocupado?

Apresente o exercício seguinte dizendo que precisamos tentar concordar sobre o que é abuso.



Modulo Dois: Entendendo o Abuso Infantil

Folha de exercício 2.1 - Questionário

Leia as declarações a seguir. Marque a coluna que melhor descreve seus sentimentos- Concordo plenamente, Concordo, Discordo, Discordo plenamente.

	Concordo plenamente	Concordo	Discordo	Discordo plenamente
1. Bater em uma criança é sempre errado e é uma forma de abuso infantil.				
2. O abuso sexual não é um problema neste país.				
3. Não há problemas em bater numa criança como forma de discipliná-la na escola.				
4. Denunciar o abuso pode piorar a situação da criança, por isso é melhor não fazer nada.				
5. Crianças com deficiência são menos propensas a sofrer abuso do que as outras.				
6. Não existe um sistema legal apropriado para reportar casos de abuso, então não vale a pena denunciar nada.				
7. Eu não confiaria na polícia daqui para nada.				
8. Uma equipe contratada para trabalhar com crianças é incapaz de abusar delas.				
9. Crianças geralmente inventam histórias de que estão sofrendo abuso.				
10. Meninos não podem ser abusados sexualmente.				
11. Um líder religioso nunca abusaria de uma criança.				
12. Os homens abusam de crianças. Mulheres são mais confiáveis.				

EXERCÍCIO 2.2: O QUE É ABUSO INFANTIL?

Meta

Certificar-se de que existe um entendimento comum sobre o significado do termo abuso infantil.

Objetivos

- Fornecer uma breve descrição dos diferentes tipos de abuso.
- Identificar os principais tipos de abuso nas áreas locais dos participantes.

Principais pontos de aprendizagem

- As crianças talvez vivenciem vários tipos de abuso.
- Alguns tipos de abuso infantil resultam de práticas culturais nocivas.
- É importante chegar a um acordo sobre o que são práticas culturais nocivas e o que não são, e entender como as comunidades mantêm essas práticas.
- Às vezes não há sistemas ou estruturas legais apropriadas para se contatar em busca de ajuda quando surge alguma preocupação com o abuso infantil.

Duração

3 horas

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Seção 5 do DVD  **Guia 5**
- **Notas para o facilitador. Definições de abuso** (página 197)
- **Folha de exercício 2.2: práticas locais que talvez sejam nocivas** (página 45) e canetas
- Apresentação de Power Point para o **Módulo Dois**.

Preparação

Antes de começar você precisa preparar todas as cópias necessárias para o exercício.

- Faça cópias das Notas do facilitador: Definições de abuso – uma para cada participante e uma para você.
- Faça cópias da Folha de exercícios 2.2: Práticas locais que podem causar dano – uma para cada grupo pequeno. Se não for possível fazer cópias, peça que cada grupo reproduza o quadro em um cartaz ou folha de *flipchart*.
- Assista à seção 5 do DVD – *o que você precisa considerar para manter as crianças seguras*, em particular a parte que mostra as pessoas que trabalham em ONGs falando sobre o entendimento delas sobre abuso infantil.  **Guia 5**

Modulo Dois: Entendendo o Abuso Infantil

Desenvolvimento

1. Use as **Notas do facilitador: definições de abuso** para falar para o grupo por que é tão importante entender o que significam os termos “abuso infantil” e “proteção infantil”. Saber o que constitui abuso nos ajuda a identificar as preocupações e agir. Apesar de a Organização Mundial da Saúde (OMS) ter definido alguns aspectos do abuso infantil, precisamos entender o que eles significam no contexto de nosso país. A próxima seção ajudará a esclarecer as definições e a certificar-se de que elas refletem tanto os contextos globais quanto os locais.
2. Explique que você começará identificando quais comportamentos relativos às crianças constituem abuso no contexto local. (Mostre a Seção 5 do DVD para introduzir o tópico). 
3. Agora distribua cópias da **Folha de exercício 2.2: Práticas locais que podem causar danos**. Divida os participantes em grupos de três ou quatro pessoas. Peça que completem o quadro juntos.
4. Você também deve ter os tópicos em um cartaz ou no *flipchart*.

Discussão

5. Depois de mais ou menos 20 minutos, peça para cada grupo afixar seu cartaz na parede. Peça a opinião de cada grupo e peça que cada um explique uma coluna e os outros grupos acrescentem algum item que tenha sido esquecido.
6. Discuta com os participantes o que essa informação diz a eles sobre as atitudes em relação às crianças em seu país.
 - Que aspectos ajudam as crianças e quais as colocam em risco de abuso? O que mantém essas práticas?
 - Todos os abusos de crianças acontecem fora das organizações ou alguns acontecem como consequência ou falha da organização em proteger as crianças? Isso é muito importante, já que tentar definir o que queremos dizer com proteção infantil pode se tornar bastante complicado.

Os próximos exercícios analisam como a cultura, a tradição e a fé desempenham um papel fundamental na proteção da criança. Eles também analisam como algumas práticas podem ser abusivas e nocivas às crianças. Selecione aqueles que forem apropriados para o grupo e para o país onde você está trabalhando.

Folha de exercício 2.2: Práticas locais que podem causar danos

Que tipos de abuso/comportamento percebidos localmente podem causar danos às crianças?	Quem causa o dano?	Existe uma prática comum ou tradições que podem causar danos às crianças?	Como isso afeta as crianças?	Existe alguma lei que protege a criança?



Modulo Dois: Entendendo o Abuso Infantil

EXERCÍCIO 2.3: COMO OS SISTEMAS RELIGIOSOS MANTÊM AS CRIANÇAS SEGURAS (Adaptado de um exercício da NSPCC)

Meta e Objetivo

Perceber como alguns aspectos da fé e dos sistemas religiosos contribuem para a proteção das crianças.

Pontos principais de aprendizagem

- A fé e os sistemas religiosos desempenham um papel significativo na proteção das crianças.
- O abuso infantil pode acontecer — e acontece — até em organizações e comunidades de base religiosa.
- É um erro grave acreditar que alguém de muita fé nunca abusaria de uma criança.
- Nunca deixe suas próprias suposições sobre as pessoas religiosas colocarem as crianças em risco.

Duração

60-90 minutos, incluindo um pequeno intervalo.

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Cópias de qualquer texto/leitura religiosa que seja relevante no contexto de seu país;
- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- Quatro mesas (se não for possível, use as paredes!);
- Fita adesiva para colar o papel nas mesas/paredes.

Preparação

1. Pense em como iniciar esta seção. Você talvez queira usar uma parte do DVD para introduzi-la (a seção 6 mostra o Juan falando sobre uma situação em seu grupo religioso). 
2. Prepare quatro mesas (ou o chão, ou quatro paredes) e quatro cartazes ou folhas de *flipchart* para usar na capacitação.
3. Prepare quatro cartazes ou folhas de *flipchart*. Escreva uma questão em cada cartaz:
 - Como as comunidades de base religiosa agem para proteger as crianças?
 - Que suposições são feitas sobre as pessoas que trabalham ou se voluntariam para trabalhar com crianças em contextos religiosos?
 - Que suposições são feitas sobre os líderes de organizações de base religiosa em relação às crianças?
 - Que crenças e práticas religiosas potencialmente colocam as crianças em risco?

Certifique-se de que qualquer recurso que você for usar esteja preparado e funcionando bem. Se não estiver, planeje o que fará.

Desenvolvimento

1. Faça uma breve introdução usando as ideias das notas anteriores e fazendo com que elas sejam relevantes para o contexto de seu país ou do seu grupo.
2. Coloque os cartazes nas mesas — um em cada mesa. (Se não houver mesas, coloque-os no chão ou nas paredes.)

3. Divida os participantes em quatro grupos. Peça que cada grupo permaneça 5 minutos em cada mesa e responda à questão apresentada. Explique aos participantes que eles não podem apagar as mensagens dos outros, mas podem escrever mensagens contrárias se não concordarem com o que foi escrito. Nem todas as pessoas do grupo precisam concordar, mas todos devem ter a chance de expressar suas opiniões.
4. Depois que todos passarem pelas quatro mesas, reúna o grupo novamente. Coloque os cartazes nas paredes.
5. Observe os comentários de cada folha e proponha uma discussão sobre o que está escrito. Que mensagens os cartazes transmitem sobre os aspectos positivos e os aspectos negativos da religião e como eles causam impacto na proteção das crianças?

EXERCÍCIO 2.4: PRÁTICAS CULTURAIS, TRADIÇÕES, FÉ E ABUSO INFANTIL

Meta

Explorar como e quando as práticas culturais podem se tornar nocivas às crianças.

Objetivo

Pensar sobre as diferenças entre as práticas locais, as tradições e a fé, e sobre como causam impacto — positivo ou negativo — no bem-estar da criança.

Pontos principais de aprendizagem para os exercícios 2.4, 2.5 e 2.6

- A maioria das práticas culturais, tradições e a fé oferecem proteção às crianças e ajudam a mantê-las seguras.
- A fé não pode ser desvinculada das crenças culturais e da tradição. A fé influencia muitos aspectos da vida comunitária.
- Existem práticas culturais que são abusivas e nocivas às crianças. Elas permanecem porque as crenças e os preconceitos individuais continuam a mantê-las e impedem o desenvolvimento de políticas e procedimentos.
- **Proteção infantil:** De modo geral, proteção infantil refere-se às ações que os indivíduos, as organizações, os países e as comunidades realizam para proteger as crianças de danos intencionais e não intencionais. Por exemplo: violência doméstica, exploração do trabalho infantil, exploração e abuso sexual e comercial, HIV, violência física, dentre outros.
- O termo **Proteção infantil** também pode ser usado para descrever o trabalho que as organizações fazem em comunidades e ambientes específicos, que protege as crianças contra o risco de danos. No contexto de *Um lugar Seguro Para as Crianças* isso se relaciona com a responsabilidade que qualquer organização tem de proteger as crianças com as quais tem contato, esteja o dano acontecendo dentro, ou fora, da organização.

Duração

40 minutos

Modulo Dois: Entendendo o Abuso Infantil

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- **Folha de exercício 2.4: Estudos de caso** (página 49);
- Folhas de *flipchart* e canetas piloto.

Preparação

Prepare cópias da folha de exercício e dos estudos de caso que você vai usar neste exercício. Leia os principais pontos de aprendizagem antes de começar, para que você possa focalizar a capacitação.

Folha de exercício 2.4: Estudos de caso. Disponível aqui e também no DVD. Você pode usar o DVD para adaptar os casos fornecidos e fazer com que sejam mais relevantes para sua área, ou adicionar ou criar outros que abordem questões específicas da área ou do país onde você está trabalhando.



Desenvolvimento

Apresentação: 15 minutos

1. Use o texto a seguir como guia para ajudá-lo a introduzir o exercício:
Ao redor do mundo, existem muitas práticas e costumes diferentes na criação/educação de crianças e no cuidado para com elas. Muitos deles estão baseados na fé e na tradição e contribuem positivamente para o bem-estar das crianças, e para o entendimento que elas têm de sua própria história. Eles podem ajudá-las a terem um sentimento de pertencimento às comunidades de onde vêm. No entanto, algumas tradições e costumes podem ser nocivos ou abusivos para as crianças e infringir seus direitos. Manter o equilíbrio entre o respeito aos costumes locais e os direitos de uma criança à proteção pode ser uma questão delicada.

É importante que as agências não julguem as práticas tradicionais sem entendê-las ou sem entender sua história. O próximo exercício vai ajudá-lo com essa questão.
2. Se você não tiver feito o Exercício 2.3, peça ao grupo para pensar nos pontos fortes e aspectos positivos das práticas educativas tradicionais ou religiosas, ou rituais que beneficiam as crianças. *É essencial que você peça às pessoas para enfocarem as práticas positivas antes de enfocarem as negativas.* (Cite novamente a atividade feita no Exercício 1.5: Percepções sobre crianças e infância no Módulo 1, se o grupo tiver feito essa atividade.)
3. Escreva-os em um cartaz ou folha de *flipchart*.
4. Explique que vocês observarão alguns estudos de caso sobre como as crianças são tratadas e qual é a razão para isso.

Estudo de casos: 30 minutos

1. Divida os participantes em grupos de 3 ou 4 e dê a cada grupo uma cópia da **Folha de exercícios 2.4 – Estudos de caso**.
2. Peça aos participantes que pensem sobre cada caso e que decidam se a(s) criança(s) está(ão) sendo vítima(s) de abuso. Em caso positivo, por quê? Em caso negativo, por quê? O grupo concorda? Que tipo de diferenças surgiu em relação aos valores e às atitudes?
3. Reúna o grupo novamente e peça aos participantes que comentem suas respostas.

Explique que, no próximo exercício, vocês observarão algumas crenças que embasam essas práticas nocivas. Isso os ajudará a perceber o que é abusivo e o que não é.

Folha de exercícios 2.4: Estudos de caso

1.	Durante uma visita a um programa de cuidado infantil de uma agência parceira, é constatado que as crianças estão com as mãos inchadas e com marcas no corpo. Parecia que elas tinham apanhado. A diretora do programa diz que a Bíblia fala para “disciplinar a criança com vara”.
2.	Crianças com dificuldades de aprendizagem são cuidadas pelas pessoas da comunidade; elas não têm acesso a nenhum tipo de educação ou modo independente de vida.
3.	Ao nascerem, as crianças com deficiência são levadas por seus pais para instituições do governo onde podem ser cuidadas. Não é esperado que as famílias carreguem o “fardo” de cuidar dessas crianças.
4.	Quando os meninos chegam à puberdade, eles são circuncidados.
5.	Ainda é comum que as meninas sejam circuncidadas (mutilação genital feminina) mesmo que as leis do país proíbam isso.
6.	Se uma menina for violentada, a solução tradicional para isso é que ela se case com o homem que a violentou.
7.	É aceitável que uma menina de 14 anos se case, se seu parceiro estiver trabalhando e puder sustentá-la.
8.	É aceitável nessa região que as crianças trabalhem como empregadas domésticas em vez de ir para a escola. Os membros de suas famílias dependem delas para se alimentarem.
9.	Para lidar com a extrema pobreza nas áreas rurais, meninas de apenas 12 anos são mandadas para a cidade para conseguir dinheiro por meio da prostituição.
10.	As crianças locais são levadas ao padre da vila para que ele lhes remova os espíritos maus. Os pais acreditam que isso vai acabar com o mau comportamento. As mulheres deixam seu bebê morrer se acharem que ele está possuído por um espírito maligno.

EXERCÍCIO 2.5: MANTENDO AS CRIANÇAS SEGURAS EM SUAS COMUNIDADES – PRÁTICAS CULTURAIS, CRENÇAS E FÉ

(Adaptado dos exercícios da *Save the Children*, Reino Unido)

Meta

Explorar maneiras práticas de lidar com qualquer conflito que possa existir entre as práticas culturais, as crenças, a fé e a proteção da criança.

Objetivos

- Reconhecer a variedade de métodos educativos culturais benéficos.
- Identificar as práticas nocivas inaceitáveis que continuam sob o pretexto de cultura ou fé.

Modulo Dois: Entendendo o Abuso Infantil

Principais pontos de aprendizagem

Veja os pontos de aprendizagem do Exercício 2.4.

Duração

Parte Um: 40 minutos

Parte Dois: 50 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- **Folha de exercícios 2.5a: Prática, crença e o impacto na criança** (página 53);
- **Folha de exercícios 2.5b: Prática, crença e o impacto na criança – quadro** (página 53);
- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- DVD e aparelho de DVD.



Preparação

Este exercício está dividido em duas partes:

- Na **Parte Um: Práticas culturais, crenças básicas e seu impacto na criança**, você vai observar não apenas as práticas culturais e as crenças que embasam essas práticas, mas também o impacto que elas têm nas crianças.
- Na **Parte Dois: Trabalhando com a comunidade**, você vai observar formas de trabalhar com a comunidade para amenizar ou interromper as práticas nocivas, identificar aspectos da fé que talvez sejam danosos para as crianças e como evitar conflitos.

Observe atentamente as Folhas de exercícios 2.5a e 2.5b. Pense em como você quer utilizá-los - isso vai depender do número de participantes e do nível de conhecimento do grupo.

Faça assim:

Faça um quadro em branco em uma folha de *flipchart*. Peça ao grupo todo que descreva uma prática como as mencionadas na folha de exercício e as crenças básicas que embasam essa prática.

Ou:

Faça um quadro várias vezes e dê um ou dois exemplos para os grupos menores, pedindo que discutam e escrevam as crenças que embasam as práticas descritas.

Opção de DVD

Se você tem acesso ao DVD, você pode alcançar as mesmas metas e objetivos por meio da **Seção 5: conversando com funcionários de ONGs** ou a **Seção 6: Sara falando**. Assista antes de conduzir a seção, para se familiarizar com eles.



Desenvolvimento

Parte Um: Práticas culturais, crenças básicas e seu impacto nas crianças: 40 minutos

1. Introduza o exercício pedindo aos participantes que repensem as declarações da **Folha de exercício 2.5a**.
2. Apresente ou distribua cópias da **Folha de exercício 2.5a: Prática, crença e o impacto na criança**. Observem juntos os exemplos de práticas culturais, as crenças básicas que as mantêm e as formas como continuam acontecendo. Comente os exemplos com o grupo.
3. Depois escolha uma das opções:
 - a) Distribua cópias do quadro da **Folha de exercícios 2.5b**;
 - b) Distribua exemplos selecionados do quadro para cada grupo pequeno.

Peça aos participantes que observem os exemplos e, em cada um deles, decidam quais são as crenças básicas e qual impacto elas podem ter sobre uma criança. Peça que cada grupo dê um retorno dos pontos principais antes de passar para a Parte Dois.

Opção do DVD

Se você estiver usando o DVD, apresente a **Seção 6, que mostra Sara falando** sobre o modo como as crianças com deficiência são tratadas, ou a **Seção 5**, na qual **Hilary**, funcionária de uma ONG, fala sobre a prática da MGF (mutilação genital feminina). Peça aos participantes que pensem sobre:



- A crença básica que embasa a prática;
- O possível impacto que ela tem nas crianças.

Parte Dois: trabalhando com a comunidade: 50 minutos

4. Em pequenos grupos, peça aos participantes que pensem sobre uma ou duas práticas locais ou costumes baseados em crenças culturais ou fé, que afetam as crianças, mas que as pessoas da região não gostariam que você criticasse ou questionasse. Peça aos participantes que pensem sobre as questões a seguir:
 - Qual seria o maior temor da comunidade se essa prática/costume fosse banida?
 - O que podemos fazer para lidar com esses temores?
 - Como podemos trabalhar com a comunidade?
 - Como podemos dar voz às crianças para que digam não?
5. Reúna o grupo todo. Peça a cada grupo que comente o que discutiram. E, para cada grupo:
 - Escreva em uma folha de *flipchart* a prática/costume que eles escolheram.
 - Abaixo, faça duas colunas e escreva: na primeira - Causa da tensão (algo que causa conflito ou desacordo); na segunda - Trabalho com a comunidade.
6. Pergunte ao grupo todo:
 - Essa prática/costume é abusiva? Negligente? Explora as crianças?
 - Por que isso causaria tensão ao ser discutido com a comunidade?
 - Como você poderia trabalhar com a comunidade local para diminuir a tensão e mudar a prática?

Faça notas no *flipchart*. Os exemplos abaixo podem ajudá-lo a facilitar a discussão.

Modulo Dois: Entendendo o Abuso Infantil

Exemplo 1

Mutilação genital feminina (MGF) também conhecido como Corte da genitália feminina (CGF)

Causa da tensão

1. É uma prática tradicional que alguns na comunidade querem manter.
2. Assegura que as mulheres participem integralmente da vida da comunidade.
3. Faz com que as mulheres mais jovens sejam mais aceitáveis para se casar.

Trabalhando com a comunidade

- Trabalhe com a comunidade para gerar sensibilização dos riscos e violações dos direitos das crianças.
- Ajude as meninas que ainda são crianças a entenderem seu direito de dizer não à circuncisão e dê voz a elas / estimule-as para que digam não.
- Deixe claro que a circuncisão feminina implica sérios riscos para a saúde.

A Seção 5 do DVD mostra Hilary, a funcionária de uma ONG, falando sobre a MGF. Para estender a discussão mostre essa parte do DVD.

Exemplo 2

Prática: Punição corporal

Causa da tensão

1. Forma de poder e controle que as pessoas que a praticam querem manter.
2. Uma prática profundamente arraigada na cultura econômica, política e social da sociedade.
3. É aceita como normal nessa sociedade.
4. Acredita-se que seja praticada como forma de cuidar da criança para que ela se comporte adequadamente.
5. Ensinos religiosos, por exemplo: “disciplinar a criança com vara”.

Trabalhando com a comunidade

- Trabalhe com a comunidade para quebrar alguns dos mitos de repercussão negativa. Ex: as crianças só o respeitarão se você demonstrar poder físico sobre elas e se entender o ensinamento religioso em seu contexto mais amplo.
- Ajude as crianças a entenderem seu direito de não serem molestadas fisicamente.
- Deixe claro que disciplinar não significa bater e que existem outros métodos mais efetivos de disciplina.
- Dê voz às crianças para que elas digam não.
- Trabalhe com a comunidade desenvolvendo métodos alternativos de disciplina.

Estaremos vendo este item com maiores detalhes no próximo exercício.

Exercício 2.5a: Prática, crença e o impacto na criança

Observe o quadro a seguir que mostra algumas práticas que afetam as crianças e as crenças básicas que as autorizam.

Prática	Base da crença
Casamento prematuro	Maturidade determinada pelo desempenho de performances físicas.
Crianças como ganha-pão	Crianças consideradas como bens financeiros.
Punição corporal	Disciplinar a criança com vara.
Cerimônias de iniciação masculina	O rito de passagem de menino para homem.

Agora observe o quadro a seguir. Junto com outras pessoas do seu grupo, procure completá-lo preenchendo as lacunas.

Folha de exercício 2.5b: Prática, crença e impacto na criança - quadro

Prática	Base da crença que mantém a prática	Impacto na criança
Punição corporal.		
Crianças com deficiência abandonadas/rejeitadas no nascimento.		
Meninos adolescentes circuncidados.		
Meninas circuncidadas (MGF).		
Meninas vítimas de estupro obrigadas a se casarem com seu abusador.		
O casamento de meninas é aceito porque os parceiros podem sustentá-las.		
Crianças que trabalham em vez de ir à escola.		
Crianças vivendo nas ruas.		

Modulo Dois: Entendendo o Abuso Infantil

EXERCÍCIO 2.6: ALTERNATIVAS PARA A PUNIÇÃO CORPORAL

Meta

Possibilitar que os participantes identifiquem alternativas à punição física.

Objetivos

- Pensar sobre os argumentos favoráveis e os argumentos contrários à punição física.
- Buscar alternativas para a punição corporal.

Principais pontos de aprendizagem

- O uso da punição corporal é sempre controverso e desafia nossas próprias experiências, atitudes e valores.
- É difícil dizer exatamente em que ponto a punição corporal se torna abuso físico porque existem muitos fatores envolvidos (a idade e a situação da criança, a força do adulto, etc.). A melhor forma de não ultrapassar esse limite é não usar a punição corporal em momento algum.
- O uso da punição corporal não proporciona às crianças os mesmos direitos que os adultos têm. Todos os países têm leis que protegem os adultos do uso da força física. As crianças merecem os mesmos direitos.
- A punição corporal não é efetiva como solução em longo prazo para um comportamento desafiador ou difícil.
- A punição corporal está associada ao aumento do comportamento agressivo das crianças à medida que elas crescem e se tornam adultas.
- Existem formas de disciplinar as crianças que não incluem a punição corporal.
- Ao trabalhar em comunidades e instituições onde a punição corporal é amplamente usada, envolva todos, inclusive as crianças, nas discussões. Não é bom apenas condenar essa prática sem oferecer alternativas.
- Comece com pequenas mudanças em vez de tentar banir a punição física imediatamente.

Duração

Parte Um: 60 minutos

Parte Dois: 20 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- Fita adesiva;
- *Power Point* do Módulo 1-4. Veja o Módulo 2 sobre punição corporal;
- **Seção 4 do DVD** - Mai falando sobre como a punição corporal é usada em escolas;
- **Seção 6 do DVD** - Sara falando sobre as questões que surgem na equipe;
- Aparelho de DVD.

Preparação

Este exercício tem duas partes:

- A parte um é um debate sobre punição corporal, que deve levar cerca de 40 minutos.
- A parte dois busca alternativas para a punição corporal.

Leia as notas dos exercícios e os principais pontos de aprendizagem para focalizar sua capacitação. Pense sobre seus próprios sentimentos e suas experiências em relação à punição corporal. Você precisa se familiarizar com as opiniões sobre punição corporal e com as crenças que apoiam essas práticas no país onde você está trabalhando. Por exemplo, muitas pessoas citam a Bíblia para legitimar o uso da punição física.

No entanto, a declaração mais usada — “Discipline a criança com vara” — é geralmente citada fora do contexto. Trata-se de uma declaração do Antigo Testamento, cujo ensino às vezes não é familiar para os cristãos do Novo Testamento. Pessoas que usam essas declarações geralmente falham ao citar muitas outras declarações da Bíblia, que claramente não sancionam o uso da punição física. Seria útil familiarizar-se com essas declarações que não apoiam o uso da punição física.

Você encontrará material útil na Internet. Eis alguns sites úteis:

www.childadvocate.org

www.endcorporalpunishment.org

www.neverhitachild.org



Modulo Dois: Entendendo o Abuso Infantil

Desenvolvimento

Se estiver usando o DVD, mostre a Seção 6, Sara falando sobre o tratamento das crianças com quem trabalha, ou Harjinder, na Seção 3. Isso o ajudará a introduzir o assunto e as questões que surgirem.



Se estiver trabalhando em um grupo onde a ideia de um debate não é culturalmente aceitável ou não é um conceito familiar, use o DVD para promover discussões em pequenos grupos.

Parte Um: Debate - 60 minutos

1. Use as declarações a seguir para introduzir este exercício (Elas não são citação; foram desenvolvidas para este exercício):

A punição corporal de crianças acontece em todas as partes do mundo. É uma prática muito comum, seja nos países desenvolvidos, seja nos países em desenvolvimento. Debates sobre o que constitui punição corporal, o que é uma punição ou um castigo aceitável e sobre as situações em que ele deveria ser permitido vêm acontecendo em vários países há vários anos.

A importância de se respeitarem os direitos das crianças está sendo cada vez mais reconhecida, e a legislação referente às crianças em vários países reflete isso. Neste exercício, a punição física será definida como o “uso de força física com a intenção de fazer uma criança experimentar dor, mas sem machucar, com o propósito de correção ou controle do comportamento da criança”.

Teremos um debate que nos permitirá ouvir os argumentos favoráveis e os contrários à punição corporal.

2. Escreva esta frase no flipchart ou no quadro branco:

A punição corporal é a melhor forma de ensinar a criança a distinguir o certo do errado.

3. Convide três participantes para formar um grupo de jurados.
Divida o resto do grupo em dois:
 - O Grupo 1 vai identificar os argumentos favoráveis à declaração.
 - O Grupo 2 vai identificar os argumentos contrários à declaração.Cada grupo precisa escolher um representante. Dê aos participantes 15 minutos para prepararem a apresentação. Explique que terão 10 minutos para apresentarem seu caso; depois farão perguntas para o outro grupo.
4. Comece o debate com o **Grupo 1**. Os participantes terão 10 minutos para defender sua posição. Diga ao Grupo 2 para fazer anotações durante a apresentação.
5. Peça ao **Grupo 2** para fazer sua apresentação. O Grupo 1 deve fazer anotações.
6. Depois que cada grupo tiver terminado sua apresentação, separe 5 minutos para que cada grupo comente os tópicos levantados pelo outro grupo.
O grupo de jurados deve anotar os argumentos apresentados durante o debate. Peça que ele tome nota dos pontos que são embasados por fatos e evidências — e não por emoções — em cada grupo. Ao final das apresentações peça aos jurados que anunciem o vencedor. Se o grupo pró-punição corporal vencer, você terá de dispensar algum tempo pensando sobre o impacto que essa punição terá sobre a criança. Peça ao grupo que pense nas consequências em longo prazo. As pesquisas têm mostrado que as crianças que são punidas fisicamente por muito tempo podem ser:
 - Emocionalmente machucadas;

- Mais propensas a serem violentas para com mulheres e crianças no futuro.
- Os *sites* citados no final deste exercício oferecem vários recursos e pesquisas que embasam o debate sobre a necessidade de banir a punição física contra crianças.

Parte Dois: Alternativas à punição corporal - 20 minutos

7. Pergunte aos participantes:
 - Quais são as alternativas à punição corporal?Explique que você abordará essa questão em três níveis:
 - Individual;
 - Institucional;
 - Comunitário.
8. Divida os participantes em três grupos. Dê a cada grupo uma das categorias listadas acima.

Peça a cada grupo que sugira alternativas à punição física de acordo com sua categoria e que dê sugestões para tentar mudar a prática. Que argumentos os participantes usariam? Com quem eles precisariam falar? Quem eles precisariam convencer?

Por exemplo, o grupo que for analisar a categoria comunitária pode sugerir um programa de educação comunitária. Separe 15 minutos e depois reúna todos novamente.

9. Faça um resumo do que vocês discutiram e aprenderam, usando os slides da apresentação em *Power Point*.

Modulo Dois: Entendendo o Abuso Infantil

EXERCÍCIO 2.7: BARREIRAS À MUDANÇA

Metas

- Permitir que os participantes façam uma previsão das barreiras que podem encontrar para mudar a comunidade onde trabalham, e se preparem para isso.
- Trabalhar com a comunidade para manter as crianças seguras.

Objetivo

Pensar sobre quem e o que pode manifestar resistência à tentativa de mudar as práticas abusivas e por quê.

Principais pontos de aprendizagem

Veja os principais pontos de aprendizagem listados no Exercício 2.3.

Duração

25 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- Pedacos de papel ou cartões;
- Canetas;
- Fita adesiva.

Preparação

Leia as notas do exercício antes de conduzir a capacitação.

Desenvolvimento

1. Lembre os participantes das atividades feitas nos **exercícios 2.2, 2.3 e 2.4** deste módulo sobre as práticas culturais, as crenças básicas, a fé e o impacto que algumas práticas têm sobre as crianças. Peça que pensem nas razões pelas quais talvez seja difícil mudar essas práticas. (Procure observar fatores como sensibilidade à cultura local, irritação/ofensa de algumas pessoas, importância das práticas/crenças religiosas etc.).
2. Facilite uma discussão sobre possíveis barreiras à mudança. Pergunte aos participantes:
 - Quais são as barreiras que se opõem às mudanças?
 - Quem tem o poder de manter tais práticas?
 - Quem tem a responsabilidade de gerar mudança, certificando-se de que as vozes das vítimas sejam ouvidas?
 - Por que é importante trabalhar com a comunidade?
3. Em seguida, dê a cada membro um papel ou cartão e peça que escreva as **barreiras/empecilhos à proteção da criança**. Convide cada participante a pegar seu cartão e colar

na parede, como se fosse um tijolo. Se necessário, peça ao grupo que trabalhe em pares ou grupos do mesmo gênero, para que todos possam participar e expressar sua opinião.

Isso será uma boa ilustração de quantos obstáculos é preciso ultrapassar para proteger as crianças contra o perigo. A lista a seguir apresenta exemplos de alguns obstáculos. Inclua alguns cartões com esses obstáculos se os participantes não o fizerem.

Barreiras à proteção da criança

Práticas culturais nocivas são consideradas normais;
 Discriminação e preconceito;
 Crianças vivendo em comunidades isoladas, com pouco apoio de agências de fora;
 Pobreza;
 Nenhuma alternativa aos costumes/práticas;
 Ignorância;
 Falta de informação;
 Hospitais/postos de saúde precariamente equipados;
 Falta de infraestrutura/sistemas de proteção à criança;
 Falta de compromisso para implementar a lei;
 Falta de políticas/procedimentos e sistemas para apoiar a legislação de proteção à criança;
 Perseguição civil e conflitos;
 Falta de lugares onde as vozes das crianças possam ser ouvidas.

Depois que este módulo for concluído, você estará pronto para seguir para a próxima seção. Ela examinará mais profundamente como reconhecer o abuso infantil e como responder a ele.



Módulo Três: Reconhecendo e Respondendo às Suspeitas sobre o Abuso Infantil

Introdução

Este módulo está focado no reconhecimento dos sinais de que uma criança está sendo vítima de abuso e em saber como responder ao que elas lhe contam.

Este módulo é uma continuação das atividades anteriores sobre valores, atitudes, práticas culturais, tradição e fé.

Meta do módulo

Ajudar os participantes a desenvolverem habilidades e confiança ao reconhecer situações que talvez coloquem as crianças em risco, e a responder apropriadamente.

Objetivos do módulo

- Desenvolver uma sensibilização sobre a legislação local e os procedimentos para a proteção da criança.
- Pensar sobre como as diferentes experiências, valores e atitudes podem influenciar a forma como reconhecemos e respondemos às suspeitas relacionadas ao abuso infantil.
- Identificar os sinais, indicadores e pistas que as crianças nos dão de que estão sendo machucadas ou molestadas por alguém.
- Reconhecer o que nos faz parar de responder a esses sinais.
- Reconhecer as muitas coisas que fazem com que as crianças parem de nos contar quando estão sendo vítimas de abuso.
- Identificar as necessidades que as organizações têm de ter procedimentos escritos para serem seguidos quando surgirem suspeitas relacionadas ao abuso infantil.

Preparação

Antes de começar a capacitação, leia os exercícios atentamente e decida quais você irá usar, quais serão mais adequados para os participantes. Faça cópias dos materiais que você vai usar na capacitação. Outros materiais de apoio estão incluídos no *Guia 2: Um Lugar Seguro para as Crianças – Como Implementar os Padrões*. Consulte a Fase Um e os Padrões 1 e 2.



O DVD também possui um material que você pode utilizar como exercício de apoio ou como alternativa para promover discussão. **A seção 6: Como reconhecer e responder às suspeitas sobre a proteção da criança** é a mais relevante.



Um modelo de seleção de exercícios para uma capacitação de um dia inteiro ou de meio dia poderá incluir:

Sugestão de programação

DVD opcional: Seção 6 – Como reconhecer e responder às suspeitas sobre a proteção da criança?	15 minutos
Exercício 3.1: A proteção infantil e a lei.	30 minutos
Exercício 3.2: Essa é uma preocupação com a proteção da criança?	50 minutos
Intervalo	15 minutos
Exercício 3.4: Indicadores de abuso ou a seção 6 do DVD.	40 minutos
Exercício 3.5: Barreiras à denúncia, para crianças e adultos.	30 minutos
Almoço	60 minutos
Exercício 3.6: Identificando preocupações internas e externas.	45 minutos
Exercício 3.3: Respondendo a uma preocupação com a proteção infantil em um contexto de fé.	60 minutos

EXERCÍCIO 3.1: A PROTEÇÃO INFANTIL E A LEI

Meta

Gerar sensibilização sobre a legislação local e os procedimentos para a proteção da criança.

Objetivos

- Compartilhar informações sobre quais leis e costumes locais influenciam na proteção da criança.
- Identificar como essas leis e costumes podem tanto ajudar a proteger as crianças quanto, potencialmente, colocá-las em risco.

Principais pontos de aprendizagem

- Cada país tem leis e sistemas diferentes que podem, ou não, ajudar a proteger as crianças.
- Alguns países estão começando a desenvolver novos sistemas de proteção.
- Em alguns países as crianças e outras testemunhas talvez enfrentem mais perigo se alguma suspeita de abuso infantil for reportada às autoridades nacionais.
- É importante começar de algum lugar e entender as leis locais e costumes é muito importante.

Duração

30 minutos

Módulo Três: Reconhecendo e Respondendo às Suspeitas sobre o Abuso Infantil

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Informações sobre as leis de proteção à criança e sobre os procedimentos do país onde você está trabalhando;
- Uma cópia das **Notas para o facilitador: Os artigos da ONU sobre os Direitos da Criança** (página 203);
- Uma cópia das **Notas para o facilitador: O Modelo Legal para a Proteção da Criança** (página 206);
- *Power Point* do Módulo 3 sobre a lei e a legislação e a Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU;
- DVD (opcional).



Preparação

Talvez você precise consultar um especialista para poder facilitar este exercício. Obtenha informação sobre a legislação de proteção à criança e sobre os procedimentos. Tente encontrar um resumo da lei e das resoluções para que elas possam ser facilmente compreendidas pelos participantes.

Prepare uma breve apresentação sobre a informação que obtiver. Em muitos países, a legislação de proteção à criança talvez não esteja totalmente elaborada. Em alguns países existe legislação de proteção à criança, mas talvez não existam sistemas efetivos para implementá-la, então não é efetivamente utilizada.

Descubra onde estão disponíveis as informações sobre as questões legais. Existe um site, algum material impresso ou uma central de informações?

Talvez seja interessante utilizar a **Seção 4 do DVD** para começar uma discussão sobre o que é legal, o que não é legal e sobre como certos países lidam com essas situações.



Desenvolvimento

1. Peça ao grupo que cite algumas ofensas criminais/ilegais contra crianças. Por exemplo, em seu país, qual é a lei com relação a estupro, incesto, abuso físico ou sexual, negligência, sexo com menores de idade, idade de consentimento e a idade legal de uma criança? Se você identificou alguns desses tópicos no Exercício 2.2, refira-se ao que foi escrito no *flipchart* anteriormente.
2. Se estiver usando o DVD, mostre a **Seção 4**, que apresenta alguns funcionários falando. Use-a para começar uma discussão sobre o que é legal, o que não é legal e sobre como certos países lidam com essas situações.
3. Se for possível, apresente informações sobre a legislação, a política e os procedimentos sobre a proteção da criança no país onde está trabalhando.



EXERCÍCIO 3.2: ESTA É UMA PREOCUPAÇÃO COM A PROTEÇÃO DA CRIANÇA?

Nota para o facilitador

Este exercício relaciona-se com o Exercício 3.4: Identificando suspeitas internas e externas. Se você está planejando utilizar este exercício, você precisará guardar uma cópia das folhas que os participantes completaram durante este exercício para usar mais tarde. Este exercício:

- Promove discussão.
- Aponta para a necessidade de orientação e procedimento.
- Estabelece diferenças.
- Afirma que não existem respostas certas ou erradas.
- Identifica as questões que precisam de ação imediata.
- Identifica os processos que devem ser priorizados.

Meta

Demonstrar como as decisões que tomamos e os julgamentos que fazemos sobre uma situação podem influenciar a forma como uma criança é protegida.

Objetivos

- Mostrar como é difícil definir o abuso infantil.
- Mostrar como é importante ter procedimentos escritos sobre como responder quando são levantadas suspeitas de abuso infantil.

Principais pontos de aprendizagem

- Avaliar as preocupações com a proteção infantil é uma área complexa, que possui muitas tensões e incertezas.
- Sempre haverá diferenças de opinião quanto à gravidade de um abuso independentemente da seriedade da situação. Isso acontece porque cada um tem experiências, conhecimentos e habilidades diferentes. A melhor estratégia é estar disposto a discutir todos esses tópicos que permitem a reflexão sobre as possibilidades para as vítimas, para as testemunhas, para os autores de queixas e para a equipe.
- Nossas próprias opiniões e pontos de vista influenciam nosso julgamento sobre o que constitui abuso.
- Existem muitas barreiras para a denúncia de um abuso.
- Sem políticas de proteção à criança e procedimentos de denúncia claros, talvez respondamos a situações semelhantes de formas diferentes, provavelmente colocando as crianças em risco.
- As políticas de proteção à criança lidam apenas com alguns aspectos do abuso infantil.

Duração

50 minutos

Módulo Três: Reconhecendo e Respondendo às Suspeitas sobre o Abuso Infantil

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- **Folha de exercício 3.1: Estudos de caso** (página 66);
- Apresentação *Power Point* para o Módulo Três;
- Guia 2, sobre Como Implementar os Padrões;
- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- **Notas para o facilitador: Definições de abuso** (página 197);
- DVD (opcional).



Preparação

Assista à **Seção 6 do DVD**. Você talvez queira usá-la como introdução ou como alternativa para este exercício.

Faça cópias da **Folha de exercício 3.2: Estudos de caso**, para cada grupo pequeno.

Prepare-se para registrar o retorno no final do exercício. Para isso, desenhe no *flipchart* o quadro a seguir deixando espaço suficiente para as anotações.

Grupo	1	2	3	4	5	6	7	8
A								
B								
C								
D								

Talvez você queira usar as **Notas para o facilitador: Definições de abuso** no final do exercício, para que os participantes relembrem as definições de abuso. Se fizer isso, faça cópias para os participantes para ajudá-los no exercício ou mostre a apresentação de *Power Point* com as definições, caso ainda não tenha mostrado nos Módulos 1 e 2.

Desenvolvimento

1. Divida os participantes em quatro grupos pequenos. Nomeie os grupos como A, B, C e D. Peça que cada grupo escolha uma pessoa para ler as situações.
2. Dê a cada grupo uma cópia da **Folha de exercício 3.2: Estudos de caso** e peça aos participantes que analisem as situações e as questões relacionadas.
Estimule as pessoas a dizerem o que pensam em seu grupo, sem se preocuparem se estão certas ou não. Diga que estamos identificando o que nos causa preocupação. Não temos de ter certeza do que, ou não, abuso.
3. Depois de um tempo de discussão, peça que cada grupo classifique as situações, da menos preocupante (1) até a mais preocupante (8). Não se preocupe se houver alguma resistência a isso. Algumas pessoas dirão que não é possível. Apenas diga a eles que tentem.

Separe 30 minutos para esta parte do exercício.

Discussão

4. Reúna todos novamente. Peça a cada grupo que apresente a classificação das situações e que explique por que classificou dessa forma. Preencha o quadro antecipadamente preparado com a classificação de cada grupo.
5. Mencione novamente os principais pontos de aprendizagem. Enfatize que sempre haverá diferenças de opinião, mas que também é importante discutir essas diferenças abertamente para que possamos tomar as melhores decisões juntos e, assim, manter as crianças seguras. Diretrizes escritas sobre o que fazer quando surgir alguma suspeita de abuso ajudarão no processo de tomada de decisões.
6. Você talvez ache útil lembrar os participantes sobre as várias definições de abuso. Use as **Notas do facilitador: Definições de abuso** para lembrá-los, se você desejar. Outra alternativa é usar o *Power Point* para apresentar as definições, se você ainda não tiver feito isso nos Módulos 1 e 2.
7. Faça um resumo da seção sugerindo que sempre é importante considerar o contexto em que está ocorrendo qualquer comportamento abusivo. Novamente você pode utilizar a apresentação de *Power Point* para ajudá-lo a fazer um resumo.

Exercício Alternativo

Um exercício similar pode ser feito usando a **Seção 6 do DVD**  **Guia 6**

Mostre o vídeo com cada um dos personagens: Lois, Sarah e Juan. Se o grupo for grande, divida-o em três e peça a cada grupo que observe um personagem. Peça ao grupo para pensar se é abuso infantil, ou não, o que os personagens descrevem. Em grupos pequenos ou no grupo grande, peça aos participantes que considerem o que cada personagem poderia fazer em seguida.

Faça uma retomada com cada grupo sobre os pontos principais e pergunte se as pessoas, na organização deles, saberiam o que fazer caso uma situação semelhante acontecesse.

Folha de exercício 3.2: Estudos de caso

Esta é uma situação preocupante?

Leia e pense sobre cada uma das situações a seguir. Nos grupos pequenos, utilize as perguntas para ajudá-lo a decidir como classificar a gravidade de cada situação, onde:

- 1** = menos preocupante
8 = mais preocupante

Coloque-as em ordem de preocupação, de 1 a 8.

Para cada uma das situações apresentadas, pergunte-se as seguintes questões:

- Essa é uma preocupação cultural ou de proteção à criança?
- Qual é a causa da preocupação?
- Quem é a provável vítima?
- Será que algo pode ser feito? Como? O quê? Por quê?
- Com quem você está preocupado? Por que você está preocupado com essa pessoa?
- Você precisa seguir algum procedimento em relação às preocupações internas ou externas?

Módulo Três: Reconhecendo e Respondendo às Suspeitas sobre o Abuso Infantil

Situação	Classificação 1-8
Situação 1: O Sr. Baker é um de seus contribuintes mais antigos e mais generosos. Ele visitou várias crianças que apadrinhou ao longo dos anos. Você ficou sabendo que ele foi interrogado pela polícia do Reino Unido sobre a posse de imagens pornográficas de crianças. Recentemente ele financiou a viagem de uma criança que apadrinhava, que agora é adulta, para que fosse visitá-lo nas férias.	
Situação 2 Duas crianças soropositivas estão vivendo com membros mais distantes de sua família. Você percebe que elas estão sendo tratadas como empregadas e impedidas de ir à escola. Os vizinhos viram essas crianças apanhando.	
Situação 3 Você é o coordenador de programas de um projeto. Em uma de suas visitas ao projeto, um adolescente reclama que o diretor tem se aproximado dele e de outros garotos, tocando-os de forma inapropriada. Quando você menciona o assunto, o diretor fica muito bravo e quer saber quem disse isso. Em seguida, ele mesmo fala o nome do garoto de quem suspeita e diz que esse garoto está sempre inventando histórias, pois é muito perturbado.	
Situação 4 Um membro de sua equipe local pede alguns dias de folga para se casar. Você o parabeniza. Depois chega a informação de que a noiva dele tem 14 anos.	
Situação 5 Você acabou de se mudar para um novo acampamento. Uma colega diz algo que te preocupa. Ela diz: “se você quiser sobreviver aqui, terá de demonstrar estar feliz em ir fazer sexo com o administrador do acampamento. Ele experimenta todos os recém-chegados. Se não fizer isso, ele tornará sua vida aqui muito difícil”.	
Situação 6 Em um projeto de suprimento de água alguém de sua equipe avisa que uma das famílias locais amarrou uma criança do lado de fora da casa. Dizem que a criança está possuída e que não existe outra forma de controlá-la. Há meses a equipe sabe disso e, apesar de chateadas, as pessoas acham que não há nada que possam fazer para interferir.	
Situação 7 Um homem confidencia que está preocupado com o padre da vila. Há rumores de que tira fotos de crianças bem pequenas e as vende para os turistas e visitantes da igreja. O padre pediu a esse homem que trouxesse seus filhos para a igreja para uma benção particular.	
Situação 8 Você está trabalhando com uma ONG em uma cidade. Há rumores de que as crianças de rua são incentivadas a se vender para os turistas. Algumas vezes você viu homens levando as crianças aos bares locais para beber e tomar sorvete.	

EXERCÍCIO 3.3: RESPONDENDO ÀS SUSPEITAS SOBRE A PROTEÇÃO DAS CRIANÇAS EM UM AMBIENTE RELIGIOSO

Meta e objetivo

Demonstrar de que formas uma preocupação com a proteção da criança pode surgir em um ambiente religioso e como responder a essas preocupações.

Duração

60 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- **Exercício 3.3: Estudos de caso para ambientes religiosos** (página 68)  Guia 5
- Seção 6 do DVD: a fala de Juan;
- Opcional: Estudos de caso alternativos do Apêndice do DVD.  Guia 5

Preparação

Antes de liderar esta seção, decida quais estudos de caso você vai usar. Lembre-se que você pode adaptá-los para que sejam realmente relevantes para seu grupo.

O DVD contém alguns estudos de caso que você pode utilizar para gerar discussão. A Seção 6, *Juan* é boa para gerar discussão. Você pode complementar o exercício usando a opção de dramatização. Maiores detalhes você pode encontrar no final das Notas do Desenvolvimento.

Talvez seja útil escrever as questões que se relacionam aos estudos de caso em uma cartolina ou folha de *flipchart* antes de conduzir o exercício. Isso o ajudará a fazer com que os participantes fiquem focados ao ler os estudos de caso. As questões são:

- Que atitudes tomariam, se fossem tomar alguma?
- Na organização existem documentos claros sobre a política e procedimentos de proteção à criança que eles devem seguir?
- A quem eles deveriam contar?
- Que questões e dificuldades podem surgir?
- O que pode impedi-los de fazer alguma coisa?

Desenvolvimento

1. Peça aos participantes que identifiquem como surgem as preocupações com a proteção da criança na organização em que trabalham. Liste-as e peça que deem exemplos reais.
2. Divida os participantes em grupos pequenos e dê a cada grupo um ou mais estudos de caso do Exercício 3.3: Estudos de caso para ambientes religiosos. Peça aos participantes que considerem as situações e respondam estas questões:
 - Que atitudes tomariam, se forem tomar alguma?
 - Na organização existem política e procedimentos de proteção à criança que eles devem seguir?
 - A quem eles deveriam contar?

Módulo Três: Reconhecendo e Respondendo às Suspeitas sobre o Abuso Infantil

- Que questões e dificuldades podem surgir?
- O que pode impedi-los de fazer alguma coisa?
- 3. Peça ao grupo que faça um resumo dos principais pontos dos estudos de caso. Certifique-se de que todos os participantes tenham clareza sobre:
 - Que documentos orientam suas ações e suas respostas
 - Quem eles deveriam contatar, interna e externamente
 - Que legislação local e procedimentos legais existem
 - Onde deveriam ser registradas as suspeitas relacionadas com a proteção da criança
 - Que aspectos de qualquer crença religiosa podem impedi-los de agir e como eles devem lidar com isso
- 4. Certifique-se de enfatizar e refletir sobre os pontos a seguir:
 - Prevenção e preparação são a chave. Se as políticas de proteção à criança estiverem instituídas e forem divulgadas, todos estarão cientes sobre o que é aceitável e o que não é. Se houver diretrizes e orientações, fica mais fácil lidar com essas situações.
 - Sempre consulte outras pessoas sobre o que fazer e como lidar com uma situação. Se sua organização tiver uma pessoa nomeada/designada para a função de proteção à criança, consulte-a.
 - Nunca deixe que suas próprias crenças religiosas ou as crenças dos outros impeçam uma criança de ser protegida do perigo.

Nota: Se algum dos participantes vier de uma organização que não tem uma política escrita de proteção à criança, peça a ele que consulte os materiais do **Workshop central 1** (página 212) e o Guia de Como Implementar (Guia 2), que oferece várias atividades que podem auxiliar.



Guia 2

No DVD há dois artigos úteis - **Notas para o facilitador/Arquivo avulso: O que fazer se uma criança disser que está sendo abusada** (também neste guia veja as páginas 212-213) e o **Formulário de procedimento de registro para a proteção da criança**, que pode ser encontrado no Módulo 5.



Guia 5

Opção de dramatização

A seção pode ser estendida com a dramatização de um estudo de caso, ou de mais de um. Os grupos devem mostrar como discutiriam a situação com outro colega, com o coordenador ou com o próprio indivíduo envolvido. Cada grupo terá 15 minutos para preparar uma pequena dramatização, que depois deverá ser apresentada para o grupo todo.

Resumo

Identifique alguns pontos principais de aprendizagem dentro da seção e certifique-se de que cada participante identifique pelo menos três ações necessárias como resultado do *workshop*, e de que tenham clareza sobre como e quando vão lidar com essas ações e com o apoio de quem. O último *slide* do *Power Point* é útil e talvez você queira incluir uma seção do DVD para finalizar.



Guia 5

Exercício 3.3: Estudos de caso para contextos religiosos

1. Oração em particular

Um líder religioso local sempre fala com o grupo de jovens com o qual está trabalhando há algum tempo. No final, há um tempo para oração e aconselhamento para os jovens. Esse líder sempre convida um garoto especialmente escolhido para orar com ele em outra sala. Ele já fez isso várias vezes e ninguém o confrontou, mas você se sente desconfortável com isso e acha que não é apropriado.

2. Palestrante para os jovens

Você convida um jovem palestrante muito conhecido e respeitado para falar com o grupo de jovens em sua comunidade religiosa. O encontro prossegue tranquilamente e, no final, muitos jovens estão aguardando para falar com o palestrante e pedir oração. O jovem prontamente responde e conduz as orações apropriadamente em público. No final do encontro alguém vê o palestrante conversando e rindo com algumas adolescentes. Ele então sai do prédio com elas e oferece uma carona em seu carro.

3. Maus ancestrais

Uma criança chegou ao vilarejo para ficar com a tia. A criança é muito quieta e parece negligenciada. A tia começa a dizer que a criança está possuída pelo espírito dos maus ancestrais (*kindoko*), que a punição física e a suspensão da alimentação a livrarão dos demônios. Você suspeita cada vez mais que a criança está sendo seriamente molestada e que poderá morrer se ninguém fizer alguma coisa.

4. Punição corporal ou agressão?

Um muçulmano local é o professor da mesquita e sempre usa um bastão para bater nas crianças e fazer com que elas fiquem atentas. Apesar disso, nunca machucou ninguém com o objeto. Essa semana um pai trouxe seu filho até você para mostrar as marcas nas costas e nas pernas, dizendo que o professor bateu nele. Isso não é apenas punição física, mas também uma agressão séria.

5. Um novo começo?

Aconteceram sérias denúncias de abuso sexual envolvendo um pastor/líder religioso da cidade vizinha. Dizem que pede às meninas que toquem suas partes íntimas e que façam sexo oral com ele. Não houve nenhuma investigação formal, mas você ouviu dizer que esse homem, que é bem respeitado, vai trocar de função por um tempo e virá para sua comunidade religiosa local para um recomeço. Ele também ficará responsável pelo grupo de jovens fundado por sua organização.



Módulo Três: Reconhecendo e Respondendo às Suspeitas sobre o Abuso Infantil

EXERCÍCIO 3.4: INDICADORES DE ABUSO

Nota para o facilitador

Este exercício está ligado ao **Exercício 2.2: O que é abuso infantil?** Por isso, é preciso fazer o Exercício 2.2 antes deste. Se você já o completou, consulte novamente os papéis de *flipchart* com os tipos de comportamentos abusivos que são vistos regionalmente e que causam danos às crianças.

Meta

Reconhecer as pistas (sinais/indicativos) que as crianças que estão sofrendo abuso em casa, em qualquer organização ou na comunidade, nos dão, evidenciando que alguém está abusando delas.

Objetivo

Destacar as mudanças no comportamento e nas emoções e os sintomas físicos que as crianças podem mostrar quando alguém as está machucando.

Principais pontos de aprendizagem

- Obviamente, a maioria dos indicadores não são por si mesmos uma prova de abuso. Porém, eles devem alertar os participantes sobre a possibilidade de abuso e ajudá-los a considerar quais são os próximos passos para tentar oferecer apoio nas investigações/ investigar as suspeitas sobre uma criança específica.
- Pesquisas entre adultos que já vivenciaram abuso mostram que muitas crianças tentam dizer e dizem, ou até mostram, que estão sendo machucadas, mas geralmente não são ouvidas ou levadas a sério, ou não têm ninguém em quem confiar. Por isso, as pistas que elas dão são muito importantes.
- As crianças geralmente usam o comportamento para comunicar seu aborrecimento relacionado ao que está acontecendo com elas. Geralmente esse comportamento seria definido como “desafiador”. As pessoas que trabalham com essas crianças devem ser capazes de reconhecer as mudanças de comportamento e, por conseguinte, não puni-las.

Duração

40 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- Fita adesiva ou tachinhas para afixar o papel na parede.

Preparação

Prepare-se para a capacitação pensando sobre o que você mencionou no **Exercício 2.2** e no que você espera que os participantes aprendam com este exercício.

Desenvolvimento

1. Mencione o **Exercício 2.2** e lembre os participantes sobre o que foi tratado nele.
2. Explique que, quando descobrimos que uma criança está sendo vítima de abuso, às vezes é possível olhar para o passado e identificar sinais de que o abuso estava ocorrendo. É importante estarmos abertos para esses sinais, essas pistas. Dê um exemplo. Talvez você ache este exemplo relevante:

Um adolescente estava sendo molestado pelo padre, mas não podia falar com ninguém sobre isso. Começou a roubar para chamar atenção para o que estava acontecendo. Parou de ir à igreja porque sentia que era uma pessoa má. Apanhou severamente nos últimos meses e ninguém associou as mudanças em seu comportamento com o aborrecimento causado pelo abuso. O sinal de que estava sendo vítima de abuso é que ele começou a roubar — algo que era muito fora de padrão para ele.

3. Peça aos participantes que descrevam uma situação que vivenciaram ao descobrir que uma criança estava sendo molestada por alguém em quem confiava. Talvez a criança tenha sido machucada por um parente, um líder religioso ou juvenil, ou por outra criança. Que tipos de abuso eles identificaram? Essas situações refletem algum dos tipos de abuso listados a seguir?
 - Abuso sexual;
 - Exploração sexual;
 - Abuso físico;
 - Negligência;
 - Dano emocional;
 - Medo de danos físicos;
 - Medo de ser abandonado;
 - Intimidação;
 - Abuso espiritual.

Escreva cada tipo de abuso em uma folha de *flipchart*.

4. Divida os participantes em grupos de três ou quatro. Dê a cada grupo um papel onde está escrito um tipo diferente de abuso. Peça aos participantes que escrevam que tipo de comportamento de uma criança pode ser um sinal de que alguém está praticando esse abuso contra ela.
5. Os grupos devem trabalhar nisso durante 10 minutos aproximadamente.
6. Reúna o grupo novamente. Cole os papéis nas paredes da sala e peça aos participantes que, caminhando pela sala, leiam o que está escrito em todos eles. Peça-lhes também que acrescentem informações se acharem que alguma coisa foi esquecida.

Alternativa do DVD

A Seção 6 contém um exemplo de como uma criança pode mostrar sinais de que não está tudo bem com ela. Reproduza o vídeo duas vezes e então peça que o grupo discuta sobre que sinais as crianças podem estar dando.



Discussão

7. Faça um levantamento do grupo todo sobre qualquer um dos pontos de aprendizagem. Os outros facilitadores podem fazer comentários ou observações adicionais.

Módulo Três: Reconhecendo e Respondendo às Suspeitas sobre o Abuso Infantil

EXERCÍCIO 3.5: BARREIRAS QUE IMPEDEM CRIANÇAS E ADULTOS DE DENUNCIAREM

Meta

Identificar o que impede que as crianças falem e que os adultos denunciem o abuso.

Objetivos

- Identificar os muitos fatores que impedem que tanto crianças como adultos falem sobre o abuso.
- Reconhecer os medos e os riscos em relação a denunciar.

Principais pontos de aprendizagem

- Crianças e adultos talvez tenham que vencer várias barreiras para que as preocupações com o abuso infantil recebam uma resposta apropriada.
- Muitas crianças não têm com quem falar sobre o abuso que estão sofrendo.
- Às vezes, quando as crianças falam, elas não são levadas a sério ou a pessoa a quem contaram não quer, ou não pode, tomar uma atitude para protegê-la ou para procurar ajuda.

Duração

30 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Os slides de *Power Point* para o Módulo Três, que destacam as barreiras que os adultos e as crianças enfrentam;
- Apresentação de *Power Point* para o Módulo Dois, sobre crianças com deficiência e o abuso;
- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- Fita adesiva, cartões, *post-its*.
- **Notas para o facilitador/arquivo avulso: O que fazer se alguém te disser que está sendo vítima de abuso** (ver página 212)

Preparação

Se você for fazer uma apresentação de *Power Point*, certifique-se de que o equipamento esteja funcionando. Uma boa ideia é ter os *slides* reproduzidos também em folhas de papel ou em transparências, como um recurso extra.

Leia o exercício e decida se vai organizar os participantes em duplas ou grupos de quatro pessoas — isso dependerá do número de pessoas que estão participando. Os grupos precisam ser pequenos o suficiente para que todos possam contribuir e trabalhar juntos de forma eficaz. Você terá grupos de duas ou de quatro pessoas.

Numa folha de *flipchart*, escreva:

Grupo A: O que impede as crianças de contar sobre o abuso que sofrem?

Em outro papel escreva:

Grupo B: O que impede os adultos (ou as pessoas a quem elas contam) de denunciar?

Cada grupo deve ter uma dessas perguntas. Se houver quatro grupos, você vai precisar de duas folhas de *flipchart* com cada pergunta.

Leia as **Notas para o facilitador/arquivo avulso**: O que fazer se alguém te disser que está sendo vítima de abuso (veja a página 212), para enriquecer a capacitação.

Desenvolvimento

1. Apresente este exercício dizendo que, até o momento, neste módulo, foram abordados estes assuntos:
 - Comportamentos preocupantes de adultos;
 - Sinais e indicadores nas crianças que nos alertam sobre um possível abuso.
2. Explique que, na maioria das vezes, descobrimos sobre o abuso porque temos mais informações e mais habilidade em reconhecer os sinais de que o abuso está acontecendo. No entanto, as crianças precisam vencer muitas barreiras antes de falar com alguém. Depois de conseguirem fazer isso, as pessoas para quem contam também precisam vencer muitas barreiras antes de tomar a atitude apropriada.
3. Divida os participantes em dois ou quatro grupos pequenos, dependendo do número de participantes. Dê a um ou dois grupos um papel com esta pergunta:

A: O que impede as crianças de contar sobre o abuso que estão sofrendo?

Dê ao(s) outro(s) grupo (s) um papel com esta pergunta:

B: O que impede que os adultos denunciem?

Peça aos participantes que escrevam na folha que receberam pequenas notas para responder às questões, usando post-its ou cartões, ou escrevendo diretamente no papel.

Separe 10 minutos para isso.

4. Reúna o grupo novamente. Faça um levantamento com os grupos analisando “O que impede que as crianças falem sobre o abuso que estão sofrendo?”
 - (Peça a alguém do Grupo A que comece; o grupo que tem a mesma questão poderá acrescentar algum comentário que não tenha sido feito).
 - Se houver dois grupos com a mesma pergunta, coloque os cartões nos papéis de cada um deles.
5. Faça um levantamento com o grupo B, analisando “O que impede as pessoas de denunciarem?”
6. Deixe a folha de *flipchart* em cima da folha do outro grupo.
7. Depois do levantamento, mostre os tipos de barreiras que precisamos vencer antes de tomar a atitude correta para proteger as crianças.
8. Enfatize o quanto pode ser difícil para uma criança com deficiência falar sobre abuso e ser levada a sério. Existem *slides* adicionais em **Power Point que apresentam o Módulo Dois, sobre crianças com deficiência e o abuso**, que podem ajudar na abordagem deste assunto.
9. Termine com os **slides de Power Point para o Módulo Três**, que explicam as barreiras que podem impedir adultos e crianças de falar.

Módulo Três: Reconhecendo e Respondendo às Suspeitas sobre o Abuso Infantil

EXERCÍCIO 3.6: IDENTIFICANDO PREOCUPAÇÕES INTERNAS E EXTERNAS

Nota para o facilitador

Este exercício está relacionado com o *Exercício 3.2: Essa é uma preocupação com a proteção da criança?* Recomendamos que você faça aquele exercício antes deste.

Meta

Identificar os processos que talvez sejam necessários ao responder a uma suspeita relacionada com o abuso infantil.

Objetivos

- Ajudar a planejar a melhor ação quando for identificada uma suspeita relacionada à proteção da criança.
- Fazer distinção entre o que requer ação interna da organização e o que requer resposta da comunidade.

Principais pontos de aprendizagem

- As crianças sofrem muitas formas de abuso, por isso é importante haver uma política de proteção à criança, bem como procedimentos ou diretrizes escritas para ajudar a equipe e voluntários a identificar como agir.
- Nem sempre será apropriado se dirigir às autoridades nacionais para denunciar um abuso. Às vezes isso pode colocar a criança e os abusadores acusados em sério risco.
- Algumas suspeitas de abuso infantil devem ser tratadas internamente pela organização, enquanto que outras requerem uma ação comunitária mais abrangente.
- Todos precisam buscar ajuda e aconselhamento apropriados com a pessoa certa, que ajudará a decidir sobre um plano de ação.

Duração

45 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Barbante;
 - Giz;
 - Cópias preenchidas da Folha de exercício 3.2: Estudos de caso (página 66);
- OU
- Folha de exercício 3.2: Estudos de caso (página 66) no tamanho de cartazes para mostrar ao grupo todo.

Preparação

Leia as notas do exercício para se sentir confiante em conduzi-lo. Talvez você queira adicionar outros estudos de caso que se aplicam melhor ao contexto em que você está trabalhando.

É importante que você conheça bem a legislação local sobre abuso infantil e proteção da criança. Obtenha informações antes de conduzir este exercício. Você deve saber, por exemplo, a lei do país com relação a:

- Estupro, incesto e assédio sexual;
- Agressão e intimidação física;
- Negligência/crueldade;
- Sexo com menores de idade;
- Idade de consentimento.

Desenvolvimento

1. Explique ao grupo que a sala será dividida em dois lados. Um lado será sobre preocupações internas sobre abuso infantil e o outro será sobre **preocupações externas sobre abuso infantil**, por exemplo aquelas suspeitas sobre **abuso infantil** que devem ser tratadas junto à comunidade. Você pode desenhar uma linha com giz ou colocar um longo fio de barbante na sala para representar a divisão.
2. Leia para o grupo todos os estudos de caso que você selecionou. Para cada situação, peça ao grupo que se mova para o lado da sala que a represente melhor.
3. Faça um rápido momento com alguns participantes depois de cada estudo de caso para observar se há consentimento no grupo. Se não houver, faça perguntas para entender por que alguns participantes escolheram um lado da sala e não o outro.
4. Depois que todas as situações forem apresentadas, peça aos participantes que voltem aos seus lugares.
5. Peça aos participantes que identifiquem qualquer lei ou medida existente no país que talvez ofereça proteção à criança. Se você tiver aplicado o **Exercício 3.1: Proteção à criança e a lei**, refira-se a ele, ou complete-o agora.
6. Faça um resumo dos principais pontos de aprendizagem. Se houver muitas questões, registre-as em uma folha de *flipchart* para discutir depois.

Módulo Três: Reconhecendo e Respondendo às Suspeitas sobre o Abuso Infantil

EXERCÍCIO 3.7: ONDE O ABUSO INFANTIL ACONTECE?

(Adaptado de um exercício do manual de capacitação da *Islamic Relief* - Ajuda Islâmica.)

(Este exercício relaciona-se com o Exercício 2.1: Abuso infantil – valores e atitudes.)

Meta

Identificar as diferenças entre as suspeitas relacionadas ao abuso infantil que surgem:

- Dentro da organização e precisam ser tratadas por meio de uma política de proteção à criança.
- Fora da organização e precisam de uma ação comunitária mais abrangente.

Objetivos

- Explorar com os participantes a possibilidade das crianças sofrerem abuso dentro de qualquer organização.
- Mostrar como é importante que as organizações tenham clareza sobre as políticas e os procedimentos de proteção à criança quando as suspeitas forem identificadas.

Principais pontos de aprendizagem

- Crianças podem ser vítimas de abuso na comunidade e em qualquer organização.
- É difícil reconhecer a possibilidade ou a existência de práticas abusivas em nossa própria organização.
- Todas as organizações precisam desenvolver uma política e procedimentos para lidar com as suspeitas relacionadas à proteção da criança.

Duração

1 hora

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Barbante e tesouras;
- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- Fita adesiva ou tachinhas para afixar o papel na parede;
- Cartões feitos com base no modelo da **Folha de exercício 3.7: Práticas abusivas** (modelo) (página 72);
- Uma cópia do Guia 1 – *Um lugar Seguro para as Crianças*: Padrões para a Proteção da Criança;
- Opcional: Seção 5 do DVD;
- Um aparelho de DVD.

Preparação

- Este exercício pede que os participantes pensem sobre a possibilidade de abuso na organização em que estão trabalhando (seja como funcionários, seja como voluntários). Por isso, algumas pessoas podem se sentir desconfortáveis ou até mesmo ameaçadas. Os participantes talvez tenham desenvolvido relacionamentos profundos e amizades intensas baseados na confiança. Como fazem parte de uma organização comprometida com o trabalho com crianças, talvez eles resistam em perceber que o abuso pode estar ocorrendo ali. Isso pode acontecer principalmente em organizações de base religiosa,

onde o que se espera é um comportamento exemplar, em especial daqueles em posição de liderança, de acordo com suas leis doutrinárias e as leis do país. Talvez seja difícil reconhecer que um líder muçulmano, um pastor, um padre, um monge, um membro da comunidade religiosa, possa se sentir tentado a abusar de uma criança ou chegar a fazer isto de fato.

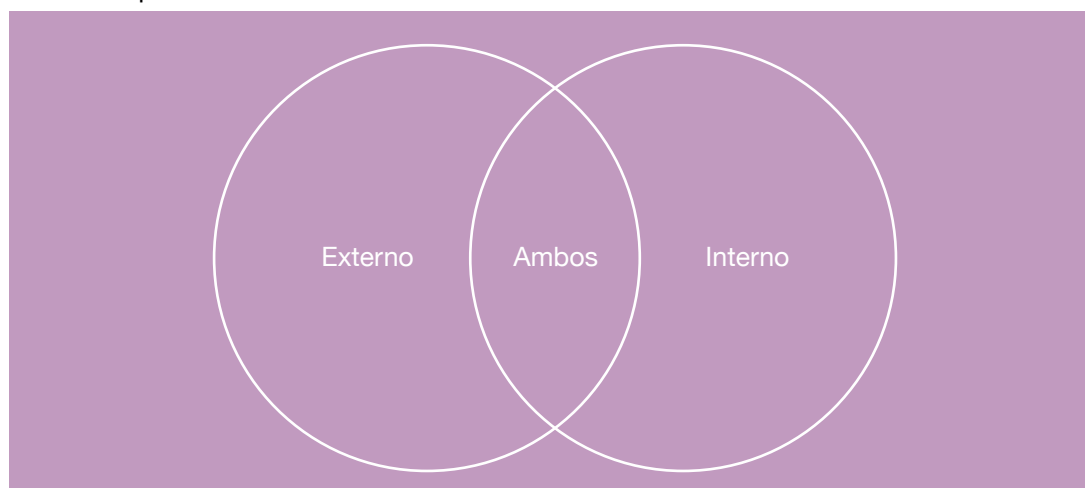
- Seja sensível em sua estratégia e deixe claro que você não está fazendo acusações.
- Estimule os participantes a fazerem suas próprias observações. As notas no final deste exercício (**no item questões e dilemas**), e os pontos principais de aprendizagem, o ajudarão a focar e facilitar a capacitação da maneira mais correto, do modo menos ameaçador e mais construtivo.
- Copie em cartões a **Folha de exercício 3.7: Práticas abusivas (modelo)**. Corte-os para que você possa usá-los na capacitação.

A ideia é usar o barbante para fazer no chão dois círculos com interseção no centro e pedir que os participantes coloquem os cartões nas partes dos círculos (ver modelo). Alternativamente, você pode desenhar na folha de *flipchart* dois círculos com interseção no centro e colocá-la na parede. Você pode então pedir para os participantes colarem seus cartões na parede.

Nota: Se a organização em que você está trabalhando for de base religiosa você pode incluir alguns cartões que tratam de práticas específicas deste tipo de organização, como no caso de uma ajuda ou assistência só ser oferecida a uma criança se ela fizer parte da religião em que se baseia a organização.

Desenvolvimento

1. Introduza o exercício dizendo que, até o momento, as práticas abusivas foram observadas sem levar em conta o local onde elas podem ocorrer. Diga que agora serão observados os tipos de abuso que podem ocorrer:
 - Dentro de uma organização (internamente);
 - Fora, na comunidade (externamente);
 - Nos dois lugares (ambos os casos).
2. Usando o barbante, faça dois círculos grandes no chão, fazendo uma interseção no centro (como exemplificado). (Uma alternativa é usar círculos desenhados, afixados na parede.)
3. Explique que há três partes nos círculos, e que cada uma representa um lugar onde o abuso pode acontecer.



Módulo Três: Reconhecendo e Respondendo às Suspeitas sobre o Abuso Infantil

4. Distribua os **Cartões de práticas abusivas** entre o grupo.
5. Peça aos participantes que leiam a informação nos cartões e os coloquem na parte do círculo em que acham provável esse abuso acontecer. Explique-lhes que há cartões em branco e peça-lhes que escrevam neles uma prática sobre a qual querem mais informações no contexto das diferentes áreas do círculo.
6. Inicie uma discussão sobre cada prática abusiva identificada com a expressão “E se?”, para ajudar as pessoas a pensarem realisticamente sobre a possibilidade de ocorrência de abuso dentro de uma organização. Por exemplo: “E se alguém gritasse com uma criança em sua organização?”.
7. Lembre aos participantes sobre trabalho que fizeram no **Exercício 2.1** sobre valores e atitudes.

As organizações inevitavelmente contratarão pessoas que levam seus valores e atitudes pessoais para o lugar onde trabalham.

8. Faça observações sobre os lugares onde os participantes colocam seus cartões: qual círculo tem mais cartões? Isso o ajudará a avaliar o nível de resistência em aceitar a possibilidade de acontecer o abuso tanto no contexto interno, ou seja, na organização, quanto no externo, ou seja, na comunidade.

Questões e dilemas

- Talvez o exercício cause preocupações sobre o comportamento ou a prática profissional de algum membro da equipe em relação à proteção da criança. Enfatize que as informações serão averiguadas junto a quem levantou a questão, para garantir que o facilitador a entenda corretamente. Se ainda houver suspeitas, o problema será encaminhado para uma pessoa da organização, como um coordenador-geral ou o coordenador oficial de proteção à criança.
- É importante levantar a questão da proteção à criança dentro de uma organização sem criar suspeitas ou alarmes. Explique que a intenção do processo é focar os riscos para as crianças e as devidas medidas preventivas, e não gerar suspeitas uns em relação aos outros.
- Este exercício talvez realce o desânimo que os participantes sentem quando testemunham abuso na comunidade. Assegure-os de que, em seções posteriores, vocês vão analisar formas de lidar com isso.

Se houver confusão sobre o que é e o que não é proteção da criança, as definições a seguir podem ajudar:

- **Proteção infantil:** Em sentido amplo, a proteção da criança descreve as ações que os indivíduos, as organizações, os países e as comunidades executam para proteger as crianças de danos intencionais e não intencionais, por exemplo, violência doméstica, exploração do trabalho infantil, exploração, abuso comercial e sexual, HIV, violência física, entre outros.
- O termo **Proteção infantil** também pode ser usado para descrever o trabalho que as organizações realizam em comunidades ou ambientes específicos e que protegem as crianças do risco de abuso. No contexto de *Um lugar Seguro para as Crianças*, isso se relaciona com a responsabilidade que uma organização tem de proteger as crianças com as quais tem contato, independentemente de o abuso estar ou não acontecendo dentro da organização ou fora dela.
- Como uma ferramenta alternativa ou adicional de capacitação, você pode usar o DVD. Várias partes da **Seção 5** destacam questões levantadas neste exercício. Use o **DVD** para facilitar outras discussões em grupo ou compartilhar experiências de campo.

Folha de exercício 3.7: Cartões de práticas abusivas (modelo)


Gritar com uma criança	Criticar injustamente uma criança
Tratar a criança com desprezo	Bater para disciplinar
Demandar favores sexuais	Ignorar uma criança
Colocar a criança de castigo	Mandar crianças apadrinhadas para o trabalho
Não mandar meninas para a escola	Autorizar uma criança a se casar
Deixar uma criança sem supervisão	Abusar sexualmente de uma criança
Ignorar uma criança com deficiência	Casar-se com uma criança
Mandar as crianças pedirem dinheiro	Mandar crianças para o trabalho

EXERCÍCIO 3.8: DESENVOLVENDO UMA RESPOSTA COMUNITÁRIA
Meta

Fazer um levantamento sobre os recursos disponíveis no contexto local.

Objetivo

Identificar as possíveis opções sobre como responder quando uma suspeita de abuso infantil é identificada na comunidade.

Principais pontos de aprendizagem

- É útil fazer um levantamento dos recursos locais que podem ajudar na proteção da criança.
- Todas as crianças precisam de um lugar onde possam encontrar ajuda e aconselhamento.
- Muitas comunidades já possuem grupos de defesa de direitos ou outros recursos disponíveis.
- As agências precisam trabalhar juntas no planejamento de ações quando surgirem questões relacionadas ao abuso de crianças.

Duração

50 minutos

Recursos

Você vai precisar de informações sobre os recursos e as agências locais que ajudam e apoiam crianças e suas famílias. **A Folha de exercício 3.2: Estudos de caso** talvez seja útil.

Módulo Três: Reconhecendo e Respondendo às Suspeitas sobre o Abuso Infantil

Preparação

- Se você não for da área onde está ministrando a capacitação, pesquise e obtenha informações sobre os meios e os recursos comunitários locais.
- Escolha um dos estudos de caso da **Folha de exercício 3.2** ou peça aos participantes que descrevam uma situação de abuso infantil que seja relevante em seu contexto. Tente manter os fatos de forma simples e anônima.
- Escreva os títulos a seguir em pedaços separados de papel ou numa folha de *flipchart* — um título para cada folha (abaixo de cada título estão exemplos sobre o tipo de informação que você está procurando obter de cada grupo). Este exercício o ajudará a mapear a comunidade e outros recursos:

Estatuto de proteção à criança - Ministérios do Governo, etc.¹

Detalhes de quaisquer agências ou órgãos governamentais com autoridade legal para a proteção da criança.

Resumo da legislação governamental sobre bem-estar e proteção da criança. Identifique as convenções internacionais das quais o país é signatário ou com as quais concorda (Ex: Convenção da ONU sobre os Direitos das Crianças).

Breve análise da implementação/reforço da legislação, até onde é possível saber.

Investigação/processo criminal – Policial e judicial

A posição da polícia local sobre a investigação de agressões criminais contra crianças e a possibilidade de ações práticas em relação a tais ofensas.

Idade legal de consentimento no país e a lei que define isso.

Outras agências - Serviços de saúde, ONGs, Fóruns Interinstitucionais

Detalhes sobre os serviços de saúde e outros serviços que podem ser contatados como parte do apoio à vítima.

Detalhes de ONGs, outras agências, outras organizações e redes profissionais relevantes, incluindo quaisquer ações de juntas locais que lidam com questões de proteção à criança.

Comunidade

Detalhes sobre os mecanismos de justiça e proteção informal desenvolvidos na comunidade e seu funcionamento.

¹ Formato do Levantamento de Dado - Contribuição de Lorraine Wilson, consultor independente.

Desenvolvimento

1. Divida os participantes em grupos de três ou quatro pessoas. Dê a cada grupo um estudo de caso da Folha de exercício 3.2 que aponte para uma suspeita de abuso infantil que seja externa à organização.

O exemplo a seguir talvez seja relevante.

Na cidade onde você trabalha para uma ONG há rumores de que crianças em situação de rua são incentivadas a venderem-se sexualmente para os turistas. Algumas vezes você viu homens levando as crianças aos bares locais para beber e tomar sorvete. Quando você apresentou este caso no seu trabalho os demais colaboradores concordaram que esta é uma realidade mas que não se acham capazes de fazer nada para parar isto.

Alternativamente:

Se o grupo já tiver dado exemplos de suspeitas externas de abuso infantil, utilize uma das situações levantadas.

2. Dê a cada grupo um ou dois pedaços de papel com os títulos que você usou na **Preparação**. Peça aos participantes que discutam a situação de forma breve e que utilizem os títulos que você forneceu para fazerem um levantamento sobre os recursos existentes em sua área local e sobre como esses recursos podem ser usados para proteger as crianças.
3. Dê aos grupos cerca de 30 minutos para discutir e, em seguida, coloque todos os papéis na parede.
4. Peça aos participantes que opinem sobre as informações que obtiveram. Surgiu alguma surpresa? Será que algo mais poderia ser feito para se trabalhar com outras organizações? Como é a comunicação entre as pessoas? Eles estão cientes de que algumas situações podem necessitar de uma ação comunitária mais completa e demorada?
5. Utilize o resumo a seguir para finalizar o exercício. Também admita que, embora algumas situações pareçam desanimadoras, é importante não se deixar levar pelo desânimo. Às vezes, fazendo um levantamento do que já existe, é possível planejar ações para combater o abuso infantil na comunidade e trabalhar para obter mais proteção e desenvolver sistemas e estruturas de apoio.

Resumo

Os Módulos 1- 3 devem ter oferecido aos participantes uma oportunidade de analisar:

- Suas próprias atitudes em relação ao abuso infantil;
- Seus próprios valores sobre abuso e proteção infantil;
- Como o abuso infantil é definido regionalmente;
- Como a prática cultural, a tradição e a fé podem influenciar nosso entendimento.

Os módulos também terão ajudado a explicar a diferença de resposta quando uma suspeita de abuso infantil surge dentro da organização e quando surge fora dela.

O **Módulo 4** começa explorando mais detalhadamente como transformar uma organização num lugar seguro para as crianças.

Módulo Quatro: Transformando sua Organização num lugar Seguro para as Crianças

Introdução

Este módulo será mais efetivo se o DVD e os exercícios de apoio forem utilizados, embora os exercícios funcionem bem por si mesmos.

Meta

Identificar as principais medidas que as organizações precisam tomar para proteger as crianças com as quais têm contato e mantê-las seguras.

Objetivos

- Ressaltar os benefícios de se ter Padrões para a Proteção da Criança.
- Identificar os principais pontos fortes e os riscos nas organizações.
- Desenvolver um esclarecimento e um entendimento sobre a natureza dos abusadores sexuais e sobre como eles agem dentro do contexto da organização.
- Identificar as medidas que as organizações podem tomar para reduzir os riscos de abusadores sexuais terem acesso às crianças por meio da organização.

Duração

Meio período ou um dia, se você fizer o módulo inteiro.

Preparação

Antes de começar a capacitação, leia as Notas para o facilitador, os artigos e os exercícios, e decida como você conduzirá a seção. A capacitação pode ser dividido em duas partes:

Parte Um: Observar os **Padrões para Proteção das Crianças** e depois os pontos fortes e os riscos em uma organização.

Parte Dois: Focalizar os abusadores sexuais. Você talvez encontre alguém especializado nesse assunto para conduzir essa seção. Se não for o caso, certifique-se de estar familiarizado com o material.

O DVD

Assista ao DVD e decida se vai usá-lo e como vai usá-lo. As seções a seguir serão particularmente úteis:



- **Seção 5:** Padrões para Proteção das Crianças
- **Seção 3:** As crianças estariam seguras em sua organização? E a situação de Christopher
- **Seção 4:** Quais as consequências de não se entender isso?

Leia as **Notas para o facilitador: Introdução aos Padrões para Proteção da Criança** (página 194).

APRESENTAÇÃO DOS PADRÕES PARA A PROTEÇÃO DA CRIANÇA PELO FACILITADOR

Nota para o facilitador

Certifique-se de ter explicado as metas, os benefícios e a teoria em que se baseiam os Padrões de Proteção às Crianças antes de fazer o Módulo 4.

Meta

Apresentar os Padrões para a Proteção das Crianças.

Duração

30 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Cópias de *Um lugar Seguro Para as Crianças - Padrões para Proteção da Criança*;
- Apresentação de *Power Point* sobre os Padrões;
- **Notas para o facilitador: Introdução aos Padrões para Proteção da Criança** (página 194);
- **Notas para o facilitador: Abuso e risco organizacional** (página 213).

Nota: Um material de apoio também pode ser encontrado no Guia 2 - *Um Lugar Seguro para as Crianças: Como Implementar os Padrões*.



Guia 2

Se estiver usando o DVD, mostre a **Seção 5, a parte que mostra por que os Padrões para a Proteção da Criança são tão importantes**.



Guia 5

Preparação e Desenvolvimento

Esta seção fornece uma oportunidade para você fazer uma apresentação formal sobre *Um lugar Seguro para as Crianças: Padrões para a Proteção da Criança*, se você ainda não tiver feito.

- Por que os padrões foram desenvolvidos, e por quem
- Os benefícios para as agências/organizações ao implementar os padrões
- Os passos a serem dados para a implementação dos padrões

Com ou sem o DVD, a apresentação deve durar cerca de 30 minutos.



Guia 5

Módulo Quatro: Transformando sua Organização num lugar Seguro para as Crianças

EXERCÍCIO 4.1: EXERCÍCIO DE LEVANTAMENTO DE DADOS

Nota para o facilitador

Este exercício também pode ser encontrado no *Guia 2: Um Lugar Seguro para as Crianças: Como Implementar os Padrões, Fase Um, Atividade 1.1.*



Meta

Fazer um levantamento sobre quanto contato sua organização tem com crianças.

Objetivo

Identificar as formas pelas quais sua organização tem contato com crianças.

Principais pontos de aprendizagem

- Algumas vezes não percebemos quanto contato uma organização tem com crianças, principalmente quando as crianças não constituem o objetivo principal da organização. Por exemplo, um projeto de fornecimento de água tem muito contato com crianças.
- O contato com crianças pode ser feito por meio da internet ou de cartas, e por telefone. Nem sempre envolve contato pessoal.

Duração

20 minutos

Recurso

Para este exercício você vai precisar de:
Folhas de *flipchart* e canetas piloto.

Preparação

Este exercício começará a identificar quem são as pessoas em sua organização que têm acesso a, ou contato com, crianças, e como esse contato é feito.

Desenvolvimento

1. Convide os participantes a pensarem sobre as principais atividades/serviços que sua organização oferece para crianças que fazem com que tenham contato com elas.
 - Em um dia normal, quantas crianças sua organização encontra ou vê, e com quantas conversa por causa dessas atividades ou desses serviços?
2. Use o *flipchart* para registrar o máximo de informações possível. Talvez seja útil desenhar uma criança no *flipchart* e escrever as informações ao redor dela. Encoraje os participantes a tomarem notas, se isso os ajudar a manter o foco.

Obtenha o máximo de informação que puder para ter um panorama geral, incluindo:

- Quantos anos têm essas crianças?
 - Elas estão com outras crianças?
 - Elas estão com outros adultos?
 - Elas estão morando em alguma instituição?
 - Elas estão estudando?
 - Elas estão morando com suas famílias?
 - Com que frequência sua organização tem contato com elas?
3. Peça aos participantes que forneçam o máximo de informações sobre o tipo de criança com quem a organização tem contato, que tipo de contato é esse, a frequência em que ocorre e em quais circunstâncias ocorre.
 4. Agora peça aos participantes que pensem nisto:
 - Existem outras formas pelas quais as pessoas na organização fazem contato com crianças, como carta, telefone ou e-mail?
 - Você ficou surpreso ao perceber quão pequeno ou quão grande é o contato que você e sua organização têm com crianças?
 5. Encerre o exercício citando novamente os principais pontos de aprendizagem.



Módulo Quatro: Transformando sua Organização num lugar Seguro para as Crianças

EXERCÍCIO 4.2: AVALIAÇÃO DE RISCOS

Nota para o facilitador

O Guia 2: *Um Lugar Seguro para as Crianças: Como Implementar os Padrões*, **Atividade 1.: Avaliação de Riscos**, é uma ferramenta útil para os participantes se familiarizarem com o conceito de avaliação e análise de riscos em um contexto organizacional.



(Veja também a *Atividade 3: Avaliação e controle de riscos*.)

Alternativamente, conduza um exercício que identifica e analisa as forças, as fraquezas, as oportunidades e as ameaças. Essa estratégia é conhecida como *análise SWOT (FOFA)*.

Meta

Fornecer uma ferramenta para que as organizações possam avaliar o quanto elas protegem as crianças.

Objetivo

Identificar as boas ações que sua organização faz em relação à proteção da criança e reconhecer qualquer lacuna ou possível risco.

Principais pontos de aprendizagem

- Muitas organizações fazem tudo o que podem para proteger as crianças e mantê-las seguras.
- Muitos funcionários/voluntários estão muito comprometidos com o trabalho que fazem com crianças e trazem muita experiência e conhecimento para seu trabalho.
- Algumas vezes os riscos existem, mas não são identificados pelas organizações.
- Sempre é perigoso pensar que isso “não pode acontecer aqui”, que sua organização é imune.

Duração

60 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Folhas de *flipchart* e canetas piloto (suficientes para cada grupo);
- Seção 5 do DVD;
- Sua apresentação sobre os Padrões para Proteção da criança;
- Apresentação de *Power Point* sobre os 11 passos.



Para um exercício alternativo:

- Seção 3 do DVD.



Preparação

Neste exercício você precisa pensar sobre onde os participantes trabalham antes de organizá-los em grupos pequenos. Eles são de uma única organização ou de projetos/equipes diferentes? Será melhor se você escolher para trabalhar juntos aqueles que têm funções semelhantes de trabalho ou que pertencem ao mesmo projeto.

Leia as notas em **Desenvolvimento** antes de começar, para que você possa conduzir o exercício de forma confiante.

Desenvolvimento

1. Cite a apresentação que você fez no começo do Módulo 4. Se você ainda não tiver feito uma apresentação sobre os padrões, faça agora. Leia as *Notas para o facilitador na Introdução aos Padrões* para Proteção da Criança, para auxiliá-lo.
2. Divida os participantes em grupos de três a cinco pessoas (veja **Preparação**). Dê uma folha de *flipchart* e canetas piloto para cada grupo. Explique-lhes que você pedirá que façam uma análise SWOT (FOFA) da organização deles e que pensem sobre as Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças, em relação ao desenvolvimento de *Um lugar seguro para as crianças*.
Peça aos participantes que pensem sobre:
 - O que eles fazem de positivo para a proteção das crianças?
 - O que a organização precisa fazer melhor?
3. Destaque alguns dos pontos principais em que os padrões estão baseados e que ajudam a desenvolver organizações seguras, incluindo:
 - Seleção e capacitação da equipe;
 - Boas práticas no trabalho com crianças;
 - Coordenação e supervisão efetiva;
 - A existência de políticas e procedimentos de proteção à criança para denunciar e lidar com as suspeitas;
 - O conhecimento e a participação da equipe nas capacitações;
 - Sistemas de monitoramento e avaliação.
4. Para cada área peça aos participantes que discutam qual tem sido a experiência deles. Por exemplo:
 - Como eles foram selecionados para a função que ocupam? As referências foram checadas?
 - Eles receberam alguma capacitação sobre sua função ou responsabilidade para com as crianças?
 - Eles foram instruídos sobre proteção à criança ou boas práticas no trabalho com crianças? Por exemplo, sobre o que é, e o que não é, um comportamento aceitável? Ou se é certo disciplinar as crianças batendo nelas?
5. Use a folha de *flipchart* para avaliar os pontos fortes e os pontos fracos em suas práticas atuais. Se identificarem pontos fracos, será que podem perceber como isso aumenta o risco para as crianças, para eles mesmos e para a organização, e por quê?

Análise SWOT (FOFA)

Forças	Fraquezas
Oportunidades	Ameaças

Módulo Quatro: Transformando sua Organização num lugar Seguro para as Crianças

6. Depois que os participantes tiverem feito a análise da FOFA, faça um resumo dos principais pontos fortes e dos riscos que foram discutidos.

Tomando os próximos passos

7. Explique aos participantes que eles podem usar os pontos fracos e as oportunidades identificadas para planejar como vão prosseguir para transformar a organização onde trabalham num lugar mais seguro para as crianças. Por exemplo, se o ponto fraco é a inexistência de um procedimento ou política de proteção à criança, talvez esse seja o primeiro passo a ser dado. Ou talvez o ponto de partida seja a elaboração de um código de conduta para a equipe, ou de uma orientação sobre recrutamento e seleção.
8. Peça aos grupos que identifiquem e priorizem as principais áreas que eles acham necessário abordar prioritariamente. O que deveria ser feito primeiro? Por quê?
9. Trabalhe com um ou dois exemplos da análise SWOT (FOFA) de cada grupo e peça aos participantes que compartilhem as medidas que tomarão para lidar com a área identificada como prioridade.
10. Reúna o grupo novamente. Use a apresentação de *Power Point* sobre os Padrões, e o quadro com os 11 passos necessários para desenvolver uma organização mais segura, para ajudá-lo a resumir os pontos.

Alternative exercise

O DVD será particularmente útil aqui. Faça uma breve apresentação reconhecendo as ações positivas que uma organização que trabalha com crianças já faz, mas fale também da necessidade de melhorias. Mostre a **Seção 3**. Depois de terminar (cerca de 10 minutos) divida o grupo em três e peça aos participantes que reflitam sobre estas perguntas:



- Pensando no contexto de *Um Lugar Seguro para as Crianças*, o que você acha que sua organização faz bem?
- Em que ela não é tão boa?
- Que medidas você acha que a organização poderia tomar para fazer as crianças se sentirem ainda mais seguras?

Dê um rápido retorno para cada grupo e use os principais pontos de aprendizagem para finalizar a seção.

Depois de facilitar esta seção, você estará pronto para ir para a próxima parte: desenvolvendo organizações mais seguras — entendendo um pouco sobre como as pessoas se comportam quando querem causar danos sexuais em crianças e sobre como elas têm acesso às crianças por meio das organizações.

Notas para o facilitador

O exercício a seguir, que trata do entendimento sobre abusadores sexuais de crianças, é muito importante. Certifique-se de ter bastante tempo disponível para fazê-lo de maneira apropriada e de, se você ainda não estiver familiarizado com ele, ler o suficiente sobre o assunto para apresentar o material satisfatoriamente. O **DVD** pode ser usado para enriquecer o material desta seção. Existem muitas partes relevantes. A **Seção 3** apresenta duas situações: a de Christopher, um abusador sexual que foi banido por causa das medidas que a organização tomou para manter as crianças seguras, e a de Robert, um abusador sexual que está visando uma criança. Use a seção **Pare e Pense** do DVD para estimular uma discussão no grupo.



EXERCÍCIO 4.3: ABUSADORES SEXUAIS DE CRIANÇAS

Meta

Fornecer aos participantes informações e oportunidade para pensarem sobre os motivos que fazem alguém abusar sexualmente de uma criança.

Objetivos

- Descrever o ciclo do abuso.
- Identificar os mitos e os riscos em relação aos abusadores.
- Descrever quais medidas podem ser tomadas para ajudar a manter as crianças seguras e reduzir o risco de abuso nas organizações.

Principais pontos de aprendizagem

Pessoas que abusam sexualmente de crianças:

- Podem ser de qualquer cultura, fé, religião, raça, idade, sexualidade e gênero, e podem ser casadas;
- Podem ser habilidosas em ganhar a confiança de adultos e de crianças;
- Podem procurar trabalho em agências que têm contato com crianças;
- Podem ser habilidosas em identificar a criança que é menos resistente e mais vulnerável;
- Podem usar sua posição profissional para explorar a dependência de mulheres e crianças provendo alimentos e recompensas financeiras

Duração

75 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- A seção 3 do DVD  **Guia 5**
- **Notas para o facilitador e o artigo sobre abusadores sexuais de crianças** (página 126)
- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- Apresentação de *Power Point* sobre abusadores sexuais de crianças, no Módulo 4;
- Uma cópia do **Acordo de aprendizagem** (opcional, apenas para referência).

Preparação

Antes de começar, planeje como você vai conduzir esta delicada seção. Leia os principais pontos de aprendizagem e as **Notas para o facilitador** com atenção para se familiarizar com o processo. Você precisa pensar com cuidado sobre o que vai dizer e sobre como vai envolver os participantes.

Módulo Quatro: Transformando sua Organização num lugar Seguro para as Crianças

Você talvez queira usar outras informações que tenha obtido através de pesquisas sobre abusadores de crianças, o modelo/ciclo do abuso e alguns mitos sobre abusadores sexuais. Pense na maneira mais apropriada e útil de discutir este assunto delicado com os participantes; uma forma que reflita a cultura, a experiência e o nível de conhecimento deles.

Assista a **Seção 3 do DVD** e escolha as partes que vai utilizar.  Guia 5

Desenvolvimento

1. Apresente a seção reconhecendo que o abuso sexual é um assunto difícil de ser discutido, independentemente de os participantes, ou pessoas que eles conhecem, terem tido alguma experiência difícil associada ao abuso sexual. Talvez você queira se referir ao **Acordo de aprendizagem** neste ponto, para certificar-se de que todos estão dispostos a prosseguir.
Se o grupo for composto por homens e mulheres, reconheça o impacto que a seção talvez tenha em todos, especialmente nos homens. É fato que a maioria dos abusadores sexuais são homens (apesar de as mulheres também cometerem abuso), portanto, este pode ser um assunto desconfortável para eles. Os facilitadores devem certificar-se de que os homens não se sintam vitimados ou responsáveis pelo comportamento dos outros. No entanto, também é possível que as pessoas na capacitação sejam abusadores sexuais. Não presuma que todos sejam inocentes.
2. Se for usar o DVD, mostre algumas partes **da Seção 3**.  Guia 5
3. Se tiver tempo suficiente, você deve querer usar o breve exercício a seguir, antes da apresentação de *Power Point* e dos arquivos avulsos.

Exercício opcional

Você pode fazer esse exercício com o grupo todo ou dividir os participantes em dois ou três grupos. Usando o *flipchart*, peça aos participantes que escrevam palavras ou desenhem imagens que associem a um abusador sexual; peça-lhes, também, que deem exemplos de algumas de suas características. Determine 5-10 minutos para isso; depois peça que cada grupo dê um retorno de suas opiniões e desenhos.

Comente sobre o que eles escreveram o desenharam:

Existe algum mito relacionado ao que eles disseram?

Que presunções eles fizeram sobre a nacionalidade, o gênero, as profissões etc.?

4. Usando as **Notas para o facilitador** e os *slides* do *Power Point*, faça uma apresentação sobre os abusadores sexuais. Use qualquer informação, literatura ou experiências que o ajudem a apresentar o assunto.
5. Discuta os *slides* sobre abusadores sexuais de crianças para desvendar os mitos sobre abusadores. Talvez você tenha que passar a informação de forma mais simples, dependendo da experiência dos participantes.
6. Tente envolver os participantes ao máximo; encoraje todos a participar e a contribuir.
Por exemplo, se você estiver discutindo ofensas sexuais, peça aos participantes que pensem sobre algumas **inibições externas** (coisas que talvez impeçam alguém de causar danos sexualmente uma criança).
Peça a eles que deem sugestões e escrevam-nas no *flipchart*.

O reconhecimento de que algumas medidas podem ser efetivas em prevenir o abuso pode ser uma importante descoberta para as pessoas.

7. Agora fale sobre o conceito de **aliciamento** — como alguém que quer causar danos sexualmente a uma criança prepara tanto a criança quanto quem está ao redor dela.
8. Peça aos participantes que compartilhem experiências ou exemplos que conheçam sobre como os abusadores se comportam nesse estágio. Isso se aplica ao contexto local do país onde trabalham? De que forma pode ser diferente?
Inclua informações sobre as pessoas que procuram imagens sexualmente abusivas de crianças na internet e sobre como as câmeras digitais e os celulares se tornaram formas fáceis de se aproximar de uma criança.
Reconheça também algumas situações específicas que sejam relevantes no país onde você está. Por exemplo, se o turismo sexual infantil é um problema.
9. Use os principais pontos de aprendizagem do artigo e/ou o resumo do módulo para finalizar a seção. Certifique-se de que todos estão bem e conceda um bom intervalo antes de dar início a outra seção.

Resumo do módulo

Este módulo deve ter auxiliado na identificação das principais medidas que ajudam a desenvolver uma organização segura e das forças e lacunas que cada organização, programa ou projeto tem. Além disso, deve ter esclarecido como os abusadores sexuais se comportam, como desenvolvem confiança por meio do aliciamento ou enganam crianças e adultos para abusar sexualmente de alguém.

A seção 7 do DVD — Quais são os próximos passos — é uma boa forma de resumir este módulo e fazer algumas perguntas desafiadoras.



O **Workshop Básico 1** auxilia o desenvolvimento das principais forças organizacionais identificadas e ajuda a preencher as lacunas, enfocando principalmente o desenvolvimento ou a adaptação dos procedimentos e das políticas organizacionais de proteção à criança.

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

Introdução

Esse módulo é para ajudar os **facilitadores** das organizações a prepararem os adultos para que incentivem a participação da criança nas iniciativas de proteção infantil.

Meta do módulo

- Ajudar os facilitadores a elaborar um *workshop* para funcionários e colaboradores, que, por sua vez, irão trabalhar diretamente com crianças na Participação das Crianças na Proteção Infantil, para aprenderem sobre como manterem a si e aos outros em segurança. Os adultos que participarem do *workshop* talvez venham de contextos variados e possuam diferentes níveis de conhecimento e experiência (por exemplo, professores, líderes comunitários, obreiros juvenis...).
- **O Módulo Cinco não inclui uma capacitação básica de proteção à criança, afinal, entende-se que os adultos que trabalham com crianças fizeram a capacitação básica de sensibilização sobre proteção ANTES de participarem desta capacitação.**
- Também, entende-se que os adultos que trabalham com crianças têm um entendimento básico e uma capacitação sobre os direitos das crianças.

Preparação

Organizando uma capacitação sobre participação e proteção da criança

Recomenda-se que a capacitação sobre participação da criança para educadores seja feito em duas partes: a primeira seguindo os exercícios contidos nesse módulo, e a segunda, aprendendo com uma seleção de exercícios para usar com crianças sobre proteção infantil (conforme o Guia 4) e, em seguida, praticando estes exercícios com as crianças. Isso pode ser feito em um *workshop* de capacitação. Para isso a capacitação levará aproximadamente cinco dias. A capacitação é mais efetiva se os adultos participantes tiverem um relacionamento constante com grupos de crianças. A capacitação é mais efetiva quando existe um sistema estabelecido para os facilitadores compartilharem os sucessos obtidos e os desafios vencidos com sua prática atual. Sistemas de companheirismo podem funcionar bem se são mecanismos de prestação de contas bem administrados.

Trabalhando com crianças no workshop

Será melhor se os adultos tiverem a chance de tentar novas habilidades e atividades com crianças dentro do ambiente do *workshop*. Como as crianças estarão trabalhando em questões de proteção infantil, uma avaliação cuidadosa dos riscos deve ser feita ao organizar o *workshop* com crianças, para assegurar a segurança e o bem-estar, tanto delas quanto dos adultos, e para minimizar riscos potenciais. O Exercício 4.2, no Módulo Quatro, pode ser adaptado considerando-se essa meta. Apesar dos encontros com crianças requererem um planejamento adicional, eles são sempre impactantes e transformadores, tanto para os facilitadores quanto para as crianças.

Workshop de capacitação sobre participação e proteção da criança

Parte um		Parte dois
Capacitação usando os exercícios 1 a 6 do Guia 3 Módulo 5	Capacitação usando os exercícios 1 a 9 do Guia 4	Praticando os exercícios para crianças

Cada exercício precisa ser adaptado de acordo com as necessidades, conhecimento, habilidades e tempo disponível dos participantes dos encontros de capacitação.

Ao preparar o *workshop* será útil consultar os participantes para se ter uma ideia de quem são e de que experiências têm. Peça aos participantes para fornecerem informações sobre suas habilidades e experiência (incluindo capacitações anteriores relacionados com o trabalho com crianças), suas necessidades e expectativas (utilize as perguntas abaixo). Essas informações ajudarão o facilitador a adequar o programa para atender a maioria das necessidades do grupo. Em alguns casos, essa informação fará com que certas seções sejam retiradas ou acrescentadas. Os facilitadores sempre devem estar preparados para fazer adaptações no *workshop* enquanto ele está acontecendo ou tendo a prática de passar algum tempo, no final de cada dia, refletindo sobre o dia e planejando o dia seguinte. É útil ter um mecanismo para obter um retorno dos participantes ao final de cada dia para ajudar nesse processo.

Usar um sistema de pontuação é uma forma de acrescentar um elemento divertido, apesar de os comentários serem mais úteis. Essa é uma boa prática padrão, e é particularmente interessante em se tratando de um tópico delicado e importante como a proteção infantil. Se não for possível obter informações dos participantes antes da capacitação, peça que eles preencham um questionário no início da atividade. Algumas das perguntas que você pode fazer são as seguintes:

- Qual é a sua posição na organização?
- Há quanto tempo tem essa função e quais são suas atribuições?
- Descreva brevemente o trabalho que você faz diretamente com crianças.
- Descreva a capacitação sobre proteção infantil que você fez. Inclua o tempo de capacitação e quem o conduziu.
- Você já organizou algum trabalho participativo com crianças? Se sim, descreva brevemente esse trabalho.
- Quais são suas expectativas para esse *workshop*?
- Você tem algum medo em relação a esse *workshop*? Descreva brevemente.
- De que apoio você acha que precisará, após o *workshop*, para trabalhar com crianças em sua participação na proteção infantil?
- Você acha que seu gênero tem algum impacto na participação e no trabalho de proteção à criança que você desempenha? Se sim, qual e por quê?

Devido à delicadeza dos tópicos discutidos, é importante começar qualquer *workshop* de proteção à criança com acordos claros e regras básicas entre o facilitador e os participantes. A Capacitação Básica para a Proteção da Criança neste Guia pode ajudá-lo a pensar em como fazer isso utilizando o Acordo de Aprendizagem.

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

Lista de Verificação para facilitadores trabalhando com funcionários adultos na participação das crianças na proteção infantil:

No.	Coisas para lembrar ao preparar o <i>workshop</i> sobre participação da criança	Referência no Guia <i>Um Lugar Seguro para as Crianças</i>
1	Você sente que teve uma capacitação adequada e atual de proteção à criança? Por exemplo, uma capacitação usando o Guia <i>Um Lugar Seguro para as Crianças</i> ?	Capacitação Básica de proteção à criança (Página 19)
2	Você se sente confiante para lidar com quaisquer questões que possam surgir, incluindo denúncias de abuso entre os funcionários?	Módulo três: Reconhecendo e respondendo às Suspeitas sobre, o Abuso Infantil (Página 60)
3	Quais são seus planos para implementar um acordo de aprendizagem entre os participantes? Por exemplo, realizar uma seção de “regras básicas” no começo?	Seção introdutória: <i>Um Lugar Seguro para as Crianças</i> (Página 23)
4	Que informações você tem sobre a base profissional dos participantes? Você tem informações suficientes para determinar as maiores necessidades e ajustá-las ao planejamento do grupo?	Guia de boas práticas ao facilitar uma capacitação para a proteção da criança (Página 10)
5	Há quebra-gelos e dinâmicas suficientes para animar o ambiente da capacitação quando necessário? Lembre-se que você pode algumas vezes pedir que os participantes conduzam esses momentos	
6	Que medidas foram tomadas para assegurar que haja tempo e flexibilidade para suprir as necessidades que talvez surjam entre os participantes? Por exemplo, um mecanismo de avaliação/retorno e certa flexibilidade na programação.	
7	Quando a presença de crianças estiver incluída no programa do <i>workshop</i> , é feita uma avaliação de riscos e há tempo suficiente para os participantes se prepararem para facilitar as seções com as crianças.	Conhecendo sua organização (Página 83)

EXERCÍCIO 5.1: PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS

Objetivo

Encontrar um entendimento comum entre o grupo sobre o que significa “participação das crianças”

Principais pontos de aprendizagem

- Ser capaz de definir “participação das crianças”
- Conhecer três modelos para estruturar as atividades participativas
- Entender que há diferentes níveis de participação

Preparação

- Preparar breves apresentações sobre participação das crianças e os níveis de dinâmicas adulto-criança, usando as folhas de atividades.
- Fazer cópias das Folhas de atividades 5.1.1, 5.1.2 e 5.1.3
- Em uma folha de *flipchart* escrever uma definição de “participação das crianças” com a qual você se sinta confortável (um exemplo é dado abaixo).

Participação das Crianças

(modelo de definição)

Um processo em que crianças e jovens se tornam ativamente envolvidos para identificar e resolver problemas que encontram no ambiente em que vivem, a fim de melhorar a saúde e o bem-estar de si mesmos e dos outros.

Desenvolvimento

Atividade Um

1. Em grupos de dois ou três, peça aos participantes que criem uma definição de participação da criança e que deem exemplos.
2. No grupo pequeno, os participantes compartilham suas definições e exemplos.
3. Usando a folha de atividade 1 como guia, faça uma breve apresentação sobre participação da criança, citando os pontos principais. Distribua o Exercício 5.1 da Folha de Atividade 1.1 (ou sua versão dela) para todos os participantes (Pág. 97).
4. Permita que os participantes façam perguntas e comentários.

Atividade Dois

5. Divida os participantes em três grupos. Peça que cada grupo observe um dos três módulos de participação na Folha de Atividade 5.1.2. Os Seis Passos, Cinco Fases e Quatro Rodas. (Pág. 98-100)
6. Peça que os grupos discutam duas questões:
 - Como o modelo se encaixa com o ciclo de aprendizagem aprender-agir-refletir?
 - Quais são suas experiências em participação da criança

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

Estudo de Caso ¹

Aqui estão exemplos de um *workshop* realizado no Malawi:

1. Crianças de um clube de direitos da criança perceberam que algumas crianças tinham saído da escola. Eles resolveram falar com elas sobre voltar à escola.
2. As crianças não estavam aprendendo porque a escola não tinha professores suficientes. Elas foram até o conselheiro de educação primária e apresentaram uma petição. O conselheiro encaminhou a petição ao coordenador distrital de educação e mais professores foram enviados para a escola.

¹ Derek Luhanga from EveryChild, Malawi

7. Compartilhem as ideias dos grupos menores com o grupo todo.

Activity three

8. Faça uma breve apresentação sobre os três níveis de dinâmicas adulto-criança, referindo-se à Folha de Atividade 5.1.3.
9. Nos mesmos grupos separados anteriormente, peça aos participantes para discutirem exemplos de seu próprio trabalho com crianças, utilizando um ou mais desses formatos:
 - Trabalhando **juntos**
 - Trabalhando **com**
 - Trabalhando **para**
10. Compartilhe as reflexões dos grupos com o grupo todo. Incentive os participantes a desafiarem uns aos outros com perguntas como: “as crianças devem trabalhar por conta própria nas questões de proteção infantil?”
11. Conclua a seção com uma reflexão em grupo sobre o que os participantes aprenderam sobre a participação da criança (faça dois grupos se houver mais de quinze participantes).

Folha de atividade 5.1.1: Princípios sobre Participação das crianças

1. A participação das crianças tem a ver com permitir que TODAS as crianças tenham a chance de participar, independente de gênero, idade ou habilidade.
2. Crianças têm o direito de participar em questões que afetam suas vidas. A participação é um dos quatro princípios centrais da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças (CDC): sobrevivência, desenvolvimento, proteção e participação. O Artigo 12 é o mais significativo em termos de participação. Para que a participação seja efetiva, devem ser dadas às crianças oportunidades de participar e expressar seus pontos de vista da forma que escolherem; os adultos têm a responsabilidade de ouvir e considerar as opiniões das crianças quando estão sendo tomadas decisões que as afetam.
3. Como muitos processos elaborados para transformar e desenvolver pessoas, existem quatro elementos principais para uma participação bem-sucedida:
 - Todos os adultos e crianças envolvidos precisam de conhecimento relevante;
 - Todos os adultos e crianças precisam de habilidades relevantes;
 - Todos os adultos e crianças precisam se sentir motivados e inspirados;
 - Um ambiente positivo de aprendizagem que favoreça a participação.

Conhecimento + habilidades + inspiração + ambiente positivo de aprendizagem = participação bem sucedida

4. Fatores que fazem um ambiente positivo de aprendizagem incluem **respeito** pelas crianças, **oportunidades** para as crianças participarem, e **apoio** ativo para que elas o façam.¹
5. Para participar e para desenvolver novos conhecimentos e habilidades, as crianças se beneficiarão da orientação de um funcionário adulto com habilidade e experiência em **ouvir ativamente e fazer perguntas abertas, e com conhecimento sobre como trabalhar com crianças em grupos**. Essas habilidades se complementam para encorajar e capacitar crianças.
6. Existem diferentes níveis de participação da criança definidos por diferentes **níveis de envolvimento de adultos e crianças**. É importante trabalhar em um nível que se encaixe ao contexto cultural, aos tópicos sendo explorado, à idade ou estágio de desenvolvimento (não necessariamente relacionado com a idade) e às habilidades das crianças e adultos envolvidos.
7. A participação de crianças funciona melhor quando as atividades têm objetivos e metas modestos, que crescem à medida que o conhecimento e a habilidade de todos os envolvidos se desenvolve.
8. **Consultar as crianças** é uma forma de envolvê-las, dando-lhes a oportunidade de participar. A consulta a crianças precisa ser feita de forma cautelosa e cuidadosa, afinal, envolve convidá-las a entrar no domínio dos adultos e a assumir um papel com que não estão familiarizadas e para o qual talvez não estejam bem preparadas. As crianças podem facilmente não corresponder às expectativas ao desempenharem suas funções ou ser elogiadas demais por seu trabalho como consultoras; as duas situações podem fazer com que se sintam desconfortáveis. Por isso é importante preparar totalmente as crianças, explicando-lhes tudo o que for necessário, antes de começarem a participar das consultas.

Há várias formas de estruturar atividades participativas com crianças. Nessa seção vamos destacar **três modelos** para se adaptar ou adotar:

- Os **Seis Passos**;
- **Cinco fases** da Elaboração do Processo de Mudança;
- As **Quatro Rodas** do ônibus;

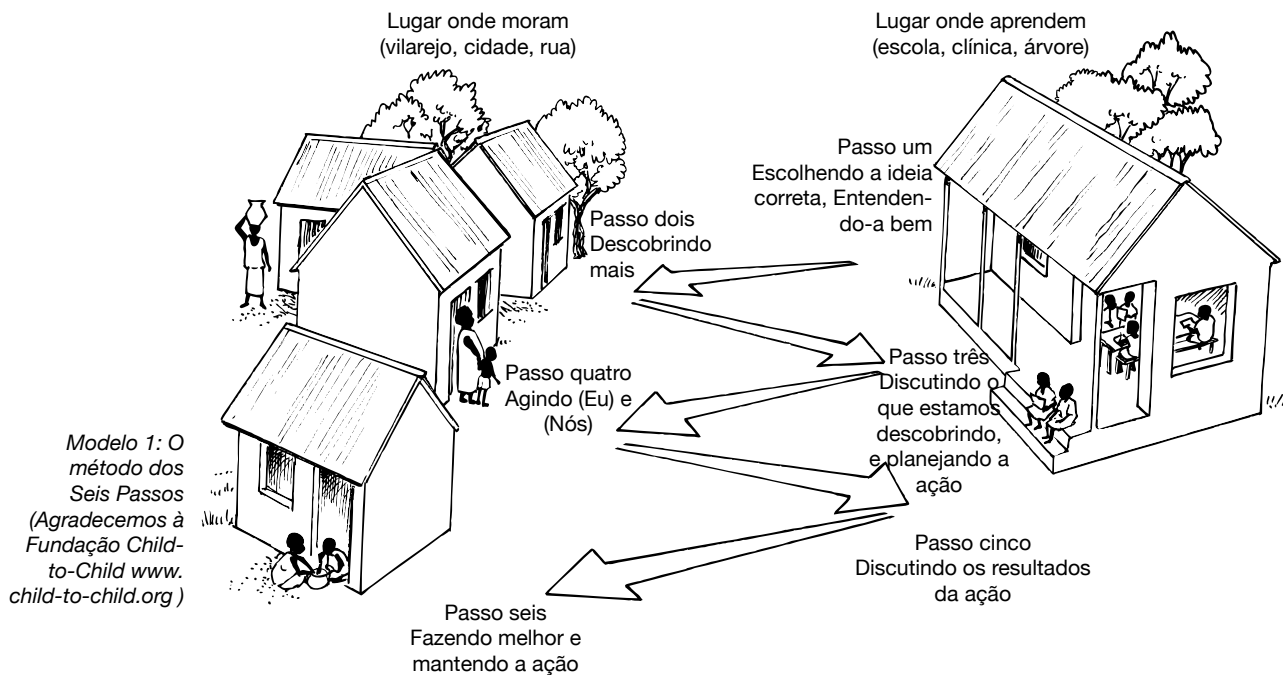
Cada uma dessas estruturas possui um ciclo de entendimento-ação-reflexão.

¹ Tearfund

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

Folha de atividade 5.1.2: Participação das Crianças

1. Os Seis Passos



No começo do método dos seis passos, é importante que as crianças entendam o máximo que puderem sobre o tópico. Isso pode ser feito de muitas formas:

O lugar de aprendizagem pode ser uma escola, a casa de alguém ou um lugar aberto. As atividades de aprendizagem acontecem em um momento diferente. Um tópico, como Transformando a Escola num Lugar Mais Seguro, é selecionado como primeiro passo por adultos ou por adultos e crianças, usando-se uma ferramenta como o *Quadro de Oportunidades*.

No começo do método dos seis passos, é importante que as crianças entendam o máximo que puderem sobre o tópico. Isso pode ser feito de muitas formas:

- Com um funcionário adulto “ensinando” as crianças sobre o tópico;
- Com visitantes compartilhando sua experiência ou especialidade com as crianças;
- Desempenhando atividades práticas;
- Utilizando dramatizações ou jogos;
- Criando ou contando histórias que tenham ligação com o tópico; ou desenhando ou discutindo imagens relevantes.

Há muitas formas divertidas e criativas para explorar os tópicos nesse primeiro passo. Esse é o passo principal, que é coordenado pelo funcionário adulto.

No passo dois as crianças descobrem as necessidades locais de outras crianças, em casa ou na comunidade, com base no que entenderam sobre o tópico no passo um. O restante dos passos desenvolve-se a partir do que as crianças encontram em suas casas e comunidades. Elas discutem sobre o que encontraram e planejam uma ação apropriada. As medidas que tomarem podem ser práticas e mudar ou desenvolver a forma como as crianças e outros

fazem as coisas em suas escolas e famílias. As atividades devem gradativamente aumentar a sensibilidade das famílias ou comunitários. Os adultos precisam apoiar as crianças no estágio de planejamento, certificando-se de que as atividades sejam seguras e apropriadas para a idade e a experiência das crianças.

Como o programa dos seis passos é um processo bastante efetivo, é MUITO importante incluir o passo 5, que é o passo da avaliação, como parte do processo. Esse passo ensina as crianças a refletirem, e o passo final baseia-se nos resultados do que fizeram e é uma oportunidade para corrigir quaisquer erros que tenham sido cometidos.

2. Cinco Fases do Processo para o Plano de Mudança

Esse modelo utiliza várias das ferramentas do método dos seis passos.

Resumo: 1-sentir, 2-imaginar, 3-fazer, 4-compartilhar, 5-continuar

1. **Sentir a mudança:** O que você mais gostaria de criar ou de mudar em sua comunidade? Você tem alguma ideia que pode tocar ou afetar a vida de muitas pessoas? Qualquer ideia que VOCÊ pode colocar em prática;
2. **Imagine a mudança:** Conversem juntos sobre como criar essa mudança. Faça com que outros de sua comunidade se envolvam. Planeje como e quando você fará esse Ato de Mudança acontecer;
3. **Faça a mudança:** Junte os recursos de que você precisará. Saia e faça acontecer. Registre o que você fizer, o impacto que terá e como isso faz você se sentir;
4. **Compartilhe a mudança:** Celebre seu Ato de Mudança com sua comunidade. Registre sua história e como você a compartilhou;
5. **Continue a mudança:** Reflita sobre seu Ato de Mudança e sobre o que funcionou bem. Você sente que a história apenas começou? O que você fará em seguida?

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

3. As Quatro Rodas do Ônibus

“As Quatro Rodas do Ônibus” segue uma metodologia semelhante ao método dos seis passos. O ônibus mostra que está indo em direção à proteção da criança. As rodas pedem às crianças que reconheçam as questões, estudem as questões seguintes, ajam nas questões e avaliem as ações. As crianças podem levar consigo no ônibus qualquer um dos tópicos e usar as rodas para indicar este tópico.



Folha de atividade 5.1.3: Níveis de participação

Promover a participação das crianças na proteção infantil é mais eficaz quando feito gradualmente, desenvolvendo a sua confiança e a das crianças durante o processo. Isso é especialmente relevante quando se trabalhar com as restrições dos programas existentes. Muitos adultos estão acostumados a usar métodos formais de ensino com crianças e talvez falte confiança ao usar um método como o dos Seis Passos. Se um novo método for implementado muito rapidamente e houver erros, há o risco de se perder a confiança no método ou de se transformar o método em algo que não é efetivo. Incorporar um método participativo pode ajudar na promoção da qualidade e da sustentabilidade. E não se preocupe se erros forem cometidos – eles ajudam os adultos a descobrirem como adaptar os métodos para melhor se adequarem a si e aos grupos de crianças com quem trabalham.

Essa tabela mostra três níveis de um relacionamento entre adultos e crianças. O terceiro é um bom nível para se começar e, conforme a confiança cresce, o ideal é desenvolver a participação até o nível um.

Três níveis de relacionamento entre adultos e crianças

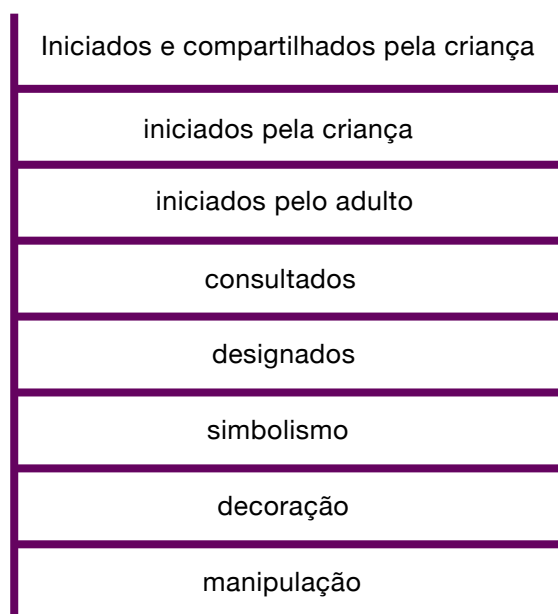
1. Adultos e crianças trabalhando e aprendendo juntos em parceria	Adultos e crianças desenvolvem uma parceria que é iniciada e dirigida em conjunto. Isso inclui parceria na ideia, no processo e nos resultados. Eles talvez tenham funções diferentes, baseadas em um consentimento mútuo. Esse relacionamento é possível apenas quando os adultos e as crianças são encorajados e capacitados a usar suas respectivas forças para alcançar o objetivo comum
2. Adultos lideram e trabalham com crianças	Os adultos iniciam um projeto e compartilham a tomada de decisões com as crianças e os jovens. É um projeto em conjunto em que eles fazem um esforço em conjunto. Crianças e adultos talvez tenham diferentes funções de acordo com um consentimento mútuo.
3. Adultos trabalham pelas crianças e levam suas opiniões a sério	Adultos acreditam em consultar crianças e jovens e em mantê-los envolvidos. Os adultos lideram, informam as crianças sobre a situação e buscam suas opiniões. Eles dão às crianças e jovens um senso de apropriação de alguns aspectos do processo sob a supervisão de um adulto. Os adultos estão no controle do processo, mas o mantêm flexível para incorporar as sugestões e interesses das crianças.

A mais conhecida metáfora sobre participação da criança é a dos oito degraus da escada que vão desde a “manipulação” até “projetos iniciados por crianças”. Essa metáfora é emprestada de *Sherry Arnstein* (1969) e as categorias do relacionamento entre adultos e crianças, de *Roger Hart*.³ A metáfora da escada funciona bem e mostra que a escada só deve ser subida até o ponto em que é útil para um projeto. Ela não deve ser vista como uma sequência que leva ao primeiro lugar no topo! Na prática, cada contexto em que a participação é aplicada tem suas próprias oportunidades e desafios, havendo um equilíbrio cuidadoso entre as atividades de adultos e crianças que precisa ser mantido. São aqueles envolvidos no trabalho de um projeto específico, com um grupo específico de jovens que podem fazer os melhores julgamentos. Também é interessante que os educadores deixem sua zona de conforto de vez em quando!

3 Roger Hart, *Participação da Criança, da manipulação à cidadania*, Innocenti Essays No 4. 1979. <http://ideas.repec.org/p/ucf/inness92-6.html>

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

Escada da Participação



Cuidado ao usar a metáfora da escada, pois em algumas atividades talvez não seja apropriado que o “topo” da escada seja o objetivo.



Patrick Wittmann/ SOS

EXERCÍCIO 5.2: CRIANÇAS ATUANDO NA PROTEÇÃO INFANTIL

Nota para o facilitador

Adultos são definitivamente responsáveis pela proteção das crianças. As crianças podem agir de várias formas para ajudar a si mesmas e a outras a permanecerem seguras. As ações de sensibilização e autoproteção para prevenção devem ser aplicadas de modo gradativo e serem apropriadas a cada faixa etária das crianças, dependendo ainda do contexto em que vivem e do nível de apoio que recebem dos adultos. As crianças geralmente conhecem mais e podem fazer mais do que os adultos acham que elas podem; assim, é importante encontrar formas criativas de descobrir isso. Ao facilitar o exercício dois do *workshop* para adultos, reúna as ideias dos participantes e enfatize que a função deles é fazer o mesmo com as crianças nos *workshops* com crianças usando um método como o quadro de oportunidades, praticando o ato de ouvir atentamente e utilizar perguntas abertas, e fazendo um trabalho em grupo de forma criativa e divertida.

Objetivo

Tornar-se consciente de quando e como as crianças, individualmente ou em grupos, podem ajudar a proteger outras crianças e dar apoio aos que sofreram danos.

Principais pontos de aprendizagem

- Aprender ou lembrar as muitas formas pelas quais as crianças podem manter a si mesmas e a outras em segurança;
- Aprender como usar uma ferramenta que traga à tona tópicos de proteção à criança localmente relevantes e ideias para a ação das crianças;
- Entender como um ou mais tópicos de proteção à criança localmente relevantes podem ser desenvolvidos usando-se um dos modelos para facilitar a participação da criança.

Preparação

- Leia e faça cópias da folha de atividade 5.2.1 (página 104)
- Leia e reflita sobre essa lista de referência sobre o que as crianças podem fazer para agir como indivíduos em um grupo que possa ajudá-las e ajudar outros a apoiar organizações e projetos.

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

Folha de Atividade 5.2.1

Ação das crianças na proteção infantil

Individualmente e em grupos:

- Crianças podem entender diferentes tipos de abuso;
- Crianças podem sinalizar quando uma criança talvez esteja sendo vítima de abuso;
- Crianças podem contar a um adulto de confiança se estiverem sendo molestadas ou em risco. As crianças podem não verbalizar suas preocupações, mas sim expressá-las através de desenhos, canções, peças ou outros métodos criativos;
- Crianças podem contar a um adulto de confiança se suspeitarem que uma criança que conhecem está sendo vítima de abuso ou em risco de ser;
- Crianças podem apoiar outras crianças e ajudá-las a contar a um adulto de confiança se estão sendo molestadas ou com medo de ser;
- Crianças podem sinalizar uma situação de risco e ter ideias sobre como sair dessa situação;
- Crianças podem saber o que fazer, falar ou gritar se estiverem sendo maltratadas;
- Crianças podem pedir para ir para um “lugar seguro” se precisarem de ajuda. Isso é especialmente importante depois de uma emergência (um desastre natural, por exemplo), quando todas as estruturas comunitárias comuns e redes de apoio estiverem em estado de instabilidade;
- Crianças sentem que é importante saber sobre participação das crianças na proteção infantil e têm habilidades para proteger a si mesmas e a outros.

A habilidade de agir das crianças depende de sua idade, entendimento e experiência. Para que possam agir, precisam que a informação lhes seja fornecida de maneira apropriada para crianças. Em muitos casos, a informação é dada de forma falada. Os responsáveis por passar a informação precisam pensar com cuidado sobre o que falam e como falam quando se trata de tópicos delicados. As crianças precisam saber onde obter informação e com quem falar. Além disso, elas precisam de confiança e habilidades para falar sobre seus sentimentos e para lidar com eles de forma apropriada.

Em nível organizacional:

- As crianças podem ajudar a criar políticas para organizações, comunidades ou clubes de crianças;
- As crianças podem ajudar a avaliar as políticas de proteção da criança e os códigos de conduta em organizações e clubes;
- As crianças podem monitorar a efetividade das políticas de proteção à criança na prática;
- As crianças podem sentir que essa é uma função importante e útil para elas.

Copie o quadro de oportunidades numa folha de *flipchart* (use duas folhas se for necessário).

Quadro de Oportunidades

(Se desejar, acrescente um espaço para informações gerais. Por exemplo: data, local e horário da seção, além de detalhes relevantes sobre os participantes.)

Pergunta

Ideias/questões	O quanto é sério	O quanto é comum	O quanto as crianças podem fazer para proteger a si mesmas e umas as outras + exemplos	O quanto esse tópico é importante

De que apoio dos adultos as crianças precisam nestas atividades?

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

Desenvolvimento

A dinâmica da participação das crianças

1. Em pares, peça aos participantes que leiam e troquem ideias sobre o quadro de oportunidades e as dinâmicas de participação na Folha de atividade 5.2.2;
2. Permita que os participantes façam perguntas e comentários;
3. Peça aos pares que olhem o exemplo e que, em seguida, criem três novos exemplos baseados em seu trabalho de proteção infantil. Lembre aos participantes que as crianças podem ajudar a apoiar organizações e projetos;
4. Os participantes listam seus exemplos sob dois títulos:
 - o que as crianças podem fazer como indivíduos ou em um grupo;
 - o que as crianças podem fazer pelas escolas, projetos e organizações.

Isso pode ser feito utilizando-se pedaços de papel coloridos

Estudo de caso - Dinâmicas da Participação¹

Aqui estão algumas ideias elaboradas por funcionários e coordenadores que trabalham com proteção da criança ao fazerem esse exercício:

1. Lidar com o problema de ter membros da família agindo violentamente contra crianças com as quais não têm parentesco:
 - Teatros comunitários;
 - Disciplina positiva;
 - Aulas preventivas;
 - Diários em vídeo para mostrar o efeito da ação da pessoa na criança;
 - Competição de cartazes.
2. Crianças compartilham ideias sobre procedimentos simples que utilizam para se manterem seguras: caminhos habituais para a escola ou para o mercado, não deixar um amigo sozinho em certos lugares, apoiar uns aos outros se um adulto for violento, mesmo se esse adulto for um professor ou alguém querido.
3. A fim de melhorar o atendimento, as crianças apresentam um vídeo para a equipe mostrando os riscos para sua saúde e bem-estar que enfrentam tanto na rua quanto no projeto.
4. Crianças compartilham experiências e/ou medos relacionados a práticas locais tradicionais.
5. Crianças desenvolvem um código de conduta para a equipe de um projeto local.

¹ Um Lugar Seguro para Crianças, Outubro de 2010

Quadro de oportunidades

5. Peça aos participantes para copiarem o quadro de oportunidades em um cartaz.
6. Em grupos de cinco a dez, os participantes identificam de três a cinco tópicos relacionados com a proteção da criança que sejam específicos e relevantes para o local onde vivem e trabalham. Eles podem incluir crianças que não estão cientes de seus direitos, desrespeito verbal, surra pelos professores, negligência pelos pais ou abuso entre os colegas na escola.
7. O grupo discute sobre a seriedade de cada problema e sobre quanto ele é comum. Talvez seja necessária alguma conversa para se chegar a um entendimento comum sobre o que significa “sério” e o que significa “comum”. É importante que os participantes de cada um dos grupos cheguem a um consenso antes da pontuação.

8. O grupo avalia cada problema usando um sistema de pontos. Por exemplo, o quadro abaixo utiliza 5/5 = muito sério/muito comum e 1/1 = menos sério/menos comum.
9. Na próxima coluna classifique a extensão da ação do grupo em cada uma das questões.
10. Some os pontos de cada problema e discuta o resultado.
11. Para complementar, converse sobre o que as crianças precisam que os adultos façam para colocar essas ideias em prática. Organize estas informações no quadro abaixo da tabela. Lembre os participantes sobre os quatro fatores principais para uma participação bem-sucedida (um ambiente propício + conhecimento + habilidades + inspiração). Se houver tempo extra, pense em criar uma nova tabela com todos os grupos.⁴

O Quadro de Oportunidades pode ajudar como referência para monitorar nossas intervenções e para aumentar a confiança da criança. Uma criança uma vez me disse que isso permite que ela participe da busca de soluções que irão protegê-los do abuso.

Elaborando um tópico de proteção à criança usando o Método dos Seis Passos

Peça aos participantes que selecionem um dos tópicos e discutam como esse tópico pode ser desenvolvido utilizando-se o método dos seis passos. Lembre os adultos de que eles estão desenvolvendo uma narrativa e não escrevendo um plano de projeto. Isso porque as crianças precisam desempenhar uma função no andamento do processo a partir do passo um.

Peça que os participantes escrevam as atividades referentes a cada passo em pedaços de papel sem indicações ou títulos que mostrem de que passo se trata. Aqui está um exemplo sobre casamento precoce:

⁴ Agradecimentos a Asmerom Mekonen Gettu, Fórum de Empoderamento Sustentável da Criança (FSCE), Adama Program Office, Etiópia, por suas reflexões sobre isso.

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

Estudo de Caso ¹

Passo 1: Identificar um tópico e entendê-lo melhor

- Identificamos o casamento precoce com uma questão que queremos explorar;
- Usando o quadro de oportunidades, discutimos sobre como uma criança pode ser afetada por um casamento precoce;
- Estabelecemos e fizemos um debate entre dois grupos – um falando a favor, e outro contra o casamento precoce;
- As crianças mais velhas fizeram sua própria pesquisa usando questões abertas para descobrir mais dos pais e anciãos da comunidade sobre a prática do casamento precoce: sua história, ligação com a cultura, razões para isso e os sentimentos das pessoas sobre isso hoje.

Passo 2: Descobrir mais

- Usando suas pesquisas, as crianças descobriram mais sobre a prática e as atitudes com relação ao casamento precoce a partir da perspectiva dos adultos e das crianças da comunidade.

Passo 3: Discutir o que foi descoberto e planejar uma ação

- As crianças discutiram os resultados da pesquisa;
- As crianças observaram novamente o quadro de oportunidades, comparando o que descobriram com o que pensavam ser as questões;
- As crianças planejaram suas ações.

Passo 4: Agir

- Os representantes das crianças falaram com os líderes comunitários sobre o casamento precoce e sobre como isso afeta as crianças;
- As crianças fizeram uma encenação sobre as atitudes a respeito do casamento precoce baseada no que descobriram em suas pesquisas;
- As crianças fizeram uma história em quadrinhos e uma revista com artigos, figuras e jogos baseados nos direitos das crianças;
- As crianças aumentaram a sensibilização dos seus pares e seus familiares, e fazem isso através de conversas, debates, peças de teatro e músicas.

Passo 5: Avaliar

- As crianças repetiram todas ou algumas pesquisas e constataram o que mudou ou melhorou por causa de suas ações;
- Elas elaboram e aplicaram um questionário para crianças e adultos com perguntas relacionadas ao casamento precoce e à opinião das pessoas quanto a eficácia dos métodos utilizados para a sensibilização.

Passo 6: Fazer melhor

- Como resultado das pesquisas e da avaliação, as crianças planejaram aumentar a sensibilização em outros grupos que poderiam ajudar a prevenir o casamento precoce (escolas, educadores de escolas, líderes religiosos);
- As crianças planejaram formas de alcançar pessoas mais amplamente utilizando a mídia (TV e rádio).

¹ Um Lugar Seguro para Crianças, October 2010

Se houver tempo, os participantes podem circular em pares ou grupos brincando com um jogo que tem como objetivo colocar as atividades sugeridas na sequência correta.



Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

Folha de atividade 5.2.2

Quando crianças e adolescentes participam de projetos, eles o fazem de variadas formas. Aqui está uma tabela que resume isso:

Dinâmicas da participação das crianças			
Quem?	Fazendo o quê?	Para quem?	Com que propósito?
Crianças individualmente	Compartilhando conhecimento	Para si mesmas	Desenvolver habilidades e atitudes
Pares de crianças	Estando presente	Amigos	Melhorar os resultados do desenvolvimento social e pessoal
Pequenos grupos de crianças	Pesquisando	Outros colegas	
Grandes grupos de crianças	Demonstrando	Irmãos	Aumentar a sensibilização
	Trabalhando com	Outros membros da família	Melhorar os relacionamentos
	Ensinando habilidades	Comunidade local	Fortalecer as políticas para crianças
	Defendendo os direitos	Comunidade ampla	Melhorar o sentimento de bem-estar e habilidades para fortalecê-lo
	Monitorando ou avaliando	Grupos de adultos	Monitorar e avaliar os produtos e serviços para crianças
	Planejando		Ajudar a melhorar os serviços em nível familiar ou comunitário
			Melhorar a saúde ou educação dos outros
			Desenvolver uma autoconsciência e a responsabilidade por si mesmos e por outros

Aqui está um exemplo:

Dinâmicas da participação das crianças na proteção infantil			
Quem?	Fazendo o quê?	Para quem?	Com que propósito?
Grupos grandes		Para si mesmas, outras crianças e a equipe da escola	Aumentar a sensibilização, prevenir e lidar com as provocações nas escolas

Seu exemplo			
Quem?	Fazendo o quê?	Para quem?	Com que propósito?

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

Folha de atividade 5.2.3

O Quadro de Oportunidades

Violência e abuso contra crianças

Problema	O quanto é sério	O quanto é comum	O quanto as crianças podem fazer para proteger a si mesmas e a outras + exemplos	O quanto esse tópico é importante
Crianças sendo vítimas de abuso	5	2	4 Crianças podem aprender sobre o direito de serem protegidas do perigo. Elas podem aprender que se estiverem sendo vítimas de abuso ou com medo de serem, precisam falar. Elas podem ajudar outros a fazer o mesmo.	11
Pais e professores usando punições severas, como surras e humilhações	5	5	3 As crianças podem aumentar a sensibilização sobre seu direito de serem protegidas do perigo. Elas podem aprender e promover métodos de disciplina positiva, como elogiar o bom comportamento. Com outras crianças, elas podem lutar para que os professores joguem fora suas varas.	13
As crianças não sabem que têm o direito de serem protegidas	3	5	5 As crianças podem descobrir o que as pessoas em suas escolas e comunidades sabem sobre os direitos das crianças. Elas podem formar um clube e organizar uma campanha.	13

Elaborando uma seção introdutória sobre os direitos das crianças usando o método dos Seis Passos

1. As crianças escolhem sobre qual tópico aprender	As crianças selecionam qual questão dos direitos da criança é mais importante para elas ou, usando o quadro de oportunidades, decidem do que elas mais precisam se proteger
2. Elas recebem ajuda para entender mais sobre o tópico	Adultos trabalham com crianças para ajudá-las a entender mais sobre seus direitos e sobre proteção infantil
3. As crianças descobrem mais sobre o tópico através de outros (como pessoas de sua família)	Usando uma pesquisa simples, elas descobrem o que crianças mais velhas, sua família e os vizinhos sabem sobre os direitos das crianças. Crianças mais velhas podem descobrir o que os líderes principais e os grupos profissionais, como líderes comunitários, médicos, policiais, advogados e jornalistas sabem
4. Elas conversam sobre o que descobriram e planejam o que fazer por si mesmas ou com outros	As crianças trazem os resultados das pesquisas e planejam como aumentar a sensibilização em suas famílias, escolas e comunidades. Crianças mais velhas pensam sobre o que podem fazer para aumentar a sensibilização entre grupos profissionais e líderes
5. Crianças agem	Através de músicas, competições de cartazes, filmagens, rádio, marchas, artigos e encontros com grupos profissionais para contarem suas histórias, as crianças aumentam a sensibilização sobre seus direitos. Elas estabelecem um clube de direitos das crianças para manter suas ações em prática ¹
6. Elas pensam no que fizeram e se funcionou. Elas conduzem uma avaliação e planejam novas ações.	As crianças pensam sobre cada ação que fizeram. Elas avaliam se funcionou bem ou não. Decidem repetir as pesquisas do passo 2 para mensurar se a ação teve algum impacto. E discutem sobre como melhorar as ações, e acrescentam novas atividades.

¹ Essas ideias não foram criadas, elas são baseadas em ações reais feitas por crianças em diversos países

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

EXERCÍCIO 5.3: ROMPENDO BARREIRAS CONTRA A PARTICIPAÇÃO EFETIVA DAS CRIANÇAS

Notas

Consulte a lista de verificação da página 118 antes de conduzir essa seção de capacitação. Assegure-se de que o nível de diálogo se aprofunde até chegar às verdadeiras questões vivenciadas pelos participantes. Faça perguntas abertas para explorar o que pode estar por trás das barreiras e encoraje os participantes a fazerem o mesmo.

Existem quatro elementos para a participação bem-sucedida das crianças:

1. Através de informação clara, as crianças entendem totalmente de que estão sendo convidadas a participar;
2. As crianças recebem informações sobre ouvir atentamente, sobre perguntas abertas e que provoquem o pensamento e sobre como se relacionar bem umas com as outras para que participem;
3. As crianças se sentem motivadas a participar; e
4. Um ambiente propício. Isso significa que as crianças são respeitadas pelos adultos e recebem o apoio e as oportunidades de que precisam para participar. Há também um espaço seguro para que isso seja feito e o envolvimento de pessoas em quem elas confiam.

A falta de motivação às vezes não é vista como uma barreira, mas a motivação realmente ajuda as crianças a aprenderem. É importante considerar o que motiva as crianças (pode ser simplesmente a presença de alguém de quem gostam e que as ouça). Motivação não tem a ver com prêmios e recompensas materiais. Pode-se dizer que esse tipo de motivação está perto da manipulação! Se os facilitadores não têm certeza sobre o que motiva as crianças a agirem, peça que reflitam sobre o que os motiva.

Trabalhar com as crianças de uma forma participativa pode ser incomum para alguns adultos e nem todos acham fácil. Há habilidades e atitudes importantes que são necessárias para fazer com que crianças percebam que têm algo importante a dizer.

Os projetos participativos acontecem em nível pessoal, profissional e organizacional. É em CADA nível que todos os quatro elementos listados acima precisam estar presentes. Se algum não estiver, talvez o projeto seja menos eficaz. Use essa seção sobre as barreiras como uma ferramenta de diagnóstico para ajudar os facilitadores a pensarem sobre como romper as barreiras que talvez encontrem em seu projeto.

TIPO DE BARREIRA

Objetivo

Entender as barreiras que impedem uma participação efetiva e descobrir como elas podem ser vencidas.

Principais pontos de aprendizagem

- Entender a extensão e a natureza das barreiras que talvez impeçam uma participação efetiva;
- Começar a avaliar as razões para a existência dessas barreiras e como elas podem ser rompidas.

Recursos

- Fita listrada de vermelho e branco ou uma tira de papel colorida com essas cores;
- Tesoura;
- Folha de atividade 5.3.1.

Preparação

- Prepare uma breve apresentação sobre barreiras para a participação de crianças na proteção infantil usando sua própria experiência, as notas acima e a folha de atividade 5.3.1;
- Leia e faça cópias da folha de atividade 5.3.1 para os participantes;
- Prepare a tira de papel colorida, caso você não possua a fita.

Desenvolvimento

1. Em pares, os participantes discutem as barreiras para a participação da criança. Se houver tempo suficiente, organize um pequeno debate em que metade dos participantes fala a favor e metade contra a participação da criança.
2. Peça aos participantes que pensem em soluções para essas barreiras. Lembre as pessoas de que devem pensar sobre que conhecimentos, habilidades e qualidades elas já têm para contribuir para a solução.
3. Tenha uma opinião do grupo todo.
4. Usando as notas para o facilitador, a experiência pessoal e a folha de atividade três, faça uma breve apresentação (mais ou menos 1 minuto) sobre barreiras para a participação efetiva das crianças.
5. Para apresentar os impedimentos e as soluções, dois participantes seguram a fita, um fala sobre a barreira, e um terceiro a corta com a tesoura enquanto fala sobre a solução. Encoraje o grupo a vibrar quando a barreira for rompida!
6. **Conclua a seção** com uma discussão em grupo. Certifique-se de que, se for proposto como solução uma capacitação, haja tempo suficiente para entender especificamente o que isso significa.

Nota: As barreiras e soluções formam um dramático e atraente cenário se forem coladas aos pedaços de jornal com as soluções escritas em cima (ou em baixo) dos dois pedaços das tiras cortadas. Esta atividade pode ser uma parte útil do planejamento do projeto.

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

Estudo de Caso ¹		
Barreiras para a participação da criança		
	Barreiras culturais ou individuais	Barreiras organizacionais
Fatores circunstanciais	Falta de oportunidade para que as decisões das crianças influenciem a preparação de um orçamento Dar mais chance para um grupo de crianças do que para outro	Falta de recursos
Conhecimento	Falta de conhecimento sobre a quem se dirigir quando há um problema Falta de compartilhamento de conhecimento com as crianças por causa de preconceito	Falta de conhecimento sobre a participação da criança Conhecimento inadequado sobre os direitos e responsabilidades das crianças
Habilidades	Falta de habilidades para ouvir Falta de habilidades para relatar Falta de habilidades para a tomada de decisões	Habilidades inadequadas em grupos de crianças para promover a participação
¹ Bristol Nyirongo, SOS villages		

Atividades extras para incluir ou acrescentar a essa seção

O Jogo do Aquário (Esses dois jogos podem também ser usados com as crianças para explorar ideias. Eles são apresentados para o uso com crianças no Guia 4, Módulo 4, página 77)

Metade das crianças faz um círculo do lado de dentro viradas para fora; a outra metade faz um círculo maior do lado de fora viradas para dentro; cada criança do círculo de fora está olhando para uma criança do círculo de dentro.

1. As crianças do círculo de dentro pensam em um problema e pedem ao par do círculo de fora para sugerir um conselho. O parceiro faz uma sugestão.
2. Depois de alguns minutos, todas as crianças do círculo de fora se movem para a direita. As crianças do círculo de dentro fazem a mesma pergunta para seu novo par do círculo de fora.
3. Peça às crianças para virarem para a pessoa da esquerda e compararem os dois conselhos que receberam para o mesmo problema. O quanto são diferentes? O quanto são iguais?
4. Em seguida, as crianças do círculo de fora pensam em um problema e as crianças de dentro sugerem uma solução. Depois de alguns minutos todas as crianças no círculo de dentro se movem para a direita.
5. Novamente peça às crianças para virarem para a esquerda e compararem o conselho que receberam. Em grupo, peça a todos que discutam por que ter duas opiniões sobre o mesmo problema pode ser útil.

O Jogo da Cadeira (esta é uma forma alternativa ou adicional de concluir a seção)

1. Divida os participantes em dois grupos e peça que eles se sentem em duas fileiras, uma de frente para a outra;
2. Coloque uma cadeira no centro das duas fileiras;
3. Explique que a cadeira está virada na direção do progresso;
4. Convide os participantes a irem até a cadeira e a moverem-na para frente ou para trás. Se o participante estiver expressando uma solução ou oportunidade, ele move a cadeira para frente, e se estiver falando de uma barreira, move a cadeira para trás.



Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

Folha de atividade 5.3.1

Barreiras para a participação das crianças

A delicadeza de um tópico como proteção da criança

A participação de crianças na proteção infantil é um tópico particularmente delicado. Pedir que as crianças se envolvam nisso talvez traga problemas únicos, mas também oportunidades únicas. Por exemplo, muitos projetos relacionados à prevenção contra HIV/AIDS e à saúde sexual estão utilizando de forma bem-sucedida a metodologia participativa para lidar com atitudes e comportamentos há muito arraigados. É válido lembrar que as próprias crianças podem ser uma barreira para a participação se houver hierarquias restritas inapropriadas ou se for permitido que as crianças estabeleçam regras para outras crianças ou lhes apliquem punições.

É melhor trabalhar com crianças em seus próprios contextos em vez de trazê-las para um ambiente não familiar. As pessoas que estiverem facilitando o trabalho participativo devem ter experiência direta no trabalho com crianças e já devem existir relações de confiança, possibilitando conversas mais profundas que levem a uma ação real.

Coordenação organizacional e cultura

É difícil para as organizações conduzirem uma participação efetiva sem o apoio da coordenação. É necessário um apoio de equipe para se criar um ambiente positivo de aprendizagem. Esse é um dos quatro fatores-chave para uma participação bem-sucedida.

Falta de energia, conhecimento ou habilidades

Outras barreiras incluem adultos que querem facilitar a participação da criança, mas que de alguma forma carecem de conhecimento, habilidades ou atitudes para fazer isso de forma efetiva. Facilitar a participação das crianças é um trabalho de grande exigência e são necessárias pessoas que sabem como ouvir atentamente, como fazer perguntas abertas e como coordenar grupos de crianças. Uma facilitação de má qualidade pode levar tanto os adultos quanto as crianças a censurarem a participação, concluindo que “não funciona”, ou “é irritante”, quando esse resultado só tem a ver com a forma COMO o processo foi facilitado.

Os funcionários adultos precisam ser honestos consigo mesmos sobre seus próprios pressupostos culturais relacionados à habilidade dos jovens de participar efetivamente. Isso porque a participação efetiva das crianças desafia muitas ideias comumente aceitas sobre o relacionamento criança-adulto. Mudar os sistemas e os pensamentos é o verdadeiro desafio. Abertura e honestidade nessas questões podem ser o caminho para assegurar que a participação da criança seja significativa e não manipulada.

Riscos para as crianças

A participação da criança implica no desenvolvimento de um relacionamento mais profundo e de confiança entre os funcionários, as crianças e suas famílias, as comunidades e escolas, o que pode colocar as crianças em maior risco de abuso ou ameaças de abuso. Pessoas que abusam de crianças geralmente estão em posições de autoridade, tais como membros da família, professores ou líderes comunitários. Podem ser também outras crianças. Aqui estão algumas perguntas para se fazer sobre as atividades participativas antes de começar:

- O funcionário teve uma capacitação atualizada de proteção à criança?
- O funcionário se sente confiante em liderar a seção, incluindo a capacidade de lidar com qualquer denúncia que a criança fizer?

- A seção tem uma meta clara que foi claramente comunicada a todos os adultos e crianças participantes e que beneficiará todas as crianças?
- O que acontecerá após o término da seção? Como o funcionário vai dar um retorno para as crianças?
- Quais são as regras sobre confidencialidade?
- Como os interesses e a segurança das crianças serão protegidos?
- Que tipo de consentimento é necessário das crianças e de seus pais/responsáveis para que possam participar do encontro?



Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

Para que a participação seja bem-sucedida, os funcionários precisam ter certeza de que as crianças têm conhecimentos e habilidades para participar e a motivação para que isso aconteça. Você talvez precise do apoio de outras pessoas para criar um ambiente propício. Aqui estão algumas barreiras identificadas em um *workshop* sobre a participação das crianças na proteção infantil.⁵

Barreiras para uma participação efetiva da criança		
	Nível individual e cultural	Nível organizacional
Fatores sociais	Culturalmente, o conceito de participação da criança é novo e desafiante. Há uma tensão entre a teoria da participação e a habilidade para praticá-la. Crianças com experiências ruins em participação estão relutantes em se envolver novamente. Os funcionários temem que esse tópico delicado leve as crianças a ficarem chateadas ou a sentirem que não são capazes de lidar com ele.	Os funcionários não reservaram tempo suficiente para preparar as seções. A organização não tem recursos adequados para a capacitação. Há uma falta de interesse em desenvolver políticas e processos com o apoio das crianças. A organização impede ou não permite oportunidades de participação. A organização teme ficar aberta à crítica das famílias, comunidades e das próprias crianças.
Conhecimento	Há uma falta de conhecimento e entendimento sobre participação. Por exemplo, dizer às crianças o que falar ao participarem.	
Habilidades	Funcionários carecem de habilidades em ouvir atentamente, fazer perguntas abertas e trabalhar com crianças em grupo. Os funcionários manipulam as crianças para que elas articulem uma programação de adultos. Uma falta de habilidade faz com que as crianças relutem em participar da próxima vez.	A organização carece de habilidades em avaliar e criar uma visão de participação significativa. A falta de habilidades leva à criação de grupos exclusivos de crianças para serem usadas como consultoras ou representantes e isso desvaloriza outras crianças e traz descrença quanto à participação.
Motivação	Funcionários resistem ativamente ou falham em reconhecer a importância da participação das crianças na tomada de decisões Funcionários consideram a participação um fardo. Eles não têm experiência pessoal com isso.	A organização não está preparada para investir financeiramente em aprender sobre a participação. A participação da criança é considerada uma opção extra.

⁵ Aliança Internacional "Um Lugar Seguro para as Crianças", Uma reunião de Oficiais de Proteção da Criança de toda a África, para discutir Proteção e Participação das crianças, Freetown, Serra Leoa, 15-19 de junho de 2010.

EXERCÍCIO 5.4: TRABALHANDO COM GRUPOS DE CRIANÇAS

Objetivo

Munir os participantes de uma compreensão das oportunidades e desafios de se trabalhar em grupos de crianças.

Principais pontos de aprendizagem

- Que trabalhar com uma variedade de grupos diferentes é a forma essencial de se promover a participação das crianças;
- Estar confiante para elaborar e usar questões abertas;
- Pensar sobre como usar perguntas abertas com crianças

Preparação

- Faça cópias separadas das Folhas de atividades 5.4.1 e 5.4.2;
- Selecione alguns exercícios ou uma atividade do Guia 4 para os participantes analisarem no passo 2.

Desenvolvimento

Exercício em grupo sobre o trabalho em grupos

1. Peça aos participantes para lerem a Folha de atividade 5.4.1.
2. Em grupos de três ou quatro pessoas, peça aos participantes para compartilharem suas ideias e experiências em relação a trabalhar com grupos de crianças.
3. Individualmente ou em duplas, peça aos participantes para selecionarem um dos exercícios do Guia 4 e analise como o trabalho em grupo está estruturado no Guia 4. Aqui está um exemplo da análise da Atividade 4a, na página 30.

Análise da estrutura do trabalho em grupo		
	Trabalho individual/em grupo	O que eles estão fazendo
1	Trabalho individual	Desenhando
2	Trabalho individual	Colorindo
3	Trabalho em dupla	Mostrando e discutindo
4	Todo o grupo	Discussão
5	Trabalho individual	Fazendo um fantoche de dedo
6	Trabalho individual ou em dupla	Fazendo o diálogo para o fantoche
7	Trabalho em dupla	Mostrando e executando o diálogo
8	Trabalho do grupo todo	Mostrando e discutindo o diálogo

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

4. Peça aos participantes que trabalhem em pares e que preencham a seguinte tabela pensando sobre como eles trabalharam com crianças.

Variações no trabalho com grupos de crianças		
1	Composição dos grupos.	
2	Ambiente para o trabalho em grupo.	
3	Disposição física dos grupos.	
4	Tamanho dos grupos.	
5	Tipos de atividades.	
6	Dinâmicas das atividades.	
7	Tópicos sendo discutidos.	
8	Quaisquer riscos associados com as atividades em grupo (Por exemplo, proporção entre adultos e crianças).	

5. Peça aos participantes que compartilhem ideias e reflexões com outro par e que compartilhem métodos que eles talvez usem para envolver crianças que estão quietas ou menos confiantes.
6. Distribua a folha de atividade 4.2 e peça aos participantes que leiam e façam comentários. Faça perguntas ao grupo todo.
7. Selecione e descreva dois quebra-gelos que você talvez use com um grupo de crianças. Para ideias, veja o Guia 4, Módulo 4: Um Guia de Atividades.
8. **Conclua a seção** compartilhando histórias bem-sucedidas e desafios enfrentados pelos participantes ao coordenar grupos de crianças. Chame a atenção para os pontos principais de disciplina positiva e de lidar com comportamentos difíceis, que podem ser encontrados no Guia 4, página 70.

Folha de atividade 5.4.1

Na preparação para o trabalho com grupos de crianças, os pontos iniciais mais importantes são:

- Identifique o que há no grupo que você não pode mudar. Por exemplo, o número de encontros, a duração das seções e o espaço.
- Deixe claro para as crianças qual é o objetivo da seção.
- Entenda o objetivo de cada atividade específica. Lembre-se de que em uma seção talvez haja várias atividades, cada uma com um objetivo diferente, e que cada uma beneficiará o grupo se este estiver organizado de uma forma diferente. Não hesite em usar seu conhecimento e habilidades para preparar e coordenar os grupos.

Ao usar os métodos participativos com crianças em um trabalho de proteção infantil, esteja preparado para ouvir as crianças falarem sobre suas próprias experiências de abuso. Denúncias são uma parte importante desse trabalho, por isso certifique-se de saber o que fazer se uma criança denunciar um abuso.

Certifique-se também de que as crianças saibam claramente o que fazer se uma delas fizer uma denúncia, especialmente se crianças mais velhas estiverem trabalhando com as mais novas: elas precisam saber levar a mais nova a um adulto de confiança. É importante conversar com a criança em particular, num ambiente onde ela se sinta confortável.

É sempre melhor ter dois adultos presentes nas seções participativas de proteção da criança. Um deles facilita e o outro observa e oferece um apoio extra para qualquer criança que precisar.

Desenvolva suas habilidades lembrando-se de pedir às crianças, para que depois de cada seção, elas possam dar suas opiniões sobre o que gostaram, o que esperavam e o que mudariam.

Por sua natureza, o trabalho participativo é imprevisível e os funcionários não possuem o controle dos resultados, mas eles ESTÃO no controle da forma como isso acontece. É algo empolgante, divertido e que pode fazer com que os adultos que estão acostumados a estar no controle fiquem ansiosos no começo. Professores experientes podem achar difícil optar por um estilo mais aberto de relacionamento com as crianças.

Algumas vezes seus planos não funcionarão. Seja flexível, mude os métodos e as atividades para melhor se adequarem ao seu grupo. Se a energia e o entusiasmo do grupo estiverem baixos, aumente o nível com um quebra-gelo antes de continuar, para assegurar um bom resultado para o grupo. Não se deixe convencer por poucas, mas persuasivas e barulhentas vozes: verifique primeiro se todos concordam.

Trabalhar com crianças que são membros de um clube (como um clube de direitos da criança) pode representar mais objetividade, já que o grupo já possui uma identidade, regras e formas de trabalhar.⁶

6 Asmerom Mekonen, Gerente de Programas, FSCE Adama Escritório de Programas, Etiópia

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

Folha de atividade 5.4.2

Abaixo está uma tabela que mostra algumas variantes em um trabalho de grupo com crianças. Acrescente ideias de acordo com sua própria experiência.

Variações no trabalho com grupos de crianças		
1	Composição dos grupos	Meninas/meninos; faixa etária extensa/curta; diferenças sociais/econômicas grandes/pequenas, por exemplo, escola frequentada; vizinhança; grupos de amizade/turmas; tímidos/extrovertidos; articulados/quietos; conhecimento, ou não, da atividade. Acrescente ideias...
2	Ambiente para o trabalho em grupo	Espaço comunitário (Por exemplo, sala, espaço externo, centro religioso); escola; localidade neutra; escritório da organização. Acrescente ideias...
3	Disposição física dos grupos	Com/sem mesas, papel, canetas; em fileiras na frente do facilitador; em grupos; em um círculo; em meia-lua; de pé/sentados; numa sala separada; dentro/fora; privado/público; confortável/desconfortável; barulhento/quieto; quente/fresco. Acrescente ideias...
4	Tamanho dos grupos	De pequeno (abaixo de oito pessoas) a grande (mais de 50); subgrupos de não mais que cinco pessoas; pares; equipes. Acrescente ideias...
5	Tipos de atividades	Diálogo; peças; desenho; escrita; histórias; música; quebra-gelos; dinâmicas e brincadeiras. Acrescente ideias...
6	Dinâmicas das atividades	Trabalho escrito e reflexão individual; trabalho em grupo; “tempestade de ideias”; roda de conversa em grupos pequenos; roda de conversa com todo o grupo; subgrupos/todo o grupo. Acrescente ideias...
7	Tópicos sendo discutidos	Tópicos principais de proteção à criança, incluindo conversas sobre abuso infantil, sentimentos, amizades, relacionamentos e conflitos, provocações e assédio. Esses são tópicos altamente delicados e o processo usado para explorar esses tópicos precisa ser preparado com cuidado. Acrescente ideias...

EXERCÍCIO 5.5: OUVINDO ATENTAMENTE

Objetivo

Equipar os participantes com o conhecimento e a habilidade de se ouvir bem. Isso é fundamental como ferramenta de trabalho de um funcionário.

Principais pontos de aprendizagem

- Entender que existem diferentes estilos de escuta;
- Praticar os diferentes tipos de escuta;
- Entender que ouvir atentamente é algo necessário para promover a participação.

Preparação

- Faça adaptações e prepare algumas instruções para ouvir, como estas abaixo:

Ouçá bem e então interrompa a pessoa que fala
Ouçá por alguns momentos e então interrompa a pessoa que fala, com uma história melhor
Ouçá por alguns momentos e então vire e comece a conversar com o observador
Ouçá e então comece a rir ou a se admirar sem nenhuma razão
Ouçá e examine o conteúdo dos seus bolsos
Ouçá e faça um comentário sobre a pessoa que fala, como “isso foi estúpido”, ou “você realmente fez isso?”
Ouçá, faça um comentário e então mude de assunto e comece a falar sobre algo sem relação com o que a pessoa está falando
Ouçá e demonstre tédio, boceje e olhe ao redor
Ouçá e então discorde educadamente ou argumente com a pessoa que fala cada vez que ela disser algo.

- Pratique a facilitação do exercício de escuta que está abaixo.
- Faça cópias da folha de exercício 5.5.1

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

Desenvolvimento

1. Divida os participantes em grupos de três, dando a cada membro do grupo um número – um, dois ou três;
2. Explique que o número um são as pessoas que falam, o dois são os que ouvem e o três são os observadores;
3. Instrua os que devem falar a, durante dois minutos, falarem sobre algo realmente importante para eles;
4. Dê aos que devem ouvir um cartão instrutivo com UMA instrução selecionada dentre as nove descritas acima. Se o grupo for menor do que nove pessoas, selecione as que você acha que melhor se adequarão ao seu grupo;
5. Diga aos observadores para observarem atentamente o que está acontecendo e tentarem adivinhar a instrução que foi dada à pessoa que está ouvindo;
6. A pessoa que vai falar começa a falar; a que vai ouvir segue a instrução dada e o observador tenta adivinhar a instrução;
7. Depois de dois minutos, pare a atividade. Peça aos observadores para dizerem aos pares o que observaram. O observador conseguiu adivinhar o que tinha no cartão? A pessoa que estava falando compartilha com o grupo como se sentiu sendo ouvida daquela forma (Como se ser ouvido dessa forma fosse algo comum!); A pessoa que estava ouvindo mostra aos outros a instrução e descreve como se sentiu sendo esse tipo de ouvinte;
8. Se houver tempo, faça o exercício mais duas vezes e dê oportunidade para todas as pessoas desempenharem todas as funções;
9. Faça uma discussão com o grupo todo na qual cada pessoa reflete sobre suas próprias experiências de vida, tanto de ouvir quanto de ser ouvido ou não ser ouvido;
10. Peça aos participantes que formem pares, um ficando atrás do outro. A pessoa que estiver atrás olha adiante, como se olhasse através dos olhos da outra pessoa. Diga aos que estiverem atrás para, por um momento, verem o que a pessoa na frente deles está vendo. Diga-lhes, também, que eles estarão na função de ouvintes na próxima etapa da seção;
11. Dê a cada ouvinte um cartão com instruções. Agora a instrução é a mesma para cada ouvinte:

Ouçá o ponto de vista da pessoa. Lembre-se de como é ver as coisas através dos olhos dela. Ouça com sua própria boca fechada. Ouça o sentimento contido no que ela está dizendo. Tente visualizar o que ela está “vendo” em sua mente quando estiver falando com você. Deixe o silêncio pairar. Se apropriado, faça sons ou gestos encorajadores. Expresse o que ela está dizendo usando as mesmas palavras utilizadas por ela.

12. Peça aos que estão falando para novamente falarem algo que importa para eles. A pessoa que está ouvindo segue as instruções do cartão;
13. Usando a experiência desta atividade, discuta com o grupo todo sobre:
 - As qualidades de um bom ouvinte;
 - Se ouvir atentamente e do ponto de vista de alguém é fácil ou difícil. Se é um trabalho árduo ou relaxante;
 - A necessidade de um bom ouvido no trabalho participativo com crianças;
 - Se as habilidades de ouvir deveriam ser ensinadas para as crianças e por quê?

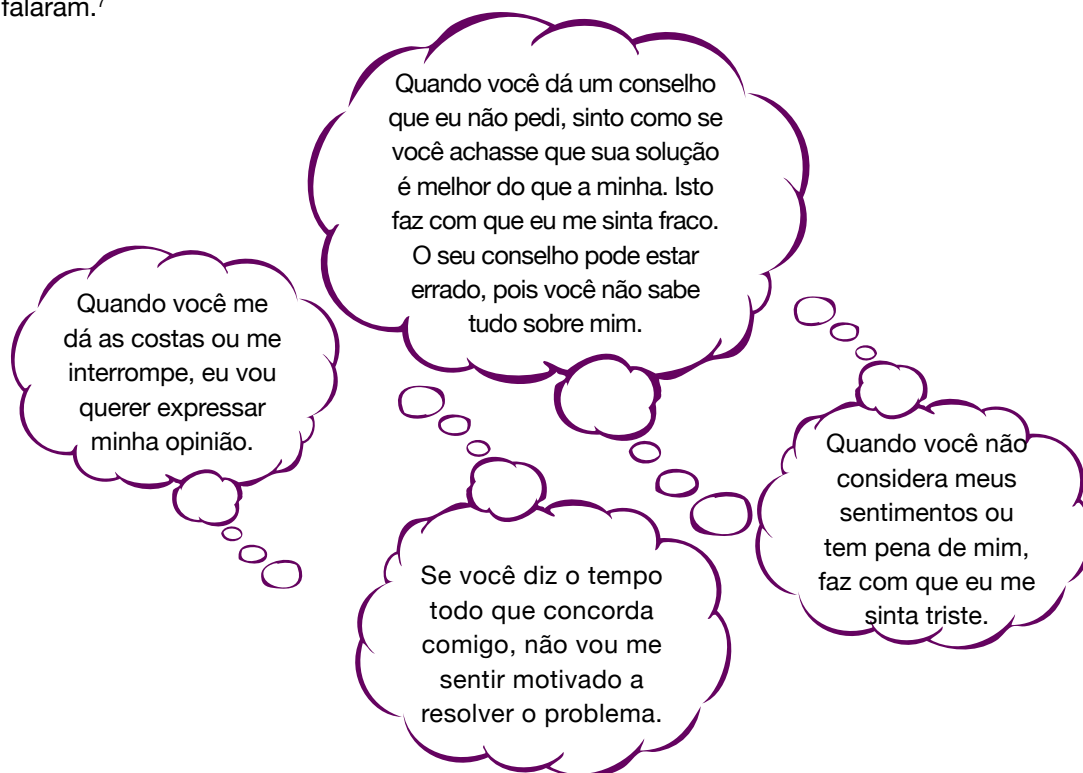
Atividade adicional¹

Os participantes são instruídos a fazer um círculo. Enquanto um participante joga a bola para outro participante, ele menciona uma qualidade de um bom ouvinte. O exercício continua até todos os participantes terem citado pelo menos uma qualidade.

¹ Sara Mbir, *EveryChild*, Quênia

14. Dê a folha de atividade para todos os participantes. Individualmente e, em seguida, em pares, convide os participantes a preencherem a tabela das qualidades de um bom ouvinte.
15. **Conclua a seção** pedindo aos participantes para compartilharem algo que aprenderam sobre ouvir atentamente e explicarem por que acham útil usar esta ferramenta com crianças. Por exemplo:
 - Ouvir atentamente significa ouvir de forma aberta, atenta e sincera.
 - É como se você estivesse “vendo” e “sentindo” o que está sendo dito.
 - É uma forma de ouvir que representa um apoio para as crianças e as ajuda a lidar com seus problemas.
 - Ouvir atentamente é uma habilidade que ajuda as crianças a lidarem com dificuldades, estresse, raiva e conflito.
 - Ouvir atentamente é uma forma de encorajar as crianças a trocarem ideias, compartilharem e resolverem problemas.

Então convide os participantes a compartilharem opiniões sobre as barreiras para um “ouvir atento”. Aqui estão alguns pensamentos que foram adaptados a partir do que as crianças falaram.⁷



⁷ Adaptado da See Us- Hear Us, escolas trabalhando com jovens vítimas de abuso sexual. Vozes de jovens sobreviventes. VIP (violence is preventable) publication. 2008.

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

Trabalho de acompanhamento

Durante o *workshop*, é eficiente fazer os participantes se comprometerem a desenvolver suas habilidades de ouvir ativamente de forma uniforme, equilibrada e imparcial. Se estiverem dispostos, peça aos participantes para se organizarem em duplas e planejem quando podem discutir sobre suas experiências em ouvir ativamente e sobre a possibilidade de haver diferentes respostas/reações por parte daqueles que estão sendo ouvidos. Parte da “tarefa de casa” dos participantes pode ser praticar a escuta ativa com os membros de sua família ou com seus amigos.

Estudo de caso sobre escuta 1¹

O estudo de caso ilustra o quanto é importante ouvir as crianças, mesmo quando é difícil:

1 Agradecimentos a um dos funcionários de campo por ter ajudado a desenvolver o guia para esta história. Desejamos manter a fonte desta história em sigilo.

Um menino se aproximou de mim e pediu para fazer sexo comigo. Eu corri e fui falar com minha mãe sobre isso. Ao invés de me ouvir, ela me bateu porque pensou que eu havia provocado o menino e sido promíscua. Agora, sinto dificuldade em falar qualquer coisa com a minha mãe, porque tenho medo que ela me bata. Agora eu prefiro ficar calada.

Estudo de caso sobre escuta 2¹

O facilitador perguntou aos participantes: “quando você estava falando, como seu parceiro ouviu? Qual foi sua experiência?”

- A pessoa que estava ouvindo me deu bastante tempo para falar e expressar meus sentimentos;
- A pessoa que estava ouvindo me apoiou quando eu senti vontade de chorar, mas não me interrompeu e me deu espaço para falar;
- A pessoa que estava ouvindo me encorajou a continuar falando, usando expressões, como “hum”, e balançando a cabeça;
- A pessoa foi paciente comigo;
- A pessoa foi amiga e não me julgou;
- A pessoa me apoiou na busca por uma solução para meu problema.

Como isso fez com que você se sentisse?

- Seguro, aceito, querido, ajudado, ouvido e cuidado;
- Encorajou-me a continuar falando;
- Conectado à pessoa que estava sendo ouvinte;
- Confiante e respeitado;
- Bem tratado, com confiança na pessoa que estava sendo ouvinte.

O facilitador perguntou sobre o pensamento geral do grupo a respeito de ouvir como se fosse do ponto de vista do outro, como se você pudesse “ver” o que eles estavam dizendo?

Os ouvintes disseram:

- Um forte vínculo se desenvolveu entre mim e a pessoa que falava;
- É algo que consome muito tempo;
- Tive que lutar para não interromper quem falava.

Conclusões

Em uma discussão em grupo dirigida pelo facilitador, os participantes listaram que os benefícios de uma escuta ativa são:

- Ajuda quem fala a tomar responsabilidade e a resolver o problema;
- Reduz a resistência de quem fala;
- Ajuda quem fala a falar de seus pensamentos e sentimentos;
- Faz a pessoa que fala se sentir apoiada, segura, aceita e entendida e capaz de compartilhar seu mundo com quem ouve;
- Cria uma base de conhecimento. Quando o ouvinte escuta ativamente, aquele que fala fornece mais informação, o que ajuda no momento de fazer avaliações iniciais e de dar apoio subsequente;
- Cria uma ligação.

Quando perguntados sobre como isso se relaciona com o trabalho com crianças, os participantes concluíram que a forma mais efetiva de ouvir as crianças é ouvir A PARTIR de seu ponto de vista, isto é, de forma profunda e atenta. Apesar de ser algo que exige muito tempo, tem um efeito de longo alcance na participação da criança. Os participantes também concluíram que um bom ouvinte é algo raro; é preciso prática para internalizar isso, mas apenas demonstrando ouvir ativamente é que seremos bons modelos para as crianças.

¹ Sara Mbira, *EveryChild*, Quênia

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

Folha de exercícios 5.5.1

Liste as qualidades de um bom ouvinte na tabela abaixo

Ouçá o ponto de vista da pessoa. Lembre-se de como é ver as coisas através dos olhos dela. Ouça com sua própria boca fechada. Ouça o sentimento contido no que ela está dizendo. Tente visualizar o que ela está “vendo” em sua mente quando estiver falando com você. Deixe o silêncio pairar. Se apropriado, faça sons ou gestos encorajadores. Expresse o que ela está dizendo usando as mesmas palavras utilizadas por ela.

Outros comentários/notas sobre ouvir ativamente

EXERCÍCIO 5.6: ELABORANDO PERGUNTAS ABERTAS

Objetivo

Capacitar os participantes na construção de habilidades para elaborar e fazer perguntas abertas, que estimule pensamento crítica da criança, como parte do instrumento para sua participação.

Notas

Certifique-se de ter lido as notas para o facilitador na página 94. Esta atividade pode ser adaptada e usada com crianças. Note também que não é apenas o tipo de pergunta em si que é importante ao encorajar a participação, mas que a pergunta seja feita no tempo certo, no lugar certo, da forma certa e pela pessoa certa. Uma série de perguntas feitas quando as circunstâncias não são favoráveis talvez faça a criança se sentir desconfortável.⁸

Se fizermos muitas perguntas abertas, pode ser que as crianças se sintam desconfortáveis e entendam isso como um 'exame sobre a política'. Nossas perguntas abertas devem ser limitadas e relacionadas a um objetivo específico.

Principais pontos de aprendizagem

- Saber a diferença entre perguntas abertas e fechadas;
- Sentir-se confiante para elaborar e utilizar perguntas abertas;
- Pensar em como utilizar perguntas abertas com crianças.

Recursos

Pedaços de papel (o suficiente para cada pessoa), cada um com uma palavra que inicia uma pergunta aberta (veja “preparação” para detalhes).

Preparação

- Faça conjuntos de cartões com perguntas abertas. Cada cartão com uma das seis palavras seguintes: O que, Onde, Quando, Quem, Como e Por que. Faça cartões suficientes para que cada participante tenha um.
- Pratique a seção de diálogo para assegurar que a conversa flua tranquilamente.
- Copie o diálogo em cartões, se for necessário.

Desenvolvimento

1. Pergunte aos participantes: “quando você está facilitando a participação das crianças, há coisas que você faz que são parecidas com as que um professor faz?” Em duplas, faça uma lista do que eles pensam ser a função de um professor. Compartilhe essas ideias e escreva-as em uma folha de *flipchart* com o título “Funções de

⁸ Geremew Yerega, *SOS Children's Villages*, Etiópia

Módulo Cinco: Participação e Proteção das Crianças: Um Guia para Capacitação de Adultos

um professor”. As ideias talvez incluam falar, informar, esclarecer o entendimento, dar conhecimento, compartilhar ideias, dar uma opinião, fornecer respostas e sugestões, dar dicas, estabelecer metas e alvos.

2. Depois, pergunte: “o que fazemos diferente ou o que fazemos a mais quando facilitamos encontros onde queremos que as crianças tenham suas próprias ideias”. Compartilhe as ideias em pares e, em seguida, com o grupo todo.
3. Escreva as ideias com o título “função de um facilitador”. As respostas talvez incluam: fazemos mais perguntas; damos mais espaço e tempo para as crianças pensarem e encontrarem suas próprias soluções; organizamos o espaço, o tempo e as atividades para que elas pensem. Enfatize que um bom professor também facilita!

Qual é a função de um professor?	Qual é a função de uma pessoa que facilita os encontros participativos com as crianças?
Falar, informar, esclarecer o entendimento, fornecer conhecimento, compartilhar ideias, desafiar, dar uma opinião, fornecer respostas e sugestões, dar dicas, estabelecer metas e alvos.	Perguntar, guiar, encorajar, apoiar, desafiar, organizar, dar espaço e tempo para pensar, aceitar ideias, ser um parceiro na aprendizagem.

4. Em duplas, os participantes fazem uma “tempestade de ideias” sobre perguntas que eles talvez façam às crianças sobre o que elas sabem, entendem, ou sentem que podem fazer para aumentar o conhecimento ou responder à participação da criança; consulte a lista nas notas para o facilitador no Exercício 2, página 104, para obter ideias. Os participantes escrevem suas respostas em pedaços de papel. Aqui estão dois exemplos:
 - Onde você se sente seguro ou inseguro em sua comunidade?
 - O que você acha que pode fazer para garantir que seus amigos se sintam seguros na escola e em sua comunidade?
5. Em grupo, organize as perguntas em listas de perguntas abertas e fechadas. Identifique as “palavras iniciais” da maioria das perguntas fechadas e as “palavras iniciais” das perguntas abertas.

Palavras iniciais de perguntas abertas e fechadas	
Aberta	Fechada
O que	Quantos
Quando	É
Por que	Você seria
Quem	Você vai
Como	Você poderia
	Você iria
	Você deveria...

6. Alerta os participantes sobre perguntas que comecem com “Por que”. Pergunte a eles sobre os prováveis efeitos de se perguntar “Por que você fez isso?”. Destaque que as perguntas “Por que” podem fazer as crianças acharem que fizeram algo errado.
7. Explique que as perguntas que mais provocam o pensamento começam com “O que”. Dê exemplos:
 - O que você quer alcançar?
 - O que você fará depois?
 - O que você quer enfatizar?
 - O que você pensa disso?
8. **Jogo de cartas**
 Divida os participantes em grupos de quatro ou cinco. Dê a cada grupo cinco pedaços de papel com uma palavra inicial (o que, quando, onde, quem e como) de uma pergunta aberta. Peça aos grupos que coloquem os pedaços de papel virados sobre a mesa. Um de cada vez, cada participante pega uma palavra e faz uma pergunta aberta começando com ela. Encoraje os participantes a ajudarem uns aos outros.
 Aqui estão alguns exemplos:
 - Onde você acha que é o lugar mais seguro para as crianças estarem?
 - Onde é o lugar menos seguro para as crianças estarem em sua comunidade?
 - O que você acha da participação da criança?
 - O que você sente em relação a uma confissão de abuso feita por uma criança para você?
 - Como as crianças saem de situações em que se sentem desconfortáveis ou com medo?
 - O que mais você pode pensar?
 - Qual é a melhor idade para uma criança trabalhar questões de proteção infantil?
9. **Conclua a seção** discutindo com o grupo todo:
 - Fazer perguntas abertas é algo que você pode ensinar às crianças?
 - Quais são os benefícios de se fazer isso?

Estudo de caso¹

Depois da capacitação, um funcionário anotou as perguntas abertas que usou com as crianças de sua comunidade:

Crianças sem cuidado dos pais, lista de verificação:

1. Que grupos de crianças podem ser considerados sem cuidado paterno/materno em sua comunidade?
2. O que seria um cuidado adequado para crianças?
3. O que um cuidado adequado para crianças sem cuidado dos pais significa para você?
4. Quais são as razões para as crianças ficarem separadas de seus pais em sua comunidade?
5. Com quem as crianças sem cuidado dos pais de sua comunidade vivem?
6. Quais as condições gerais de vida das crianças sem cuidado dos pais nessa comunidade? (Como elas vivem?)
7. Quais crianças você diria que estão em risco de perder o cuidado dos pais em sua comunidade?

¹ Derek Luhanga



Capacitação Básica para *Workshops*



Workshop Básico 1

UM LUGAR SEGURO PARA AS CRIANÇAS – DESENVOLVENDO POLÍTICA E PROCEDIMENTOS DE PROTEÇÃO À CRIANÇA PARA SUA ORGANIZAÇÃO

Introdução

Os Módulos 1-4 contêm uma seleção de exercícios para você escolher e usar com os participantes. O *workshop* básico é um pouco diferente. Ele oferece um *workshop* completo que você pode utilizar para desenvolver as políticas e os procedimentos de proteção à criança em sua organização. Ele é baseado no *kit* sobre políticas e procedimentos do *Guia 2 – Um lugar seguro para as crianças: Como Implementar os Padrões*.



O *workshop* pode ser particularmente útil para instruir as agências parceiras sobre a importância de uma política de proteção à criança e ajudá-las a desenvolver suas próprias políticas. Você também pode usar o *workshop* com os coordenadores e os diretores.

Antes de participar deste *workshop* os participantes devem ter passado por alguma capacitação básica de proteção à criança (como a **Seção Introdutória** e os **Módulos 1-3** deste *Kit* de Capacitação). Você pode utilizar essa capacitação com os coordenadores e os diretores.

Meta do *workshop*

Oferecer diretrizes sobre como desenvolver uma política e procedimentos de proteção à criança.

Objetivos do *workshop*

- Destacar os padrões que as organizações precisam alcançar para se tornar *Um lugar seguro para as crianças*.
- Desenvolver uma política e procedimentos de proteção à criança adequados ao trabalho e à situação de cada organização e das organizações parceiras.
- Avaliar o trabalho da organização usando a ferramenta de autoavaliação de *Um lugar seguro para as crianças*.
- Estabelecer um acordo em relação a um comportamento aceitável para com as crianças.

Duração

Este *workshop* pode ser adaptado para um período de meio dia ou de um dia inteiro. Veja a programação sugerida.

Preparação

- Você talvez tenha que dedicar, antes, algum tempo se preparando para certificar-se de estar familiarizado com cada fase do *workshop*. Isso o ajudará a conduzir a capacitação de forma organizada e confiante.
- Certifique-se de que o equipamento esteja funcionando e sua apresentação em *Power Point* esteja pronta para ser usada. Se você não tiver acesso a um computador ou se seu computador não estiver funcionando, você pode:
 - Fazer ampliações dos *slides* da apresentação em *Power Point* e colocá-los na parede/*flipchart*;
 - Fazer cópias para distribuir para os participantes.

Certifique-se de que seu DVD está funcionando da maneira que você deseja. Se não estiver, planeje outra forma de fazer as atividades.



- Faça cópias de todos os materiais que você estiver planejando usar e organize-os na ordem em que for usar.
- Pense sobre como você iniciará o *workshop* e o que você precisa dizer aos participantes para que eles se concentrem no aprendizado e nas atividades.
- Se você estiver usando o DVD, decida com antecedência quais seções irá mostrar.



Sugestão de programação

Introdução: Por que você precisa de uma política de proteção à criança? DVD: mostre a Seção 5: <i>O que precisamos levar em conta para fazer com que uma criança se sinta segura?</i> A parte que os educadores falam sobre os padrões de proteção da criança pode ser útil. Faça uma exposição introdutória.	30 minutos
Fase 1: Autoavaliação - o que você precisa fazer?	50 minutos
<i>Intervalo</i>	15 minutos
Fase 2: Desenvolvendo uma autonomia organizacional - certificando-se de que todos estão envolvidos.	40 minutos
Fase 3: Elaborando um procedimento de denúncia	30 minutos
<i>Almoço</i>	60 minutos
Fase 4: O primeiro esboço da política.	60 minutos
Fase 5: Estratégia de implementação da política.	50 minutos

INTRODUÇÃO: POR QUE VOCÊ PRECISA DE UMA POLÍTICA DE PROTEÇÃO À CRIANÇA?

Meta

Destacar os principais benefícios de uma política escrita de proteção à criança.

Principais pontos de aprendizagem

- Muitas organizações estão comprometidas em melhorar a vida das crianças por meio da promoção dos direitos das crianças.
- A maioria das organizações possui alguns procedimentos informais e não escritos para lidar com as suspeitas relativas ao abuso infantil.
- Se, no entanto, a organização não tiver procedimentos e políticas claras sobre proteção à criança por escrito, será difícil responder de forma apropriada e consistente quando alguma suspeita surgir.
- Toda a equipe precisa de orientação clara sobre o que fazer ou sobre a quem se dirigir quando houver alguma suspeita em relação a uma criança.
- Em todas as organizações os coordenadores devem reconhecer sua responsabilidade de apoiar o desenvolvimento de políticas e procedimentos escritos para manter as crianças seguras.

Workshop Básico 1

Duração

20 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- **Notas para o facilitador: Um Lugar Seguro para as Crianças – Desenvolvendo uma política e procedimentos para sua organização** (página 222)
- Apresentação de *Power Point* para o Workshop Básico 1;
- Apresentação de *Power Point* sobre *Um lugar seguro para as crianças – Padrões de proteção da criança*. Se não houver como projetar, faça algumas cópias dos *slides* para distribuir ao grupo.
- Uma apresentação adicional em *Power Point* para coordenadores (*Workshop Básico 2*), se for adaptar o *workshop* para esse grupo.
- Um aparelho de DVD e o DVD  Guia 5
- **Seção 4 do DVD:** *Quais são as consequências de não se entender algo?* Assista à seção sobre como os padrões de proteção da criança podem prevenir e reduzir o risco das coisas darem errado.  Guia 5

Preparação

Prepare a apresentação e o equipamento. Se você estiver usando o DVD, certifique-se de que tudo está funcionando e de que o DVD está posicionado na seção certa.

Desenvolvimento

1. Use a apresentação de *Power Point* para o Workshop Básico 1 para fazer uma breve apresentação ao grupo, destacando os benefícios de uma política e procedimentos de proteção à criança. Se você ainda não tiver usado o *Power Point* sobre os Padrões para a Proteção da Criança, use-o para mostrar por que os padrões são importantes, antes de falar sobre o desenvolvimento de uma política. Use as *Notas para o facilitador* nesta seção para direcionar sua apresentação.
2. Se for utilizar o DVD, passe uma parte da **Seção 4.**  Guia 5
3. Separe alguns minutos no final dessa seção para os participantes fazerem perguntas. Use a seção **Pare e Pense** do DVD para promover discussão. Stop and Think pauses on the DVD to generate discussion.  Guia 5

FASE 1: AUTOAVALIAÇÃO – O QUE VOCÊ PRECISA FAZER?

Meta

Avaliar e rever o que você ou sua organização parceira estão fazendo para manter as crianças seguras e como estão fazendo isso.

Principais pontos de aprendizagem

- Todas as organizações fazem bem alguma coisa.
- Algumas vezes a experiência e o conhecimento de como manter as crianças seguras são compartilhados por apenas algumas pessoas da equipe. E para as outras pessoas fica difícil aprender se não houver nada escrito.
- Algumas organizações colocam muita responsabilidade sobre uma ou duas pessoas.
- Às vezes as organizações não reconhecem onde estão as lacunas ou não sabem o que fazer em relação a elas.

Duração

60 minutos

Recursos

- **Folha do workshop 1a: Ferramenta de autoavaliação** – (página 141) cópias suficientes para cada participante ou grupo pequeno;
- **Folha do workshop 1b: Gráfico de autoavaliação** – (página 142) cópias suficientes para cada participante ou grupo pequeno;
- Marcadores ou canetas de três cores diferentes — um conjunto para cada grupo.

(Esta ferramenta de autoavaliação e o gráfico também se encontram nas páginas 33-38 do *Guia 1 - Um Lugar Seguro para as Crianças – Padrões para a Proteção da Criança*.)

Preparação

Faça cópias da **Folha do workshop 1a: Ferramenta de autoavaliação** e da **Folha do workshop 1b: Gráfico de autoavaliação** suficientes para cada participante ou grupo pequeno. Leia todo o guia e certifique-se de que você entendeu tudo de forma a poder recolher as perguntas dos participantes e explicar com clareza o que significa cada item.

Desenvolvimento

1. Primeiro você precisa pensar sobre como vai dividir os participantes. Se houver várias pessoas de organizações diferentes, divida os participantes em grupos pequenos, colocando juntas as pessoas da mesma organização. Outra possibilidade é cada participante fazer o exercício individualmente.
2. Distribua cópias da **Folha do workshop 1a: Ferramenta de autoavaliação** para cada participante/grupo pequeno. Explique que essa ferramenta de autoavaliação é uma forma ideal de medir quão distante (ou perto!) sua organização está da meta de alcançar os padrões de segurança para crianças, para saber em que pontos precisa melhorar.

Workshop Básico 1

3. Explique que a ferramenta de autoavaliação fará os participantes pensarem em seis diferentes áreas da organização:
 - As crianças e a organização;
 - Normas e procedimentos;
 - Prevenindo danos às crianças;
 - Implementação e capacitação ;
 - Informação e comunicação;
 - Monitoramento e revisão.Existem seis declarações/padrões em cada área. Leia cada um e decida em que ponto está:
A: Em execução
B: Parcialmente executado
C: Não executado
4. Certifique-se de que todos sabem o que fazer e encoraje as pessoas a fazerem perguntas se não estiverem seguras com a linguagem ou não souberem o que fazer.
5. Separe cerca de 20 minutos para esta parte do exercício.
6. Agora distribua cópias da *Folha do workshop 1b*: Gráfico de autoavaliação e dê a cada grupo um conjunto de três canetas coloridas. Peça aos participantes que transfiram suas respostas para o gráfico: ele mostra em que estágio a organização está na proteção das crianças e as áreas que precisam de mais ações.
7. Determine cerca de 10-15 minutos para isso.
8. Reúna o grupo novamente e peça aos participantes que deem uma opinião do que o exercício mostrou sobre a organização e de como se sentem em relação a isso. O exercício mostrou lacunas? Quais?
9. Encerre a seção dizendo que vão continuar pensando sobre como as lacunas podem ser preenchidas.

FOLHA DO WORKSHOP 1A E 1B: FERRAMENTA DE AUTOAVALIAÇÃO

A ferramenta de autoavaliação

Esta ferramenta de autoavaliação é a maneira ideal para medir a que distância (ou proximidade!) a sua organização está da meta de alcançar os padrões de segurança para as crianças, para saber em que pontos precisa melhorar.

Esta abordagem é baseada em um trabalho de George Varnava com o antigo Fórum sobre Crianças e Violência, com a Agência Nacional de Crianças (NCB, sigla em inglês). Com a permissão dos autores, o NSPCC adaptou este *kit* para usar como ferramenta de análise para a proteção das crianças.

Usando os pontos de controle

As questões dos pontos de controle abaixo foram formuladas para estimular a organização a praticar o mínimo dos requisitos (critérios) que todas as organizações comprometidas em proteger as crianças devem cumprir. No entanto, dependendo do tipo de trabalho com crianças que a sua organização realiza, e do contexto, ambiente e condições em que você trabalha, alguns pontos podem ser mais relevantes do que outros. Esta ferramenta de autoavaliação pode ser um guia útil, e você talvez queira eliminar ou acrescentar requisitos para assegurar a relevância da sua atividade em particular (o site de ferramentas de autoanálise permite essas alterações).

Antes de começar, faça cópias do questionário, coloque a data nas cópias e siga os passos assinalados a seguir. Você poderá guardar essas cópias para, mais tarde, estudar as áreas de progresso em sua organização.

A ferramenta de autoavaliação nos leva a pensar em seis áreas diferentes de nossa organização:

1. As crianças e a organização;
2. Normas e procedimentos;
3. Prevenindo danos às crianças;
4. Implementação e capacitação ;
5. Informação e comunicação;
6. Monitoramento e avaliação.

Existem seis declarações/padrões em cada área. Leia cada um e decida em que ponto está:

- A: Em execução
- B: Parcialmente executado
- C: Não executado

Marque a melhor opção, A, B ou C.

Workshop Básico 1

As crianças e a organização		A	B	C
1.	A organização tem clareza de sua responsabilidade de proteger as crianças e de estender essa posição a todos com quem entrar em contato.			
2.	O comportamento dos funcionários e de outras pessoas que trabalham com as crianças mostra o compromisso de protegê-las do abuso.			
3.	Há um bom conhecimento da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança (CDC) ou de outras ferramentas sobre os direitos da criança, e isto é visto como base para a proteção da criança em sua organização.			
4.	Os gestores asseguram que as crianças são ouvidas e consultadas e que seus direitos são executados.			
5.	A organização tem consciência de que todas as crianças têm direitos iguais à proteção.			
6.	A organização controla o comportamento das crianças sem atos de violência, degradação ou humilhação.			

Normas e procedimentos que ajudam a proteger as crianças		A	B	C
1.	A organização tem uma política escrita sobre a proteção da criança ou um plano claro para garantir a segurança das crianças contra danos.			
2.	A política ou o programa são aprovados pela diretoria (conselhos consultivos e executivos ou comitês).			
3.	A política e os procedimentos têm que ser cumpridos por todos.			
4.	Existem procedimentos de proteção à criança elaborados, que orientam, passo a passo, o que deve ser feito em caso de risco à segurança ou ao bem-estar da criança.			
5.	Há uma pessoa nomeada para cuidar da proteção da criança, com funções e responsabilidades claramente definidas.			
6.	Os procedimentos de proteção à criança também levam em conta as circunstâncias locais.			

Prevenindo danos às crianças		A	B	C
1.	Existem normas e procedimentos ou um acordo de como recrutar candidatos e avaliar sua capacidade para trabalhar com crianças, incluindo uma verificação de antecedentes criminais ⁵ .			
2.	Existem diretrizes escritas de comportamento, ou uma maneira de informar os funcionários e outros colaboradores sobre que tipo de comportamento é aceitável ou não, especialmente no contato com as crianças.			
3.	As consequências de violar as diretrizes de comportamento estão claras e relacionadas ao procedimento de disciplina da organização.			
4.	Existe orientação sobre o uso apropriado de tecnologias como internet, sites, câmeras digitais, etc., para assegurar que as crianças não estarão em risco.			
5.	Onde existe a responsabilidade direta de promover/realizar atividades, incluindo casas de cuidados, as crianças são adequadamente supervisionadas e protegidas, em qualquer situação.			
6.	Existem formas bem divulgadas, pelas quais a equipe ou um colaborador pode, se necessário for, apresentar, de forma confidencial, suspeitas de comportamentos inaceitáveis por parte de outros membros da equipe.			
Implementação e capacitação		A	B	C
1.	Existe orientação clara para a equipe, parceiros e outras organizações (incluindo organizações de financiamento) sobre como manter as crianças seguras.			
2.	A proteção à criança é aplicada respeitando a cultura local, mas sem adotar práticas que sejam prejudiciais às crianças.			
3.	Existe um plano escrito mostrando quais providências serão tomadas para manter a criança segura.			
4.	Tanto os membros da equipe quanto os voluntários, ao entrarem na organização, recebem capacitação sobre proteção das crianças, incluindo a apresentação da política de proteção da organização, se essa existir.			
5.	Tanto os membros da equipe quanto outros colaboradores têm a oportunidade de aprender sobre como reconhecer casos de abuso e sobre como agir nesta situação.			
6.	O trabalho é desenvolvido com os parceiros de maneira a assegurar que as normas de segurança sejam cumpridas.			

Workshop Básico 1

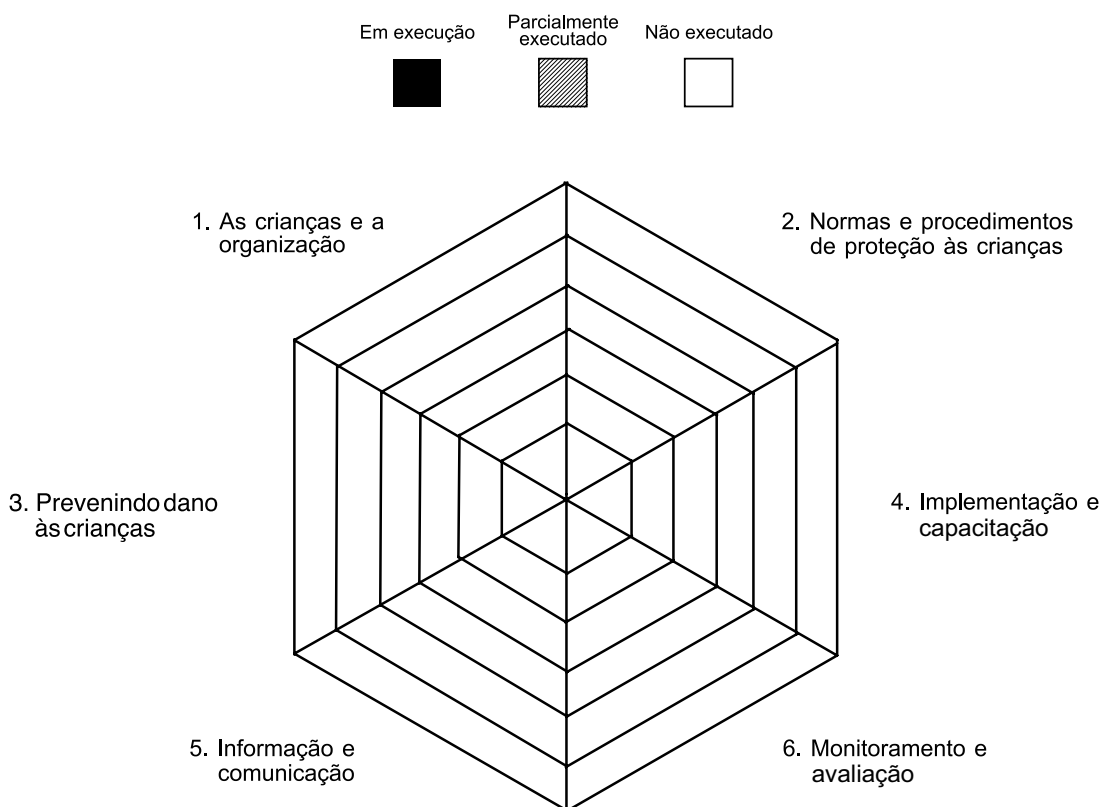
Informação e comunicação		A	B	C
1.	As crianças são conscientizadas do direito que têm de estarem protegidas do abuso.			
2.	Todos na organização sabem quem é a pessoa de referência sobre a proteção das crianças e como fazer contato com ela.			
3.	Estão disponíveis informações detalhadas sobre os recursos locais de proteção à criança - como lugares seguros, autoridades nacionais e assistência em caso de emergências médicas.			
4.	As crianças sabem aonde ir para pedir ajuda ou aconselhamento sobre abuso, assédio ou provocações.			
5.	Foram estabelecidos contatos com as principais organizações nacionais e/ou locais de proteção e bem-estar da criança.			
6.	Membros da equipe com responsabilidades especiais de manter as crianças seguras têm acesso a informações, apoio e aconselhamento de um especialista.			
Monitoramento e avaliação		A	B	C
1.	A organização tem acordos para monitorar o cumprimento das normas de proteção à criança			
2.	Regularmente solicita-se às crianças, os pais ou guardiões que avaliem as normas e verifiquem se as metas de proteção às crianças estão sendo alcançadas.			
3.	A organização usa a experiência existente sobre os sistemas de proteção à criança para influenciar o desenvolvimento de políticas e práticas.			
4.	Todos os incidentes, denúncias de abuso e reclamações são registrados e monitorados.			
5.	As políticas e práticas são regularmente revisadas preferencialmente a cada três anos.			
6.	As crianças e os pais/responsáveis são consultados como parte da revisão para salvaguardar as políticas e as práticas.			

Nota do tradutor: 5. No Brasil, apesar de não haver uma lei que permita ou proíba a solicitação do atestado de antecedentes criminais, muitas instituições preferem não solicitar o mesmo com base na Lei 9029/95 que condena qualquer prática discriminatória e limitativa para acesso a um emprego, por motivo de sexo, origem, raça, cor, estado civil, situação familiar ou idade, ferindo assim o direito à dignidade da pessoa humana e servindo de base à discriminação.

O gráfico de autoavaliação

Após utilizar a ferramenta de autoavaliação, transfira suas respostas para o gráfico, aplicando três cores ou texturas diferentes. A autoavaliação lhe dará a oportunidade de fazer um diagrama de sua organização que mostrará a sua efetividade em manter as crianças protegidas e em que pontos você ainda precisa melhorar. Use cores ou tons diferentes para representar A, B e C.

Note que o diagrama reflete os padrões de *Um Lugar Seguro para as Crianças*. Eles foram divididos em seis categorias para facilitar. O objetivo deste exercício é mapear qualquer lacuna que possa haver em cada seção. Depois de ter lido e preenchido o formulário assinalando: **“em execução”**, **“parcialmente executado”** ou **“não executado”**, transfira os resultados para o diagrama de acordo com as instruções. O diagrama ilustra, de forma visual, o estágio alcançado pela organização em proteger as crianças, e sinaliza onde melhorias precisam ser feitas. Não existe uma forma certa ou padronizada de preencher de 1 a 6. O objetivo do exercício é revelar as lacunas.



FASE 2: DESENVOLVENDO UMA AUTONOMIA ORGANIZACIONAL - CERTIFICANDO-SE DE QUE TODOS ESTÃO ENVOLVIDOS

Meta

Pensar em alguém, de dentro ou de fora da organização, que pode ser consultado durante o desenvolvimento da política e dos procedimentos de proteção à criança.

Principais pontos de aprendizagem

- É importante consultar pessoas dentro e fora da organização sobre o desenvolvimento de uma política e de procedimentos de proteção à criança.
- Talvez haja na comunidade conhecimentos e recursos que as pessoas não percebem.

Preparação

Desenhe o diagrama a seguir — partes interessadas no desenvolvimento de uma política de proteção à criança — em uma cartolina, folha de *flipchart* ou transparência, para mostrar ao grupo.

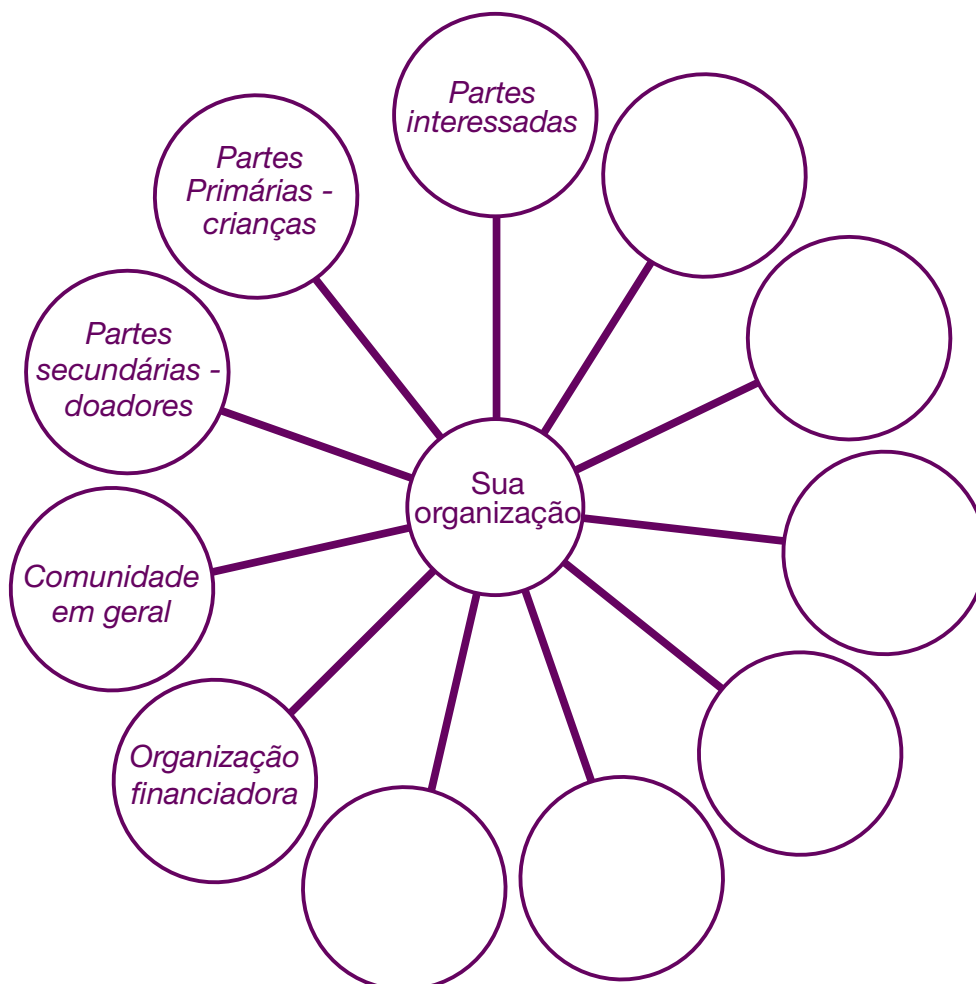
Desenvolvimento

1. Primeiro, explique brevemente que uma “partes interessada” em uma organização são pessoa ou organizações que têm interesse no projeto ou na organização. Cite algumas partes interessadas importantes que têm contato com as crianças. Inclua as crianças, a equipe, os pais e até a sociedade. Desenvolver organizações seguras para as crianças é um interesse de todos.
2. Explique que uma das coisas mais importantes no desenvolvimento de uma política e de procedimentos de proteção à criança é certificar-se de consultar as principais partes interessadas de sua organização e de pedir a todos os envolvidos que deem ideias, sugestões e apoio.
3. Dê a cada participante uma folha em branco. Peça-lhes que desenhem um diagrama mostrando as partes da organização e o nome das principais partes interessadas: quem eles deveriam consultar sobre o desenvolvimento de uma política de proteção à criança? Peça-lhes que pensem sobre os contatos externos que talvez tenham de consultar, por exemplo, organizações parceiras, líderes comunitários ou religiosos.

Use o diagrama a seguir como exemplo. Uma cópia dele pode ser encontrada no DVD.



Partes interessadas no desenvolvimento de uma política de proteção à criança



4. Use as questões a seguir para ajudar os participantes a pensarem sobre o que precisa estar no diagrama.
 - Você possui algum recurso, humano ou financeiro, para apoiar seu trabalho? Se não, do que você precisa e de que quantidade? Produzir uma política clara não deve custar muito, mas existem custos com a publicação e a capacitação de implementação.
 - Você já pesquisou sobre outros recursos? Sobre o que as organizações/projetos similares estão fazendo? Quem talvez possa te ajudar ou compartilhar experiências?
5. Separe 15 minutos para isso e então reúna o grupo novamente e faça uma avaliação
 - escreva notas no diagrama.

FASE 3: ELABORANDO UM PROCEDIMENTO DE DENÚNCIA

Meta

Elaborar um procedimento organizacional de denúncia por escrito para responder às suspeitas relacionadas ao abuso infantil.

Principais pontos de aprendizagem

- Todos da equipe precisam saber o que fazer e a quem se dirigir quando estiverem preocupados com a segurança de uma criança.
- Quanto mais claro o procedimento, maior a probabilidade dele ser seguido.
- Os procedimentos devem incluir como responder a preocupações internas e externas relacionadas ao abuso infantil.

Duração

60 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- **Folha do workshop 1c: Estudos de caso** (página 150);
- **Folha do workshop 1d: Elaborando uma política** (página 151);
- **Folha do workshop 1e: Fluxograma em branco** (página 152);
- Uma folha de *flipchart* ou uma apresentação de *Power Point* sobre “O papel da Pessoa de Referência para Proteção da Criança (PRPC) ou oficial de proteção da criança (OPC), (veja Preparação).

Preparação

Esta fase é dividida em duas partes.

Parte 1: Estudos de caso

Faça cópias dos estudos de caso da **Folha de exercício 1c: Estudos de caso** - pense quais situações você vai usar com os participantes.

Se essas situações não forem relevantes para as organizações ou projetos representados no grupo, escreva outras mais apropriadas.

Parte Dois: A Pessoa de Referência para Proteção da Criança (PRPC) ou oficial de proteção da criança

- Faça cópias da **Folha do workshop 1d: Elaborando uma política** — uma para cada grupo ou dupla.
- Faça cópias da **Folha do workshop 1e: Fluxograma em branco** — uma para cada grupo, dupla ou indivíduo.

Em um papel ou transparência, escreva as atribuições da PRPC, que você usará com os participantes:

O papel da PRPC ou oficial de proteção é:

- Atuar como referência no recebimento de informações;
- Analisar a informação e agir prontamente, checando o máximo possível de informações;
- Buscar a orientação dos coordenadores;
- Avaliar os riscos;
- Consultar as agências locais;
- Fazer um encaminhamento formal, se necessário;
- Assegurar que toda a informação seja registrada no formulário de registro de incidentes.

Antes de iniciar a seção, leia cuidadosamente os exercícios a seguir, certificando-se de que você está seguro e terá todas as informações de que precisar.

Parte Um: Estudos de caso**Objetivo**

Identificar o que geralmente acontece em sua organização quando surge alguma suspeita.

Desenvolvimento

1. Este é um bom momento para recapitular o que você já abordou até agora no *workshop*. Conduza uma breve discussão entre os participantes, perguntando-lhes:
 - O que acontece em seguida — como uma suspeita em relação ao possível abuso de uma criança é relatada?
 - Como as suspeitas são tratadas e quem tem a responsabilidade de coordenar o processo?
 - O que está faltando e o que funciona bem? Pode ser que, observando outros processos disciplinares ou outras formas de lidar com, por exemplo, denúncias de assédio sexual, você tenha uma ideia sobre qual estratégia usar. Existe alguma pessoa nomeada/de referência, responsável por receber as denúncias? Use esta atividade para ajudar os participantes a pensarem sobre essas questões.
2. Divida os participantes em duplas ou grupos de três ou quatro pessoas. Dê a cada grupo/dupla um ou dois estudos de caso da **Folha do workshop 1c: Estudos de caso**.
3. Dê a cada grupo uma folha de *flipchart* e canetas piloto. Peça aos participantes que discutam alguns dos estudos de caso e anotem as questões que surgirem. A quem eles poderiam ou deveriam contar? Como o assunto seria tratado geralmente? O que está faltando?
4. Depois de 15 minutos, reúna os grupos novamente e faça uma avaliação, discutindo cada situação. Você provavelmente perceberá que existe um pouco de confusão e falta de consistência nos procedimentos atuais para lidar com esse tipo de situação. Algumas pessoas se sentirão mais confiantes do que outras sobre o que fazer. Porém, a experiência nos ensina que uma política e procedimentos claros e acessíveis vão ajudar a assegurar que essas situações sejam tratadas de maneira apropriada.
5. Faça um resumo principalmente dos pontos que parecem ter ficado um pouco obscuros. Faça uma lista de coisas que ajudariam na elaboração ou no melhoramento de uma política e procedimentos escritos.

Workshop Básico 1

Workshop Básico 1

Folha do workshop 1c: Estudos de caso

1.	Um membro da equipe (ou voluntário) vê um funcionário que trabalha para sua organização batendo em uma criança. Ele está usando uma vara para bater em uma criança que roubou comida da dispensa.
2.	Um membro da equipe/voluntário ouve rumores de que o novo membro da equipe, que ocupa o cargo de consultor, deixou o trabalho anterior sob condições suspeitas. Os rumores são sobre comportamentos inapropriados com menores de idade em um vilarejo onde ele trabalhava.
3.	Em uma visita de rotina a uma família, você vê um pai batendo em seu filho menor com um cinto de couro. A criança está claramente sofrendo e sangrando nas costas e pernas.
4.	Algumas meninas do campo estão circulando pelas áreas comerciais da cidade; você suspeita que elas estejam fazendo favores sexuais em troca de comida.
5.	Em uma visita a uma casa para crianças com deficiência, apoiada por sua organização, você nota que algumas crianças estão usando roupas muito sujas e parece que não tomaram banho. Uma criança na cadeira de rodas está com as calças molhadas.
6.	O novo educador de uma ONG está tirando fotos dos meninos com um celular. Ele está oferecendo doces e cigarros para que os meninos façam poses para as fotos. Apesar de as crianças estarem vestidas, existe algo que faz os outros membros da equipe se sentirem desconfortáveis com seu comportamento.

Parte Dois: A Pessoa de Referência para Proteção da Criança (PRPC) ou oficial de proteção da criança

Objetivo

Identificar na organização uma pessoa que pode atuar como referência no recebimento de denúncias de abuso infantil.

Desenvolvimento

1. Escreva na folha de *flipchart*: PRPC. Explique aos participantes que esta sigla significa Pessoa de Referência para a Proteção da Criança. Explique o que é uma PRPC usando as notas a seguir:

PRPC é uma pessoa da organização nomeada para ouvir sobre qualquer preocupação com o abuso infantil e para lidar com essas questões.

Uma boa prática em uma organização ou projeto é identificar pessoas que possam atuar como PRPC. Outras pessoas na organização podem chegar até elas se tiverem preocupações com a proteção da criança ou abuso. Geralmente é bom que os PRPCs não sejam os diretores, mas alguém com experiência e confiança para lidar com questões similares ou que tenha acesso a capacitação e apoio para que possa desempenhar sua função. Todos devem saber como contatá-lo. Em organizações maiores deve haver um determinado número de PRPCs nas várias regiões ou atividades.

2. Use o *flipchart* ou retroprojetor para descrever a função da PRPC. Use o texto que você preparou anteriormente.
O papel da PRPC é:
 - Atuar como referência no recebimento de informações;
 - Analisar a informação e agir prontamente, checando o máximo possível de informações;
 - Buscar a orientação dos coordenadores;
 - Avaliar os riscos;
 - Consultar as agências locais;
 - Fazer um encaminhamento formal, se necessário;
 - Assegurar que toda a informação seja registrada no formulário de registro de incidentes.
3. Dê aos participantes cópias da Folha do *workshop* 1d: Elaborando uma política. Peça para que eles voltem aos grupos em que estavam trabalhando na Parte Um e usem as duas situações que estavam discutindo. Usando a folha do *workshop*, peça para eles elaborarem um procedimento que melhoraria a forma como eles responderiam se a situação surgisse.
4. Enquanto eles fazem o exercício, peça-lhes que pensem quem seria a PRPC, se eles fossem identificar alguém que poderia assumir essa função na organização.
5. Reúna o grupo novamente e faça anotações sobre os pontos principais e as medidas que ajudarão na elaboração de um procedimento adequado.
6. Dê a cada grupo organizacional ou individual (se eles estiverem trabalhando sozinhos) uma cópia da Folha de exercícios 1e: Fluxograma em branco. Peça-lhes que usem o fluxograma para começar a elaborar um procedimento para relatar uma suspeita.
7. Não se esqueça de dizer que, ao tomar uma decisão, eles precisam consultar outras pessoas na organização para saberem se todos concordam, se é um procedimento condizente com a realidade e que pode ser entendido e seguido por todos.

Workshop Básico 1

Workshop sheet 1d: Drawing up a policy

Passos a considerar	Questões levantadas
O que poderia acontecer?	
Para quem seria relatado e quando? Quem seria a pessoa nomeada/designada?	
Quem seria responsável por monitorar o processo?	
Como ele seria registrado?	
Como ele seria transmitido e a quem?	

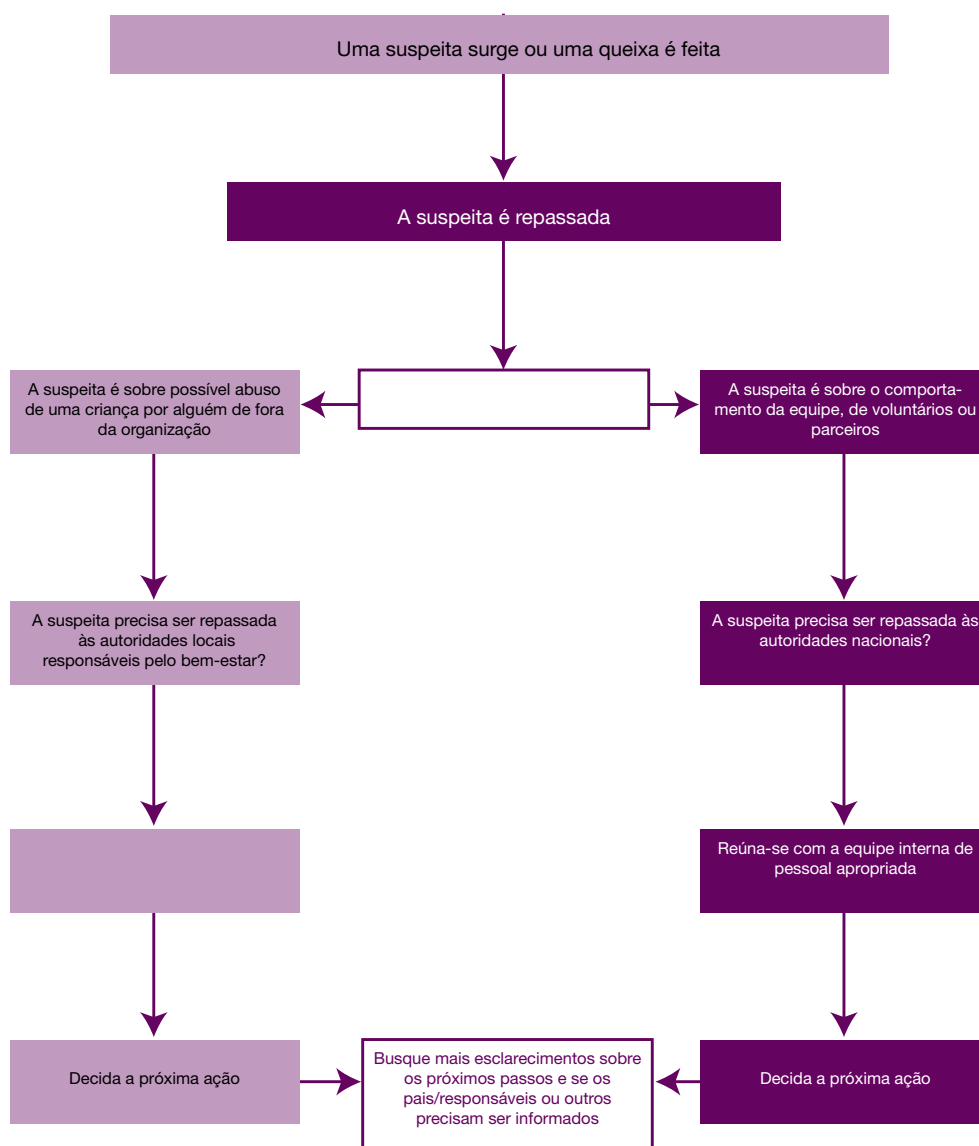
Workshop Básico 1

Workshop Básico 1

Folha do workshop 1e: Fluxograma

Modelo de Procedimento de Suspeitas ou Denúncias para a Proteção da Criança

Use o fluxograma para preencher as lacunas e decidir sobre o processo de sua organização. Escreva nomes onde existem lacunas. Segue abaixo o procedimento para dar seguimento aos casos de suspeitas ou denúncias:



FASE 4: O PRIMEIRO ESBOÇO DA POLÍTICA

Meta

Fazer o primeiro esboço de um procedimento escrito de proteção da criança.

Principais pontos de aprendizagem

- Os exercícios feitos anteriormente já destacaram muitas formas pelas quais as crianças podem ser vítimas de abuso e a complexidade da questão. Poucos relatos ou denúncias são feitos se a equipe não tem um direcionamento sobre quem procurar e sobre como fazer isso.
- A política de proteção da criança oferece diretrizes para lidar com questões de abuso infantil, mas qualquer política desenvolvida precisa estar dentro de um contexto cultural específico e de acordo com as exigências legais do país.

Duração

60 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Cópias da **Folha do workshop 1f e 1g: Escrevendo uma declaração de política** (página 156);
- *Slides em Power Point* — reveja a apresentação dos Padrões
- Computador e projetor (ou os *slides* reproduzidos em folhas de papel);
- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- Papel para anotação para os participantes.



Workshop Básico 1

Preparação

Faça cópias da **Folha do workshop 1f e 1g: Escrevendo uma declaração de política** — uma para cada participante.

Certifique-se de que a apresentação de *Power Point* esteja pronta ou, se você não tiver um computador, tenha prontas as cópias dos *slides* para distribuir.

Desenvolvimento

1. Explique que é uma prática muito útil ter uma declaração de política de proteção à criança que embase a política e os procedimentos que você desenvolverá. Esse documento é parecido com a ‘declaração de missão’, que mostra em que a organização acredita em relação à importância de se manter uma criança segura e protegida do abuso. Essa declaração é baseada em princípios fundamentais sobre a infância e os direitos da criança.
2. Distribua cópias da Folha do *workshop* 1f: Escrevendo uma declaração de política, e leia o texto com os participantes. Essa folha oferece informações sobre o que uma política precisa incluir e os princípios em que ela é baseada.
3. Depois, leia o modelo de declaração de política incluído na folha do *workshop* para que os participantes tenham ideia do que precisam tentar fazer. Explique-lhes que devem escrever por volta de 250-300 palavras. Deixe claro que a declaração não precisa estar corretamente escrita: o conteúdo é mais importante do que o estilo.
4. Agora organize os participantes em duplas e distribua a Folha de atividade 1g. Diga que eles terão 20 minutos para escrever uma declaração de proteção à criança para sua organização ou projeto.
5. Reúna o grupo novamente e faça uma análise:
 - Como eles se saíram?
 - Eles conseguiram apresentar algo?
 - Que dificuldades tiveram?
 - Se for apropriado, peça aos participantes que compartilhem o que escreveram. Explique que essa é uma boa forma de trocar ideias.
6. Diga aos participantes que nesta seção eles fizeram um esboço inicial de uma política e procedimentos de proteção à criança. Eles também identificaram alguns dos princípios básicos em que a política de proteção à criança será baseada.
7. Usando os slides do *Power Point*, revise as normas descrevendo como elas podem ajudar a desenvolver uma organização segura para as crianças.
8. Os exercícios que foram feitos anteriormente já destacaram que há muitas formas por meio das quais as crianças podem ser vítimas de abuso e a complexidade dessas questões. Poucos relatos ou denúncias serão feitos se a equipe não estiver consciente ou orientada em relação a quem procurar e a como fazer isso.
9. A política de proteção à criança oferece diretrizes para lidar com questões de abuso infantil, mas precisa ser desenvolvida de acordo com um contexto cultural específico e com as exigências legais do país.

Workshop Básico 1

Folha do workshop 1f: Escrevendo uma declaração de política

Uma política de proteção à criança deve incluir:

- O que a organização quer comunicar sobre a proteção da criança;
- Por que a organização quer uma política e procedimentos de proteção à criança;
- Como, de forma geral, a política suprirá essa responsabilidade;
- A quem a política e os procedimentos se aplicam: à equipe e aos voluntários? E aos parceiros? É obrigatória? Todos que estão ligados à organização precisam consentir?
- Definição de abuso infantil (use a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança como diretriz, isto é, qualquer criança abaixo de 18 anos);
- A definição de sua organização sobre abuso infantil;
- Como essa política se identifica com as outras políticas e procedimentos que promovem os direitos e o bem-estar das crianças e adolescentes em sua organização.
- Um plano para avaliar e monitorar a política e os procedimentos.

A política é baseada nestes princípios:

- O direito das crianças de serem protegidas do perigo, do abuso e da exploração, conforme estabelecido na Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança.
- O bem-estar da criança deve ser garantido e promovido.
- Quando existe conflito de interesses, as necessidades da criança são sempre mais importantes.
- Reconhecimento da importância dos pais, das famílias e outros responsáveis na vida das crianças.
- Reconhecimento da importância do trabalho em parceria com outras agências parceiras na proteção da criança.
- Reconhecimento dos direitos da equipe e dos voluntários de receberem capacitação e apoio.

Modelo de declaração de política de proteção à criança

Os textos a seguir são declarações fictícias de políticas de proteção à criança.

Entidade Sendo Cuidadoso com a Criança

“O princípio norteador é que a *Being Kind to Children Charity* (Entidade Sendo Cuidadoso com a Criança) acredita que é sempre inaceitável que uma criança tenha a experiência de abuso de qualquer tipo. A BKCC reconhece sua responsabilidade de zelar pelo bem-estar de todos os jovens, protegendo-os do abuso. A política foi escrita para assegurar que a BKCC adote todas as medidas possíveis para prevenir o abuso. O objetivo é assegurar que ninguém da equipe, voluntários ou parceiros, se envolva em situações que possam permitir a ocorrência do abuso, e em ações que possam ser erroneamente interpretadas pelas crianças, suas famílias ou outros adultos, como abuso ou tentativa de abuso.”

Crianças Felizes

“Todas as crianças têm o direito de serem protegidas do abuso, da violência e da exploração. A organização Crianças Felizes trabalha para criar um ambiente seguro para as crianças que se beneficiam de seus programas, etc.”

Workshop Básico 1

Workshop Básico 1

Folha do workshop 1g: Escrevendo uma declaração de política

Notas sobre a política escrita

- Desenvolva uma declaração simples e clara, que expresse a filosofia de sua organização. Uma declaração de proteção à criança deve expressar o que a organização quer comunicar sobre as crianças.
- Refira-se a políticas internacionais ou nacionais, legislação ou diretrizes que fortalecem sua política. Relacione-as com os direitos das crianças de serem protegidas do abuso e da exploração (Convenção da ONU).
- Explique os objetivos amplos, embora práticos, e a razão para a organização ter procedimentos e uma diretriz escrita que dê apoio a esses objetivos (conforme o Padrão 2).
- Reconheça a necessidade de todas as crianças de serem protegidas, inclusive as portadoras de deficiência, as pertencentes a grupos étnicos/religiosos minoritários — independentemente de gênero, sexualidade ou contexto cultural.
- Utilize declarações claras sobre a terminologia (ou seja, um membro da equipe é qualquer pessoa empregada e paga pela organização; um voluntário é um trabalhador que não é pago pela organização, etc.) e sobre a quem a política se aplica.
- Deixe claro o status do documento, por exemplo, é obrigatório? Foi aprovado pelo conselho ou diretoria?

FASE 5: ESTRATÉGIA DE IMPLEMENTAÇÃO DA POLÍTICA

Meta

Desenvolver um plano de ação para certificar-se de que a política e os procedimentos de proteção à criança sejam divulgados na organização.

Principais pontos de aprendizagem

- Uma política de proteção à criança só é eficiente se for respeitada por todos. Uma folha de papel não vai proteger as crianças.
- Se você não tiver um plano de ação claro sobre como implementar a política de proteção à criança, a política não ajudará a proteger as crianças.
- Toda a equipe precisa compreender a política, receber capacitação sobre ela e entender como ela se aplica a cada um.

Nota para o facilitador

Se todos os participantes forem da mesma organização, talvez você queira fazer este exercício com o grupo todo.

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- **Folha do workshop 1h: Implementando a política** (página 158) — uma cópia para cada participante;
- Um aparelho de DVD e a **Seção 7 do DVD**: Quais são os próximos passos?  **Guia 5**

Preparação

- Faça cópias da **Folha do workshop 1h: Implementando a política**.
- Coloque o DVD no ponto certo da seção.

Desenvolvimento

1. Se for usar o DVD, passe a Seção 7.
2. Usando ou não o DVD, peça aos participantes que pensem sobre os elementos principais para a implementação da estratégia. O que eles precisam fazer para se certificarem de que a política é efetiva e está sendo usada pela organização?
3. Explique aos participantes que você os ajudará a desenvolver um plano de ação detalhado sobre como eles vão disseminar a política de proteção à criança, isto é, como vão colocá-la em prática, para ter a certeza de que todos conhecem a política e os procedimentos e de que entendem como funcionam.

Explique que uma das chaves para o sucesso é ter clareza sobre a implantação da política e os impedimentos para fazer isso de forma eficaz. Geralmente é útil pensar sobre outras mudanças ocorridas na política interna e sobre o modo como elas foram introduzidas por sua organização.

- O que funcionou bem? Por quê?
 - Como isso foi apresentado?
 - Que impressão causava?
 - Como as coisas são comunicadas na organização?
4. Organize os participantes conforme achar apropriado — em pares, grupos pequenos ou individualmente. Dê a cada um uma cópia da **Folha de exercícios 1h: Implementando a política**.

O texto é o seguinte:

Individualmente ou em grupos comece a fazer um plano sobre como disseminar a política, isto é, certificar-se de que todos na organização estão conscientes sobre a política e os procedimentos de proteção à criança e de que compreendam todos. Em cada fase do processo, pense sobre cada item e decida:

- Quando, como e quem estará envolvido;
- As pessoas/funções relevantes envolvidas e suas responsabilidades;
- Possíveis empecilhos para uma implementação eficaz e o que pode ser feito para superar as barreiras;
- Como a implementação da política será monitorada no futuro, identificando:
 - o que pode ser avaliado, por quem, como e quando;
 - como você avaliará o sucesso.

Como acompanhamento, os participantes/as organizações poderiam ter a oportunidade de enviar o rascunho da política e dos procedimentos para seus facilitadores como forma de apoio depois da capacitação.

Workshop Básico 1

O DVD tem um modelo da Ferramenta de Implementação do Plano de Ação.



Talvez seja útil usar o exercício a seguir para identificar alguns empecilhos na implementação da política.

Workshop Básico 1

Folha do workshop 1h: Implementando a política

Individualmente ou em grupos comece a fazer um plano sobre como você “disseminará a política”, isto é, como você se certificará de que todos na organização estão cientes da política e dos procedimentos de proteção à criança e de que os compreendem. Em cada fase do processo, pense sobre cada item e decida:

- Quando, como e quem estará envolvido;
- As pessoas/funções relevantes envolvidas e suas responsabilidades;
- Possíveis empecilhos para uma implementação eficaz, e as possíveis ações para superar as barreiras;
- Como a implementação da política será monitorada no futuro, identificando:
 - o que pode ser avaliado, por quem, como e quando;
 - como você avaliará o sucesso.

EXERCÍCIO OPCIONAL: BARREIRAS NA IMPLEMENTAÇÃO DA POLÍTICA E PROCEDIMENTOS

Meta

Identificar o que pode impedir que a política de proteção à criança seja implementada na organização e junto às agências parceiras.

Objetivo

Estimular os participantes a pensar sobre algumas possíveis barreiras à implementação dos procedimentos da organização.

Principais pontos de aprendizagem

- Uma política de proteção à criança não vai, por si só, manter as crianças seguras. Seu sucesso depende do comprometimento e do entendimento das pessoas que a usarão.
- Todas as organizações precisam desenvolver uma estratégia de comunicação ou de implementação.
- Durante a identificação dos fatores que podem impedir uma implementação bem-sucedida, possíveis ideias e soluções podem ser desenvolvidas.

Duração

30 minutos

Recurso

Para este exercício você vai precisar de folhas de *flipchart* e canetas piloto, suficientes para cada grupo ou indivíduo.

Preparação

Como forma de se preparar para este exercício, talvez seja uma boa ideia você mesmo fazê-lo - pense sobre as possíveis barreiras na implementação de uma política e procedimentos de proteção à criança em uma organização. Pergunte-se sobre possíveis soluções e ações que você poderia tomar para vencer as barreiras.

Isso o ajudará a conduzir a discussão de maneira informativa e relevante.

Desenvolvimento

1. Apresente o objetivo do exercício: identificar as barreiras e as dificuldades que os participantes podem enfrentar ao implementar a política e os procedimentos.
2. Divida os participantes em grupos de quatro ou cinco pessoas e peça que pensem em um muro como forma de considerar as barreiras, os empecilhos na implementação dos procedimentos. Peça que desenhem um muro no papel e identifiquem os 'tijolos' que talvez complementem as partes do muro. Você pode mostrar o *flipchart* para ficar mais claro — cada tijolo pode ser rotulado para mostrar uma dificuldade diferente. Por exemplo:

Exemplos de barreiras na implementação da política.

O que faz as coisas piorarem?	Confidencialidade	Experiências desagradáveis ao se fazer uma denúncia	
	Medo de que as coisas não sejam tratadas de forma apropriada	As pessoas não confiarão em nós se precisarmos de uma política.	
		É muito complicado fazer isso aqui já que temos tantos outros problemas.	

Separe aproximadamente 15 minutos para esta atividade.

3. Reúna os grupos novamente. Peça que cada grupo pequeno compartilhe sobre seus muros. Exponha-os pela sala. Separe cerca de 5 minutos para essa atividade.
4. Conduza uma discussão sobre as possíveis soluções para os empecilhos. Peça aos participantes que contribuam com sua opinião, baseando-se em suas experiências e suas habilidades.

Workshop Básico 2

UM LUGAR SEGURO PARA AS CRIANÇAS – O PAPEL DOS COORDENADORES

Meta desse workshop

Certificar-se de que os coordenadores estão familiarizados com os principais elementos de proteção à criança, a fim de apoiá-los na execução de suas responsabilidades específicas para com a proteção infantil.

Objetivos deste workshop

- Fazer com que os coordenadores se familiarizem com *Um lugar Seguro para as Crianças* – Padrões para Proteção da Criança.
- Considerar as responsabilidades específicas dos coordenadores na proteção da criança.
- Capacitar os coordenadores a tomar medidas apropriadas quando surgir alguma preocupação com a proteção da criança.

Duração

Esse *workshop* oferece material para um período de meio dia de capacitação (ou um dia inteiro, se for aplicado juntamente com o conteúdo de capacitação introdutório dos Módulos 1-4).

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Apresentação de *Power Point* sobre *Um lugar Seguro para as Crianças* – o Papel dos Coordenadores;
- DVD;  **Guia 5**
- Cópias do *Guia 1 - Um lugar Seguro para as Crianças* – Padrões para Proteção da Criança;  **Guia 1**
- *Guia 2 - Um lugar seguro para as crianças - Como Implementar os Padrões*;  **Guia 2**
- Cópias da **Ferramenta de Autoavaliação** (página 141);
- **Notas do facilitador** sobre:
 - ***Um lugar Seguro para as Crianças* – Padrões para a Proteção da Criança** (página 194);
 - **Definições de abuso** (página 201);
 - ***Um Lugar Seguro para as Crianças na Coordenação*** (página 223);
 - **Abuso e risco organizacional** (página 213);
- Qualquer material adicional que seja relevante para sua organização, como políticas existentes de proteção à criança;
- Exemplos de protocolos de investigação de proteção à criança.

Introdução

Todos os participantes precisam ter feito alguma oficina de sensibilização de proteção à criança antes de participar deste *workshop*.

Este *workshop* para os diretores foi desenvolvido para ser flexível, para que você possa adaptá-lo às necessidades de sua organização. Se a agência ou organização ainda não tem a política escrita de proteção à criança, associe este *workshop* com o *Workshop Básico 1 – desenvolvendo uma política e procedimentos de proteção à criança para sua organização*.

Principais pontos de aprendizagem

- É necessária uma orientação clara sobre a política de proteção à criança da organização. Essa orientação deve estar disponível para toda a equipe, os voluntários, os parceiros, os doadores e outras partes relevantes.
- Um comum acordo deve ser estabelecido sobre o que constitui abuso infantil em contextos locais específicos.
- Toda a equipe/parceiros deve ter uma capacitação sobre os procedimentos organizacionais e as expectativas de comportamento.
- Uma capacitação de sensibilização de proteção à criança deve estar disponível e deve refletir os contextos locais.
- Qualquer agência deve ter um processo escrito para lidar com as suspeitas relacionadas à proteção da criança — tanto internas quanto externas.
- Qualquer agência deve ter um processo e um sistema claro de seleção, coordenação e supervisão da equipe.

FASE 1: UMA INTRODUÇÃO A UM LUGAR SEGURO PARA AS CRIANÇAS NAS ORGANIZAÇÕES

Metas

- Apresentar *Um lugar Seguro para as Crianças* – Padrões para Proteção da Criança.
- Começar a observar o que sua organização faz de forma eficiente em Um Lugar para as Crianças e em que pontos existem lacunas ou riscos.

Duração

90 minutos (incluindo um intervalo)



Workshop Básico 2

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Apresentação de *Power Point: Um Lugar Seguro para as Crianças* - O papel dos coordenadores;
- Apresentação de *Power Point: Um Lugar Seguro para as Crianças* - Padrões para proteção da criança;
- **Notas para o facilitador: Um Lugar Seguro para as Crianças – Padrões para proteção da criança;**
- Cópias da **Ferramenta de Autoavaliação** (página 141);
- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- DVD e aparelho de DVD (opcional);  Guia 5
- Cópias da Lista de verificação de proteção à criança para coordenadores (página 167).

Preparação

Pense sobre sua fala introdutória para essa seção. As **Notas para o facilitador** o ajudarão.

DVD: Você talvez queira usar uma parte do DVD para começar esta seção. Há várias seções relevantes. Observe as seções 1 - 3. Você pode passá-las (elas têm cerca de 10 minutos de duração) e depois pedir ao grupo que diga, em relação a *Um Lugar Seguro para as Crianças*, no que a organização de cada um é eficiente.  Guia 5

Desenvolvimento

1. Comece apresentando os padrões para proteção da criança e seus objetivos – use o Power Point, as Notas para o Facilitador e/ou o DVD como auxílio.
2. Nem todas as organizações serão capazes de alcançar esses padrões. Em algumas isso será mais prioritário do que em outras. Facilite uma discussão sobre elas e, se a Ferramenta de Autoavaliação ainda não foi usada, peça ao grupo que faça uma miniavaliação, usando os Padrões, para pensar sobre as lacunas existentes em suas medidas de proteção.
Nota: As instruções para isso estão no *Workshop Básico 1* e no final de *Um Lugar Seguro para as Crianças: Padrões para Proteção da Criança*.
3. Discuta com os participantes sobre o que eles pensam que a organização faz bem e onde estão as lacunas e os riscos. Liste algumas das questões comuns de coordenação identificadas pelo grupo. Você talvez queira usar isso mais tarde no *workshop*.

Você pode ampliar a seção incluindo uma avaliação de risco ou análise SWOT (veja o **Módulo 4, Exercício 4.2**). Também existem mais atividades na Fase 1 do Guia 2: Como Implementar os Padrões, que podem ser adaptadas para utilização aqui, embora isso estenda o *workshop* para um dia inteiro.

FASE 2: O PAPEL DOS COORDENADORES NO SEGUIMENTO A UMA SUSPEITA RELACIONADA À PROTEÇÃO DA CRIANÇA

Meta

Demonstrar como as suspeitas relacionadas à proteção da criança podem surgir no trabalho e como responder a elas.

Duração

60 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- DVD
- **Arquivo avulso: Estudos de caso**
- Slides 7-11 do *Power Point: Um Lugar Seguro para as Crianças - O Papel dos Coordenadores*.

Preparação

Antes de conduzir esta seção, leia as notas do *Desenvolvimento*, logo a seguir

DVD: Prepare o exercício de estudos de caso usando os exemplos fornecidos ou desenvolvendo seus próprios exemplos, o que pode ser mais apropriado para sua organização. O DVD mostra alguns funcionários falando sobre preocupações com crianças e as consequências de se entender algo errado. Depois de ouvir Mai e Jill falando, use as partes destacadas para promover uma discussão em grupo.



O Guia 2 - Um Lugar Seguro para as Crianças: Como Orientar - A Fase 1 e o Padrão 11 têm algumas atividades que você pode adaptar para usar com seu grupo.



Desenvolvimento

1. Peça aos participantes que identifiquem algumas formas pelas quais eles pensam que as suspeitas relacionadas à proteção da criança podem surgir no trabalho. Liste-as no *flipchart* ou no quadro. Peça aos participantes que compartilhem exemplos reais.
2. Use os slides 7-11 do *Power Point: Um Lugar Seguro para as Crianças - O papel dos coordenadores*, para estabelecer o contexto. Divida os participantes em pares ou grupos pequenos. Dê a cada grupo um ou dois exemplos e peça aos participantes que considerem as situações e respondam às questões a seguir:
 - Que medida você tomaria se fosse tomar alguma?
 - Existe alguma política e procedimento claro de proteção à criança para ser seguido em sua organização?
 - Quais são as responsabilidades específicas do coordenador?
 - Que questões ou dificuldades talvez surjam?
 - O que pode impedir você de fazer algo?

Workshop Básico 2

3. Peça a cada grupo que faça um resumo dos principais pontos de aprendizagem. Certifique-se de que todos os participantes tenham clareza sobre:
 - Quais documentos orientam suas ações e suas respostas;
 - Quem eles devem contatar interna e externamente;
 - A qual política eles devem aderir se estiverem trabalhando em parceria com outra agência;
 - Que legislação local e processos legais existem;
 - Onde devem ser registradas as preocupações com a proteção da criança;
 - O que está faltando ou precisa ser desenvolvido.
4. Use o **slide 11 do Power Point** para terminar a seção.

Arquivo avulso: Estudos de caso

Imagine que você é o coordenador em cada um dos casos – Qual seria sua função e responsabilidade, e que atitude você acha que deveria ser tomada?

Situação 1

SONYA é uma nova funcionária. Ela está há menos de seis meses nessa função e tem achado difícil. Seu cargo é financiado por uma agência parceira que está apoiando o trabalho que você está fazendo por meio da educação. Sonya tem muita necessidade de apoio de sua coordenadora, e isso é algo bastante dificultoso. No entanto, você acha que recentemente ela começou a ter mais responsabilidade a cooperar mais.

Sonya trabalha em uma escola que dá assistência por meio do ensino. As turmas são muito grandes, e a falta de recursos, as condições precárias e a equipe pequena fazem as coisas ficarem mais difíceis. As crianças frequentam meio período, já que as famílias querem que elas trabalhem. Sonya fez amizade com um adolescente que é muito inteligente. Ela tem tentado estimular o garoto a ficar na escola o dia inteiro. Um dos pais foi até a escola hoje acusando-a de manter relações sexuais com seu filho.

Situação 2

ALAN é um coordenador experiente em situações de emergência e trabalhou em vários desastres recentes, liderando as equipes de pronto auxílio e coordenando o trabalho em condições muito difíceis e desafiadoras. Ele tem uma personalidade forte, e pode tornar difícil o trabalho com ele. No passado, ele foi acusado de ter chantageado a equipe e os moradores locais para conseguir o que queria. Porém, é bem respeitado no acampamento. Há rumores de que Alan foi visto em um bar local com uma garota que aparentava ter não mais do que 12 anos. O bar é conhecido como um lugar onde jovens trabalhadoras do sexo procuram funcionários de ONGs.

Situação 3

ELIAS trabalha em sua organização há mais de 2 anos. Ele trabalha no escritório nacional coordenando o trabalho de proteção da criança em vários campos de refugiados. Em uma visita recente ao campo ele foi visto batendo com uma vara numa criança que estava pedindo comida. Uma pessoa da equipe reclamou dele hoje, mas não quer ser identificada nem fazer uma denúncia formal sobre seu comportamento.

Situação 4

SANJIT é o especialista em computação de sua organização. Ele trabalha com tecnologia da informação, e todos vão até ele para pedir ajuda. Recentemente ele fez uma visita de campo para ver os adolescentes que apadrinha e tem fotos deles na parede de seu escritório. A polícia contatou você para dizer que acredita que ele está envolvido no acesso a imagens abusivas de crianças por meio de um site pago de internet e que dentro de dois dias eles virão ao escritório para investigar.



FASE 3: RESPONSABILIDADES E FUNÇÕES DO COORDENADOR

Meta

Identificar questões específicas de coordenação em relação à proteção da criança ao gerenciar um programa/um projeto/uma região.

Duração

30 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Slides de *Power Point* sobre o papel dos coordenadores;
- **Arquivo avulso: Lista de verificação de proteção à criança para coordenadores** (também no DVD).



Preparação

Antes de conduzir esta seção, leia as notas do **Desenvolvimento**. Certifique-se de ter cópias suficientes do **Arquivo avulso: Lista de verificação de proteção à criança para coordenadores**. Adapte-o às exigências de sua organização, se isso for necessário.

Desenvolvimento

1. Peça aos participantes para listarem as coisas que acham que geralmente fazem ou são responsáveis por fazer para checar se uma medida de proteção da criança está sendo posta em prática. Por exemplo, como eles treinam uma equipe nova em relação à política e aos procedimentos?
2. Distribua cópias do Arquivo avulso: *Lista de verificação de proteção à criança para coordenadores*.
3. Use a lista de verificação para coordenadores como base para uma discussão.
 - O que mais deve constar na lista?
 - Das coisas listadas, quantas são atualmente feitas pelos coordenadores no *workshop*?

Peça que os participantes consultem o *Guia 1 – Um Lugar Seguro para as Crianças: Padrões para Proteção das Crianças* e identifiquem as normas que incluem as responsabilidades específicas da coordenação.



Resumo

Identifique alguns dos principais pontos de aprendizagem da seção. Certifique-se de que cada participante identifique pelo menos três ações necessárias como resultado do *workshop*, e de que tenham clareza sobre como e quando vão colocá-las em prática e quem fará isso com eles.

O **slide 7 do Power Point** é útil para rever e resumir as responsabilidades principais dos coordenadores. Talvez você queira ver uma seção do DVD para finalizar.

Arquivo avulso: Lista de verificação de proteção à criança para coordenadores

(Adaptação da *Save the Children* Reino Unido)

Declaração	Sim	Não
Uma avaliação de riscos feita com cada função que envolve contato com crianças de forma direta ou indireta.		
Toda a equipe avaliada para estabelecer o nível de contato que tem com as crianças em projetos ou contextos específicos.		
Toda a equipe esclarecida sobre qualquer política ou procedimento de proteção da criança.		
Toda a equipe esclarecida sobre os códigos de conduta esperados ao se trabalhar com crianças ou na comunidade.		
Toda a equipe ciente de sua responsabilidade de manter as crianças seguras e de relatar preocupações, inclusive quaisquer preocupações com o comportamento da equipe.		
Equipe ciente de quem pode procurar se tiver alguma preocupação com a proteção da criança e não puder falar com o coordenador sobre isso.		
Orientação clara oferecida sobre como se certificar de que qualquer risco para a equipe ou outros seja considerado, uma vez que seja identificada uma preocupação com a proteção de uma criança.		



Modelos de *Workshop*



MODELO DE CAPACITAÇÃO PARA WORKSHOP DE UM DIA

O seguinte formato de *workshop* é um exemplo de como os exercícios do *kit* de capacitação podem ser montados a fim de oferecer uma apresentação geral para *Um Lugar Seguro para as Crianças em sua organização*.

A QUEM SE DESTINA?

A uma equipe de colaboradores e voluntários que precisa de uma introdução geral de proteção à criança. Esse *workshop* pode ser o seguimento de uma capacitação. Ele oferece informações para os participantes e oportunidade de discutir a política de proteção à criança da organização.

QUAL SERÁ O RESULTADO?

Este *workshop* vai aumentar o conhecimento e a consciência sobre a situação das crianças, o problema do abuso infantil, as responsabilidades de proteção das agências e da equipe, e o significado da política de proteção à criança na prática.

Um Lugar Seguro para as Crianças

Seção Introdutória: <i>Um Lugar Seguro para as Crianças</i> (página 20) Incluindo a Seção 1 do DVD: Introdução .	60 minutos
Exercício 1.1: Imagens de crianças.	30 minutos
Intervalo	15 minutos
Exercício 1.5: Percepções da criança e da infância.	30 minutos
DVD opcional seção 5 seguido do . Exercício 2.2: O que é abuso infantil? Seção 3 do DVD é uma breve discussão sobre a natureza dos abusadores sexuais.	60 minutos
Almoço	60 minutos
Exercício 3.2: Essa é uma suspeita em relação à proteção da criança? Seção 6 do DVD.	50 minutos
Intervalo	15 minutos
Exercício 4.2: Avaliação de riscos.	60 minutos
Avaliação e reflexão, planos de ação.	30 minutos

MODELO PARA WORKSHOP DE DOIS DIAS

O seguinte formato de *workshop* é um exemplo de como os exercícios do *kit* de capacitação podem ser combinados a fim de fornecer uma apresentação abrangente de *Um Lugar Seguro para as Crianças* em sua organização.

A quem se destina?

Pode ser feito com um grupo misto de coordenadores e diretores do programa.

Qual será o resultado?

Esse *workshop* aumentará o conhecimento e a consciência sobre a situação da criança, o problema do abuso infantil, as responsabilidades de proteção das agências e de sua equipe, e dará apoio para a agência desenvolver ou implementar a política.



Modelos de *Workshop*

Dia 1

Um Lugar Seguro para as Crianças

Seção Introdutória: <i>Um Lugar Seguro para as Crianças</i>. Incluindo a seção 1 do DVD: Introdução.	60 minutos
Exercício 1.3: A experiência de uma criança.	30 minutos
Exercício 1.5: Percepções sobre criança e a infância.	30 minutos
Intervalo	15 minutos
DVD Opcional: Seção introdutória sobre o que faz uma criança se sentir segura, seguida do: Exercício 2.1: abuso infantil – atitudes e valores.	55 minutos
DVD Opcional: seção 5, seguida do: Exercício 2.2: O que é abuso infantil?	50 minutos
Almoço	60 minutos
DVD opcional: seção 3, seguida do: Exercício 4.3: Abusadores Sexuais de Crianças.	75 minutos
Intervalo	15 minutos
Exercício 3.2: Indicadores de abuso.	60 minutos
Seção 6.3 do DVD, seguida do: Exercício 3.3: Barreiras à denúncia.	60 minutos

Dia 2

Transformando sua Organização num Lugar Seguro para as Crianças

Introdução: Seção 5 do DVD: Por que os padrões para proteção da criança são importantes? Faça um discurso introdutório.	30 minutos
Fase 1: Autoavaliação – o que você precisa fazer?	50 minutos
Intervalo	15 minutos
Fase 2: Desenvolvendo uma autonomia organizacional – certificando-se de que todos estão envolvidos.	25 minutos
Fase 3: Elaborando um procedimento de denúncia.	60 minutos
Almoço	60 minutos
Fase 4: O primeiro esboço da política.	60 minutos
Intervalo	15 minutos
Fase 5: Estratégia de implementação da política.	50 minutos
Seção de encerramento: incluir uma revisão dos dois dias, resumo de pontos de ação/próximos passos, e avaliação.	20 minutos



Odile Meylan / Terre des Hommes

Workshop de Dois Dias para Proteção das Crianças em Situações de Emergência

INTRODUÇÃO

Antes de participarem desse *workshop*, certifique-se de que todos os participantes tenham passado pela capacitação geral de proteção à criança.

Metas desse *workshop*

- Ajudar os participantes a entenderem as vulnerabilidades particulares e os recursos e mecanismos de superação das crianças durante situações de emergência, além da variedade dos impactos que diferentes grupos de crianças sofrem durante esse tipo de situação.
- Ajudar os participantes a reconhecerem as diferentes formas e principais causas do abuso e exploração que afetam as crianças durante situações de emergência.
- Providenciando as ferramentas necessárias, alertar os participantes para o fato de que, durante situações de emergência, as crianças estão vulneráveis ao abuso e à exploração por aqueles que são responsáveis por sua proteção, como agentes humanitários.

Duração

Este *workshop* tem duração de dois dias.

Características do Dia 1:

- Seção Introdutória
- Seção 1: Os variados impactos das situações de emergência nas crianças¹.
- Seção 2: Integrando a proteção da criança a uma ação humanitária.
- Seção 3: Exploração e abuso em contextos de situações de emergência.

Características do Dia 2:

- Seção 4: Evitando a separação e cuidado de crianças que foram separadas².
- Seção 5: Cuidado psicossocial.

Recursos

Você precisará de diferentes equipamentos e outros recursos para diferentes exercícios durante a capacitação. Uma lista do que você irá precisar está incluída no início de cada exercício.

Introdução

Para esta capacitação, uma atenção especial será dada para:

- Destacar a necessidade de proteger as crianças em situações de emergência;
- Fornecer recursos para avaliar os riscos para a proteção da criança em situações de emergência;
- Informar sobre a possibilidade de abuso e exploração de crianças durante situações de emergência;
- Salientar a importância de manter as crianças junto com suas famílias ou cuidadores;
- Ressaltar a necessidade de intervenções de cuidado psicossocial.

¹ Retirado do *Kit* para facilitadores: Protegendo crianças durante situações de emergência na Nigéria, *Save The Children, UK*.

² Retirado do *Kit* para facilitadores: Protegendo crianças durante situações de emergência na Nigéria, *Save The Children, UK*.

Nota para o facilitador

Pode ser que alguns participantes já tenham tido experiências trabalhando em contextos de situações de emergência e alguns dos exercícios podem lhes trazer à memória momentos difíceis e dolorosos por que passaram. É importante ser sensível a isto e dar espaço para que possam ter seu momento de reflexão e a opção de não participarem da atividade, se assim desejarem.

Arquivos avulsos adicionais para facilitadores, que poderão lhe ajudar no planejamento desta capacitação, podem ser encontradas no DVD.



Principais pontos de aprendizagem

- Situações de emergência referem-se a uma variedade de eventos diferentes, incluindo desastres naturais, tais como, inundações, secas e conflitos entre grupos étnicos e religiosos. As situações de emergência podem ter um impacto de curto ou de longo prazo, podendo afetar as populações por muitos anos.
- As crianças, em particular, são as mais vulneráveis durante situações de emergência. Todos os tipos de situação de emergência podem ter um efeito desproporcional em meninos e meninas, se comparado ao efeito que têm em adultos. No entanto, as necessidades das crianças podem variar entre as diferentes situações de emergência que vivenciarem.
- Crianças não é um grupo homogêneo. A resposta a situações de emergência deve considerar as variadas necessidades dos meninos e meninas, novos e mais velhos, com alguma deficiência ou não, de diferentes grupos religiosos, etc. Esforços devem ser feitos para atender os direitos de todos os grupos de crianças.
- A avaliação sobre a proteção da criança deve ser verificada no início de cada situação de emergência.
- Proteger crianças em situações de emergência significa simplesmente trabalhar para minimizar os efeitos negativos que podem gerar nas crianças.

Workshop de Dois Dias para Proteção das Crianças em Situações de Emergência

SEÇÃO INTRODUTÓRIA

Objetivos

- Informar os participantes sobre a necessidade de se proteger as crianças durante situações de emergências.
- Destacar que nem todas as crianças têm as mesmas necessidades de proteção durante uma situação de emergência.
- Fornecer recursos práticos para avaliar os riscos à proteção da criança no início de uma situação de emergência.

Duração

3 horas

Preparação

Prepare uma palavra de introdução para o grupo. Você poderá usar o exemplo abaixo, ou o seu próprio material, se achar mais apropriado para o grupo.

Desenvolvimento

Comece a seção com uma breve introdução ao tópico. O texto a seguir pode ser utilizado ou adaptado.

Cada vez mais a maioria das organizações, independentemente de seu porte, precisa responder às situações de emergência que resultam seja de desastres naturais, seja de conflitos provocados pelo homem. Apesar de exceções, como os desastres naturais do tsunami no final de 2004 e o terremoto no Paquistão em 2005, a maioria das situações de emergência são previsíveis.

As organizações de assistência sabem que, a cada ano, em certas épocas, monções, secas e inundações regularmente devastam partes diferentes do mundo, que também são afetadas por governos e situações políticas instáveis. No entanto, não há dúvida de que a proteção da criança não seja uma prioridade na maioria das situações de emergência, mesmo que nestas situações todas as crianças estejam vulneráveis, particularmente aquelas sem os pais ou familiares próximos.

A *Save the Children* identificou sete tipos essenciais de proteção de que as crianças precisam em áreas de desastre ou zonas de guerra:

1. Proteção contra danos físicos;
2. Proteção contra exploração e violência baseada em gênero;
3. Proteção contra danos psicológicos;
4. Proteção contra o recrutamento em grupos armados;
5. Proteção contra a separação familiar;
6. Proteção contra abusos relacionados com o deslocamento forçado;
7. Proteção contra o impedimento ao acesso à educação de qualidade.

Nesta capacitação não será possível abordar todas essas áreas, por isso nosso foco será:

- Destacar a necessidade de proteger as crianças em situações de emergência;
- Fornecer recursos para avaliar os riscos à proteção da criança em situações de emergência;

- Informar sobre a possibilidade de abuso e exploração de crianças durante situações de emergência;
- Salientar a importância de manter as crianças junto com suas famílias ou cuidadores;
- Ressaltar a necessidade de intervenções de cuidado psicossocial.

SEÇÃO 1: OS VARIADOS IMPACTOS DAS SITUAÇÕES DE EMERGÊNCIA NAS CRIANÇAS

Objetivo

- Considerar como as situações de emergência afetam as crianças.
- Entender os variados impactos das situações de emergência nos diversos grupos de crianças.

Duração

1 hora e 30 minutos

Recursos

- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- Fotografias individuais de crianças — cada uma deve representar um grupo diferente (Ex: criança com deficiência, adolescente que trabalha, uma mãe jovem, um aluno de escola, etc.).

Preparação

- Prepare o *flipchart* colocando a foto de uma criança no centro de uma folha. Você vai precisar de várias dessas — uma para cada grupo pequeno — cada uma com uma foto diferente representando uma criança diferente.
- Pense sobre as fotos antes de liderar a oficina. Pense sobre o exercício para decidir o que você dirá sobre cada criança.

Use a informação fornecida ao final da seção para ajudá-lo a dirigir o fechamento da discussão.

Desenvolvimento

1. Explique que nesta seção vocês explorarão os efeitos das situações de emergência nas crianças, incluindo os variados impactos em diferentes grupos de crianças.
2. Organize os participantes em grupos pequenos. Entregue a cada grupo uma folha de *flipchart* com a foto de uma criança no centro.
3. Dê aos grupos 30 minutos para explorarem o possível impacto de uma situação de emergência na criança da foto e escreverem suas respostas em volta da foto. Para ajudá-los, peça que citem qualquer experiência de trabalho em um contexto de emergência.

Peça aos participantes que pensem em uma extensão maior de impacto, incluindo questões como alimentação, abrigo, exploração, abuso, separação familiar e acesso à escola. Peça também que identifiquem impactos de curto e longo prazo e que considerem as diversas experiências dos grupos de crianças.

4. Reúna os grupos novamente para discutir o que fizeram. Peça que apresentem sua folha de *flipchart* para os outros participantes.
5. Use a informação a seguir para orientar e guiar a discussão.

Workshop de Dois Dias para Proteção das Crianças em Situações de Emergência

As maiores necessidades de diferentes crianças durante situações de emergência

Todas as crianças precisam de alimentação, abrigo e cuidado com a saúde. Além disso, as necessidades de grupos específicos incluem:

- Crianças muito novas: imunizações; comida especial para bebês e roupas quentes.
- Meninos adolescentes: proteção contra abuso e exploração, especialmente ameaças físicas e de trabalho e recrutamento nas forças armadas, forçados; educação ou cursos de capacitação, além de possibilidades de recreação.
- Meninas adolescentes: proteção contra o abuso e a exploração, principalmente o abuso e a exploração sexual, educação ou cursos de capacitação; meios adequados de higiene, incluindo banheiros seguros e privativos, absorventes higiênicos, além de possibilidades de recreação.
- Crianças com deficiência: aparelhos mecânicos, como aparelhos de ouvido ou muletas; terapia física ou ocupacional; auxílio para suprir necessidades nutricionais específicas e assistência para se locomover com segurança entre as localidades dentro do acampamento.
- Crianças separadas: documentação e rastreamento para uma reunificação rápida; um lugar em centros de cuidado provisório e apoio para superar os traumas que talvez tenham levado à separação (veja acima também as necessidades de crianças muito novas e de adolescentes).
- Crianças vulneráveis por causa da HIV/AIDS: cuidado médico adicional e medicação antirretroviral apropriada; apoio para as famílias e comunidades no cuidado aos doentes; apoio extra para superar a perda de uma pessoa que trabalhava e gerava renda para a casa; ajuda para suprir necessidades nutricionais específicas.



SEÇÃO 2: INTEGRANDO A PROTEÇÃO DA CRIANÇA A UMA AÇÃO HUMANITÁRIA

Objetivo

- Munir os participantes de recursos práticos para integrar a proteção da criança à ação humanitária.
- Entender os variados impactos das situações de emergência nos vários grupos de crianças.

Duração

1 hora e 30 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- **Arquivos avulsos de Modelos de Documentos** que podem ser encontrados no DVD.



Preparação

Prepare cópias do documento antes da seção. Você vai precisar de duas ou três cópias para cada grupo pequeno.

Desenvolvimento

1. Comece explicando que, depois da Guerra do Golfo, a UNICEF, o Comitê de Resgate Internacional, a Aliança Save the Children e a Visão Mundial Internacional se reuniram para criar o Grupo de Trabalho de Proteção à Criança para o Iraque. Como parte desse grupo, eles desenvolveram vários documentos de uma página sobre diferentes aspectos de uma ação humanitária em uma emergência, e as considerações em relação à proteção da criança que devem ser levadas em conta.
2. Divida os participantes em grupos pequenos de duas ou três pessoas. Dê a cada grupo dois ou três modelos desses documentos de uma página.
3. Peça para cada grupo discutir os pontos contidos nesses documentos e preparar uma apresentação de 5 minutos baseada no que discutiram.
4. Permita-lhes aproximadamente 45 minutos para que preparem o trabalho. Em seguida, peça que o apresentem ao resto dos participantes.
5. Explique que vocês examinarão algumas dessas questões de forma mais profunda durante a capacitação.

Workshop de Dois Dias para Proteção das Crianças em Situações de Emergência

SEÇÃO 3: EXPLORAÇÃO E ABUSO EM CONTEXTOS DE EMERGÊNCIA

Objetivo

- Fazer com que os participantes entendam o conceito de abuso e exploração infantil e identifiquem algumas das principais formas de abuso e exploração que ocorrem em situações de emergência.
- Ajudar os participantes a se conscientizarem das principais causas de abuso e exploração e de algumas formas de prevenir que essa violação dos direitos da criança aconteça.
- Ajudar os participantes a reconhecerem as várias vulnerabilidades ao abuso e à exploração que existem entre os vários grupos de criança.

Duração

4 horas

Nota: a Seção 3 está dividida em três partes:

- Seção 3a: Árvore de problemas do abuso e da exploração;
- Seção 3b: Orientações para lidar com o abuso e a exploração por parte daqueles responsáveis pela proteção;
- Seção 3c: Estudos de casos de abuso e exploração por parte de trabalhadores humanitários.

Principais pontos de aprendizagem

- As crianças têm o direito de se verem livres da exploração e do abuso. Estes crimes podem ter um impacto devastador na vida da criança. Podem causar danos físicos, traumas emocionais e rejeição social, além de uma aprendizagem desordenada. Muitos desses efeitos têm implicações de longo prazo para a criança e para o bem-estar da comunidade.
- As crianças geralmente se tornam muito vulneráveis ao abuso e à exploração durante, e depois, de situações de emergência. Por exemplo, situações de emergência podem separar as crianças de seus pais, privando-lhes do cuidado e da proteção adequados. As situações de emergência também podem provocar redução na renda da família, interrupção da aprendizagem e dano aos mecanismos da comunidade que talvez protegessem as crianças no anteriormente.
- As crianças são vulneráveis ao abuso e à exploração por parte daqueles que têm o dever de protegê-las em situações de emergência, como trabalhadores humanitários, pacificadores e professores.
- Os governos, as ONGs e as agências da ONU têm a responsabilidade de adotar medidas para proteger as crianças do abuso e da exploração durante situações de emergência.
- A vulnerabilidade das crianças ao abuso e à exploração vai variar de acordo com fatores, como idade, gênero e nível de deficiência.

SEÇÃO 3A: ÁRVORE DE PROBLEMAS DO ABUSO E EXPLORAÇÃO

Duração

1 hora e 15 minutos

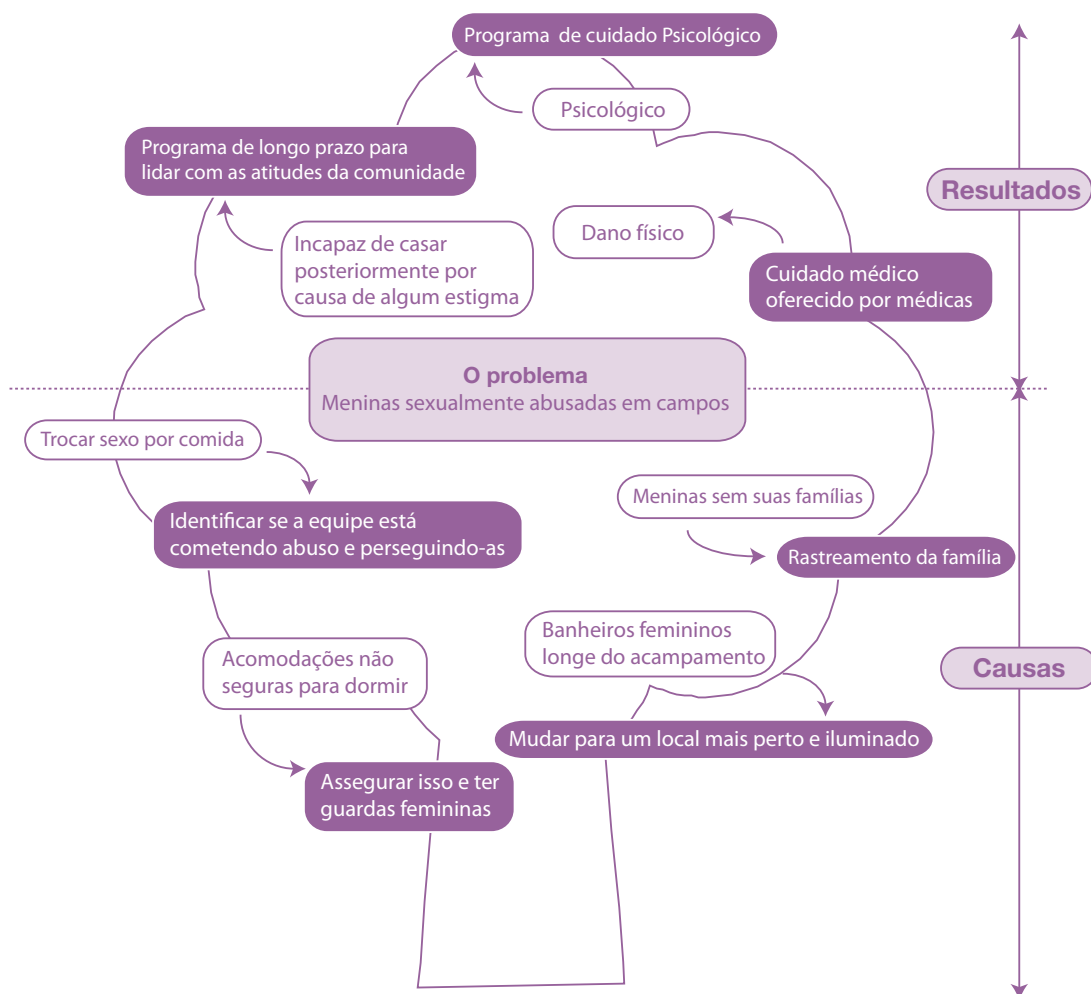
Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;
- **Arquivos avulsos: Exemplos da Árvore de Problemas;**
- **Arquivos avulsos: Lista de Verificação dos pontos-chave;**

Preparação

Observe o fluxograma da árvore de problemas abaixo. Você talvez queira reproduzi-lo em um quadro ou cartolina para que fique mais fácil mostrar ao grupo. Alternativamente, você pode fazer cópias dos arquivos avulsos e distribuir para cada um do grupo.



Workshop de Dois Dias para Proteção das Crianças em Situações de Emergência

Desenvolvimento

1. Explique que a exploração infantil é entendida como o uso de poder sobre crianças com o intuito de obter algum benefício para si próprio. O abuso pode ser sexual, físico ou emocional.
2. Peça aos participantes que identifiquem as várias formas de abuso e exploração que as crianças estão propensas a sofrer em situações de emergência. Talvez isso inclua exploração do trabalho infantil, tráfico de crianças, crianças recrutadas para a guerra, exploração sexual, abuso sexual dentro da família e abuso sexual por parte daqueles que têm o dever de proteger as crianças.
3. Apresente o exemplo de uma árvore de problemas para os participantes e explique que o objetivo desse exercício é que eles desenvolvam árvores de problemas de abuso e exploração em situações de emergência. Fale sobre o modelo de árvore de problemas para se certificar de que os participantes saibam o que ela representa — as causas, os efeitos e o que pode ser feito para prevenir ou reduzir o risco de exploração ou abuso em situações de emergência.
4. Divida os participantes em grupos pequenos e peça que cada grupo selecione uma forma de exploração ou abuso. Dê aos participantes 45 minutos para desenvolver as árvores de problemas e examinar as causas e os efeitos da forma de abuso/exploração que escolheram. Os participantes devem pensar especificamente em situações de emergência e examinar possíveis soluções para tanto prevenir o abuso quanto mitigar seus impactos negativos.
5. Reúna os grupos novamente e peça que cada grupo pequeno apresente sua árvore de problemas.
6. Discuta as possíveis causas do aumento do abuso e da exploração durante situações de emergência.
7. Elabore uma lista resumida de estratégias preventivas e de formas de ajudar as crianças que foram vítimas de abuso e exploração.
8. Use a *lista de verificação* a seguir (que também está no arquivo avulso que pode ser encontrado no DAV)  **Guia 5**
9. Peça aos participantes que reflitam sobre como os grupos de crianças podem vivenciar o abuso e a exploração de formas diferentes. Por exemplo:
 - Que formas de abuso e exploração geralmente afetam as meninas?
 - Que formas são mais passíveis de afetar meninos?
 - Como os impactos do abuso e da exploração variam de acordo com o sexo e a idade?
 - Como as crianças com deficiências podem se tornar especialmente vulneráveis ao abuso e à exploração durante situações de emergência?

Lista de Verificação das principais questões de abuso e exploração em situações de emergência

O abuso e a exploração talvez aumentem durante situações de emergência por que:

- As crianças podem ficar separadas de sua família e, como resultado, ficar mais vulneráveis.
- A pobreza familiar geralmente cresce, forçando as famílias a obrigarem as crianças a trabalharem.
- Conflitos e deslocamentos podem ameaçar os valores que talvez tenham garantido algum grau de proteção contra o abuso e a exploração em épocas normais.
- A educação geralmente é interrompida e as crianças são mandadas para o trabalho para evitar a ociosidade.
- As famílias estão sob pressão, e usar violência contra crianças é uma forma de aliviar sua frustração.
- As crianças não possuem um abrigo seguro e, como resultado, ficam vulneráveis ao abuso.
- Os adultos querem usar as crianças para cometerem atos de violência porque crianças são menos propensas a desobedecer a ordens do que adultos.

Os principais efeitos do abuso e da exploração incluem:

- Danos físicos causados por condições perigosas de trabalho ou abuso sexual ou físico;
- Trauma emocional;
- Rejeição social pelo envolvimento em atividades estigmatizadas, como comércio sexual;
- Doenças sexualmente transmissíveis, incluindo HIV/AIDS;
- Evasão escolar;
- Implicações de longo prazo para o bem-estar da criança e da comunidade (Ex: força de trabalho sem escolaridade, crianças impossibilitadas de se casar quando adultas por causa do estigma associado ao seu trabalho ou ao abuso sexual).

Workshop de Dois Dias para Proteção das Crianças em Situações de Emergência

SEÇÃO 3B: ORIENTAÇÕES PARA LIDAR COM O ABUSO E A EXPLORAÇÃO POR PARTE DAQUELES RESPONSÁVEIS PELA PROTEÇÃO

Objetivos

- Conscientizar os participantes de que aqueles que são responsáveis pela proteção das crianças durante situações de emergência também podem ser culpados por seu abuso e exploração.
- Apresentar aos participantes orientações sobre como trabalhadores humanitários lidam com crianças em situações de emergência e certificar-se de que eles tenham um entendimento claro sobre o que se espera deles como trabalhadores humanitários.

Duração

1 hora

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Cópias do **Arquivo avulso: Padrões de Prestação de Contas**;
- Cópias do **Arquivo avulso: Padrões do Boletim do Secretário-Geral**



Preparação

Prepare cópias dos dois documentos para os participantes.

Desenvolvimento

1. Distribua o **Arquivo avulso: Padrões de Prestação de Contas**. Explique que esses são os padrões existentes para trabalhadores humanitários em Serra Leoa e para a ONU, na proteção de comunidades, incluindo crianças, em programas de situações de emergência.
2. Distribua o **Arquivo avulso: Padrões do Boletim do Secretário-Geral**. Explique que isso é obrigatório para toda a equipe da ONU, voluntários e consultores ao redor do mundo. E em muitos casos, a adesão a ele será escrita nos contratos de financiamento que as ONGs fazem com as agências da ONU. Deixe claro que esse comunicado inclui todos os tipos de trabalho e trabalhadores — não apenas aqueles no âmbito humanitário.
3. Peça aos participantes que se dividam em grupos pequenos, leiam ambos os documentos e pensem sobre as implicações para a organização que adota um desses conjuntos de padrões. Especificamente, peça-lhes que respondam às seguintes questões:
 - Qual seria a parte mais difícil dos Padrões para facilitar em sua organização?
 - Que padrão adicional você gostaria de acrescentar?

SEÇÃO 3C: ESTUDOS DE CASO DE ABUSO E EXPLORAÇÃO POR PARTE DE TRABALHADORES HUMANITÁRIOS

Objetivo

Ajudar os participantes a elaborar orientações em contextos de situações de emergência com o intuito de evitar o abuso e a exploração de crianças por parte de trabalhadores humanitários.

Duração

1 hora e 45 minutos

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Cópias do **Arquivo avulso: Situações de Abuso e Exploração Sexual**;  **Guia 6**
- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;

Preparação

Antes de conduzir o exercício, leia as situações contidas no arquivo avulso e os possíveis comentários sobre cada uma, incluídos no final deste exercício.

Prepare cópias dos arquivos avulsos para o grupo. Você vai entregar a cada grupo duas ou três situações.

Desenvolvimento

1. Divida os participantes em grupos pequenos. Dê a cada grupo duas ou três situações contidas no arquivo avulso: Situações de Abuso e Exploração Sexual. Peça que discutam cada caso e identifiquem quais dos padrões do exercício 2, que eles acabaram de ver, foram violados. É possível que haja mais de uma resposta para várias situações. Os participantes geralmente vão encontrar outras respostas para as situações.
2. Considere as respostas dos participantes para as situações. O importante neste exercício é que cada participante entenda que uma violação ocorreu e que o comportamento apresentado não é aceitável.
3. Escreva as respostas na folha de *flipchart*.
4. Reúna o grupo novamente e peça que cada grupo pequeno compartilhe suas situações e respostas. Pergunte aos participantes do resto do grupo se eles têm algo a acrescentar às respostas do grupo.
5. Pergunte aos participantes se querem, como resultado do exercício, acrescentar orientações àquelas que eles elaboraram ou às que já existem na organização.

Workshop de Dois Dias para Proteção das Crianças em Situações de Emergência

SEÇÃO 4: EVITANDO A SEPARAÇÃO E CUIDANDO DE CRIANÇAS SEPARADAS DA FAMÍLIA

Objetivo

- Ver a importância de evitar a separação.
- Entender algumas das principais causas da separação durante situações de emergência e as formas de prevenir que as crianças sejam separadas de suas famílias.

Duração

3 horas

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Cópias dos **Arquivos Avulsos/Notas para o facilitador: Lista de Verificação das principais questões relacionadas com a separação familiar**;
- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;



Principais pontos de aprendizagem

- Crianças separadas podem ser definidas como “crianças que foram separadas de seus pais ou responsáveis”.
- A separação gera vários impactos negativos na vida das crianças. Crianças separadas são altamente vulneráveis a cuidado e proteção inadequados, abuso e exploração. Elas geralmente terão negados seus direitos básicos de sobrevivência e desenvolvimento e talvez se sintam sozinhas e isoladas.
- As situações de emergência aumentam o risco de separação. As crianças podem ficar órfãs ou perder o contato com seus responsáveis por terem fugido para escapar da violência. Alguns meninos e meninas são capturados por forças ou grupos armados, ou abandonados pelos pais, não mais capazes de suprir as necessidades de todas as crianças da família.
- Esforços para prevenir a separação familiar incluem dar à família informações sobre formas de evitar a separação, tais como: (a) não permitir que as crianças carreguem fardos pesados; (b) ensinar às crianças seu nome e endereço para que elas possam se juntar a suas famílias rapidamente; (c) colocar em funcionamento os mecanismos apropriados para assegurar que as crianças sejam cuidadas quando seus pais estiverem sob tratamento médico.
- Se as crianças foram separadas dos pais ou responsáveis, casas de passagem devem ser usadas apenas como última opção. A casa de passagem deixa as crianças vulneráveis ao abuso e à exploração; além disso, pode impedir o desenvolvimento emocional da criança, além de ameaçar sua saúde e sua nutrição e incitar a discriminação.
- Embora as alternativas às casas de passagem devam ser encorajadas sempre que possível, talvez existam situações em que estes estabelecimentos sejam a melhor ou a única opção. Por exemplo, quando os mecanismos para o cuidado das crianças separadas na família estendida ou na comunidade foram temporariamente rompidos devido a um desequilíbrio causado por conflito. Esforços devem ser feitos para garantir que as crianças abrigadas em casas de passagem sejam cuidadas e protegidas de forma apropriada.

Preparação

Você talvez queira fazer cópias da *lista de verificação* para dar aos participantes no final da seção. Leia as notas em “Desenvolvimento” antes de conduzir a seção, para que você lidere as representações com confiança. Observe o relógio, porque quando as pessoas estão fazendo uma apresentação teatral elas facilmente perdem a noção do tempo.

Desenvolvimento

1. Apresente uma definição de crianças separadas: “Crianças que estão separadas de seus pais ou responsáveis”.
2. Divida os participantes em grupos pequenos e dê a eles 15 minutos para explorarem o impacto da separação nas crianças.
3. Reúna o grupo novamente e peça que cada um cite um impacto (lembre o grupo de não repetir as respostas que já tiverem sido dadas). Consulte o **Arquivo avulso/Notas para o facilitador: Lista de Verificação das principais questões relacionadas com a separação familiar**, para certificar-se de que os participantes citaram as questões principais.

Representação

4. Organize os participantes em seus grupos pequenos novamente. Peça que cada grupo represente uma situação em que as crianças são separadas de seus pais ou responsáveis durante uma emergência. Dê aos participantes 15 minutos para prepararem as encenações.
5. Peça que cada grupo faça sua dramatização. Em seguida, peça aos participantes que listem as principais causas da separação. Consulte a *lista de verificação* contida no arquivo avulso, para certificar-se de que os participantes citaram as questões principais.
6. Peça aos participantes que retornem às situações que elaboraram nas representações e preparem encenações que mostrem como a separação poderia ser evitada. Dê a eles 15 minutos para a preparação.
7. Depois que os participantes tiverem apresentado o que fizeram, elabore uma lista com as principais estratégias para prevenir a separação. Consulte a lista de verificação contida no arquivo avulso, para certificar-se de que os participantes citaram os itens principais.

Workshop de Dois Dias para Proteção das Crianças em Situações de Emergência

SEÇÃO 5: CUIDADO PSICOSSOCIAL

Objetivos

- Ajudar os participantes a entenderem as vulnerabilidades específicas e os recursos e mecanismos para lidar com as crianças durante as situações de emergência.
- Destacar a importância das intervenções psicológicas em contextos de emergência.
- Introduzir o conceito de espaços amigáveis para as crianças.
- Ajudar aos participantes a pensar sobre como estabelecer espaços amigáveis para as crianças e sobre o que será necessário.

Duração

3 horas

Nota: Esta seção é dividida em duas partes:

- **Seção 5a: A resiliência da criança;**
- **Seção 5b: Espaços amigáveis para as crianças.**

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Cópias dos **Arquivos Avulsos: Situações de abuso e exploração sexual;**
- Folhas de *flipchart* e canetas piloto;



Principais pontos de aprendizagem

- Embora nas situações de emergência as crianças sejam afetadas de muitas formas — incluindo a perda de pessoas (sua própria família ou amigos), deslocamento, extinção dos serviços básicos (saúde, educação e cuidado social) e perda de recursos econômicos dos pais — elas também demonstram alta resiliência durante a adversidade.
- Em situações de emergência, as crianças têm necessidades psicológicas, espirituais e psicossociais. Essas necessidades podem ser supridas de forma mais ampla e profunda por meio do estabelecimento de espaços amigáveis para as crianças (EAC).
- Um EAC é um lugar seguro e estruturado onde crianças podem encontrar outras crianças para brincar, aprender formas de lidar com os riscos que enfrentam, envolver-se em atividades educacionais e relaxar em um ambiente seguro. Ele propicia à criança um senso de segurança, estrutura e estabilidade que serve de apoio durante um tempo de experiências intensas.
- O uso do ECC é um método pragmático que alcança um grande número de crianças e permite a integração de práticas locais sociais e culturais. Seu objetivo é desenvolver habilidades para lidar com o luto e a perda. Ele foca o bem-estar e não o mal-estar. É importante envolver a comunidade, os líderes religiosos e os serviços locais, tomando o cuidado de não romantizar as práticas locais e de manter uma atitude crítica que promove os melhores interesses da criança.

SEÇÃO 5A: A RESILIÊNCIA DA CRIANÇA

Objetivo

Ajudar os participantes a entenderem as vulnerabilidades específicas, os recursos e os mecanismos para lidar com as crianças durante situações de emergência.

Duração

1 hora

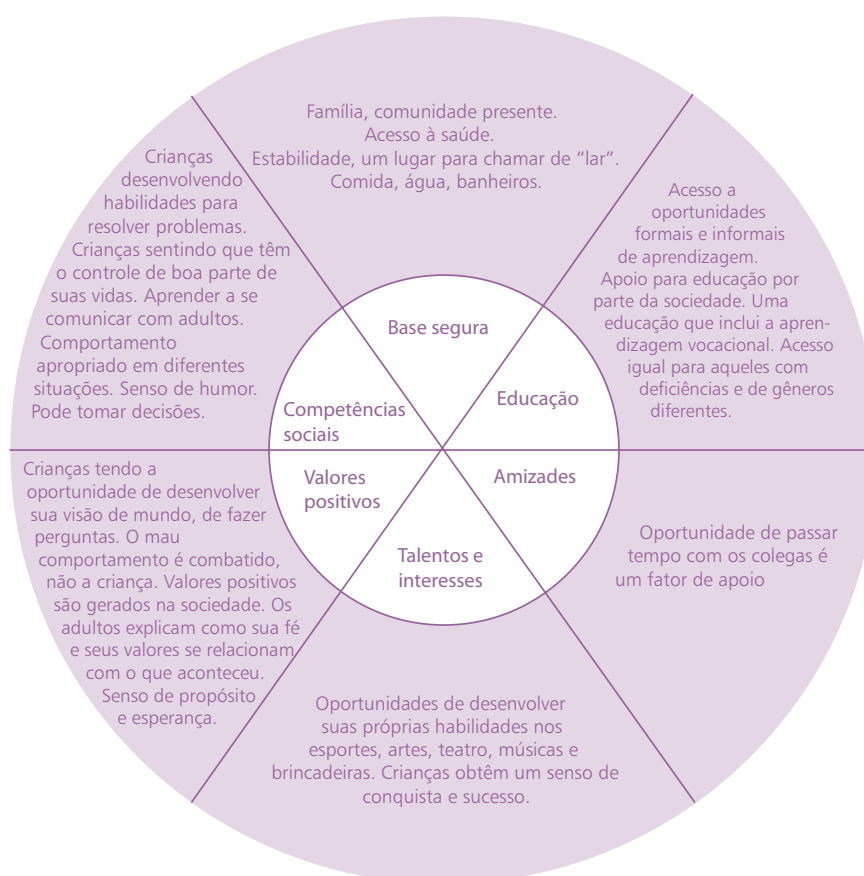
Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- Uma folha de papel grande (tipo cartolina) e canetas piloto;
- Cópias dos Arquivos Avulsos: Áreas de resiliência  Guia 5

Preparação

- Desenhe o fluxograma abaixo numa folha de papel.



- Faça cópias suficientes dos Arquivos Avulsos: Pontos de resiliência .  Guia 5

Workshop de Dois Dias para Proteção das Crianças em Situações de Emergência

Desenvolvimento

1. Faça uma breve apresentação sobre resiliência usando as notas abaixo:
Embora nas situações de emergência as crianças sejam afetadas de muitas formas — incluindo a perda de pessoas (família e amigos), deslocamento, extinção dos serviços básicos (saúde, educação e cuidado social) e perda de recursos econômicos de seus pais, elas demonstram alta resiliência durante a adversidade.

Segundo Daniel and Wassell (2002), há seis pontos de resiliência para as crianças:

1. Valores positivos
 2. Amizades
 3. Talentos/interesses
 4. Educação
 5. Base segura
 6. Competências sociais
2. Organize os participantes em seis grupos e peça que cada um escolha um ponto de resiliência e discuta sobre que medidas em situações de emergência podem ajudar a desenvolver essa resiliência. Forneça cópias dos **Arquivos Avulsos: Pontos de resiliência**, para ajudar.
 3. No final da seção, peça aos participantes que apresentem o que eles discutiram em grupo.

SEÇÃO 5B: ESPAÇOS AMIGÁVEIS PARA AS CRIANÇAS

Objetivos

- Destacar a importância das intervenções psicossociais em contextos de emergência.
- Apresentar o conceito dos espaços amigáveis para as crianças.
- Ajudar os participantes a pensarem sobre como desenvolver espaços amigáveis para as crianças e sobre o que pode ser necessário.

Duração

2 horas

Recursos

Para este exercício você vai precisar de:

- **Arquivos Avulsos/Notas para o facilitador: Espaços Amigáveis para as Crianças (EAC) em situações de crises;**
- Folhas de *flipchart* e canetas piloto.



Preparação

Os Arquivos Avulsos/Notas para o facilitador: Espaços Amigáveis para as Crianças (EAC) em situações de crises o ajudará a preparar uma apresentação de 20 minutos para os participantes sobre o conceito de cuidado psicossocial e de espaços amigáveis para as crianças. Você deve usar uma linguagem adequada e adaptar sua apresentação ao contexto e ao trabalho dos participantes.

Desenvolvimento

1. Comece a seção apresentando o conceito de cuidado psicossocial e dos espaços amigáveis para as crianças.
2. De acordo com o contexto, sugira uma situação de emergência que os participantes consigam imaginar. Por exemplo, uma enchente, um terremoto, um incêndio etc.
3. Peça aos participantes para se imaginarem fazendo parte de uma organização que lida com crianças (talvez realmente façam) e que vai implantar os espaços amigáveis para as crianças.
4. Organize os participantes em dois grupos. Chame um de Grupo Um e o outro de Grupo Dois. Separe 30 minutos para cada grupo pensar e fazer o seguinte:
 - Grupo Um: Que equipamentos e materiais seriam necessários para estabelecer um espaço confortável para crianças? Que tipo de atividades ele teria? Faça uma lista em uma folha de *flipchart*.
 - Grupo Dois: Que habilidades seriam necessárias às pessoas responsáveis pelo centro? Faça uma lista na folha de *flipchart*.
5. Depois de 30 minutos, coloque na parede a lista que eles fizeram. Reúna os participantes novamente e peça que considerem e discutam:
 - Numa situação de emergência, qual é a praticidade desse plano?
 - Quais são as alternativas?
 - Como poderíamos estar preparados para implementar esses planos?
 - Poderíamos incorporar o desenvolvimento dessas habilidades nos programas de capacitação existentes?
6. Explique aos participantes que, assim como é importante focar as necessidades específicas de grupos vulneráveis durante as situações de emergência, é importante reconhecer nas populações afetadas alguma força que possa ser usada para proteger as crianças (veja as sugestões a seguir).
Os recursos disponíveis nas populações afetadas por situações de emergência:
 - Indivíduos; por exemplo, professores, enfermeiros, parteiras, construtores e carpinteiros.
 - Grupos e organizações; por exemplo, grupos de teatro, clubes de futebol, grupos que lidam com crianças, organizações baseadas na comunidade, grupos religiosos.
 - Mecanismos de liderança; por exemplo, líderes comunitários, líderes religiosos e locais.



lemo Neeleman / SOS Kinderdorf



Notas para o Facilitador



Fala Introdutória

Módulo 4

Workshops Básicos 1 e 2

Introdução aos Padrões de *Um lugar Seguro para as Crianças*

UM LUGAR SEGURO PARA AS CRIANÇAS – PADRÕES PARA A PROTEÇÃO DA CRIANÇA

Introdução

Todos os envolvidos no trabalho com crianças têm a tarefa fundamental de cuidar delas. Devemos reconhecer não apenas os riscos de abuso e exploração que as crianças correm, mas também as nossas responsabilidades de mantê-las seguras durante emergências humanitárias e como parte dos esforços de desenvolvimento em longo prazo. Ao desenvolver ambientes seguros para crianças, onde seus direitos sejam respeitados e elas sejam protegidas do perigo, a equipe e outros representantes de agências de assistência e desenvolvimento têm um papel importante a cumprir.

Isso significa certificar-se de que cada um está ciente de suas funções e responsabilidades em relação à proteção, e de que cada um age da forma mais profissional e íntegra, o tempo todo. Para isso acontecer de forma significativa, precisamos ter uma estratégia sistemática de proteção à criança.

No entanto, muitas organizações ainda não estão totalmente cientes da importância de desenvolverem medidas de proteção em seu trabalho. Mesmo as que fizeram algo para lidar com isso estão descobrindo os verdadeiros desafios de transformar a organização num lugar seguro para as crianças. Todos estão buscando orientação prática, ferramentas e materiais de apoio para auxiliá-los a vencer os obstáculos que os impedem de lidar com as questões de proteção à criança em seu trabalho.

Os padrões contidos neste documento fornecem a base para as organizações desenvolverem formas efetivas de manter as crianças seguras. Os padrões garantem que, por meio da sensibilização, boas práticas e sistemas e procedimentos concretos, a equipe e outros representantes serão capazes de manter as crianças seguras contra o perigo.

As crianças, especialmente as mais vulneráveis, merecem o mais alto grau de proteção e cuidado. Este documento ajudará as organizações de assistência e desenvolvimento a colocar isso em prática.

Para as organizações de assistência e desenvolvimento que têm contato com crianças, algumas das questões e desafios principais incluem estes fatos ou estas situações:

- Em muitos países os sistemas de proteção são fracos, por isso as organizações e as equipes precisam encarar dilemas complexos relacionados à proteção da criança.
- Embora as crianças sejam muito resilientes, algumas se tornam especialmente vulneráveis ao abuso e à exploração em situações de emergências.
- Há pouco entendimento comum entre as organizações sobre questões de proteção à criança, as normas práticas ou as implicações organizacionais dessas normas.
- Existem grandes dificuldades para tratar das políticas de proteção da criança nos variados contextos legais, sociais e culturais nos quais as organizações operam.
- As crianças talvez estejam em risco de abuso e exploração, não apenas pelos indivíduos nas comunidades onde vivem, mas também pela equipe das agências, voluntários e outros representantes.

Tanto nessas organizações quanto no setor como um todo, existe a necessidade de desenvolver um entendimento comum sobre as questões de proteção à criança, além

de boas práticas nas diversas e complexas áreas nas quais operam, para que possam aumentar a credibilidade nesse aspecto crucial de seu trabalho. Existem políticas e procedimentos simples que, se colocados em prática, podem fortalecer significativamente a proteção da criança. As normas a seguir descrevem os passos que as agências podem dar para se tornarem eficientes ao desenvolver *Um lugar seguro para as crianças*.

Histórico

Desde 2001, algumas organizações de assistência e desenvolvimento sediadas no Reino Unido e na Suíça, juntamente com a *National Society for the Prevention of Cruelty to Children*, (NSPCC) - Sociedade Nacional para a Prevenção da Crueldade contra Crianças, vêm trabalhando nessas questões, a fim de compartilhar experiências e conhecimentos e de identificar uma estratégia comum para a proteção da criança. Essas organizações formaram a *Keeping Children Safe Coalition* - Aliança Internacional “Um Lugar Seguro para as Crianças”.

Essa iniciativa gerou uma estratégia baseada em padrões que oferecem ajuda de maneira muito prática às organizações que lidam com as questões identificadas acima. Desenvolver maneiras de manter as crianças seguras é crucial para que seja possível trabalhar de forma ética e assegurar a proteção das crianças. Esses meios também garantem que funcionários e outros envolvidos no trabalho social sejam protegidos. Este aspecto de uma boa administração é crucial para a manutenção da reputação e credibilidade de cada organização e do setor como um todo.

Em 2010 a Aliança Internacional *Keeping Children Safe*, atendeu a solicitação de seus membros por um recurso que pudesse envolver as crianças nas iniciativas de proteção infantil. A Aliança Internacional juntamente com a Fundação Criança-a-Criança (The Child-to-Child Trust), desenvolveu novos materiais que formam um adicional ao Guia 3, e um novo Guia 4.

Os padrões a seguir vão ajudar qualquer organização a cumprir seu dever de proteger as crianças. Oferecendo capacitação e orientando sua implementação, o *Kit Um Lugar Seguro para as Crianças*, do qual este documento faz parte, também ajudará a tornar estes padrões uma realidade prática tanto para a equipe quanto para voluntários e parceiros.

A quem se destinam esses padrões?

Os padrões são destinados a:

ONGs internacionais, com ou sem foco específico em crianças, Organizações Internacionais, ONGs parceiras de ONGs Internacionais e de Organizações Internacionais, outras ONGs (nacionais e locais), parceiros do governo e outras instituições que necessitem de medidas de segurança para a proteção da criança.

Algumas questões-chave

- Como algo escrito na Europa pode ser relevante para os países em desenvolvimento?

Existe um reconhecimento sobre a diversidade dos contextos locais em que trabalhamos e dos desafios que cada lugar representa. Os padrões precisam ser adaptados para se adequarem às necessidades locais. É fundamental entender que os contextos individuais vão gerar adaptação e mudança nos procedimentos, mas não nos princípios fundamentais dos padrões.

- Quais são os princípios fundamentais?

A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança fornece a base para os padrões, bem como a nossa constituição e mandato, as leis nacionais, as leis internacionais, e assim por diante.

Vantagens na implementação dos padrões de proteção às crianças

1. As crianças são protegidas.
Nenhum padrão pode oferecer proteção completa à criança. No entanto, seguindo esses padrões, é possível reduzir o risco de abuso e de exploração.
2. Os representantes da organização são protegidos.
Ao implementar esses padrões, todos que trabalham na organização serão esclarecidos sobre como se espera que procedam ao lidar com crianças e sobre o que devem fazer quando houver dúvidas em relação à segurança da criança.
3. A organização é protegida.

Ao implementar esses padrões, as organizações deixam claro seu compromisso com a proteção da criança. Os padrões as ajudarão a buscar a melhor forma de agir e impedir que possíveis abusadores se envolvam com a organização.

Visão geral dos padrões

Padrão 1	Uma política escrita de proteção à criança
Padrão 2	Colocando a política em prática
Padrão 3	Prevenindo danos às crianças
Padrão 4	Diretrizes escritas sobre a conduta em relação às crianças
Padrão 5	Alcançando os padrões em diferentes localidades
Padrão 6	Direitos iguais de proteção para todas as crianças
Padrão 7	Comunicando a mensagem de <i>Um Lugar Seguro para as Crianças</i>
Padrão 8	Educação e capacitação para a proteção das crianças
Padrão 9	Acesso à orientação e apoio
Padrão 10	Implementando e monitorando os padrões
Padrão 11	Trabalhando com parceiros para alcançar os padrões

Resumo

Esses padrões podem assegurar que as organizações desenvolvam práticas que mantenham as crianças longe do perigo. Eles apresentam diretrizes práticas sobre o que as organizações devem fazer para cumprir suas responsabilidades de proteger a criança. Oferecem também embasamento para a determinação de normas locais e do modo como devem ser cumpridas e avaliadas.

Esses padrões (*Guia 1*) são sustentados pelas outras partes do *Kit* de capacitação. Os padrões descrevem o que as agências precisam fazer para manter as crianças seguras.

O *Guia 2 - Como implementar os padrões* descreve como as agências podem colocar as medidas de proteção em prática. O guia de capacitação (*Guia 3*) auxilia as agências no aprofundamento, reconhecimento e sensibilização da equipe e de outros representantes para que eles possam cumprir suas responsabilidades relacionadas à proteção. O DVD (*Guia 5*) oferece material de apoio.

As crianças, especialmente as mais vulneráveis – aquelas afetadas por conflitos, desastres, pobreza e doenças –, merecem o mais alto padrão de cuidado e proteção. Esse documento vai ajudar as organizações de assistência e desenvolvimento a fazerem isso.

Seção Introdutória

MODELO DE ACORDO DE APRENDIZAGEM

Um acordo de aprendizagem estabelece os princípios para um trabalho em conjunto. Você precisa acordar esses princípios com os participantes para que vocês tenham um ambiente efetivo de aprendizagem. Uma capacitação sobre proteção à criança pode ser muito emocionante. Mas esse acordo de aprendizagem o ajudará a estabelecer limites e regras para o trabalho em grupo e assegurar que todos no grupo sejam tratados com respeito. Ele também oferece uma base para confrontar alguém que violar esses princípios.

- Respeitar e ouvir o que as outras pessoas têm a dizer.
- Ajudar uns aos outros a aprender.
- Poder fazer perguntas e falar sobre as diferenças.
- Reconhecer a natureza emocional da proteção da criança e o efeito que pode causar nas pessoas.

Módulo 2 – Exercício 2.2

Módulo 3 – Exercício 3.2

Workshop Básico 2

DEFINIÇÕES DE ABUSO

Introdução

“O abuso infantil é um problema global profundamente enraizado nas práticas culturais, econômicas e sociais” (OMS 2002).

O abuso infantil existe em todos os países e comunidades. É expresso em valores pessoais, crenças, práticas, seja por meio dos sistemas sociais, culturais e institucionais, seja por meio de processos que permitem que a criança seja abusada e tenha negado seu direito a uma infância segura, feliz e saudável.

As estatísticas globais sobre crianças incluem:

- 13 milhões de crianças ficaram órfãs por causa da AIDS;
- 1 milhão de crianças no mundo vivem em detenção;
- 180 milhões de crianças estão envolvidas nas piores formas de exploração do trabalho infantil;
- 1.2 milhões de crianças são traficadas a cada ano;

- 2 milhões de crianças são exploradas sexualmente, incluindo através da pornografia;
- 2 milhões de crianças morreram como resultado direto de conflito armado desde 1990;
- 300.000 crianças recrutadas para a guerra.

(Situação Mundial da Criança. UNICEF, 2004)

As organizações não governamentais (ONGs) e outras agências têm o papel fundamental de trabalhar no âmbito regional para apoiar e proteger as crianças. Até onde elas são capazes de definir e reconhecer o abuso infantil e de ter processos apropriados para lidar com isso vai depender das definições locais e nacionais sobre abuso e proteção da criança.

Essas organizações inevitavelmente trabalham em algumas das áreas mais arriscadas, e direta ou indiretamente com crianças vulneráveis e excluídas; por isso, a equipe vai se deparar com questões de abuso e exploração. Talvez algumas dessas questões sejam externas à organização, e outras sejam internas.

Definições de abuso

Tentar definir o abuso infantil como um fenômeno mundial é difícil por causa da variedade cultural, religiosa e sociopolítica, bem como das diferenças econômicas e legais que as crianças vivenciam. O que parece ser abusivo em um país talvez seja aceitável em outro. A maioria das pesquisas sobre abuso infantil foi feita em países economicamente desenvolvidos e sua relevância para aquelas crianças cujas vidas são tão diferentes não é clara. Então, parece ser impossível entrar em acordo sobre uma definição universal. Mas, para que uma estratégia de proteção da criança faça sentido, é crucial que as organizações cheguem a um entendimento comum sobre a definição de abuso infantil e as circunstâncias em que se aplicam a política e os procedimentos.

Qualquer definição de abuso infantil e negligência contém uma definição sobre criança. De acordo com a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança (CDC), uma criança é 'todo ser humano com menos de 18 anos'. No entanto, alguns países definem que a criança chega à maioridade com menos de 18 anos.

“Abuso infantil e negligência, às vezes chamados de maus-tratos infantil, são definidos no Relatório sobre Violência e Saúde como todas as formas de tratamento físico e/ou emocional doentio, abuso sexual, negligência ou tratamento negligente ou comercial ou outra exploração resultante em dano atual ou potencial à saúde da criança, à sobrevivência, desenvolvimento ou dignidade no contexto de um relacionamento de responsabilidade, confiança e poder”. (OMS, 1999 e 2002)

Muitas crianças ao redor do mundo podem ser facilmente descritas como vítimas de abuso de uma forma geral, seja porque a elas são negados os direitos humanos básicos, seja porque elas vivem em circunstâncias extremamente difíceis. No entanto, qualquer definição de abuso precisa ser pensada com cuidado, já que nenhuma política de proteção à criança relata todas as formas de abuso infantil e seria ineficaz se fosse usada dessa forma.

Abuso infantil em sentido geral é um termo usado para descrever uma situação em que a criança talvez experimente dano, geralmente resultante tanto de falhas por parte dos pais/cuidadores ou da organização/comunidade em assegurar um padrão razoável de cuidado e proteção, quanto de atos deliberadamente danosos. Pesquisas e relatórios têm aumentando nossa sensibilização sobre o abuso contra crianças por parte de colegas, de irmãos e daqueles contratados ou responsáveis por cuidar delas em contextos tanto comunitários quanto residenciais.

O relatório com indícios de que trabalhadores humanitários estariam explorando sexualmente mulheres e crianças aumentou a preocupação sobre as questões de proteção à criança em países em desenvolvimento e fez surgir uma responsabilidade de cuidado para com os beneficiários das agências humanitárias e outras ONGs (Força Tarefa IASC, 2002).

Proteção Infantil em sentido geral é um termo usado para descrever as ações que os indivíduos, as organizações, os países e as comunidades praticam para proteger as crianças contra maus-tratos (abuso) e exploração, por exemplo, violência doméstica, exploração do trabalho infantil, exploração e abuso sexual, HIV, violência física, etc. Pode ser usada também para descrever o trabalho que as organizações realizam em comunidades específicas, ambientes e programas que protegem as crianças contra o risco de dano devido à situação em que estão vivendo.

No contexto de *Um lugar Seguro para as crianças – Padrões para a Proteção da Criança*, a proteção da criança está relacionada com a responsabilidade e a tarefa de uma organização de proteger as crianças com quem tem contato. É importante lembrar que as maiores suspeitas relacionadas à proteção da criança são mais prováveis nas situações de emergência, em que as crianças estejam separadas de sua família ou em situações em que a família esteja sob intenso estresse. Por isso, é importante fazer distinção entre as crianças que necessitam de proteção e os incidentes específicos de maus-tratos (abuso) que podem ser físicos, sexuais, emocionais ou causados por negligência.

Dentro da definição geral de maus-tratos infantil, são identificadas cinco subcategorias:

- Abuso físico;
- Abuso sexual;
- Abuso emocional;
- Negligência ou tratamento negligente;
- Exploração sexual e comercial.

Essas subcategorias e suas definições foram estabelecidas depois de uma ampla avaliação das definições de vários países sobre maus-tratos infantil e de uma pesquisa da Organização Mundial da Saúde sobre prevenção contra abuso infantil realizada em 1999.

Abuso físico contra uma criança é o dano físico real ou potencial, causado por uma interação ou falta de interação, razoavelmente controlada pelos pais ou por uma pessoa em posição de responsabilidade, poder, confiança. Talvez sejam incidentes isolados ou repetidos (OMS, 1999).

Abuso sexual infantil é o envolvimento de uma criança em uma atividade sexual que ela não entende completamente, em relação à qual não é capaz de dar consentimento e para a qual não está desenvolvida nem preparada, ou que viola as leis ou tabus da sociedade. O abuso sexual infantil é evidenciado por uma atividade entre uma criança e um adulto ou mesmo outra criança, que pela idade ou desenvolvimento esteja em posição de responsabilidade, confiança e poder em relação à outra, cuja intenção seja a satisfação ou o prazer do adulto ou da criança de maior responsabilidade.

Talvez inclua, mas não se restrinja a: indução ou coerção de uma criança para engajá-la em qualquer atividade sexual ilícita; exploração sexual de crianças ou outras práticas sexuais ilícitas; uso exploratório de crianças em atuações pornográficas, fotos e materiais de internet (OMS, 1999). O uso recente de tecnologias como a internet por adultos que induzem as crianças a participarem de sexo virtual também é um abuso.

Negligência e tratamento negligente é a desatenção ou omissão, por parte da pessoa que cuida, ao conduzir o desenvolvimento da criança: saúde, educação, desenvolvimento emocional, nutrição, abrigo e condições seguras de vida, no contexto dos recursos razoavelmente disponíveis para a família ou responsáveis, e que causa ou tem possibilidade de causar dano à saúde da criança ou ao seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral e social. Isso inclui a falha em supervisionar propriamente e proteger a criança de danos na medida do que for possível (OMS, 1999).

Abuso emocional inclui a falha em prover um ambiente de apoio apropriado de desenvolvimento, incluindo a disponibilidade de uma figura primária, para que a criança possa alcançar seu potencial máximo no contexto da sociedade onde ela vive. Também existem atos para com a criança que causam ou têm grande possibilidade de causar danos à sua saúde ou desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral e social. Esses atos precisam estar razoavelmente sob o controle dos pais ou das pessoas em posição de responsabilidade, confiança ou poder. Os atos incluem restrição de movimento, degradação, humilhação, utilização como bode expiatório, ameaças, intimidação, discriminação, ridicularização, ou outras formas não físicas de hostilidade ou rejeição (OMS, 1999).

Exploração sexual é o abuso de uma posição de vulnerabilidade, poder diferenciado ou confiança para propósitos sexuais. Isso inclui beneficiar-se monetariamente, politicamente ou socialmente da exploração do outro, por exemplo, troca de dinheiro ou mercadoria por sexo e tráfico de crianças para fins sexuais e exploração.

Exploração comercial ou outro tipo de exploração de uma criança refere-se ao uso de uma criança no trabalho ou em outras atividades em benefício de outros. Isso inclui, mas não se limita à exploração do trabalho infantil. Essas atividades prejudicam a saúde física ou mental da criança e o seu desenvolvimento educacional, moral ou socioemocional. (OMS, 1999). Crianças que são recrutadas para a guerra também estão nessa categoria.

Crianças com Deficiência e o abuso. As crianças que precisam de cuidados especiais podem ser mais vulneráveis ao abuso. O que talvez seja considerado um tratamento danoso ou abusivo para uma criança que não precisa de cuidados especiais pode ser visto como não danoso para uma criança com deficiência, por vários motivos. Ao discutir a proteção de crianças com deficiência, é essencial considerar não somente as atitudes e os valores pessoais, mas também o contexto social em que a criança está vivendo. Quais são as atitudes da comunidade em relação à necessidade de cuidados especiais? Saber como a sociedade trata as crianças com deficiência é essencial por duas razões:

- Para que as atitudes ou os comportamentos abusivos não sejam reforçados na própria prática dos indivíduos;
- Para que a equipe possa promover o direito que as crianças com deficiência têm de serem protegidas.

É útil pensar no abuso de duas formas. Uma é o abuso com “a” minúsculo, que inclui o abuso dos direitos humanos de uma criança; a outra é o Abuso com “A” maiúsculo, que inclui as definições de abuso descritas anteriormente.

A experiência e as pesquisas demonstram que lidar com os abusos diários em relação aos direitos das crianças com deficiência, o abuso (com “a” minúsculo), pode ser crucial para reduzir a vulnerabilidade ao Abuso (com “A” maiúsculo).

Existem muitas ideias preconcebidas sobre crianças com deficiência nas quais as pessoas acreditam e que influenciarão o modo como percebem que uma criança está em risco de abuso.

A verdade é que as crianças com deficiência correm mais risco de abuso, como demonstram as pesquisas e as experiências internacionais. Trabalhadores de assistência humanitária certamente tiveram que lidar com muitas situações de crianças com deficiência sendo tratadas de maneira equivocada e sofrendo abuso.

Os indicadores de abuso nos dão dicas importantes sobre o que pode estar acontecendo com uma criança; eles não devem ser vistos de forma isolada da vida e da experiência da criança.

Em relação à criança com deficiência, os indicadores de abuso talvez estejam implícitos ou confundidos com suas limitações. As pessoas podem dizer que:

- A lesão foi feita por ela mesma;
- O comportamento é característico da sua limitação;
- A acusação de uma criança com deficiência é falsa porque ela não sabe do que está falando;
- Têm de tratar a criança daquele modo para o bem dela própria, por exemplo, amarrando-as ou acorrentando-as, não as alimentando, trancando-as, não as vestindo etc.

Por isso, é importante reconhecer que as crianças com deficiência podem ser vítimas de abuso ou molestadas, e que os efeitos do abuso podem ser mais perigosos. Por exemplo, não alimentar uma criança que não consegue fazer isso sozinha pode, em último caso, levá-la à morte. A proteção de crianças com deficiência talvez precise de atenção e reflexão adicionais — especialmente quando uma comunidade ou sociedade não reconhece os direitos humanos de uma criança com deficiência.

OUTRAS FORMAS DE ABUSO

Abuso na internet e imagens abusivas de crianças

Imagens abusivas de crianças (geralmente conhecidas como pornografia infantil) são definidas como qualquer representação, por quaisquer meios, de uma criança envolvida em atividades sexuais, reais ou explicitamente simuladas, ou qualquer representação das partes sexuais de uma criança para qualquer propósito.

Devido à tecnologia, agora as crianças estão sujeitas a um abuso adicional por meio da internet. Há um mercado que negocia imagens abusivas de crianças. Câmeras digitais e celulares também possibilitam a distribuição de imagens de crianças através da internet sem o consentimento delas. Por meio do uso que fazem da internet, as crianças também correm o risco de ter contato com pessoas que querem lesá-las. Mais informações podem ser encontradas na seção sobre abusadores sexuais de crianças no Módulo Quatro do Guia de capacitação sobre abusadores de crianças e Como Orientar, no Padrão 3, sobre Prevenção.

Informações adicionais sobre orientações seguras na internet para os pais, cuidadores, crianças e jovens, podem ser encontradas em: www.ceop.gov.uk and www.thinkuknow.co.uk.

Abuso relacionado à crença em ‘possessão’, ‘bruxaria’ ou relacionadas à crenças espirituais e religiosas

Abuso relacionado à crença em ‘possessão espiritual’, ‘bruxaria’ ou outras crenças espirituais e religiosas podem acontecer quando comunidades ou indivíduos acreditam que crianças ou adultos podem estar possuídos por maus espíritos e alguma coisa precisa ser feita para ‘punir’ a pessoa possuída, ou ser liberta do espírito.

Abuso infantil associado à acusação de ‘possessão’ ou ‘bruxaria’ geralmente acontece quando a criança é vista como ‘diferente’ (a criança pode ser desobediente, doente ou deficiente) e o acusador (geralmente um pequeno grupo de pessoas de alguma forma relacionada com a criança) pensa que precisa exorcizá-la. Essas crenças podem resultar em práticas extremamente cruéis para as crianças, por exemplo, surras severas, queimaduras, passar fome, isolamento, e lesões corporais que podem levar a criança a morte. Cerimônias ritualísticas ou outras práticas que ferem as crianças também podem fazer parte destas práticas abusivas.

A crença em ‘possessão’ ou ‘bruxaria’ é algo muito comum. Não é particular de alguns países, culturas ou religiões. (www.everychildmatters.gov.uk).

Abuso espiritual acontece quando um líder espiritual ou alguém em posição de poder espiritual ou autoridade (na organização, na instituição, na igreja ou na família) faz mau uso de seu poder, de sua autoridade e da confiança depositada nele, com a intenção de controlar, coagir, manipular ou dominar uma criança. O abuso espiritual sempre implica o mau uso do poder dentro do contexto da crença ou prática espiritual, a fim de suprir as necessidades do abusador (ou aumentar sua posição de poder) e de ignorar as necessidades da criança. O abuso espiritual resulta no dano espiritual de uma criança e pode ser ligado a outras formas de abuso físico, sexual e emocional.

[Nota: Essa definição se aplica aos contextos Cristãos e deve ser adaptada às questões relevantes a outros contextos de fé.]

Abuso de confiança. Um relacionamento de confiança pode ser descrito como um relacionamento em que uma das partes está numa posição de poder ou influência sobre a outra em virtude de seu trabalho ou da natureza de sua atividade. Um abuso de confiança pode ser cometido, por exemplo, por um professor, um trabalhador humanitário ou de desenvolvimento, um técnico esportivo, um líder de escoteiros ou um líder religioso. É importante que aqueles que estão em posição de confiança tenham um entendimento claro das responsabilidades que isso acarreta. Além disso, é preciso haver um direcionamento claro para assegurar que não abusem de sua posição nem se coloquem numa posição que possa gerar suspeitas de abuso, justificáveis ou infundadas.

O relacionamento pode ser distorcido pelo medo ou favorecimento. Aqueles em posição de confiança precisam entender o poder que isso lhes confere sobre aqueles de quem cuidam, e a responsabilidade que precisam ter por causa disso. Isso é particularmente importante em um contexto de ajuda humanitária, em que as pessoas em posição de poder podem também controlar os suprimentos e os recursos.

Valores culturais. Apesar de haver fatores comuns como status econômico, violência doméstica, abuso de drogas e álcool, que podem aumentar a probabilidade de uma criança ser abusada, alguns dos fatores mais influentes são específicos da cultura e da sociedade em que a criança vive. É vital determinar quais práticas são culturalmente aceitáveis para com a criança em relação a fé, gênero, deficiência e orientação sexual em diferentes áreas e regiões. Isso não visa diminuir o nível de preocupações, nem condenar o abuso, mas entender o ambiente em que ocorre e a atitude da comunidade em relação a ele.

Fatores adicionais

Algumas pesquisas aumentaram o entendimento sobre o provável impacto danoso no desenvolvimento emocional dos adolescentes causado pela experiência de viver em famílias onde existe violência doméstica, problemas de saúde mental ou abuso de drogas/álcool. Crianças que cuidam de pais com deficiência talvez precisem de uma atenção especial.

Intimidação (*bullying*) já é algo reconhecido como danoso para crianças. Essa prática pode ter a forma de intimidação física, intimidação verbal — incluindo falas racistas e sexistas, ou intimidação emocional, por exemplo, isolar ou excluir alguém. É difícil de definir, mas sempre envolve uma pessoa menos forte, que vivencia uma hostilidade deliberada.

Este artigo foi preparado por meio da utilização de uma variedade de fontes e materiais originais. Mais informações podem ser encontradas em www.nspcc.org.uk e www.who.int.

Material adicional para profissionais que trabalham com as crianças podem ser baixados do site: www.nspcc.org.uk/freshstart. *Fresh Start* (Início Fresco) facilita uma comunidade multi disciplinária na prática de lidar com o abuso sexual e atua como um canal de aprendizagem através de melhores práticas.

NOTAS PARA O FACILITADOR/ARQUIVOS AVULSOS

Módulo 3 - Exercício 3.1

A CONVENÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA (CDC)

Esta é uma versão simplificada da CDC. Ao todo, a convenção tem 54 artigos, mas alguns deles não foram aqui mencionados, porque lidam com a natureza técnica da implementação da Convenção.

Os artigos 2, 3 e 12 fundamentam todos os direitos da CDC.

Este não é um texto oficial, mas uma versão simplificada com o objetivo de gerar conhecimento entre as crianças.



Notas para o facilitador

Artigo 1 Todo mundo tem todos esses direitos.	Artigo 10 Se você e seus pais estão morando em países separados, você tem o direito de reencontrá-los e de viver no mesmo lugar que eles.
Artigo 2 Você tem o direito de ser protegido contra a discriminação. Isso significa que ninguém pode tratar você mal por causa de sua cor, sexo, religião, ou por você falar outra língua, ter alguma limitação, por ser rico ou pobre.	Artigo 11 Você não deve ser raptado.
Artigo 3 Todos os adultos devem fazer o que for melhor para você.	Artigo 12 Você tem o direito de ter uma opinião, que deve ser ouvida e levada a sério.
Artigo 6 Você tem o direito de viver.	Artigo 13 Você tem o direito de saber das coisas e dizer o que pensa, seja por meio da arte, seja por meio da fala ou da escrita, contanto que isso não viole o direito dos outros.
Artigo 7 Você tem o direito de ter um nome e uma nacionalidade.	Artigo 14 Você tem o direito de pensar no que gosta e escolher a religião que quiser sob orientação de seus pais.
Artigo 8 Você tem o direito de ter uma identidade.	Artigo 15 Você tem o direito de estar com seus amigos, de participar ou de formar grupos, contanto que isso não viole o direito dos outros.
Artigo 9 Você tem o direito de viver com seus pais, a menos que isso seja ruim para você.	Artigo 16 Você tem o direito de ter uma vida privada. Por exemplo, você pode ter um diário que outras pessoas não estão autorizadas a ver.
Artigo 18 Você tem o direito de ser criado por seus pais, se isso for possível.	Artigo 17 Você tem o direito de obter informações da mídia: rádio, jornal, televisão, etc. do mundo inteiro. Você também deve ser protegido de informações que podem ser prejudiciais a você.
Artigo 19 Você tem o direito de ser protegido contra danos e maus-tratos.	Artigo 27 Você tem o direito de ter um padrão adequado de vida. Isso quer dizer que você deve ter comida, roupas e um lugar para morar.

Artigo 20 Você tem o direito de ter proteção especial, se não puder morar com seus pais.	Artigo 28 Você tem direito à educação.
Artigo 21 Você tem o direito de ser cuidado da melhor forma possível se for adotado, acolhido ou abrigado.	Artigo 29 Você tem direito a uma educação que busque desenvolver ao máximo sua personalidade e suas habilidades e que estimule você a respeitar os direitos e os valores das outras pessoas e a respeitar o meio ambiente.
Artigo 22 Você tem o direito a uma proteção especial se for refugiado. Um refugiado é alguém que teve que deixar seu país porque lá não é mais um lugar seguro para viver.	Artigo 30 Se você faz parte de um grupo minoritário, por causa de sua raça, religião ou idioma, você tem o direito de valorizar sua própria cultura, praticar sua própria religião e usar seu próprio idioma.
Artigo 23 Se você for portador de deficiências — físicas ou mentais —, você tem direito a cuidado e educação especiais para ajudá-lo a se desenvolver e a levar uma vida plena.	Artigo 31 Você tem o direito de brincar e relaxar fazendo atividades esportivas, musicais ou teatrais.
Artigo 24 Você tem o direito de ter uma boa saúde, de cuidados médicos e acesso a informações que vão ajudá-lo a viver de forma saudável.	Artigo 32 Você tem o direito de ser protegido de atividades prejudiciais à saúde e à educação.
Artigo 38 Você tem o direito de ser protegido em tempos de guerra. Se você tiver menos de 15 anos, jamais deve participar de um exército ou fazer parte de alguma batalha.	Artigo 33 Você tem o direito de ser protegido de drogas perigosas.
Artigo 39 Você tem o direito de ser ajudado se você foi ferido, maltratado, vítima de negligência.	Artigo 34 Você tem o direito de ser protegido do abuso sexual.
Artigo 40 Você tem o direito de ser ajudado a se defender se for acusado de violar alguma lei.	Artigo 35 Ninguém pode raptar ou vender você.
Artigo 42 Todos os adultos e crianças devem saber sobre essa convenção. Você tem o direito de aprender sobre seus direitos, e os adultos também devem aprender sobre eles.	Artigo 37 Você tem o direito de não ser punido de forma cruel ou dolorosa.

Notas para o Facilitador/Arquivo Avulso Módulo 3 – Exercício 3.1

A ESTRUTURA LEGAL PARA A PROTEÇÃO DA CRIANÇA

Introdução

Como todas as outras pessoas, as crianças também são protegidas pelos direitos universais; porém, elas também têm certos direitos adicionais por causa de sua dependência, sua vulnerabilidade e suas necessidades de desenvolvimento.

Este artigo enfatiza o fundamento legal para a proteção de crianças refugiadas e desabrigadas, tomando como ponto de partida a responsabilidade primária do Estado de proteger os direitos de todas as pessoas dentro de seu território.

A proteção de crianças refugiadas e desabrigadas tem suas raízes nos direitos humanos internacionais, nas leis humanitárias e nas leis para refugiados. Esses recursos fornecem o modelo para estabelecer alguns padrões mínimos para as crianças: um modelo legal, que pode auxiliar quem trabalha em favor de crianças refugiadas e desabrigadas.

Deve haver um cuidado para assegurar que as necessidades especiais e os direitos das crianças refugiadas sejam observados, entendidos e cumpridos por aqueles que buscam protegê-las e assisti-las.

Conceitos Chaves

1. As bases legais para uma ação prioritária em prol da criança estão estabelecidas nas leis internacionais.
2. A Convenção dos Direitos da Criança (CDC) fornece um abrangente código de direitos, que oferece o mais elevado padrão internacional de proteção e assistência para crianças.
3. A estrutura do status legal das crianças é particularmente importante e tem sérias implicações na certificação do registro de nascimento.
4. Por questão de princípios crianças não devem ser detidas, e existem várias medidas especiais para protegê-las de detenções ilegais ou arbitrárias.
5. Crianças refugiadas e desabrigadas estão especialmente em risco de sofrer muitos tipos de abuso e exploração, incluindo a exploração do trabalho infantil e exploração sexual. Os direitos à proteção são estabelecidos por meio da CDC e outros instrumentos internacionais.
6. A manutenção da unidade familiar e a reunificação de famílias têm sido estabelecidas como prioridade pelas leis internacionais.
7. A educação é reconhecida como um direito humano universal estabelecido por meio de uma variedade de instrumentos internacionais e regionais.
8. A CDC estabelece que a criança tem direito ao mais alto padrão de saúde possível.
9. Os direitos civis e as liberdades estabelecidas pela CDC se aplicam igualmente a qualquer criança, que deve ter oportunidade de expressar sua opinião sobre qualquer problema que a esteja afetando e deve ser estimulada a participar das atividades da comunidade.
10. A CDC e outros instrumentos preveem o direito de proteção específica para crianças em situação de conflito armado.

A importância da CDC e outros instrumentos

Todos os países, com exceção de dois (Somália e Estados Unidos), fazem parte da Convenção dos Direitos da Criança (CDC). Dessa forma, a CDC pode ser tratada como quase universalmente aplicável. A CDC é legalmente obrigatória em cada Estado signatário e se aplica a qualquer criança sob sua jurisdição, não apenas àquelas que são nativas dele. De fato, o princípio da não discriminação é destacado no Artigo 2(1) e certamente inclui crianças refugiadas e desabrigadas, inclusive adolescentes.

A CDC define como “criança” todas as pessoas menores de 18 anos de idade “a não ser que, em conformidade com a lei aplicável à criança, a maioridade seja alcançada antes” (Artigo 1). Para fins comuns, isso significa que a lei pode ser aplicada a qualquer um menor de 18 anos, a não ser que seja demonstrado que eles sejam adultos, de acordo com as leis nacionais aplicáveis para qualquer propósito ou a esse propósito específico. Em qualquer caso, o “esquema” da CDC sugere que essa exceção deve ser interpretada como um empoderamento, ou seja, os que têm menos de 18 anos reivindicam os benefícios da vida adulta, se a lei nacional permitir, enquanto ainda têm o direito de reivindicar a proteção da CDC.

Principais pontos de aprendizagem

- As bases legais para uma ação prioritária em benefício das crianças estão estabelecidas em leis internacionais.
- As leis internacionais humanitárias, de direitos humanos e de refugiados, ao lado das leis nacionais e regionais, constituem um modelo amplo para a proteção de crianças refugiadas e desabrigadas.
- Trabalhadores humanitários devem se apoiar nesse modelo em seu trabalho diário de proteger crianças refugiadas e removidas.

Um elemento fundamental na proteção da criança é reconhecer que o Estado tem a responsabilidade primária de garantir os direitos humanos de todas as pessoas de seu território. As crianças compartilham dos direitos humanos com todas as outras pessoas; no entanto, por causa de sua dependência, sua vulnerabilidade e suas necessidades de desenvolvimento, elas têm ainda certos direitos adicionais.

As bases legais para uma ação prioritária em favor da criança — inclusive as crianças refugiadas e desabrigadas — estão estabelecidas em leis internacionais.

É importante ter familiaridade com as leis internacionais porque elas destacam as obrigações que um país tem de proteger as crianças refugiadas e desabrigadas. Além disso, fornecem uma estrutura sobre a qual aqueles que trabalham em prol de crianças refugiadas e desabrigadas podem atuar.

Lei Internacional

Como ponto inicial, seria útil considerar a natureza das obrigações internacionais que um país tem de proteger refugiados e pessoas desabrigadas. Geralmente, essas obrigações têm origem em leis consuetudinárias internacionais, tratados, instrumentos não compulsórios e instrumentos regionais.

Direito Internacional Consuetudinário (Convencional)

Basicamente, as leis consuetudinárias internacionais surgem da aceitação universal e da prática consistente de países que respeitam a vigência de uma lei. Algumas das garantias e proteções encontradas nos instrumentos internacionais se tornaram parte da lei consuetudinária internacional. Isso significa que tais regras podem ser evocadas para proteger refugiados e pessoas desabrigadas, em um país, independentemente dele ter ratificado um tratado que contenha esse direito ou garantia específica. Por exemplo, todas as crianças estão protegidas contra a escravidão, o tráfico e outras formas de tratamento humilhante, desumano ou punitivo, a discriminação racial e a detenção arbitrária prolongada.

Além disso, as medidas relativas às crianças no Protocolo I e no Protocolo II da Quarta Convenção de Genebra, com relação à Proteção de Civis em Tempos de Guerra, de 12 de agosto de 1949, têm sido amplamente aceitas. Acredita-se que elas adquiriram o status de uma lei consuetudinária internacional, fundamentando inclusive grupos dissidentes em casos de conflitos não internacionais.

Tratado

Um tratado é legalmente vigente nos Estados que consentiram em se amoldar às medidas desse tratado, em outras palavras, os Estados que ratificaram o tratado e se tornaram parte dele. Tratados também são comumente chamados de *convenções, alianças e protocolos*.

Três conjuntos de tratados, direitos humanos, leis para refugiados e leis humanitárias internacionais, formam a base de proteção para crianças refugiadas e desabrigadas, e devem ser considerados como complementares entre si. Por analogia, seriam como três cômodos de uma casa: três componentes distintos, mas integrados à estrutura geral. Todos tratam de desafios diferentes, mas buscam alcançar o mesmo objetivo de proteger refugiados e pessoas desabrigadas. As diferenças não estão tanto no conteúdo ou na essência dos conjuntos, mas nos mecanismos de implementação, na supervisão internacional, na promoção e na divulgação.

Os direitos humanos se aplicam a todos os seres humanos sem discriminação, ou seja, a nativos, refugiados e pessoas desabrigadas. As leis sobre refugiados visam questões específicas, mas não citam todos os direitos humanos básicos e fundamentais dos indivíduos que precisam ser protegidos. Os direitos humanos, nesse caso, podem ser usados para complementar as leis existentes sobre refugiados. Assim também, as leis humanitárias talvez sejam capazes de promover a proteção do refugiado ou de pessoas desabrigadas nas circunstâncias em que as outras leis não são aplicáveis.

A lei dos refugiados, no Artigo 5 da Convenção de 1951, permite claramente a aplicação de outros instrumentos que considerem os “direitos e benefícios” dos refugiados. Esses outros instrumentos incluem os direitos humanos internacionais e as leis humanitárias.

Instrumentos regionais

Concordar e implementar instrumentos regionais é mais fácil para os Estados, já que eles fornecem uma estratégia comum para certas questões e lidam com problemas específicos da região/países referentes. Os instrumentos regionais geralmente são adotados no contexto de uma organização regional. Existem vários sistemas de direitos humanos regionais na África, na Europa, na América e nos Estados islâmicos e árabes. Às vezes, os instrumentos regionais fornecem padrões de proteção mais elevados do que os tratados internacionais. Por exemplo, a *Carta Africana dos Direitos Humanos e Bem-estar da Criança* proíbe todas as formas de recrutamento militar de crianças menores de 18 anos; já o *Protocolo Opcional da Convenção dos Direitos da Criança* permite o recrutamento voluntário de crianças menores de 18 anos em algumas situações.

Lei Nacional

As leis nacionais contêm medidas práticas para a proteção de crianças refugiadas incluindo medidas e mecanismos concretos de implementação. Há países em que a constituição garante alguns padrões contidos nos instrumentos internacionais. Em alguns casos, certos tratados internacionais são autoexecutáveis, o que significa que podem ser diretamente evocados em tribunais; já em outros, isso só pode ser feito se as medidas foram incorporadas à legislação nacional.

Às vezes o fato de uma lei existir para proteger certos direitos não é suficiente se ela não previr todos os poderes legais e as instituições necessárias para assegurar sua execução efetiva. A equipe que trabalha em um país deve sempre se referir à lei nacional do Estado e aos vários mecanismos para sua implementação.

Instrumentos não obrigatórios

Os princípios e as práticas das leis internacionais geralmente são determinados em declarações, resoluções, princípios e diretrizes. Mesmo não sendo compulsórios nos países, eles representam uma variedade de consentimentos por parte da comunidade internacional. Algumas vezes são mais detalhados do que os tratados e podem complementá-los.

Um exemplo são os Princípios Norteadores das Nações Unidas sobre Deslocamento Interno, que identificam os direitos e as garantias relevantes à proteção daqueles internamente deslocados em todas as fases do deslocamento. Eles fornecem proteção contra o deslocamento arbitrário, oferecem uma base para proteção e assistência durante o deslocamento e estabelecem garantias para um retorno, readaptação e reintegração seguros. Apesar de não constituir um instrumento obrigatório, esses princípios refletem, e são coerentes com, os direitos humanos internacionais, as leis humanitárias e as leis análogas aos refugiados.

A ESTRUTURA LEGAL PARA CRIANÇAS REFUGIADAS E DESABRIGADAS

Lei sobre os direitos humanos

Os direitos humanos são características inerentes que se aplicam a cada pessoa como consequência de sua natureza humana. Tratados e outros recursos legais geralmente servem para proteger formalmente indivíduos e grupos contra ações que interfiram na liberdade fundamental e na dignidade humana. Exemplos de tratados internacionais de direitos humanos incluem A Convenção sobre os Direitos da Criança, o Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos e a Convenção Contra a Tortura.

Segue algumas das características mais importantes dos direitos humanos:

- Os direitos humanos são fundamentados no respeito pela dignidade e pelo valor de cada pessoa.
- Os direitos humanos são universais, quer dizer, são aplicáveis a todas as pessoas do mesmo modo e sem discriminação.
- Os direitos humanos são invioláveis, ou seja, ninguém pode ter seu direito negado, a não ser em situações excepcionalmente específicas; por exemplo, durante tempos de guerra, a liberdade de ir e vir pode ser restringida.
- Os direitos humanos são indivisíveis, inter-relacionados e interdependentes, porque é insuficiente respeitar alguns direitos humanos e não respeitar outros.

Diferentemente das leis de refugiados, alguns tratados internacionais de direitos humanos autorizam algumas comissões a monitorar sua implementação nos países. Essas “comissões de tratados” avaliam os relatórios sobre a implementação dos direitos humanos submetidos aos países e podem emitir opiniões sobre o conteúdo e o formato de alguns direitos específicos. Exemplos dessas comissões e das convenções que elas monitoram são: Comitê sobre Direitos da Criança (CDC); Comitê contra a Tortura (CCT); Comitê de Direitos Humanos (PIDCP); Comitê sobre a Eliminação da Discriminação contra a Mulher (DEDM); Comitê sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (PIDESC); Comitê sobre a Eliminação da Discriminação Racial (CIEDR).

Leis para refugiados

A estrutura legal para a proteção de refugiados foi composto pela Convenção da ONU de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados e o Protocolo de 1967 relativo ao Estatuto dos Refugiados, e pelos instrumentos regionais de refugiados, bem como pelas conclusões, políticas e diretrizes do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).

A implementação das leis para refugiados é uma tarefa dos Estados, embora a ACNUR tenha a tarefa de supervisionar a aplicação da Convenção de 1951, e os Estados sejam solicitados a cooperar com a ACNUR, segundo o artigo 35.

A Convenção de 1951 e seu Protocolo de 1967 são aplicáveis a todas as pessoas refugiadas, conforme definido nos documentos. “Todas as pessoas” claramente incluem crianças e adolescentes. A aplicação não discriminatória dos artigos da Convenção independe de idade. Como a Convenção define um refugiado independente da idade, não existe uma lei que define a categoria de crianças refugiadas.

As crianças têm direito de buscar asilo e de obter a proteção dos órgãos para refugiados, de acordo com sua solicitação. Além disso, quando acompanhadas por um dos pais, por ambos ou por guardiões, elas devem receber o *status* de refugiados dependentes para poderem se beneficiar da proteção necessária. Mesmo que o *status* não seja solicitado em nenhum artigo dos tratados de refugiados, os Estados concedem-no para promover a unidade familiar.¹

Como resultado da aquisição desse status, as crianças refugiadas se beneficiam dos direitos oferecidos a todos os refugiados, como a lei dos refugiados e as leis nacionais preveem. Esses direitos incluem, por exemplo:

- O direito de não ser deportado para territórios onde a vida ou a liberdade das crianças sejam ameaçadas por causa de sua raça, religião, nacionalidade, participação em determinado grupo social, ou opinião política.
- O direito ao mesmo tratamento que o acordado para os nativos com relação à educação elementar.

O ACNUR promulgou a Política para Crianças Refugiadas em 1993 e Crianças Refugiadas: Guia de Proteção e Cuidado, em 1994. O Comitê Executivo do ACNUR também adotou um número de resoluções sobre crianças e adolescentes refugiados em 1987 (Resolução n.º 47), em 1989 (Resolução n.º 59), e em 1997 (Resolução n.º 84), recomendando medidas a serem adotadas pelos Estados a fim de assegurar a proteção das crianças refugiadas.

Leis humanitárias

Os principais tratados de leis humanitárias internacionais são as quatro Convenções de Genebra de 1949 e os dois Protocolos de 1977. A quarta convenção trata especificamente da proteção de civis, por isso é a mais importante para os refugiados e as populações desabrigadas.

As quatro convenções enfocam, principalmente, as situações de conflitos armados internacionais. Mas o art. 3, comum a todas, obriga as partes de um conflito armado “não internacional”, incluindo as facções armadas dissidentes, a respeitar certas regras humanitárias mínimas com relação a pessoas que nunca estiveram, ou que não estão mais, participando de hostilidades. As crianças também estão incluídas na categoria de civis no art. 3o.

Em tempos de conflito, as leis humanitárias internacionais visam proteger as pessoas que nunca fizeram, ou que não fazem mais, parte de hostilidades (que não estão portando armas, por exemplo), além de regular ou restringir os métodos e as formas de conflitos de guerra. As leis humanitárias desenvolvem um conceito de tratamento humano.

As leis humanitárias internacionais são aplicáveis não somente a conflitos entre dois ou mais Estados (conflitos armados internacionais), mas também àqueles que acontecem no território de um único Estado, geralmente entre o governo e as forças dissidentes (conflitos internos). A fim de desenvolver as medidas de proteção disponíveis para as populações civis em um conflito armado, dois protocolos foram adotados em 1977, sendo que o *Protocolo II* expande o art. 3o da Convenção de Genebra:

- (Protocolo I) relativo à proteção de Vítimas de Conflitos Armados Internacionais.
- (Protocolo II) relativo à proteção de Vítimas de Conflitos Armados Não Internacionais.

Entre a Quarta Convenção de Genebra, o Protocolo I e o Protocolo II, há mais de vinte resoluções que oferecem proteção especial às crianças afetadas por conflitos armados.

De acordo com as leis humanitárias internacionais, durante conflitos armados internos ou internacionais, as crianças se beneficiam da proteção em dois níveis: (a) como membros da população civil em geral; (b) como uma categoria vulnerável que merece uma proteção específica. No art. 38, § 5 da IV Convenção de Genebra consta que, enquanto os civis protegidos devem, em princípio, receber o mesmo tratamento que os estrangeiros em tempos de paz, as crianças com menos 15 anos devem se beneficiar de qualquer tratamento preferencial, de acordo com as categorias correspondentes da população nativa.

Além disso, em termos de princípios gerais, o art. 77, § 1 do Protocolo I declara que “As crianças devem ser objeto de um respeito particular e protegidas contra qualquer forma de atentado ao pudor. As partes no conflito darão a elas os cuidados e a ajuda necessária”. Essa proteção é entendida como aplicável, sem exceção, a todas as crianças vítimas de conflito armado internacional. Note-se que a mesma proteção é acordada pelo art. 4.3 do Protocolo II relacionado à proteção de vítimas de conflitos armados internos.

Author: Katharina Samara ICVA

Notas para o Facilitador/ Arquivos Avulsos

Módulo 3

O QUE FAZER SE ALGUÉM LHE DISSER QUE ESTÁ SENDO VÍTIMA DE ABUSO

O princípio básico ao responder a qualquer suspeita relacionada com a proteção da criança é de que a segurança e o bem-estar da criança devem sempre vir primeiro. Nenhuma criança deve ser posta em risco por nenhuma ação que você fizer.

Se um adolescente informa que suspeita do comportamento de alguém para com ele, ou faz uma acusação direta, você deve:

- Reagir com calma.
- Reafirmar que ele fez bem em lhe contar, mas não prometer confidencialidade.
- Levar a sério o que ele lhe contou, mesmo se a acusação envolver alguém que você tem certeza de que não o machucaria. Sabemos pela experiência que precisamos ouvir o que nos é contado, mesmo quando é difícil de acreditar.
- Evite perguntas direcionadas (Pergunte “O que aconteceu?”, e não - “Ele tocou sua perna?”). Tente obter um entendimento claro sobre o que a pessoa está lhe dizendo.
- Garanta a segurança da criança ou adolescente. Se eles precisam de assistência médica urgente, certifique-se de que os médicos e a equipe do hospital saibam que se trata de uma questão de proteção à criança.
- Só contate os pais e guardiões depois de obter orientações e aconselhamento, seja da equipe designada para cuidar da proteção da criança, seja dos coordenadores ou das agências externas.

Registrando informações

- O uso do formulário padrão de registro é uma forma sensata de certificar-se de que você obteve todas as informações relevantes e importantes (veja o Modelo de Formulário no DVD).
- Quaisquer suspeitas, denúncias ou indicações devem ser registradas por escrito tão logo seja possível. Os registros devem ser assinados e datados. É muito importante que nem a equipe, nem outras pessoas prometam confidencialidade, seja para a criança que revelou um abuso, seja para o adulto que revelou uma suspeita sobre outro adulto ou informações sobre seu próprio comportamento. A equipe e outros membros precisam deixar claro que precisam seguir essa política e explicar as possíveis medidas resultantes da informação que receberam.
- Os registros devem ser detalhados, precisos, exatos. Eles devem focalizar o que você e a outra pessoa disseram, o que foi observado, quem estava presente e o que aconteceu. Especulações e interpretações devem ser claramente diferenciadas de uma denúncia.
- Até então, qualquer preocupação, confissão ou acusação é uma suspeita, não uma prova.
- Todos os tipos de denúncias devem ser tratados como confidenciais. Eles só devem ser repassados para as pessoas especificadas no modelo anterior de denúncia. Manter a confidencialidade é responsabilidade do indivíduo que possui a informação. Em certos casos, a equipe e outros membros não têm obrigação de relatar as suspeitas aos órgãos externos apropriados. Isso geralmente acontecerá como consequência do procedimento de denúncia; no entanto, se uma ação urgente é necessária para proteger as crianças talvez isso seja mais prioritário do que o procedimento de denúncia.

Suspeita em relação a possível abuso ou exploração de uma criança por um membro da equipe

Há questões e procedimentos específicos que devem ser considerados se a suspeita for relacionada a um possível abuso ou exploração de uma criança por parte de um membro da equipe. O DVD contém orientações específicas e um modelo de plano de investigação para as organizações adaptarem a essas situações. Materiais com recursos adicionais podem ser encontrados no site da ICVA, www.icva.ch, projeto *Building Safe Organizations* (Desenvolvendo Organizações Seguras), onde pode ser obtida uma cópia do modelo de protocolo de registros.

Além disso, se houver suspeita ou flagrante de um membro da equipe com imagens pornográficas de crianças no computador ou se ele for suspeito de um crime na internet, isso deve ser reportado à polícia.

Para mais informações nessa área, podem ser contatadas a *Internet Watch Foundation* (Fundação de Vigilância da Internet, www.iwf.org.uk) e a *Virtual Global Taskforce* (Força Tarefa Global Virtual, www.virtualglobaltaskforce.com), a aliança internacional de agências que trabalham juntas pelo fortalecimento das leis para fazer com que a internet seja mais segura).

Módulo 2 - Definições de abuso

Módulo 4 - Abusadores sexuais

Workshop Básico 1

RISCO E ABUSO INSTITUCIONAL

Estas notas oferecem material adicional e complementam qualquer apresentação sobre os padrões para a proteção das crianças, definições de abuso e abusadores sexuais.

Introdução

Ao pensar sobre o problema do abuso infantil e os riscos para as agências internacionais e nacionais, é importante considerar a variedade de possibilidades que podem incluir ou indicar o potencial para o abuso.

- O abuso infantil deve ser analisado em um contexto mais amplo, e talvez seja útil diferenciar os tipos de abusadores. As diferenças entre eles podem ser de grau, por isso é essencial reconhecer os vários tipos de indivíduos que podem representar algum risco para as crianças.
- Da mesma forma, todas as crianças devem ser vistas como vulneráveis ao abuso, e não apenas aquelas que se encontram em situações extremas de risco, embora algumas crianças sejam mais resilientes e capazes de proteger a si mesmas.
- Algumas crianças podem correr mais risco do que outras. As crianças com deficiência, as crianças em conflitos e em situações de emergência, e as crianças desacompanhadas talvez sejam especialmente vulneráveis.
- As crianças podem ser vítimas de abuso de forma circunstancial, por isso é fundamental que as organizações reconheçam que algumas pessoas talvez abusem por causa das circunstâncias em que se encontram, e não como resultado de uma atividade pedófila premeditada.
- Mulheres às vezes abusam de crianças.

As organizações devem considerar a possibilidade de um membro da equipe ou outro representante da organização ferir, ou abusar de, uma criança. É essencial que façam tudo o possível para evitar essas ocorrências ou o fato de terem de lidar com elas. Também é importante desenvolver um foco de proteção mais amplo, que considere a variedade de questões de proteção e incidentes que possam surgir.

Práticas condenáveis

A equipe e outros que estão em um relacionamento formal com os beneficiários encontram-se em uma posição de confiança; portanto, precisam respeitar os limites profissionais. O relacionamento profissional automaticamente dá aos indivíduos poder e *status*, e isso deve ser reconhecido. Essa sensibilização é importante para evitar fatores que afetem o relacionamento de uma forma que afete o que deveria ser um relacionamento de ajuda.

Práticas condenáveis podem ser precursoras do abuso. Por exemplo, equipes que usam a punição física para 'controlar' as crianças com as quais trabalham talvez comecem a praticar o abuso físico se não forem advertidas de que isso é inaceitável. Da mesma maneira, equipes que fazem brincadeiras sensuais com as crianças ou que utilizam jogos com conotações sexuais talvez sejam mais propensas a abusar sexualmente das crianças que cuidam. (Esse comportamento pode ser, de fato, parte do processo de aliciamento no qual as crianças são testadas e manipuladas visando um abuso posterior).

Pessoas que causam danos sexuais às crianças

Uma grande preocupação para qualquer agência que tem as crianças como beneficiárias é que ela pode estar na mira de abusadores e, então, contratar alguém que represente perigo para as crianças. Também é possível que um indivíduo seja contratado para trabalhar diretamente com crianças e abuse delas, seja sozinho, seja com outros adultos, devido a uma predisposição para atividades sexuais com crianças. É provável que o risco de isso acontecer tenha aumentado, já que a legislação e outras restrições sobre abusadores sexuais limitaram suas oportunidades ou inclinações ao abuso no Ocidente ou em países mais desenvolvidos, embora a proporção verdadeira do problema não seja conhecida.

Além disso, um abusador sexual de crianças pode trabalhar internacionalmente com uma ONG e não trabalhar diretamente com crianças, mas ser atraído para isso, porque seu trabalho possibilita o acesso a crianças locais nos países onde a ONG atua. Também pode ser que as crianças, as famílias e a comunidade estejam menos atentas ao problema do abuso sexual, e as medidas legais de proteção talvez sejam fracas ou nem existam. A respeitabilidade conquistada por uma ONG pode facilitar e fornecer mais acesso, oportunidades e probabilidades mínimas de detenção para o indivíduo que quer abusar de crianças.

Sistemas corruptos e abuso de poder

Mesmo que a possibilidade de contratar alguém que abuse sexualmente de uma criança seja uma preocupação de todas as agências, em termos de risco, funcionários podem abusar sexualmente ou explorar uma criança oportunamente. A situação de abuso e exploração descrita no relatório de avaliação da África Ocidental surgiu de práticas corruptas e sistemáticas realizadas por meio de operações naqueles países e entre uma variedade de agências e agentes. Uma cultura de abuso se desenvolveu, e a exploração por parte dos que estavam em posição de confiança era vista como algo 'normal' e aceitável de alguma forma. Os mesmos princípios e dinâmicas dos sistemas corruptos e de abuso de poder praticados nos campos de refugiados da África Ocidental se aplicam ao abuso infantil em instituições da Europa.

Da mesma forma, é possível que, em muitas partes do mundo, as equipes se encontrem em uma posição de *status* relativo, prosperidade e poder nas comunidades nas quais trabalham e vivem, por isso descobrem que essa posição torna possíveis relacionamentos e atividades essencialmente inaceitáveis e definitivamente abusivos. Ser capaz de manipular e controlar crianças (e possivelmente os adultos que cuidam delas) pode fazer um membro da equipe se tornar propenso ao abuso.

Risco externo para a organização

É possível que as organizações estejam trabalhando ou tendo contato com crianças que estão sendo vítimas de abuso ou correm risco de sofrerem abuso por indivíduos de fora da organização, por exemplo, a família, outros adultos, colegas na comunidade, promotores da paz ou líderes religiosos. A equipe talvez suspeite que uma criança esteja sendo molestada, ou talvez a própria criança conte a um membro da equipe. As organizações precisam reconhecer isso, precisam considerar sua tarefa de cuidar dessas crianças e desenvolver políticas e orientações sobre medidas que forneçam esclarecimentos para a equipe sobre sua função e suas responsabilidades no caso de se depararem com tais situações.

A internet e outras tecnologias como câmeras digitais e telefones celulares fazem com que as crianças fiquem muito vulneráveis ao abuso e à exploração por parte de adultos que querem obter imagens abusivas de crianças. Todas as organizações precisam estar atentas tanto sobre os riscos de os adultos obterem um emprego para ter acesso às crianças, quanto sobre a possível vulnerabilidade das crianças com as quais trabalham.

Os riscos para as organizações incluem o envolvimento de sua equipe em comportamentos inadequados e inaceitáveis numa transgressão contínua - de práticas condenáveis até os mais sérios crimes.

Uma informação positiva é fato de que a maioria das pessoas que trabalham com crianças não vai abusar delas. No entanto, sempre haverá aqueles que procuram abusar de crianças, se aproveitando do contato decorrente de sua capacitação profissional, e isso sempre será difícil de combater. Então, o que as agências podem tentar fazer para tentar prevenir tais ocorrências? Os exemplos a seguir são algumas medidas e mecanismos de segurança que as organizações podem desenvolver para identificar os riscos citados. Os 11 padrões principais foram baseados neles.

Protegendo as crianças contra o abuso - O que aprendemos sobre o desenvolvimento de organizações mais seguras

1. Comece pela liderança: sem o comprometimento dos gestores, nada mudará.
2. Tenha uma política e procedimentos claros para lidar com preocupações relacionadas à criança e ao comportamento de um membro da equipe para com as crianças ou outros adultos vulneráveis. A política de proteção precisa refletir sua situação local e os sistemas legais e sociais de bem-estar.
3. Reconheça que a adoção de normas ou políticas e o desenvolvimento de medidas de segurança envolvem mudanças e adaptações organizacionais, até mesmo em nível cultural.
4. Desenvolva oportunidades de capacitação para assegurar que toda a equipe tenha a chance de discutir e desenvolver não só um entendimento sobre as questões de proteção, mas também sobre o que fazer se houver alguma suspeita ou denúncia.
5. Desenvolva a proteção em todos os sistemas de gestão para certificar-se de que ela atinge todas as partes do projeto ou organização e, dessa forma, funcione de maneira consistente com o passar do tempo.
6. Desenvolva sistemas claros de recrutamento para certificar-se de que toda a equipe foi selecionada de maneira apropriada.
7. Desenvolva códigos de conduta em relação ao comportamento com crianças, mulheres e adultos vulneráveis.
8. Crie um ambiente em que as crianças sejam valorizadas e respeitadas, onde sua autoestima e identidade sejam promovidas.
9. Estabeleça pontos de referência através dos quais as crianças podem ter acesso a um adulto de confiança por quem sejam ouvidas se quiserem fazer uma queixa.
10. Certifique-se de que toda a equipe seja supervisionada e apoiada.
11. Trabalhe junto com os outros e compartilhe experiências.

Módulo 4 – Exercício 4.3

ABUSADORES SEXUAIS DE CRIANÇAS

Objetivo

Auxiliar o facilitador na preparação de uma apresentação e discussão sobre abusadores sexuais de crianças. O material deste artigo foi desenvolvido por meio de uma variedade de fontes incluindo os sites da NCIS, www.ncis.co.uk, e da NSPCC, www.nspcc.org.uk.

O que é abuso sexual infantil?

Abuso sexual infantil é o envolvimento de uma criança em uma atividade sexual que ela não entende completamente, em relação à qual não é capaz de dar consentimento e para a qual não está desenvolvida nem preparada, ou que viola as leis ou tabus da sociedade.

O abuso sexual infantil abrange uma variedade de comportamentos sexuais, incluindo:

- Relação sexual anal ou vaginal;
- Toques sexuais;
- Masturbação;
- Sexo oral;
- Uso de crianças em filmagens pornográficas, fotos de internet e outros materiais pornográficos;
- Sexo com crianças em troca de dinheiro ou mercadorias;
- Aliciamento virtual de uma criança com o intuito de se encontrar com ela ou fazê-la participar de sexo virtual.

O perfil de um abusador sexual

Abusador sexual infantil é um termo genérico para indicar alguém que tem um interesse sexual por crianças. Alguns abusadores sexuais de crianças que têm atração por crianças vão procurar agências e organizações através das quais podem ter acesso a elas, particularmente por meio da conquista de uma posição de confiança. Por outro lado, muitas pessoas vivem em determinados contextos culturais onde o sexo com meninas menores de idade é comum e não é condenado pela comunidade. Desse modo, é provável que não se vejam como abusadores de crianças, assim como não é possível saber se agiriam dessa forma se vivessem em outros contextos.

Os abusadores sexuais de crianças não têm um perfil padrão. Alguns são colecionadores obsessivos que mantêm diários detalhados e fotos das crianças e catalogam suas atividades e fantasias. Uns preferem crianças de certa idade, sexo ou aparência específica, enquanto outros visam qualquer tipo de criança. Muitos abusadores convictos relataram que se tornaram conscientes de sua atração sexual por crianças antes dos 18 anos.

Embora as mulheres representem apenas uma pequena porcentagem dos abusadores, muitas delas anuem ao abuso sexual, seja facilitando, autorizando o acesso às crianças, seja negligenciando o abuso. Isso geralmente acontece quando a própria mulher é vulnerável, seja economicamente, seja emocionalmente.

Que tipo de pessoa abusa sexualmente de crianças?

É impossível descrever um típico abusador sexual. Ele vem de todos os contextos étnicos e sociais, pode ser encontrado em todas as profissões, em todos os níveis da sociedade e às vezes desfruta de respeito e ocupa uma posição de poder na comunidade, incluindo posições religiosas. Pode vir de qualquer cultura étnica ou religiosa, ser casado, conhecido e respeitado.

Alguns talvez abusem de seus próprios filhos, seus enteados ou outras crianças de sua própria família. Talvez tenham relações sexuais com adultos e podem ser heterossexuais, bissexuais, ou homossexuais. Um número de abusadores explora crianças sexualmente por lucro, mediante a pornografia ou oferecendo-as a outros adultos para propósitos sexuais.

Como os abusadores sexuais de crianças operam nas comunidades locais?

Os abusadores sexuais de crianças podem agir sozinhos ou se organizar em grupos que operam em uma comunidade local ou em uma organização, seja nacionalmente, seja internacionalmente. Eles estabelecem redes de comunicação para planejar, abusar de crianças e até sequestrá-las. Nesses grupos, as crianças e a pornografia infantil geralmente são repassadas entre os membros.

Os abusadores sexuais de crianças podem parecer extremamente confiáveis, e aqueles que os contratam, trabalham com eles ou os conhecem podem estar convencidos de que é totalmente inocente o interesse que demonstram pelas crianças. Eles farão o maior esforço para se aproximarem das crianças e geralmente são organizados, manipulativos e sofisticados nas formas como se filiam às organizações, às comunidades e às famílias.

É possível que se aproximem dos pais que estão sob muita pressão ou de educadores que estão enfrentando dificuldades e ofereçam apoio emocional e financeiro ou ajuda para o cuidado com as crianças. Talvez comecem um relacionamento com os pais ou educadores, que podem permitir seu acesso à casa.

Nas organizações, o abusador sexual de criança em potencial pode se mostrar como uma pessoa indispensável. Talvez se ofereça para ir a lugares aonde ninguém mais quer ir. Talvez se ofereça para trabalhar muitas horas com pouco apoio ou para substituir outras pessoas, com bastante disposição.

Aliciamento

Abusadores sexuais de crianças, especialmente aqueles com boas habilidades sociais, geralmente preparam e controlam suas vítimas por meio de um processo conhecido como aliciamento, que pode ocorrer durante um pequeno período de tempo ou demorar alguns anos. O aliciamento tem o duplo propósito de assegurar a cooperação da vítima e, às vezes, da família da vítima, de reduzir o risco de descoberta ou flagrante, criando uma atmosfera de normalidade e aceitação. Essa aceitação pode representar dificuldades se a ofensa vier à tona, já que as vítimas podem se recusar a cooperar com a investigação, acreditando que o abusador nada fez de errado.

Alguns abusadores mostram imagens de crianças sendo molestadas e de pornografia adulta para fazer com que as vítimas fiquem mais suscetíveis ao abuso. As vítimas também são aliciadas para apresentar outras vítimas ao processo de aliciamento e abuso.

A maioria dos abusadores sexuais de crianças procura controlar suas vítimas retendo ou dando recompensas, seja na forma de presentes, seja na forma de atenção. Alguns utilizam violência ou ameaças psicológicas para assegurar a cooperação.

Os abusadores talvez aliciem uma criança assim:

- Desenvolvendo um relacionamento de amizade com ela e com seus pais ou guardiões;
- Demonstrando grande interesse pela criança e suas atividades;
- Oferecendo presentes, dinheiro ou favores, como comida, doces, roupas, jogos, viagens e passeios. Presentes ilícitos talvez sejam oferecidos, inclusive álcool, cigarro e outros tipos de drogas;
- Dizendo à criança que não é errado o que está acontecendo;
- Usando ameaças ou violência para com a criança ou um membro de sua família;
- Retendo suprimentos e assistência.

Aliciamento por meio da internet

Alguns abusadores sexuais de crianças usam salas de bate-papo da internet (ou MSN/ mensagens instantâneas) para escolherem seus alvos e aliciar crianças, buscando encorajá-las a fornecer imagens indecentes de si mesmas ou textos de natureza sexual, ou, em último caso, tentando marcar um encontro.

Vários abusadores se mostraram ágeis em manipular a criança com quem estabeleceram contato: ganham sua confiança fingindo entender e compartilhando seus interesses e sentimentos. O anonimato da internet permite que os abusadores adultos se passem por jovens ou geralmente adolescentes, fazendo com que seja mais fácil estabelecer um contato. Em alguns casos, as crianças foram convencidas de se encontrarem com os abusadores, que, então, tentaram abusar delas sexualmente e, em alguns casos, tiveram êxito.

Imagens de abuso infantil

Alguns especialistas acreditam que ver imagens de crianças sendo molestadas permite que os abusadores normalizem seus sentimentos sexuais e rompam qualquer barreira de culpa e medo que possa impedi-los de abusar fisicamente. Em muitos países possuir imagens é uma ofensa criminal, seja qual for a ligação entre ver imagens e cometer atos de abuso sexual.

Além disso, a demanda por novas imagens encoraja os produtores a encontrarem novas vítimas ou a repetirem o abuso das vítimas anteriores. A produção de imagens geralmente envolve o abuso de uma criança, embora algumas imagens de adultos sejam alteradas por um processo de computação gráfica conhecido como morphing. A internet possibilitou um rápido crescimento da publicação de imagens digitais de abuso infantil e sua distribuição global. Imagens digitais de abuso infantil já substituíram amplamente os materiais impressos.

Exploração sexual de crianças no turismo (ou pessoas que viajam para ter relações sexuais com crianças)

Alguns abusadores sexuais de crianças viajam para poder abusar delas. Talvez levem suas vítimas consigo; é sabido que alguns arranjam antecipadamente seus encontros com as vítimas, geralmente via internet. Porém, a maioria busca lugares em que terão fácil acesso a elas, incluindo crianças que são exploradas sexualmente. Ao fazer isso, obviamente esperam escapar da detenção em seu país de origem.

A atração por alguns países específicos relaciona-se com vários fatores, que incluem: baixa idade de consentimento, tolerância em relação ao sexo com crianças, uma legislação inadequada ou pouco fortalecida, e uma indústria sexual estabilizada. A pobreza também é um fator importante: países onde os desastres econômicos ou naturais geraram grande número de crianças vulneráveis são mais propensos a atrair abusadores sexuais de crianças. Alguns abusadores deliberadamente visam países em que as crianças são fisicamente menos desenvolvidas para sua idade.

O que é uma agressão sexual?

A maioria das ofensas sexuais são comportamentos planejados e deliberados. Essas reações são muitas vezes baseadas em percepções distorcidas relacionadas ao poder e ao controle que, então, se tornam sexualizadas. O comportamento acontece em ciclos de comportamento repetidos e compulsivos.

Várias teorias e modelos estão sendo usados, e a maioria deles possui características comuns relacionadas à sequência do comportamento.

O abusador talvez tenha tido experiências no passado ou tenha características pessoais que geraram fantasias sexuais envolvendo crianças. Isso acontece porque a criança supre alguma carência emocional importante ou outras necessidades de gratificação sexual que não foram supridas de forma satisfatória. Essas características são conhecidas como **reações disfuncionais**. Algo incita a necessidade de colocar a fantasia em prática. Então, a vítima ou a criança pretendida é almejada.

Talvez depois de um ato abusivo, o abusador sinta um remorso verdadeiro ou culpa. Apesar disso, o pensamento distorcido rapidamente o ajudará a racionalizar suas ações como se tivessem sido “provocadas pela criança”, “por influência da bebida” ou, então, sem razão alguma, como se tivessem “simplesmente acontecido”. Ele pode até mesmo negar que o que fizeram foi abuso.

Conforme os sentimentos de culpa desaparecem, aumenta o desejo de repetir o ato – e então o ciclo do abuso continua.

Abusadores profissionais

Abusadores profissionais são pessoas que obtêm acesso às crianças por meio de um trabalho profissional com o intuito de abusar. Isso levanta questões sobre a motivação potencial dos abusadores profissionais:

- Eles buscam um trabalho apenas para obter oportunidades de abusar sexualmente de crianças, ou são corrompidos por sua posição de poder?
- A manipulação sexual de crianças é uma entre tantas formas de abuso cometido em uma situação institucional?

Nas investigações sobre abuso nas instituições, ficou evidente que os abusadores usam o contexto para facilitar o abuso e prevenir a descoberta.

Um estudo no Reino Unido revelou que:

- 90% dos abusadores profissionais estavam conscientes de seu interesse em crianças aos 21 anos.
- Cerca de dois terços cometeu um abuso sexual contra crianças antes dos 21 anos.
- Mais da metade disse que a escolha da carreira foi inteiramente ou parcialmente motivada pela obtenção do acesso a crianças.

É necessário um estudo mais amplo sobre abusadores profissionais para um melhor entendimento de suas motivações ligadas ao abuso sexual de crianças no ambiente de trabalho.

Referências: Sullivan, J & Beech, A (2002) Professional Perpetrator: sex offenders who use their employment to target and sexually abuse the children with whom they work. (Abusador Profissional: abusador sexual que usa seu emprego para se aproximar e abusar sexualmente das crianças com quem trabalha). Child abuse review (Revisão sobre abuso contra crianças), Volume 11 – Issue3 p153-167: John Wiley & Sons, Ltd.

Respondendo ao abuso sexual de crianças - investigando

Muitas ocorrências de abuso sexual não são relatadas; há estimativas de que isso chegue a 95%. O não denunciar ocorre por vários motivos. Vítimas mais jovens são menos propensas a denunciar o abuso, testemunhas independentes são raras, e as vítimas podem ser intimidadas ou terem sentimentos equivocados de culpa ou vergonha. O fato de muitas vítimas geralmente relatarem o abuso historicamente, uma vez que agora são adultas, significa que um abusador sexual pode ficar ativo por um longo período antes de chamar a atenção das autoridades. Isso permite que os abusadores cometam múltiplas violências contra mais de uma vítima antes de as autoridades ficarem cientes dele.

Para os profissionais que trabalham na área do abuso sexual de crianças é importante entender a dinâmica do abuso sexual. Se você entender isso, será mais efetivo na resposta ao abuso. Por exemplo, se você estiver investigando uma denúncia de abuso sexual infantil, precisa ser muito sensível quando estiver falando com a criança, sem chantageá-la ou dominá-la acidentalmente, recriando a dinâmica do abuso com a estratégia utilizada. Talvez as crianças respondam com o silêncio.

Você precisa ser muito cuidadoso para não dar palavras ou ideias às crianças, por isso faça perguntas abertas.

Por exemplo:

“O que aconteceu em seguida?”

Certifique-se de não fazer perguntas fechadas.

Por exemplo:

“Ele tocou sua perna?”

Dessa forma você pode prejudicar a evidência.

Isso é importante principalmente no contexto de situações de assistência ou desenvolvimento humanitário, em que é mais provável que as suspeitas sejam investigadas internamente. Se a investigação e a evidência forem confiáveis, os procedimentos disciplinares e outras medidas que objetivam manter as crianças seguras podem ser implementados.

Arquivo avulso

Módulo 4 – Exercício 4.3

ABUSADORES SEXUAIS DE CRIANÇAS

- Pessoas que abusam sexualmente de crianças são comumente conhecidas como pedófilas. No entanto, é melhor dizer “pessoas que abusam sexualmente de crianças”.
- Pessoas que abusam sexualmente de crianças geralmente são muito ágeis em obter posições de confiança na comunidade e talvez ocupem posições de autoridade. Elas agem de muitas maneiras: umas sozinhas, algumas em grupos organizados; outras usam a internet ou outras tecnologias para chegar até as crianças. Ele, ou mais raramente, ela pode ser um dos pais e ter uma relação heterossexual adulta. Por isso, é importante não deixar que mitos e preconceitos o impeçam de agir se você suspeitar que alguém esteja abusando de uma criança.
- Pessoas que querem abusar sexualmente de crianças podem chegar a elas de diversas maneiras. Geralmente vão se envolver em atividades ou organizações que permitam contato direto com crianças. Talvez procurem emprego em agências que trabalham em países em desenvolvimento ou talvez venham de países em desenvolvimento para os países desenvolvidos como imigrantes ou visitantes.
- Pessoas que abusam sexualmente de crianças geralmente se tornam amigas de adultos e crianças que precisam de apoio emocional e estão enfrentando dificuldades. São muito ágeis em identificar crianças que talvez sejam particularmente vulneráveis. Talvez escolham alguém necessitado de cuidados especiais ou com dificuldade de se comunicar bem, uma criança que já seja vítima de abuso, uma criança solitária ou com falta de autoconfiança, ou, então, uma criança muito confiante, mas que queira agradar e ter sucesso em uma atividade em particular. Essa criança também pode ser extrovertida, gostar de desafios e estar pronta para fazer coisas fora do seu grupo. O que sabemos é que uma pessoa que abusa sexualmente vai aliciar com cuidado (manipular ou preparar) uma criança para um relacionamento sexualmente abusivo usando uma progressão de atividades e recompensas.
- Pessoas que abusam sexualmente de crianças se certificarão de que a criança não contará sobre o abuso. Algumas vezes fazem isso usando ameaças de violência e intimidação para com a criança ou pessoas próximas, fazendo-a sentir que é culpada ou até forçando-a a abusar de outra criança.
- Algumas pessoas que abusam sexualmente de crianças também usam sua posição profissional para “calar” tanto mulheres quanto crianças. No contexto do trabalho humanitário, os abusadores talvez explorem a dependência dos que estão em situações de emergência fornecendo comida ou recompensas financeiras em troca de favores sexuais. A sobrevivência dessas vítimas talvez dependa disso.
- Alguns indivíduos podem abusar sexualmente das crianças ou explorá-las porque o ambiente em que trabalham não condena isso, e o padrão normal de comportamento que seguiriam não se aplica à situação.
- O que sabemos é que, ao implementar um número de medidas de segurança, o risco de crianças sofrerem abuso em organizações de qualquer tamanho ou contexto pode ser reduzido.

As medidas incluem:

- Um processo claro de recrutamento e seleção, do qual faça parte a obtenção de referências e checagens na polícia;
- Uma política abrangente de proteção à criança e procedimentos de denúncia;
- Uma capacitação para sensibilização sobre proteção à criança para toda a equipe;
- Um sistema de denúncias de suspeitas sobre outros membros da equipe ou voluntários;
- Códigos de conduta para o cuidado com as crianças e as consequências quando algum comportamento violar esses códigos.

Workshop Básico 1

UM LUGAR SEGURO PARA AS CRIANÇAS - DESENVOLVENDO UMA POLÍTICA E PROCEDIMENTOS DE PROTEÇÃO À CRIANÇA PARA SUA ORGANIZAÇÃO

Use as notas a seguir para estruturar sua apresentação

- Muitas organizações estão comprometidas em melhorar a situação das crianças, especialmente por meio da promoção de seus direitos estabelecidos pela Convenção dos Direitos da Criança (CDC) da ONU/Carta Africana e outras leis e diretrizes nacionais. Esses documentos demonstram um comprometimento em prevenir o abuso e a exploração das crianças.
- No entanto, se não tiverem sistemas, políticas e procedimentos claros, as organizações terão dificuldades em responder apropriadamente quando os direitos forem violados ou quando surgirem suspeitas em relação a qualquer comportamento para com as crianças.
- Todas as organizações têm o dever de cuidar das crianças com as quais têm contato. Elas têm a tarefa de certificar-se de que toda a equipe esteja ciente sobre:
 - A existência de abuso infantil e de problemas causados pelo abuso infantil;
 - O risco que o abuso infantil representa para as crianças;
 - Como responder de forma apropriada ao surgimento de uma suspeita
- Então, que efeito deve ter uma política de proteção da criança? Ela deve minimizar os riscos de acontecer o abuso infantil. Além de definir responsabilidades e o que deve ser feito se surgir uma suspeita.
- Os exercícios de capacitação que você já fez destacaram as várias formas pelas quais as crianças podem ser vítimas de abuso, e a complexidade dessas questões. Poucos relatos e denúncias são feitos se a equipe não souber a quem se dirigir ou como fazer uma queixa.
- A política de proteção da criança oferece orientações para lidar com questões de abuso infantil. O *workshop* pretende assegurar que a política que você desenvolveu seja relevante e efetiva para o seu contexto cultural e em relação aos requerimentos legais do país onde você está trabalhando.
- Geralmente a responsabilidade de desenvolvimento é atribuída a uma única pessoa. Esse é um erro básico. Para criar políticas e procedimentos organizacionais de proteção da criança, é essencial engajar as pessoas certas no processo de desenvolvimento. É extremamente difícil obter sucesso se a agência não tiver autonomia, autorização, recursos humanos e financeiros e uma gestão adequada.
- Vamos observar as cinco fases pelas quais você precisa passar para desenvolver ou melhorar a política e os procedimentos de proteção da criança:
 - Fase 1: Autoavaliação.
 - Fase 2: Desenvolvendo a autonomia organizacional - certificando-se de que as pessoas-chave da organização estão de acordo.
 - Fase 3: Desenvolvendo um procedimento de denúncia.
 - Fase 4: O primeiro esboço.
 - Fase 5: Implementação.

Workshop Básico 2: Um Lugar Seguro para as Crianças

UM LUGAR SEGURO PARA AS CRIANÇAS NA GESTÃO

Principais pontos de aprendizagem

- É necessária uma orientação clara sobre a política de proteção da criança da organização, e essa orientação deve estar disponível para todos: a equipe, os voluntários, os parceiros e os doadores.
- Deve haver um acordo comum sobre o que constitui abuso em contextos locais específicos.
- A equipe e os parceiros devem submeter-se a uma capacitação sobre os procedimentos organizacionais e as expectativas de comportamento.
- Uma capacitação de sensibilização sobre proteção à criança deve ser oferecida e deve refletir os contextos locais.
- Uma organização deve ter um processo consistente para lidar com as questões internas e externas de abuso infantil.
- Uma organização deve ter uma estratégia comum para o recrutamento, a coordenação e a supervisão da equipe.

Este glossário explica algumas palavras e frases que foram usadas com frequência no guia de capacitação e em outros documentos. Deve ser uma boa referência se você tiver dificuldades com a linguagem usada.

As palavras estão listadas como substantivos, adjetivos ou verbos.

Palavra/Expressão

Significado/Definição

Abuso infantil/ Maus-tratos infantil

Termo geral para descrever um dano à criança ou adolescente, seja físico, emocional ou sexual, seja causado por negligência.

O dano ocorre porque os pais, o responsável ou a organização falham em assegurar um padrão razoável de cuidado e proteção.

O *Relatório Mundial de Violência e Saúde* define abuso como:

“Todas as formas de tratamento doentio físico e/ou emocional, abuso sexual, negligência ou tratamento negligente, exploração comercial ou outro tipo de exploração, que resultem em danos reais ou potenciais para a saúde, sobrevivência, desenvolvimento ou dignidade da criança no contexto de uma relação de responsabilidade, confiança ou poder” (OMS, 1999 e 2002).

Admitir (verbo)

1. Reconhecer, consentir, confessar. **Ex.:** Ele admitiu que aconteceram erros.

2. Contratar ou aceitar (alguém) para executar uma atividade. **Ex.:** Admitem-se telefonistas.

Admissão (substantivo)

1. Confissão, reconhecimento.

2. Entrada. **Ex.:** A admissão de algumas organizações só foi permitida mais tarde.

Agência

Uma organização, ONG ou serviço.

Ambiente (substantivo)

Conjunto de condições materiais, culturais, psicológicas e morais que envolve uma ou mais pessoas; atmosfera. **Ex.:** Ambiente de capacitação.

Assumir (verbo)

Alcançar, atingir, admitir, tomar para si, apropriar-se. **Ex.:** Assumir a responsabilidade.

Atender (verbo)

Dar atenção a, ouvir; dar solução a; resolver, responder. **Ex.:** Certificar-se de que sua política atende as necessidades em uma situação de emergência.

Auditoria (substantivo)

Inspeção, exame minucioso, avaliação, revisão.

Base (substantivo)

Suporte, alicerce; parte ou aspecto essencial de alguma coisa; princípio, origem. **Ex.:** As padrões são a base de nossa política de proteção da criança.

Básico (adjetivo)	Que faz parte da base; basilar; mais importante; fundamental, primordial, essencial. Ex.: Ele explicou os princípios básicos da organização.
Bem-estar (substantivo)	Estado de satisfação plena das exigências do corpo e/ou do espírito; sensação de segurança, conforto, tranquilidade. Segurança, contentamento, proteção, o estar bem; condição material capaz de ensejar uma existência agradável; prosperidade. Ex.: Assegurar o bem-estar das crianças.
Beneficiário	Que ou o quê recebe ou usufrui algum benefício ou vantagem; beneficiado, favorecido; o que goza de uma vantagem, favor ou direito atribuídos por lei ou facultados por alguém. Ex.: Alguém que recebe uma ajuda de emergência ou assistência é um beneficiário.
Checar (verbo)/ Checagem (substantivo)	Ato ou efeito de checar; confirmar a veracidade, conferir, verificar; confrontar; estabelecer comparação. Ex.: Checar a lista de beneficiários. Ex.: Uma empresa precisa ter procedimentos rígidos de checagem para recrutar a nova equipe. Todos os funcionários foram checados.
Checkup (substantivo)	1. Exame médico minucioso que inclui, p.ex., inspeção clínica, exames laboratoriais e radiológicos, realizado especialmente com finalidade preventiva. 2. Exame profundo ou análise detalhada para verificação de um fato, de uma situação, de um funcionamento.
Código de conduta/Código de comportamento	Um guia conciso e claro para a equipe sobre o que é e o que não é um comportamento ou prática aceitável ao se trabalhar com crianças.
Colaborador/Parte interessada	Quem colabora ou ajuda outrem em suas funções; quem produz com outro(s) qualquer trabalho ou obra; coautor; cada um dos que firmam um contrato mútuo. Ex.: A organização preparou um encontro para todas as partes interessadas decidirem as metas do próximo ano.
Coletar (verbo)	Colher, fazer coleta de, recolher, juntar para exame, análise, estudo etc. Ex.: Ele coletou toda a informação em uma pasta.
Complementar (verbo)	1. Acrescentar, adicionar, aumentar, suplementar. Ex.: O DVD complementa o Guia de Capacitação.
Compulsório (adjetivo)	Algo que todos na organização devem fazer ou com o qual devem concordar; obrigatório. Ex.: Instrução compulsória.
Conjunto (substantivo)	Soma total de elementos; totalidade; reunião de

	objetos, utensílios, etc. destinados a um mesmo fim; coleção. Ex.: Ela verificou o conjunto de queixas.
Criança	De acordo com a CDC: qualquer indivíduo menor de 18 anos. Essa é a definição mesmo se as definições locais do país sobre a maioridade forem diferentes.
Critério (substantivo)	Norma de confronto, avaliação e escolha; método; base; fundamento; maneira, particular ou convencional, de avaliar pessoas, coisas, situações. Ex.: Apresentei a ele o critério de seleção para o trabalho: a informação sobre as habilidades e experiências que estamos procurando em um funcionário.
Cuidador primário (substantivo + adjetivo)	Quem trata, toma conta de alguém ou algo; quem oferece o maior cuidado ou tem a maior responsabilidade; Ex.: Como seus pais morreram, a tia era sua cuidadora primária.
Cumprimentar (verbo)	1. Apresentar ou dirigir cumprimentos; saudar. 2. Congratular; felicitar; parabenizar; louvar.
Desapontado (adjetivo)	Enganado, iludido em seus desejos e/ou expectativas; decepcionado, desiludido. Ex.: Eles esperavam mais do guia; eles se sentiram desapontados.
Desapontar (se) (verbo)	Causar decepção a alguém ou ficar decepcionado; desiludir(-se), decepcionar(-se). Ex.: Eles desapontaram a criança quando ela mais precisava de apoio: prometeram, mas nunca cumpriram.
Designado (adjetivo)	Nomeado, apontado, escolhido, indicado, constituído para cargo, função etc. Ex.: Ele foi designado a pessoa de referência de proteção da criança, ele é a pessoa com quem você vai falar se tiver suspeitas sobre um possível abuso na organização ou na comunidade.
Designar (verbo)	Nomear, apontar, constituir, eleger, escolher, indicar, para cargo, função etc.
Dever de cuidar	Conjunto das obrigações de alguém; obrigação de cuidar. Ex.: Todas as organizações que têm contato com crianças têm o dever de cuidar delas: não é uma escolha; é a <i>responsabilidade</i> de cuidar.
Discriminação (substantivo)	Tratamento pior ou injusto dado a alguém por causa de características pessoais;
Discriminar (verbo)	Tratar mal ou de modo injusto, desigual, um indivíduo ou grupo de indivíduos, em razão de alguma característica pessoal, cor da pele, classe social, convicções etc. Ex.: Ele se recusou a doar fundos porque acreditava que os tailandeses não eram bons

	em gerenciar o orçamento; ele os discriminou com base em sua nacionalidade.
Distribuir (verbo)	Doar, dar, entregar; repartir, (com)partilhar. Ex.: A organização distribuiu suprimentos para cada família afetada pelo terremoto.
Emocionante (adjetivo)	Algo comovente, impressionante; que causa emoção, que desperta a afetividade. Ex.: A pobreza infantil é uma questão muito emocionante: as pessoas ficam muito tristes com isso.
Emotivo (adjetivo)	Emocionalmente abalável.
Empoderar (verbo)	Dar poder, capacitar alguém a ter poder ou controle, ou a expressar seus sentimentos e opiniões. Ex.: Como podemos empoderar as crianças para que elas falem se forem vítimas de abuso? Como podemos dar a elas autoconfiança e autoconhecimento para falar?
Específico (adjetivo)	Característico, especial, individual, particular, peculiar, próprio, singular, típico. Ex.: É uma tarefa específica dessa função.
Facilitar (verbo)	Ajudar, favorecer, propiciar; possibilitar, facultar; fazer acontecer, liderar. Ex.: O facilitador facilita o curso.
Familiar (adjetivo)	Algo que você se conhece ou supõe conhecer bem.
Familiarizar (verbo)	Tornar conhecido, familiar.
Foco (substantivo)	Ponto central, ponto principal; centro; eixo; essência; base; parte fundamental. Ex.: As crianças são o foco da nossa atenção.
Funcionário (substantivo)	Aquele que exerce, desempenha funções; aquele que tem ocupação permanente e retribuída; assalariado, contratado, criado, empregado, servidor.
Gênero (substantivo)	Classificação de indivíduos de acordo com o sexo – masculino e feminino.
Implementação (substantivo)	Ato ou efeito de implementar. Ex.: A implementação da política aconteceu durante três meses, já que muitas mudanças eram necessárias.
Implementar (verbo)	Efetivar, efetuar, executar, fazer, praticar, realizar; pôr em execução, pôr em prática (plano, programa ou projeto). Ex.: Ele implementou a política: existia uma política, e ele fez com que ela fosse posta em prática.
Infração (substantivo)	Violação, descumprimento, desobediência, desrespeito, insubordinação. Ex.: Negar que ele e sua família tenham acesso é uma infração aos seus

	direitos humanos básicos.
Infringir (verbo)	Descumprir, desobedecer, desrespeitar, romper, transgredir, violar. Ex.: A nova lei infringiu o direito básico das pessoas de terem um abrigo.
Injustiça (substantivo)	Arbitrariedade, ilegalidade, iniquidade, parcialidade.
Injusto (adjetivo)	Não justo, parcial, iníquo, faccioso; que ou aquele que não procede com justiça; que não está em conformidade com a justiça; que não tem fundamento; injustificado.
Instituído (adjetivo)	Iniciado, fundado, criado, estabelecido, instaurado, fixado, determinado. Ex.: É muito importante que sua política e procedimentos estejam instituídos antes de uma emergência acontecer.
Ínterim (substantivo) “Nesse ínterim”	Intervalo de tempo entre dois fatos, ou entre o presente e um acontecimento no passado recente.
Judicial (adjetivo)	Relativo a juízo ou que se processa em juízo; forense, judiciário, jurídico. Ex.: uma avaliação judicial concluiu que a organização era culpada por mau gerenciamento.
Justiça (substantivo)	Direito, lei, razão; imparcialidade, igualdade, isenção; legalidade, legitimidade; retidão, correção. Qualidade do que está em conformidade com o que é direito.
Justificado (adjetivo)	Explicado, fundamentado, desculpado, inocentado, reabilitado. Ex.: Suas ações foram totalmente justificadas: por que deveria confiar na organização se ela o havia prejudicado no passado?
Justificar (verbo)	Defender, explicar, fundamentar; desculpar, isentar, legitimar; provar, confirmar, evidenciar, demonstrar. Ex.: A organização justificou suas ações: havia boas razões para fazer o que fez; ele justificou suas ações com argumentos e informações claras.
Justo (adjetivo)	Exato, certo, preciso, correto; fundamentado, fundado, justificado, legal, legítimo, lícito, lógico. Ex.: Ele recebeu uma punição justa por seus crimes.
Juvenil (adjetivo)	Uma pessoa jovem, alguém com menos de 18 anos, uma criança.
Mapeamento (substantivo)	Ato ou efeito de mapear; plano, avaliação ou panorama.
Mapear (verbo)	Representar em mapa; fazer o mapa, o diagrama, o esquema, o gráfico, o quadro; pesquisar algo de forma visual. Ex.: Mapear sua organização, para que

	você veja onde precisa fazer mudanças.
Medida (substantivo)	Providência, ação, atitude, deliberação, determinação, disposição, plano, projeto; passos, planos de ação, notas e procedimentos. Ex.: Deveríamos aplicar todas as medidas necessárias para manter as crianças seguras.
Medidas de segurança	Uma medida, prática ou regra que ajuda a assegurar que algo aconteça ou não aconteça. Meio utilizado na obtenção de alguma coisa ou para atingir um fim; disposição, providência. Ex.: Uma de nossas novas medidas de segurança é que todos os prováveis funcionários devem providenciar pelo menos duas referências para nos certificarmos de seu caráter e comportamento com crianças.
Medir (verbo)	Avaliar, estimar, apreciar, analisar, examinar. Ex.: Você deve medir o nível de apoio que tem na comunidade.
Mostrar (verbo)	1. Apresentar, exibir, expor. Ex.: mostrar um símbolo ou figura na parede ou em uma tela.
Multicultural (adjetivo)/ Contexto multicultural	Proveniente ou composto de várias culturas. Comunicação ou interação que acontece entre culturas diferentes ou de uma cultura para outra. Ex.: A política multicultural foi desenvolvida para ser relevante para todos na região.
Necessidades materiais	O que é útil, indispensável. Ex.: Necessidades básicas: abrigo, alimento, amor, autoestima acesso a tratamento médico, educação, dinheiro etc.
No campo/Na prática	Esfera de ação; domínio, âmbito; espaço, ocasião. O momento e o lugar onde você trabalha com crianças.
Opressão (substantivo)	Ato ou efeito de oprimir; estado, condição de quem se encontra oprimido; constrangimento ou pressão moral; coação; humilhação, embaraço, vexame. Ex.: a opressão das pessoas no norte do país continuou por 15 anos.
Opressivo (adjetivo)	Que oprime, que sujeita a opressão, que serve para oprimir; opressor. Ex.: as leis eram muito opressivas.
Oprimir (verbo)	Causar aflição, tormento; afligir; causar tristeza, melancolia (em); deprimir, abater; dominar com brutalidade, com autoritarismo; tyrannizar. Ex.: as pessoas eram oprimidas por um governo tirano.
Optar (verbo)	Decidir por uma ou mais coisas ou pessoas entre outras; dar preferência a; preferir.
Padrão (Norma)	Básico, fundamental, molde. No contexto deste guia, um padrão é uma medida

	ou ponto de partida por meio do qual a organização pode perceber se alcançou um nível mínimo de proteção da criança.
Participação (substantivo)	Ação ou efeito de participar; envolvimento.
Participante (adjetivo e substantivo)	Que ou aquele que participa; participador, partícipe. Envolve, abrangente, inclusivo; que inclui ou pode incluir.
Pesquisar (verbo)	Buscar, esmiuçar, especular, examinar, explorar, investigar, procurar, vasculhar.
Política de proteção da criança	Um documento escrito que declara o comprometimento de uma organização em proteger as crianças com as quais trabalha ou tem contato; uma política explica como a organização lida com a proteção da criança, suas atitudes e princípios básicos.
Postar (verbo)	1. Pôr no correio; enviar, expedir. 2. Pôr (alguém, algo ou a si mesmo) em certa posição ou em determinado local, geralmente para ali permanecer algum tempo; posicionar(-se), colocar(-se).
Posto (substantivo)	1. Cargo, função; graduação; posição em uma organização. 2. Local onde se exerce esse cargo
Pré- (prefixo)	Indica “anterioridade, antecipação”.
Preconceito (substantivo)	1. Qualquer opinião ou sentimento concebido sem exame crítico; 2. Ideia, opinião ou sentimento desfavorável formado sem conhecimento abalizado, ponderação ou razão; 3. Sentimento hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio; intolerância; 4. Conjunto de tais atitudes. Ex.: As pessoas com deficiência falaram sobre o preconceito que vivenciam diariamente por parte daqueles que acham que elas não são capazes de fazer nada por si mesmas, ou que acham que todas as pessoas com deficiência pensam a mesma coisa.
Preconceituoso (adjetivo)	1. Baseado em ou que revela preconceito; parcial. 2. Cheio de preconceitos; intolerante. Ex.: Ele foi preconceituoso com os asiáticos; “O júri foi preconceituoso e acreditou o tempo todo que os cristãos falavam a verdade”.
Proativo (adjetivo)	Positivo, que encoraja a ação, que toma a iniciativa.
Probatório (adjetivo)	Que serve de prova, que dá certificado de aprovação;

	que contém prova. Ex.: Contrate a nova equipe por um período probatório de três meses, para ver se as pessoas são adequadas para o trabalho antes de assinar um contrato mais longo.
Procedimento de proteção da criança	Orientações e diretrizes claras sobre o que os indivíduos e a organização devem fazer se surgir alguma preocupação com uma criança ou com o comportamento de alguém.
Procedimentos de checagem	Técnicas, processos, métodos para conferir, verificar, confrontar, estabelecer comparação.
Promover (verbo)	1. Dar impulso a; pôr em execução. Ex.: A organização promoveu serviços de saúde e educação para as crianças da região. 2. Elevar a cargo ou categoria superior. Ex.: Depois de 10 anos de serviço no campo, eles o promoveram a coordenador executivo.
Proteção infantil	Qualquer coisa que os indivíduos, organizações, países e comunidades façam para proteger as crianças contra o abuso e a exploração. O abuso pode incluir violência doméstica, exploração do trabalho infantil, exploração, abuso comercial e sexual, HIV/AIDS e violência física. A proteção infantil também descreve o que uma organização faz para proteger as crianças contra o perigo. Em <i>Um lugar seguro para as crianças</i> a proteção infantil focaliza a responsabilidade que uma organização tem de proteger as crianças com as quais tem contato, esteja o perigo dentro ou fora da organização.
Punição corporal (substantivo)	Punição física. Ex.: bater em uma criança com uma vara para puni-la por um mau comportamento. Não confundir com 'punição capital', isto é, matar alguém por causa de seu crime.
Rastreamento (substantivo)	Ato ou efeito de rastrear: seguir o rastro ou a pista de (caça, suspeito, fugitivo etc.); fazer investigações a respeito de; inquirir, investigar. Ex.: O processo de procurar os membros da família, os cuidadores legais primários ou os responsáveis.
Reativo (adjetivo)	Que faz reagir, que provoca reação; reagente.
Recurso (substantivo)	Ajuda, auxílio; meio, método, expediente, maneira, artifício, mecanismo. Ex.: Recurso didático: um DVD para usar na capacitação.
Refletir (verbo)	1. Pensar sobre. Ex.: “reflita sobre seus sentimentos”. 2. Mostrar ou demonstrar. Ex.: escolha uma foto que

	reflita a cultura da criança.
Responder (verbo)	Tomar atitudes como resultado de algo que aconteceu. Ex.: Quando os professores se retiraram, o governo respondeu fechando as escolas.
Feedback (dar um)	Fazer comentários sobre algo que você pensou ou fez. Ex.: Ao terminar o exercício e discutir os resultados com seus colegas, dê um <i>feedback</i> do que aprendeu.
Reunificação (substantivo)	Processo ou efeito de se unir novamente. Pessoas que foram separadas se encontrando novamente. Ex.: Em uma emergência, o objetivo dos serviços para crianças deveria ser reuni-las a suas famílias. Todos os serviços deveriam objetivar a reunificação, e suas ações deveriam ser consistentes com esse objetivo.
Reunir (verbo)	Tornar a unir o que já esteve junto e se separou; conciliar, harmonizar.
RP	Retroprojektor.
Salvaguardar (verbo)	Manter seguro.
Situação específica	Algo que só acontece ou tem significado em uma situação em particular.
Tela (substantivo)	1. Um computador, cinema ou TV. 2. Um obstáculo que impede algo de ser visto. Ex.: Havia uma tela (biombo) no consultório médico onde as pessoas podiam se trocar com privacidade.
Testemunho (substantivo)	Evidência, declaração.
TRP	Transparência para retroprojektor (para usar no retroprojektor) uma folha de plástico em que é possível escrever.
Verificação (substantivo)	O processo de checar os detalhes pessoais de alguém.
Verificar (Verbo)	Checar os detalhes pessoais de alguém por meio de recursos oficiais, da verificação dos empregos atuais e posteriores e dos órgãos de qualificação para certificar-se de que a informação que você tem é verdadeira.



ARC Action for Rights of Children (Ações pelos Direitos das Crianças)

Uma iniciativa de capacitação e desenvolvimento de capacidades baseada nos direitos da criança. www.savethechildren.net/arc

Child protection policies and procedures (Políticas e procedimentos na proteção da criança)

E, Jackson; M. Wernham (2005). *Child Protection policies and procedures toolkit – how to create a child safe organization* (Políticas e Procedimentos de Proteção da Criança - Kit de Ferramentas – como criar uma organização segura para crianças); *Child Hope UK* www.childhope.org.uk

Child Exploitation and Online Protection Centre (Centro de Proteção Online, contra a Exploração de Crianças)

The Child Exploitation and Online Protection Centre (Centro de Proteção Online Contra a Exploração de Crianças) – CEOP atua em todo o Reino Unido e une links internacionais para detectar o abuso sexual infantil em qualquer lugar e em qualquer momento que estiver acontecendo. Parte da estratégia para alcançar este objetivo é oferecer internet segura aos pais e cuidadores e para as próprias crianças e jovens (www.thinkuknow.co.uk). www.ceop.gov.uk

Child Wise ECPAT Australia

Child Wise é uma fundação que trabalha para prevenir e reduzir o abuso sexual e a exploração da criança na Austrália e no exterior. *Child Wise* é um representante australiano do ECPAT Internacional, uma campanha global presente em mais de 70 países comprometidos em acabar com a exploração comercial e sexual das crianças. www.chidwise.net

Child Protection in Sport Unit (Proteção da Criança em Unidades Esportivas)

Contém muita informação sobre como proteger as crianças do abuso nos esportes e atividades recreativas. www.thecpsu.org.uk

Child Rights Information Network (Rede de Informações dos Direitos da Criança)

www.crin.org

Department for Children, Schools and Families (Departamento das Crianças, Escolas e Famílias)

Este Site do Departamento das Crianças, Escolas e Famílias do Reino Unido contém muita informação sobre proteção à criança. Mesmo tendo sido escrito para uma audiência do Reino Unido, muitos destes recursos, também, são relevantes para pessoas fora da Europa. www.dcsf.gov.uk

EduCare

Uma série de cursos de capacitação à distância e de sensibilização em temas de proteção da criança estão disponíveis e foram desenvolvidos em uma parceria com NSPCC. www.debrus-educare.co.uk

ECPAT

Uma rede de organizações e pessoas que trabalham juntos pela eliminação da exploração sexual contra crianças, pornografia infantil e tráfico de meninos e meninas. www.ecpat.net

The Football Association (Associação de Futebol)

A Associação Inglesa de Futebol tem um site muito útil para qualquer agência envolvida em esportes. Acesse a página de aprendizagem (a seção da meta de proteção à criança), que tem sido útil para promover conselhos sobre proteção de crianças no esporte. www.thefa.com

The Humanitarian Accountability Partnership (HAP) – Parceiros na Prestação de Contas Humanitária

A HAP foi o primeiro organismo autorregulador do setor humanitário. Sua missão é prestar contas das ações humanitárias aos beneficiários, através de autorregulação, verificação de conformidade e certificação de garantia de qualidade. Os beneficiários têm a oportunidade de fazer críticas e dar sua opinião sobre as organizações humanitárias. Em Abril de 2007, a *Building Safer Organization (BSO)- Construindo Organizações Mais Seguras*, passou de *International Council of Voluntary Agencies (ICVA) – Conselho Internacional de Agências Voluntárias*, para HAP. O projeto da *Building Safer Organization (BSO)- Construindo Organizações Seguras* é ajudar organizações humanitárias a desenvolverem capacidades de investigação das denúncias de abuso ou exploração das pessoas protegidas por elas, por parte de membros da equipe. O projeto oferece capacitação, apoio e consultoria sobre como receber as denúncias e realizar investigações. O projeto BSO reúne organizações do mundo todo com o objetivo de fazer com que as organizações humanitárias sejam mais seguras para os beneficiários. Você pode encontrar mais informações sobre o *Projeto Construindo Organizações Seguras*, eventos de capacitação e outros recursos, nos sites www.hapinternational.org e www.icva.ch, ou entrando em contato com bsoworkshop@hapinternational.org

International Red Cross Code (Código Internacional da Cruz Vermelha)

O código de conduta internacional pode ser encontrado no site.
www.ifrc.org

International society for the prevention of child abuse and neglect (Sociedade Internacional para a prevenção do abuso e negligência contra a criança)

www.ispcan.org

Internet Watch Foundation (Fundação de Observadores da Internet)

Um site muito útil para advertir e orientar sobre os crimes de abuso contra crianças na internet: www.iwf.org.uk

National Society for the Prevention of Cruelty to Children (NSPCC) – Sociedade Nacional para a Prevenção da Crueldade contra Crianças.

A maior fundação do Reino Unido que trabalha para acabar com a crueldade contra a criança. Há muitas capacitações e recursos sobre proteção à criança.
www.nspcc.org.uk

Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights (Escritório das Nações Unidas para o Alto Comissário dos Direitos Humanos)

www.ohchr.org

People In Aid (Pessoas que Ajudam)

No site da *People in Aid*, você pode baixar uma cópia do Papel do RH na Proteção da Criança.
www.peopleinaid.org

UNICEF

O site tem uma ampla gama de recursos e informação sobre a proteção da criança.
www.unicef.org (www.unicef.org.br)

United Nations IASC (Inter-Agency Standing Committee) - Comitê Permanente Inter-Agências das Nações Unidas (IASC)

Princípios Básicos e Código de Conduta da Força Tarefa
www.humanitarianinfo.org/iasc

Virtual Global Task Force (Força Tarefa Global Virtual)

Uma aliança internacional das agências encarregadas pelo cumprimento da lei, que trabalham juntas para que a internet seja mais segura. Você pode entrar em contato com ela se desejar mais assessoria nesta área.

www.virtualglobaltaskforce.com

Viva

Existe para conectar e unir os cristãos que trabalham com as crianças em situação de risco. Viva apoia o trabalho em conjunto, com a formação de “redes”, onde é possível compartilhar conhecimentos, habilidades e experiências. Isto significa que se os trabalhadores de seu projeto desenvolvem melhor seu potencial, a capacidade de seus projetos também vai melhorar, e eles,consequentemente, cuidarão melhor das crianças.

www.viva.org (www.redviva.org)

World Health Organization (WHO) Organização Mundial de Saúde

Tem informações sobre a prevenção de danos e violência e as definições de abuso infantil.

www.who.int/en/

A lista com sugestões de recursos e publicações na internet sobre participação das crianças na proteção infantil pode ser encontrada no DVD.

Mais informações de proteção à criança podem ser encontradas nos sites dos membros da Aliança Internacional “Um Lugar Seguro para as Crianças.”

Catholic Agency for Overseas Development – Agência Católica para Desenvolvimento no Exterior (CAFOD)- www.cafod.org.uk

Childhope – www.childhope.org

Consortium of Street Children (Associação das Crianças em situação de rua) – www.street-children.org.uk

Every Child – www.everychild.org.uk

International Federation Terre des Hommes – www.terredeshommes.org

(National Society for Prevention of Cruelty to Children) – Sociedade Nacional para a Prevenção da Crueldade Contra Crianças - www.nspcc.org.uk

Oxfam – www.oxfam.org.uk

People in Aid – www.peopleinaid.org

Plan International – www.plan-international.org

Save the Children UK – www.savethechildren.org.uk

SOS Children's Village – www.soschildrensvillages.org

Tearfund – www.tearfund.org

Viva – www.viva.org

World Vision UK – www.worldvision.org.uk

Child Wise (2003). *Choose with Care child safe organizations* (Escolha com Cuidado organizações seguras para as crianças): ECPAT Austrália.

Nolan, P (2004). *Role of HR in Child Protection People in Aid* (Papel do RH na Proteção da Criança): London.

UNICEF 2004 State of World's Children (*Estado das Crianças do Mundo*).

IASC (2002) *Report of the Task Force on Protection from Sexual Exploitation and Abuse in Humanitarian Crises* (Relatório da Força Tarefa na Proteção contra a Exploração Sexual e o Abuso em Crises Humanitárias).

Secretary General Bulletin (Boletim do Secretário-Geral) (2003) *specialist measures for protection from sexual exploitation and sexual abuse* (medidas especializadas para a proteção contra a exploração sexual e o abuso sexual).

Investigation into Sexual Exploitation of Refugees by Aid Workers in West Africa (Investigação sobre a Exploração Sexual de Refugiados pelos Trabalhadores Humanitários na África Ocidental) (2002), UN Office of Internal Oversight Services (Escritório das Nações Unidas sobre os Serviços Internos), UM document number (número do documento) A/57/465, 11. Disponível em: http://www.un.org/Depts/oios/reports/a57_465.htm.

E, Jackson; M. Wernham (2005). *Child Protection policies and procedures toolkit – how to create a child safe organization* (Políticas e Procedimentos de Proteção da Criança - Kit de Ferramentas – como criar uma organização segura): Child Hope UK, 2005.

Straus, M (1994a) *Beating the devil out of them: corporal punishment in American Families* (Tirando os demônios deles: castigo corporal nas Famílias Americanas). New York: Lexington Books.

Sullivan, J & Beech, A (2002) *Professional Perpetrator: sex offenders who use their employment to target and sexually abuse the children with whom they work*. (Abusador Profissional: abusador sexual que usa seu emprego para se aproximar e abusar sexualmente das crianças com quem trabalha). *Child abuse review* (Revisão sobre abuso contra crianças), Volume 11 – Issue3 p153-167: John Wiley & Sons, Ltd.

WHO (World Health Organization – Organização Mundial de Saúde) 1999, 2002 *World Report on Violence and Health* (Relatório Mundial em Violência e Saúde) Chapter 3, *Child Abuse and Neglect by Parents and Other Caregivers* (Abuso Sexual e Negligência pelos Pais e Outros Cuidadores).

Produção do Kit *Um Lugar Seguro para as Crianças em Português*:

Esta ferramenta tão preciosa para a proteção das crianças e adolescentes chegou ao Brasil em 2008 por meio da Rede Mãos Dadas.

A Rede Mãos Dadas é uma rede de organizações cristãs que lutam em favor das crianças em vulnerabilidade social, cujo tema da proteção está entre suas prioridades de intervenção no Brasil.

Em 2008, formou-se um grupo de trabalho, responsável por traduzir, contextualizar e difundir a proposta de *Um Lugar Seguro para as Crianças*. O grupo era formado por Lissânder Dias (Rede Mãos Dadas), João Martinez (Tearfund), Karina Lira e Raniere Pontes (Visão Mundial Brasil), Teresa Santos (Aliança 180), Terezinha Candieiro (Pepe Network), Lastênia Soares (Terre des Hommes). Além destes, trabalharam voluntariamente nesta obra a equipe da organização BASE sediada em Vitória, ES, Elsie Gilbert em Viçosa, MG e Jailson Costa em Recife, PE.

A Aliança Internacional “Um Lugar Seguro para as Crianças” (Keeping Children Safe Coalition), lançou em 2010 a segunda edição em inglês. Esta obra é a primeira edição publicada em português e corresponde à segunda versão na língua inglesa.

A Rede Mãos Dadas agradece a todas as pessoas que voluntariamente contribuíram com tempo, energia e recursos para a elaboração e implementação desta ferramenta em português, e a todas as organizações que cederam tempo de seus funcionários para este fim. Reconhecemos em especial o trabalho da Teresa Santos que manteve a comunicação com a equipe da Aliança Internacional, trabalhou nas revisões do conteúdo, da diagramação, cuidando da impressão e elaboração de todo o *Kit*. Para isto ela contou com grande apoio de sua equipe de trabalho da Unidade Operacional Metropolitana Nordeste 1 da Visão Mundial, com sede em Recife, onde trabalha atualmente.

Agradecemos, também, a liderança da Aliança Internacional “Um Lugar Seguro para as Crianças” (Keeping Children Safe Coalition), pela contribuição financeira, que permitiu a produção dos primeiros mil *Kits* desta edição.

Para obter mais informações entre em contato com a Rede Mãos Dadas pelo e-mail: cartas@maosdadas.org



PRODUÇÃO DO KIT EM PORTUGUÊS:

Rede Mãos Dadas

Rede Mãos Dadas é uma rede de parceiros formada por organizações cristãs que acreditam na importância da luta em favor de crianças e adolescentes em situação de risco no Brasil.

Edição em português, setembro de 2012. Para obter cópias, escreva para cartas@maosdadas.org

Tradução: Paula Mendes

Revisão Gramatical e Ortográfica: Milena Vilela

Revisão de Conteúdo: Teresa Cristina Belchior dos Santos

Diagramação e Impressão: NGE - Nacional Gráfica & Editora. www.ngegrafica.com.br

www.keepingchildrensafe.org.uk Copyright © Keeping Children Safe Coalition 2011.
Graphics & Layout www.ideenweberei.com